

A HETEROGENEIDADE EM IDADE NUMA SALA  
DE JI: AS CONCEÇÕES DAS CRIANÇAS,  
DAS FAMÍLIAS E DA EDUCADORA  
COOPERANTE SOBRE A IMPORTÂNCIA DOS  
GRUPOS HETEROGÊNEOS DE IDADE PARA O  
DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA

Joana Campino

Relatório de Prática Profissional Supervisionada II  
apresentado à Escola Superior de Educação de Lisboa para  
obtenção de grau de mestre em Educação Pré-Escolar

2023-2024



A HETEROGENEIDADE EM IDADE NUMA SALA  
DE JI: AS CONCEÇÕES DAS CRIANÇAS,  
DAS FAMÍLIAS E DA EDUCADORA  
COOPERANTE SOBRE A IMPORTÂNCIA DOS  
GRUPOS HETEROGÊNEOS DE IDADE PARA O  
DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA

Joana Campino

Relatório de Prática Profissional Supervisionada II  
apresentado à Escola Superior de Educação de Lisboa para  
obtenção de grau de mestre em Educação Pré-Escolar

Júri

Presidente: Professora Doutora Rita Friães  
Arguente: Professora Doutora Sofia Corrêa Figueira  
Orientadora: Professora Doutora Dalila Lino

2023-2024

| ' ' | | ' ' |

## AGRADECIMENTOS

Com imensa gratidão, gostaria de expressar os meus sinceros agradecimentos a todas as pessoas que estiveram ao meu lado durante esta jornada de conclusão do meu mestrado em educação pré-escolar.

Primeiramente, à minha **família**, que tem sido o meu pilar ao longo de todos os desafios e conquistas. O vosso amor, apoio incondicional e encorajamento constante foram a força motriz que me impulsionou a alcançar este marco na minha vida académica. Agradeço por cada palavra de incentivo, por cada gesto de carinho e por acreditarem sempre em mim, mesmo nos momentos mais difíceis.

Ao meu **irmão**, por toda a paciência e ajuda durante estes anos. Sem ti, teria sido muito mais difícil.

Às minhas amigas queridas **Joana, Filipa e Margarida**, que partilharam comigo os altos e baixos desta jornada académica. Juntas, enfrentámos desafios, celebrámos vitórias e criámos memórias que serão para sempre preciosas. A vossa presença e apoio foram fundamentais para superar obstáculos e alcançar objetivos propostos. Obrigada por estarem sempre lá, com palavras de encorajamento e ombros amigos para desabafar. Todos os trabalhos de grupo e apresentações vão ficar sempre no meu coração.

Às minhas amigas **Beatriz, Inês e Filipa**, por terem partilhado estes 5 anos comigo, nomeadamente muitos momentos divertidos e engraçados, que irei recordar sempre com carinho.

Aos meus amigos **Irina, Rita, Cátia e Pedro**, por todo o apoio e por estarem sempre lá nos momentos complicados. Passámos momentos muito divertidos e felizes juntos, que me ajudaram a descontraír e a viver esta vida académica de forma mais leviana.

Às minhas amigas **Rita e Andreia**, por estarem comigo em todos os momentos difíceis e por conseguirem torná-los um pouco mais coloridos com um simples sorriso, abraço ou conselho.

À minha amiga **Leonor**, que se cruzou comigo no mestrado e com quem aprendi muito e criei uma amizade muito forte.

Aos meus amigos **Vasco e Matilde** que são meus amigos desde sempre, por celebrarem as minhas conquistas, como se fossem as vossas.

Às minhas amigas de longa data, **Leonor, Carolina e Beatriz**, que têm sido parte integrante da minha vida desde a infância. Crescemos juntas, partilhámos sonhos e

vimo-nos umas às outras crescer e evoluir. Obrigada por serem uma presença constante e por me apoiarem incondicionalmente em cada etapa da minha jornada.

Às minhas amigas **Mariana e Carolina**, por serem amigas que me fazem tão bem e que foram essenciais para o meu sucesso.

À minha amiga **Filipa**, por mesmo longe, estar tão perto e presente.

À minha afilhada académica, **Mafalda**, que me inspira com a sua dedicação e determinação. Ver o teu entusiasmo pela aprendizagem e pela busca do conhecimento é verdadeiramente inspirador. Que continues a seguir os teus sonhos e a alcançar grandes conquistas na tua jornada académica e pessoal e que estejas sempre por perto.

À **Teresa**, pelo apoio condicional, preocupação, carinho e todas as aprendizagens.

À minha **orientadora**, pela orientação, sabedoria e apoio ao longo deste processo. Os seus conselhos sábios e feedback foram fundamentais para o meu crescimento académico e para o desenvolvimento deste trabalho.

Às **crianças** que passaram por mim, quero expressar a minha profunda gratidão por todos os desafios que me lançaram ao longo desta jornada. Cada momento foi uma oportunidade para crescer, adaptar-me e encontrar o meu caminho. Agradeço por aceitarem e apreciarem tudo o que partilhei convosco, por serem uma constante fonte de inspiração e por me ensinarem tanto sobre o que significa ser educadora de infância. Os vossos sorrisos, abraços e gestos de carinho serão para sempre lembrados e guardados no meu coração.

Por último, mas não menos importante, gostaria de agradecer à **educadora de sala**, cuja influência e dedicação foram fundamentais para o meu crescimento académico e pessoal. O teu compromisso com a excelência educativa e o bem-estar das crianças é verdadeiramente admirável, e sinto-me privilegiada por ter tido a oportunidade de aprender contigo. És uma inspiração e modelo para mim.

A todos os mencionados e a tantos outros que de alguma forma contribuíram para esta conquista, o meu mais profundo agradecimento. Esta jornada não teria sido possível sem o vosso amor, apoio e orientação. Que este momento seja também uma celebração da nossa união e do poder transformador da amizade, da família e da educação. Obrigada por fazerem parte desta incrível jornada comigo.

## RESUMO

Este relatório foi elaborado como parte da Unidade Curricular de Prática Profissional Supervisionada II, do 2.º ano do Mestrado em Educação Pré-Escolar. O presente documento é referente à minha experiência de estágio em Jardim de Infância (JI). Durante a minha intervenção, foi solicitada a elaboração de um projeto, de um portefólio de aprendizagem de uma criança do grupo e a investigação de uma problemática.

A investigação surge da necessidade de compreender os efeitos da interação entre crianças de diferentes idades em contexto de JI. O tema foi escolhido após a minha experiência numa sala heterogénea em idade, na qual se destacaram os benefícios dessa diversidade etária. Contudo, a falta de experiência em salas homogéneas em idade suscitou dúvidas sobre eventuais desvantagens dessas interações. A cooperação e entreajuda entre as crianças foram observadas como elementos proeminentes no quotidiano, instigando a reflexão sobre o papel da educadora na promoção desses valores. Os objetivos da investigação foram delineados para compreender as perceções das crianças, da educadora cooperante e das famílias sobre a importância dos grupos heterogéneos de idade. As questões de investigação foram estruturadas para orientar a análise e responder a esses objetivos, explorando as vantagens e as desvantagens das interações entre crianças de diferentes idades, assim como as estratégias para fomentar a cooperação e entreajuda no JI. Este estudo adotou uma abordagem qualitativa, utilizando técnicas de coleta de dados específicas para investigar as conceções das partes envolvidas. Para a recolha de dados foi efetuado um questionário às famílias, uma entrevista à educadora cooperante e uma entrevista a 14 crianças do grupo, com idades distintas (entre os 3 e os 6 anos).

As conclusões finais deste trabalho fornecem informações valiosas para a prática educativa em contextos de JI, destacando a importância da diversidade etária e da promoção de valores de cooperação e entreajuda desde cedo.

**Palavras-chave:** Grupos heterogéneos em idade; Interações; Cooperação; Entreajuda.

## **ABSTRACT**

This report was prepared as part of the Supervised Professional Practice II Curricular Unit, of the 2nd year of the Master's Degree in Preschool Education. This document refers to my internship experience in Kindergarten. During my intervention, I was asked to prepare a project, a learning portfolio of a child in the group and to investigate a problem.

The research arose from the need to understand the effects of interaction between children of different ages in a kindergarten context. The topic was chosen after my experience in a heterogeneous age classroom, in which the benefits of this age diversity were highlighted. However, the lack of experience in homogeneous classrooms of age raised doubts about possible disadvantages of these interactions. Cooperation and mutual help between children were observed as prominent elements in everyday life, instigating reflection on the role of the educator in promoting these values. The objectives of the research were outlined to understand the perceptions of the children, the cooperating educator and the families about the importance of heterogeneous age groups. The research questions were structured to guide the analysis and respond to these objectives, exploring the advantages and disadvantages of interactions between children of different ages, as well as strategies to foster cooperation and mutual assistance in kindergarten. This study adopted a qualitative approach, using specific data collection techniques to investigate the conceptions of the parties involved. To collect data, a questionnaire was conducted with families, an interview with the cooperating educator and an interview with 14 children from the group, of different ages (between 3 and 6 years old).

The final conclusions of this work provide valuable information for educational practice in kindergarten contexts, highlighting the importance of age diversity and the promotion of values of cooperation and mutual assistance from an early age.

**Keywords:** Heterogeneous groups of age; Interactions; Cooperation; Mutual aid.

## ÍNDICE GERAL

1. Introdução.....	1
2. Caracterização de uma ação contextualizada.....	4
2.1. Caracterização do meio envolvente.....	5
2.2. Caracterização do contexto socioeducativo.....	6
2.3. Caracterização da equipa educativa.....	9
2.4. Caracterização do ambiente educativo.....	12
2.4.1. Espaço e materiais .....	13
2.4.2. Rotina .....	15
2.5. Caracterização do grupo das crianças .....	18
2.6. Caracterização das famílias .....	22
3. Análise reflexiva do trabalho em jardim de infância.....	26
3.1. Intencionalidade de ação com as famílias .....	27
3.2. Intencionalidade de ação com as crianças .....	30
3.3. Intencionalidade de ação com a equipa educativa .....	33
3.4. Processo de intervenção .....	34
4. Investigação em jardim de infância.....	37
4.1. Identificação e fundamentação de uma problemática.....	38
4.2. Revisão da literatura.....	39
4.2.1. A importância da heterogeneidade de idade em salas de JI .....	39
4.2.2. As desvantagens da heterogeneidade de idade em salas de JI.....	43
4.2.3. A ação de um educador de infância num grupo heterogéneo de idade em salas de JI .....	45
4.3. Elaboração do roteiro metodológico e ético.....	49
4.4. Apresentação e discussão dos resultados.....	52
4.4.1. Conhecer as conceções das crianças acerca da influência da interação entre crianças de diferentes idades .....	53

4.4.2. Conhecer a percepção da educadora cooperante sobre a importância dos grupos heterogêneos de idade para o desenvolvimento da criança.....	61
4.4.3. Conhecer a percepção das famílias sobre a importância dos grupos heterogêneos de idade para o desenvolvimento da criança .....	67
5. Construção da profissionalidade docente como educadora de infância .....	78
6. Considerações finais.....	85
Referências .....	89
Anexos .....	95
Anexo A. Planta da instituição .....	96
Anexo B. Guião da entrevista à educadora cooperante .....	98
Anexo C. Transcrição da entrevista à educadora cooperante.....	103
Anexo D. Guião da entrevista ao auxiliar de ação educativa.....	114
Anexo E. Transcrição da entrevista ao auxiliar de ação educativa.....	117
Anexo F. Fotografias da Sala B .....	121
Anexo G. Planta da Sala B .....	125
Anexo H. Notas de campo utilizadas na caracterização e na análise reflexiva do trabalho .....	127
Anexo I. Planificação “O que comem os dinossauros?” .....	152
Anexo J. Informações sobre o grupo .....	166
Anexo K. Carta de apresentação .....	168
Anexo L. Protocolo de consentimento para elaboração do portefólio.....	170
Anexo M. Protocolo de consentimento para a investigação .....	172
Anexo N. Protocolo de consentimento do portefólio individual da criança.....	174
Anexo O. Tabela sociodemográfica .....	176
Anexo P. Critérios de seleção das crianças entrevistadas .....	182
Anexo Q. Roteiro metodológico e ético.....	186
Anexo R. Guião da entrevista feita às crianças.....	201
Anexo S. Transcrição das entrevistas feita às crianças .....	205
Anexo T. Árvore categorial das respostas das crianças.....	237
Anexo U. Fotografias que demonstram entajuda e cooperação entre pares.....	264
Anexo V. Fotografias que demonstram autonomia .....	277
Anexo W. Notas de campo utilizadas na investigação .....	281
Anexo X. Reflexões Semanais utilizadas na investigação .....	294

Anexo Y. Questionário feito às famílias.....	307
Anexo Z. Resultados do questionário feito às famílias .....	313
Anexo A1. Breve análise dos gráficos do questionário feito às famílias .....	321
Anexo B1. Árvore categorial do questionário feito às famílias.....	326
Anexo C1. Notas de campo da PPSI e PPSII utilizadas na construção da profissionalidade.....	332

## **INDÍCE DE FIGURAS**

Figura 1. Preferia que o/a seu/sua educando(a) estivesse inserido(a) num grupo homogéneo ou heterogéneo de idade?.....	68
Figura 2. Considera que é importante que o/a seu/sua educando(a) esteja integrado num grupo heterogéneo de idade?.....	69
Figura 3. Considera que as crianças mais novas beneficiam da convivência com crianças mais velhas?.....	71
Figura 4. Considera que é importante que o/a seu/sua educando(a) esteja integrado num grupo heterogéneo de idade?.....	71
Figura 5. Competências e valores adquiridos pelas crianças com mais facilidade num grupo heterogéneo de idade.....	74
Figura 6. Considera que existem desvantagens das interações entre crianças num grupo heterogéneo de idade?.....	75

## INDÍCE DE TABELAS

Tabela 1. Razões de preferência para brincar com os colegas.....	53
Tabela 2. Razão de não gostarem de brincar com alguns colegas.....	54
Tabela 3. Razão de escolhas das amizades.....	55
Tabela 4. Aprendizagens adquiridas com os colegas.....	56
Tabela 5. Competências ainda por adquirir pelas crianças mais novas.....	56
Tabela 6. Momentos de entreajuda entre as crianças.....	58
Tabela 7. Sentimentos das crianças quando ajudam os outros e quando são ajudadas.....	60
Tabela 8. A importância das interações entre crianças num grupo heterogéneo de idade.....	68
Tabela 9. Razões de preferência da inserção de uma criança numa sala heterogénea.....	70
Tabela 10. Os benefícios para as crianças das interações num grupo heterogéneo de idade.....	72
Tabela 11. As desvantagens das interações entre crianças num grupo heterogéneo de idade.....	76

## **ABREVIATURAS**

IPSS	Instituição Particular de Solidariedade Social
JI	Jardim de Infância
MEM	Movimento da Escola Moderna
NEE	Necessidades Educativas Especiais
NSE	Necessidades de Saúde Específicas
PE	Projeto Educativo
PG	Plano de Grupo
PPSI	Prática Profissional Supervisionada I
PPS II	Prática Profissional Supervisionada II

# 1. INTRODUÇÃO

| | " | | " |

Este relatório foi elaborado como parte da Unidade Curricular de Prática Profissional Supervisionada II (PPSII), do segundo ano do Mestrado em Educação Pré-Escolar. O presente documento é referente à minha experiência de estágio em Jardim de Infância (JI), numa Instituição Particular de Solidariedade Social (IPSS), que ocorreu de 6 de novembro de 2023 a 11 de fevereiro de 2024. Como estagiária, o objetivo ao redigir este documento é expressar, registrar e refletir de maneira sistemática e fundamentada sobre as experiências, motivações e práticas vivenciadas durante o estágio em JI, com crianças entre os 3 e os 6 anos de idade (Friães, Nunes, Lino & Vieira, 2023).

O documento está estruturado em três secções principais. Na primeira secção, são descritas as características do contexto educativo, incluindo informações sobre o meio envolvente, o contexto socioeducativo, a equipa educativa, as famílias, o grupo de crianças e o ambiente educativo. Essas informações são essenciais para uma compreensão aprofundada das práticas educativas desenvolvidas durante o estágio.

A segunda secção consiste numa análise reflexiva da intervenção em jardim de infância, na qual são delineadas as intenções educativas para a interação com as crianças, com as famílias e com a equipa educativa.

Na terceira secção, é abordada a problemática central intitulada “A heterogeneidade em idade numa sala de JI: as conceções das crianças, das famílias e da educadora cooperante sobre a importância dos grupos heterogéneos de idade para o desenvolvimento da criança”, juntamente com os seus objetivos: i) Conhecer as conceções das crianças acerca da influência da interação entre crianças de idades diferentes; ii) Conhecer a perceção da educadora cooperante sobre a importância dos grupos heterogéneos de idade para o desenvolvimento da criança; iii) Conhecer a perceção das famílias sobre a importância dos grupos heterogéneos de idade para o desenvolvimento da criança.

Esta pesquisa tem como objetivo explorar as conceções das crianças, das famílias e da educadora cooperante sobre a importância dos grupos heterogéneos de idade para o desenvolvimento infantil. O estudo visa compreender as perceções das partes envolvidas e os processos que promovem a cooperação e ajuda entre as crianças de idades diversas. Foram delineadas questões de pesquisa para investigar as vantagens e as desvantagens das interações entre as crianças de idades diferentes, assim como a importância atribuída à cooperação e ajuda pela educadora cooperante e pelas famílias.

Por meio desta investigação, espera-se recolher dados, através de uma entrevista semiestruturada efetuada às crianças de idades mistas, uma entrevista semiestruturada realizada à educadora cooperante e um questionário feito às famílias. Estes dados serão analisados, com o auxílio de notas de campo, reflexões semanais e registos fotográficos, com o intuito de contribuir para uma melhor compreensão dos benefícios e desafios associados à heterogeneidade em idade em contextos de educação pré-escolar, fornecendo conhecimentos valiosos para educadores de infância, pais e profissionais da área da educação de infância.

## 2. CARACTERIZAÇÃO DE UMA AÇÃO CONTEXTUALIZADA

| | ' ' | | ' ' |

No âmbito da minha intervenção educativa, é crucial compreender os variados elementos relacionados com a organização socioeducativa. Como mencionado por Silva et al. (2016), essa compreensão é essencial para ajustar de forma dinâmica a intervenção às particularidades e exigências tanto das crianças quanto dos adultos envolvidos.

Neste capítulo, abordo a caracterização do contexto socioeducativo, que engloba o meio envolvente, a própria estrutura socioeducativa, a equipa educativa, o ambiente de aprendizagem, o grupo de crianças e as suas famílias. A análise detalhada dessa informação foi fundamental para a definição das minhas intenções educativas.

Para fundamentar cada ponto abordado, recorri a diversos recursos, como a planta da instituição (Anexo A), entrevista efetuada com a Educadora Cooperante (Anexos B e C) e com o Auxiliar de Ação Educativa (Anexos D e E), fotografias da sala (Anexo F), planta da sala (Anexo G), notas de campo (Anexo H), planificações (Anexo I), informações sobre o grupo (Anexo J), carta de apresentação (Anexo K), protocolos de consentimento (Anexos L, M e N), tabela sociodemográfica com os dados das famílias (Anexo O), o Projeto Educativo (PE) e o Plano de Grupo (PG). Também utilizei informações fornecidas pela educadora de infância cooperante em conversas informais, procurando uma compreensão abrangente e fundamentada do contexto educativo.

## **2.1. Caracterização do meio envolvente**

De acordo com Pereira (2019) “O meio envolvente a uma instituição é um espaço físico e social que oferece inúmeras possibilidades para que se desenvolvam atividades fora da sala.” (p. 15). Neste sentido, durante a minha permanência na organização socioeducativa de novembro de 2023 até fevereiro de 2024, considerei de extrema relevância adquirir o máximo de informações acerca do meio que envolve esta instituição e de como este pode contribuir para a minha ação pedagógica. Através dos recursos de um meio local, podem ser proporcionadas aprendizagens fundamentais às crianças, uma vez que “o meio é, por si mesmo, um fator de motivação “natural” para a criança e o conhecimento da realidade próxima é o mais imediato e atrativo dos conhecimentos” (Roldão, 2004, citado por Pereira, 2019, p. 15).

A organização socioeducativa encontra-se estrategicamente localizada num meio envolvente vibrante e dinâmico, situado no epicentro da cidade de Lisboa, na freguesia de São Domingos de Benfica. Esta localização privilegiada não só confere à instituição uma excelente acessibilidade, mas também oferece uma vasta gama de

oportunidades e recursos que enriquecem o quotidiano das crianças que frequentam a instituição.

No ambiente urbano envolvente, as crianças têm a oportunidade de desfrutar de um contacto direto com uma variedade impressionante de equipamentos culturais, comerciais, educativos, de saúde e de lazer (Projeto Educativo, 2021-24).

Além disso, a área é servida por uma extensa rede de transportes públicos, o que facilita significativamente o acesso e a mobilidade não apenas das crianças, mas também das suas famílias e dos colaboradores da instituição (Projeto Educativo, 2021-24). No entanto, é importante reconhecer que, apesar das vantagens e comodidades oferecidas pelo meio envolvente, existem também desafios e questões a considerar.

Em suma, o meio envolvente da organização socioeducativa é um espaço verdadeiramente enriquecedor, repleto de oportunidades de aprendizagem e desenvolvimento. A integração harmoniosa com a comunidade local e os recursos disponíveis contribuem para criar um ambiente estimulante e diversificado, que promove o crescimento pessoal, social e académico das crianças, enquanto fortalece os laços com o mundo que as rodeia.

## **2.2. Caracterização do contexto socioeducativo**

A organização socioeducativa situada na freguesia de São Domingos de Benfica, em Lisboa, tem uma história rica e diversificada que acompanha a evolução das políticas educativas ao longo dos anos. Desde a sua fundação, a instituição tem sido um bastião de excelência educativa, procurando sempre aliar diferentes filosofias pedagógicas aos seus objetivos fundamentais: promover a formação integral e harmoniosa das crianças que a frequentam.

A instituição tem como missão educar, adotando e promovendo uma abordagem inclusiva em todos os seus serviços. Com o intuito de ser reconhecida enquanto instituição de referência ao nível da educação e da inclusão, esta orienta-se pelos seguintes valores: responsabilidade, inclusão, dedicação, simplicidade e alegria (Projeto Educativo, 2021-24).

Os objetivos da organização socioeducativa refletem o seu compromisso em proporcionar um ambiente educativo e social enriquecedor para todas as crianças. Como IPSS, sem fins lucrativos, esta desenvolve um trabalho de apoio socioeducativo a crianças, contando com o apoio técnico e financeiro de diversas entidades oficiais. Além de desenvolver competências afetivas, culturais e sociais enriquecedoras,

capacidades cognitivas, motoras e emocionais numa perspetiva integral e integradora, a instituição também tem como objetivo desenvolver uma relação ativa e continuada com a comunidade educativa. Este objetivo visa fortalecer os laços entre a instituição, as famílias e outros parceiros educativos, promovendo uma colaboração eficaz e uma participação ativa de todos os intervenientes no processo educativo (Projeto Educativo, 2021-24).

Um dos pilares fundamentais da atuação da organização socioeducativa é promover uma relação aberta com as famílias, envolvendo-as ativamente no processo de desenvolvimento dos seus educandos, integrando-as na dinâmica da instituição e apoiando-as nas suas diferentes estruturas e carências (Projeto Educativo, 2021-24). Ao contribuir para uma verdadeira inserção social de crianças e adultos, a instituição desempenha um papel crucial na construção de uma comunidade mais inclusiva e solidária.

A história da organização socioeducativa é marcada por uma constante adaptação e inovação. Desde a abertura do 1.º ciclo até à criação de uma Unidade de Apoio e Departamento de Educação Especial, a instituição tem procurado dar respostas cada vez mais abrangentes e inclusivas. Esta evolução tem sido guiada pela missão de proporcionar a todas as crianças, independentemente das suas necessidades ou circunstâncias individuais, as melhores oportunidades de aprendizagem e desenvolvimento. Atualmente, a resposta da instituição inicia-se em berçário e termina no 1.º ciclo, abrangendo um total de 377 crianças, das quais 40 apresentam Necessidades Educativas Especiais (Projeto Educativo, 2021-24).

Com uma equipa dedicada e um ambiente acolhedor, a organização socioeducativa continua a ser uma referência no panorama educativo de Lisboa. Além disso, esta realiza anualmente inquéritos de satisfação aos encarregados de educação e familiares dos seus alunos, utilizando esses dados para aferir a melhoria necessária ao serviço prestado (Projeto Educativo, 2021-24).

Como forma de se adaptar ao contexto educativo em constante mudança, a instituição tem reorganizado a sua estrutura organizacional e distribuição de espaços, aproximando todas as respostas das valências e garantindo uma supervisão eficaz. Esta abordagem reflete o compromisso contínuo em proporcionar um ambiente educativo de excelência, onde todas as crianças possam prosperar e alcançar o seu pleno potencial.

No âmbito do suporte às crianças com Necessidades de Saúde Específicas (NSE), a organização socioeducativa prioriza a excelência através do Departamento de Educação Especial (D.E.E). Este departamento, oferece uma variedade de respostas nas áreas essenciais, incluindo fisioterapia, hidroterapia, nutrição, educação especial, psicologia, terapia da fala e terapia ocupacional (Projeto Educativo, 2021-24).

Quanto às atividades curriculares, desde o ano letivo 2020/2021, todas as crianças, têm acesso a aulas de educação física, expressão musical, expressão dramática e inglês. Adicionalmente, existem 7 atividades extracurriculares opcionais, como ballet, catequese, judo, música, dança, futsal e natação, enriquecendo ainda mais o percurso educativo das crianças (Projeto Educativo, 2021-24).

O horário de funcionamento é de segunda a sexta-feira, das 07h45m às 19h, de setembro a julho. Em agosto oferece ainda campos de férias semanais. As atividades letivas iniciam-se pontualmente às 09h15m, dando início a mais um dia de aprendizagem e descobertas para as crianças.

Em relação às instalações, a organização adota um conceito único que proporciona uma experiência educativa estimulante e envolvente. Organizados em torno de uma viagem à volta do mundo, os diferentes blocos de edifícios representam os vários continentes, com cada sala correspondendo a uma capital (Anexo A). Essa distribuição facilita a colaboração e o trabalho em equipa dentro das diferentes valências, nomeadamente creche, pré-escolar e 1.º ciclo. Na organização socioeducativa, existem quatro entradas, a entrada principal e uma para cada valência. Com três pisos distintos - menos um, zero e um - cada espaço foi planeado para atender às necessidades específicas das crianças. Já no 1.º ciclo, existem seis salas, cada uma dedicada a um ano de escolaridade e são complementadas por duas salas de apoio à aprendizagem. A infraestrutura da organização inclui uma variedade de espaços dedicados ao bem-estar e ao desenvolvimento das crianças, como átrio (receção), biblioteca, sala multiusos (T.I.C e laboratório), casas de banho (interiores e exteriores), ginásio, dois refeitórios, cozinha, salas de terapia, vestiários e oito recreios exteriores, amplos e arborizados, equipados com materiais que promovem a brincadeira e a exploração (Projeto Educativo, 2021-24).

Os momentos de recreio são oportunidades valiosas para o desenvolvimento das crianças, pois permitem não só momentos de diversão, mas também de aprendizagem. Com isso em mente, o espaço exterior foi cuidadosamente planeado para proporcionar às crianças experiências enriquecedoras que promovam o

desenvolvimento das suas capacidades motoras, de socialização e de exploração. O espaço exterior está dividido em diferentes áreas delimitadas, cada uma oferecendo atividades e materiais específicos para estimular diferentes habilidades e interesses das crianças. Estas áreas incluem: Circuito de bicicletas; Parede de escalada; Casinha; Jogos de encaixe e Jogos com bola (Plano de Grupo, 2023-24).

As crianças têm liberdade para escolher o espaço onde desejam brincar e podem alternar entre as diferentes áreas conforme a sua preferência. Cada espaço está equipado com materiais pedagógicos específicos que apoiam o desenvolvimento das crianças de forma lúdica e educativa. Além do espaço exterior, também foram planeados recursos e materiais pedagógicos para os espaços comuns, como o refeitório, as casas de banho e o ginásio. Estes incluem mesas, cadeiras, utensílios de cozinha, equipamentos de higiene pessoal, colchões, bancos corridos, arcos, bolas e raquetes, entre outros, proporcionando um ambiente completo e adequado para o crescimento e aprendizagem das crianças.

Anualmente, os colaboradores da organização socioeducativa contribuem para a definição de um tema aglutinador a toda a escola, organizando diversas atividades que contribuam para o mesmo (Plano de Grupo, 2023-24).

Em suma, a organização socioeducativa continua a desempenhar um papel crucial na educação e desenvolvimento das crianças, proporcionando um ambiente seguro, acolhedor e estimulante para todos os que dela fazem parte. Com uma história rica de realizações e um compromisso inabalável com a qualidade, esta está preparada para enfrentar os desafios do futuro e continuar a inspirar gerações de alunos.

### **2.3. Caracterização da equipa educativa**

Para um bom funcionamento de toda a organização socioeducativa é fundamental a cooperação de toda a equipa. Segundo Silva (2014) uma equipa é um grupo reunido em torno de um projeto comum e quando falamos em trabalhar em equipa, remetemo-nos para experiências de relacionamento, de interação entre pessoas diferentes, mas que partilham um sentido comum nas suas ações.

Na organização socioeducativa, a equipa educativa é diversificada e composta por uma série de profissionais dedicados e qualificados. A direção é composta por um presidente, um secretário e um tesoureiro, responsáveis pela gestão global da instituição. Existem também coordenadores em funções, incluindo uma educadora coordenadora de creche e pré-escolar, uma professora coordenadora de pré-escolar e

1.º ciclo, e um psicólogo coordenador do Departamento de Apoio à Educação Inclusiva (DAEI). As educadoras de infância desempenham um papel fundamental na creche e pré-escolar, sendo todas licenciadas e algumas com habilitação à Educação Especial. Os professores de 1.º ciclo, contribuem para o ensino e desenvolvimento das crianças mais velhas. A equipa inclui ainda professores de Educação Especial devidamente habilitados, assim como pessoal técnico especializado, como fisioterapeutas, nutricionistas, psicólogos e terapeutas ocupacionais. Os Auxiliares de Ação Educativa apoiam no dia-a-dia das salas e atividades, enquanto administrativos e financeiros garantem o bom funcionamento burocrático da instituição. O pessoal de cozinha assegura a alimentação adequada das crianças, enquanto a receção e os serviços gerais garantem o acolhimento e a manutenção do espaço. Em paralelo, colaboram com a organização socioeducativa professores de atividades extracurriculares, como ballet, catequese, judo, música, futsal e natação (Projeto Educativo, 2021-24).

Nesta instituição, ao organizar a equipa pretende-se que o trabalho a realizar assente nos seguintes aspetos: Preocupação da equipa em zelar pelo bem-estar e educação das crianças; Despiste, encaminhamento e acompanhamento de situações problemáticas; Integração de pessoal com deficiência; Agentes educativos preparados para o exercício das suas funções e com pouca rotatividade. (Projeto Educativo, 2021-24).

Em geral, toda esta equipa é prestável e atenciosa. Enquanto estive a estagiar na organização socioeducativa, esta mostrou-se muito presente. A coordenação apoia imenso os estagiários, garantindo que existem as condições necessárias para uma boa ação pedagógica. Foram também diversas as vezes que recebi feedback por parte da coordenação, o que demonstra o seu interesse e atenção. Ainda sobre a coordenação, a Educadora Cooperante mencionou que “Quando alguém precisa, estamos lá e mesmo a nível de coordenação eu acho que temos um grande apoio, mesmo naquelas maluqueiras que nos passam na cabeça está sempre a dizer-nos bora, bora fazer isto, sempre a apoiar-nos, eu acho que isso é fundamental e dar-nos um feedback positivo e eu acho que isso faz com que também nós nos sentimos bem para trabalhar em equipa.” (Entrevista à Educadora Cooperante, Anexo C).

Os educadores de infância também têm uma relação próxima, reunindo com muita regularidade e entreajudando-se. Para a Educadora Cooperante, esta partilha e apoio é fundamental para o sucesso e, neste sentido, refere que “A minha opinião é maravilhosa porque noutros sítios não é assim. Há um cuidado em ajudar-nos a todos,

entre educadores temos uma grande partilha de atividades, partilha de conhecimentos, partilha de tudo e é uma grande equipa, acho eu, e muito unida.” (Entrevista à Educadora Cooperante, Anexo C).

Quanto à equipa educativa da Sala B, esta é composta por uma Educadora de Infância e um Auxiliar de Ação Educativa. A Educadora Cooperante é muito carinhosa e tem um olhar bastante bonito sobre a educação e sobre as crianças. Na sua ação pedagógica, as crianças são sempre ativas, ouvidas e respeitadas, o que faz com que a relação entre a educadora e as crianças seja pura e genuína. O Auxiliar de Ação Educativa é interessado, tem imensa iniciativa e investe bastante na relação com as crianças, através do afeto e de brincadeiras. Os momentos entre ele e as crianças são sempre divertidos e cheios de gargalhadas.

A Educadora de Infância da Sala B possui um mestrado em educação pré-escolar e está na organização socioeducativa há 3 anos. Esta fala da sua profissão com imenso amor, referindo que é “o sonho da sua vida” e menciona que um dos pilares da sua ação é promover a cooperação e a entreaajuda entre as crianças. Neste sentido, como pode uma educadora de infância promover a cooperação e a entreaajuda na sua ação pedagógica?

Já o Auxiliar de Ação Educativa, foi aluno de artes até ao 11.º ano, depois tirou um curso de agente de prevenção, outro de desporto, regressou para artes, até que começou a trabalhar com crianças de 5 anos. Mais tarde, teve a oportunidade de trabalhar na instituição há 12 anos.

A relação entre a Educadora de Infância e o Auxiliar de Ação Educativa da Sala B é muito positiva, tendo os dois uma cumplicidade excelente, que é transmitida para as crianças. De acordo com a Educadora Cooperante “Na sala neste momento é espetacular, tenho um auxiliar que apoia as minhas maluqueiras, que nunca diz que não a nada e que se for preciso ainda vai lá e ainda põe mais maluqueira por cima e eu acho que é isso. Depois temos uma grande afinidade e que isso depois se transmite para as crianças, eu adoro chegar à minha sala e ver as crianças a rir às gargalhadas. a fazer jogos ou saber que quando eu não estou, que eu sei que eles estão bem e que estão felizes e eu vou descansada.” (Entrevista à Educadora Cooperante, Anexo C). O Auxiliar de Ação Educativa partilha da mesma opinião, afirmando “tive a oportunidade de trabalhar com ela e estou a gostar, estamos a dar-nos bem.” (Entrevista ao Auxiliar de Ação Educativa, Anexo E).

Segundo Roldão (2007) “o trabalho colaborativo estrutura-se essencialmente como um processo de trabalho articulado e pensado em conjunto, que permite alcançar melhor os resultados visados” (p. 27). A Educadora de Infância e o Auxiliar de Ação Educativa da Sala B colaboram muito um com o outro, ajudando-se mutuamente. Nesta linha de pensamento, o Auxiliar de Ação Educativa refere “como tenho uma boa comunicação com a P. reunimos com frequência.” (Entrevista ao Auxiliar de Ação Educativa, Anexo E). Reúnem para discutir assuntos importantes, problemas ou até mesmo ideias. Tudo isto é crucial para um bom funcionamento da equipa pedagógica e um bom clima em sala, uma vez que numa equipa os indivíduos devem desenvolver “competências como a compreensão, a abertura, a ajuda mútua, a capacidade de escutar e comunicar diversos pareceres entre a equipa.” (Formosinho, 1999, citado por Silva, 2014). Ambos estão em constante reflexão e análise, mantendo uma comunicação eficaz e frequente, partilhando ideias, conselhos, feedback, tanto no quotidiano, como em reuniões. Tudo isto contribui para o bem-estar e aquisição de aprendizagens e desenvolvimento harmonioso das crianças.

#### **2.4. Caracterização do ambiente educativo**

Na criação de um ambiente educativo, o papel do educador vai muito além de simplesmente transmitir conhecimento; ele atua como um arquiteto do ambiente educativo, moldando-o de acordo com as necessidades e interesses das crianças. Este ambiente é um espaço dinâmico, onde cada detalhe, desde a disposição dos materiais até a organização do espaço físico, desempenha um papel crucial no processo de aprendizagem.

Conforme destacado por Oliveira-Formosinho e Araújo (2013), a organização e a flexibilidade do ambiente são fundamentais para criar um território propício ao desenvolvimento de diversas aprendizagens. Assim, ao planear e estruturar o espaço educativo, o educador deve agir de forma intencional, levando em consideração não apenas as necessidades individuais das crianças, mas também as características do grupo como um todo.

A adaptação do ambiente às necessidades do grupo é essencial para promover a autonomia das crianças e facilitar o seu desenvolvimento holístico. Como mencionado por Zabalza (1997), numa sala deve existir um ambiente estimulante, que ofereça inúmeras oportunidades para ação e exploração.

Ao organizar o espaço de atividades, é fundamental que os educadores considerem a diversidade de materiais disponíveis. Estes materiais desempenham um papel vital ao proporcionar experiências de aprendizagem ricas e envolventes. Desde brinquedos tradicionais até objetos do cotidiano, como caixas e pneus. No entanto, a seleção dos materiais não deve ser arbitrária; é importante escolher materiais de qualidade, com durabilidade e seguros, como ressaltado por Kishimoto (2010). Além disso, os espaços devem ser organizados de forma a incentivar a independência das crianças, permitindo que elas realizem uma variedade de atividades de forma autônoma, desde a exploração até à arrumação.

Segundo Cardona (1999) “para existir uma participação ativa das crianças, é fundamental a existência de uma estruturação espaço-temporal bem definida e explícita, que lhes permita um funcionamento autônomo, dentro da sala de atividades.” (p. 137).

Em suma, o ambiente educativo na educação de infância é muito mais do que um espaço físico; é um ambiente vivo e dinâmico, onde as crianças podem crescer, explorar e aprender. Ao criar um ambiente adaptado e adequado às necessidades das crianças, os educadores desempenham um papel fundamental no desenvolvimento integral das crianças, proporcionando-lhes experiências significativas que irão moldar o seu futuro.

#### **2.4.1. Espaço e materiais**

No que concerne aos espaços e materiais, tal como é mencionado no Ministério da Educação (1997) “Os espaços de educação pré-escolar podem ser diversos, mas o tipo de equipamento, os materiais existentes e a forma como estão dispostos condicionam, em grande medida, o que as crianças podem fazer e aprender” (p. 73). O ambiente educativo deve ser pensado pelo educador e pelas crianças, tendo em conta que a maneira como o espaço das crianças está organizado e a sua disposição condicionam toda a sua aprendizagem.

Na Sala B, o espaço está organizado pelas seguintes áreas e respetivos materiais: 1) Área da garagem (caixas de arrumação; carros; tapete com estradas.); 2) Área dos jogos de construções (legos de diferentes tamanhos; animais; caixas de arrumação); 3) Área dos jogos de mesa (mesa; cadeiras; caixas de arrumação; jogos de mesa); 4) Área da casinha (cozinha; mesa e cadeiras pequenas; utensílios de cozinha e alimentos; caixas de arrumação; bebês; roupas; brinquedos diversos; materiais não estruturados (castanhas, folhas, entre outros); 5) Área da escrita (cartões

com letras e palavras; lápis; lápis de cor; canetas; borrachas; folhas de papel); 6) Área da biblioteca (estante; livros; almofadas); 7) Área do tapete (tapete; instrumentos de pilotagem: calendário; tempo; presenças; aniversários); 8) Área da informática (mesa; cadeiras; computador com ligação à internet e ao *office*); 9) Mesas de trabalho (cadeiras; mesas; estante; caixas de arrumação; folhas de diferentes tamanhos; cartolinas; jornais; material de desenho, pintura e colagem (lápis, canetas, borrachas, pincéis, tintas...); materiais de desperdício (algodão, rolhas, palhinhas...); placas de identificação individual (fotografia e nome); cadernos de desenho agrupados por idades (fotografia e nome)) (Anexo F).

No Anexo G, está uma planta deste espaço, na qual estão representados os materiais e as áreas. Essas áreas estão claramente delimitadas e foram concebidas para que as crianças possam utilizá-los de forma independente. Cada área foi cuidadosamente planeada com um propósito específico, e os materiais presentes foram adaptados para atender às necessidades desse espaço em particular.

A definição dessas áreas ocorreu no início do ano em colaboração com as crianças, que não só deram nomes a esses espaços, como também providenciaram a identificação correspondente, através de desenhos e escrita. Neste sentido, a Educadora Cooperante refere

Eu tive em atenção que eu quero sempre que na minha sala esteja tudo à mão deles, que eles possam mexer em tudo, que nada seja interdito por assim dizer e foi tudo foi pensado com eles no início do ano, as áreas foram pensadas com eles, tanto que as etiquetas foram eles que fizeram, o que há nas áreas também foi tudo pensado com eles, porque lá está eu acho que deve ser feita para eles e com eles. (Entrevista à Educadora Cooperante, Anexo C).

Importa salientar que esses ambientes são flexíveis, permitindo ajustes conforme as demandas do grupo ao longo do ano. De acordo com Oliveira-Formosinho e Araújo (2013) “A organização e flexibilidade do ambiente são duas das características que contribuem para a sua configuração enquanto território organizado para aprendizagens plurais.” (p. 32).

Relativamente aos materiais, a Sala B dispõe de uma enorme variedade de recursos, de qualidade, que estão ao alcance das crianças, para que possam utilizar quando quiserem. Cada área da Sala B tem materiais e brinquedos adequados ao espaço. Em relação à diversidade de recursos, estes oferecem momentos de exploração e manipulação dos mesmos, estimulando a criatividade e a imaginação das

crianças. Numa sala não devem constar somente brinquedos, devendo existir também no espaço objetos do quotidiano, que tornem os ambientes positivos e estimulem a brincadeira, como na Área da casinha, em que existem materiais não estruturados, tais como: castanhas, nozes, pedras, folhas, entre outros. Estes devem existir, visto que não apresentam uma função específica e podem estimular o pensamento criativo da criança, como por exemplo, uma caixa de cartão pode ser um carro e um pau de madeira pode ser uma varinha mágica (Andrade et al., 2022). Muitas vezes, observo as crianças a brincarem na Área da casinha e a fingirem que as nozes numa taça são bolinhos.

Outra vantagem da Sala B, é que tem ligação direta com um pequeno jardim. Desta forma, dá para observar o mesmo da janela e realizar diversas atividades no exterior, desde que seja autorizado pela coordenação. Este espaço foi crucial para várias atividades

Estagiária: E onde é que podemos encontrar sol e oxigénio? T.P: No jardim lá em baixo. Estagiária: E podemos pôr os ovos de dinossauro num sítio qualquer? Crianças: Nãoooo. C.C: Temos de construir um ninho! Estagiária: Olha que boa ideia C.C, e como é que podemos construir um ninho? Para que os ovos possam ficar confortáveis, quentinhos e protegidos? C.C: Podemos apanhar paus. M.C: Usar folhas. (Nota de campo de 31 de janeiro de 2024, Registo n.º 1, Anexo H).

As crianças têm um enorme gosto por atividades ao ar livre, referindo que preferem fazer atividades no exterior, como podemos ver no seguinte excerto, retirado da Planificação da atividade “O que comem os dinossauros?” “Além disso, a estagiária questionou “Olhem e gostaram que a atividade tenha sido feita lá fora, ou preferiam que tivesse sido feita na sala?”, ao que as crianças responderam “Simmm, nós gostamos mais lá fora”” (Anexo I).

#### **2.4.2. Rotina**

A organização do tempo e do espaço deve incluir atividades diárias, em torno de um horário e de rotinas, que deem às crianças a sensação de controlo, segurança e continuidade (Formosinho, 2013). Segundo Portugal (2000) a aprendizagem e o desenvolvimento ocorrem das experiências diárias das vivências das crianças, sendo por isso necessária a criação de ambientes ricos, que incluam materiais e interações de qualidade.

Segundo Formosinho (2013) o dia deve ser organizado de acordo com uma rotina respeitadora do bem-estar, que proporciona possibilidades de aprendizagens às

crianças, consagrando a sua participação em todos os momentos. Na organização socioeducativa, mais concretamente na Sala B existe uma rotina, sendo essa a seguinte: Acolhimento: 09:00 – 09:15; Atividades da manhã: 09:15 – 10:45; Higiene e Lanche da manhã: 10:45 – 11:00; Recreio: 11:00 – 11:45; Higiene: 11:45 – 12:00; Almoço: 12:00 – 12:30; Grupo dos 3 anos - Sesta: 12:30 – 15:00; Grupo dos 4 e 5 anos – Recreio: 12:30 – 14:00; Ateliers dos 4 e 5 anos: 14:00 – 15:00; Atividades da tarde: 15:00 – 16:00; Lanche: 16:00 – 16:30; Recreio e saída: 16:45. Apesar desta ser a rotina geral das salas de pré-escolar, em cada sala existe flexibilidade de horários de acordo com as necessidades das crianças.

O acolhimento é feito pelos Auxiliares de Ação Educativa no recreio com todas as salas juntas, de seguida as crianças fazem a sua higiene e cada grupo dirige-se para a sala para as atividades da manhã.

Já na Sala B, o dia começa sempre com uma reunião no tapete, onde cantamos a canção do bom dia, fazemos as tarefas da manhã, planeamos o dia e conversamos. Depois deste início passamos para as atividades<sup>1</sup>. Este período da manhã ocorre sempre de forma fluída e sem pressas. Nele, as crianças são sempre ouvidas, sendo valorizada a comunicação e estabelecidas relações afetivas fortes entre os elementos presentes.

No final das atividades, temos o momento do lanche da manhã, seguido do recreio onde as crianças brincam, gastam energias e socializam antes da hora de almoço. É essencial que seja dado tempo para as crianças brincarem no recreio, pois tal como menciona Ginsburg (2007) “Play is essential to development because it contributes to the cognitive, physical, social, and emotional well-being of children and youth.” (p. 182). Ao brincar a criança exprime a sua personalidade, desenvolve curiosidades, estabelece relações entre aprendizagens integradas, melhora as capacidades relacionais e de iniciativa e assume responsabilidades.

Após o almoço o grupo divide-se por faixas etárias, os meninos de 3 anos vão dormir a sesta enquanto os restantes brincam no recreio.

---

<sup>1</sup>As crianças cantaram a canção do bom dia. Após este momento, foi decidido o ajudante do dia, à sorte. Calhou o M.P e antes de ser revelado, a Educadora Cooperante deu diversas pistas, tais como “Tem 3 anos”, “Está a utilizar ténis”, “O nome começa com a letra M”, entre outras. A ajudante do dia mudou o dia da semana, o mês, o ano e o estado de tempo. (...) (Nota de campo do dia 17 de novembro de 2023, Registo n.º 2, Anexo H).

Às 14 horas começam as/os horas/ateliers dos 4 e dos 5 anos, com atividades direcionadas a cada idade. Todas as semanas realizam-se momentos de teatro, sendo o dos 4 anos à quarta-feira e o dos 5 anos à segunda-feira.

A hora dos 4 anos inicia-se com uma história diferente todas as semanas, e tomando como ponto de partida essa história, realizam-se atividades que incluem as diferentes áreas de conteúdo tendo como principal objetivo o trabalho em grande grupo, promovendo assim a interação entre todas as crianças.

Na hora dos 5 anos trabalha-se por projeto, em que cada um se inicia com uma história diferente, variando assim a sua duração. O principal objetivo é preparar as crianças para a entrada no 1.º ciclo, focando-se no desenvolvimento da linguagem oral, da abordagem à escrita e do raciocínio lógico-matemático.

Às 15 horas as crianças reúnem-se todas novamente na sala, e é dado início às atividades da tarde. Ao contrário das atividades da manhã, no período da tarde as atividades são menos estruturadas, onde as crianças terminam alguns trabalhos, fazem jogos, desenhos livres ou brincam nas diferentes áreas da sala. Muitas crianças neste período estão também inscritas nas atividades extracurriculares, não estando na maioria das vezes o grupo todo presente na sala.

Todos os dias, assisto à maior parte desta rotina até às 15:00, não observando somente as atividades da tarde, o lanche e o recreio de final de tarde. O grupo da Sala B, tem a rotina muito bem interiorizada, sabendo sempre o que estão a fazer e o que vão fazer no momento seguinte

A Educadora Cooperante abriu a porta sem dizer nada e a estagiária fez a seguinte questão à S.B “Onde será que vamos agora?”, ao que esta respondeu “De certeza que vamos para o recreio. Sempre que dançamos um pouco, a seguir vamos para o recreio brincar e depois para o almoço.” (Nota de campo do dia 15 de novembro de 2023, Registo n.º 4, Anexo H).

Todos os dias é escolhido o Ajudante do dia e o Ajudante da sesta. Estas práticas promovem a cooperação e entajuda entre pares heterogéneos de idade.

Em suma, é importante, tal como referem Post e Hohmann (2003) promover às crianças um momento regular na rotina, previsível e flexível. O educador deve também criar uma “adesão a um horário diário de forma consistente; a acomodação dos ritmos e temperamentos naturais e singulares das crianças e o proporcionar de transições suaves entre experiências em que a criança se envolve.” (Post & Hohmann, 2003, p. 42).

## **2.5. Caracterização do grupo das crianças**

O grupo é composto por 24 crianças, com idades compreendidas entre os 3 e os 6 anos. De todo o grupo, 8 crianças têm 3 anos, 4 têm 5 anos, 10 têm 5 anos e, por fim, 2 têm 6 anos. Adicionalmente, é importante destacar que, do total das crianças, 13 são do sexo feminino e 11 são do sexo masculino (Anexo J). A maior parte das crianças já frequentava a organização socioeducativa, fazendo parte do mesmo grupo no qual estão inseridas de momento. É de realçar que 7 crianças já frequentavam a organização socioeducativa, mas em contexto de Creche, transitando para o Pré-escolar. Existe apenas 1 criança a frequentar a instituição pela primeira vez, tendo em conta que entrou somente em janeiro de 2024. Em termos de nacionalidade, as crianças são todas portuguesas, com exceção da M., que é brasileira.

Na Sala B existem crianças ao abrigo do Decreto-Lei n.º 54/2018, sendo estas o J.C, com uma Alteração de Desenvolvimento sem Ideologia e o M.N com PEA (Espectro de perturbação do Autismo, mais precisamente, Síndrome de Asperger. Muitas das crianças da sala, têm irmãos com Necessidades Educativas Especiais, como a C.C e a D.M.

A maior parte do grupo comparece regularmente e pontualmente na organização socioeducativa, tendo em conta que as crianças faltam apenas em situações excecionais. Em geral, o grupo é constituído principalmente por crianças de 4 e 5 anos, o que faz com que este grupo seja muito autónomo. As crianças mostram entusiasmo em realizar tarefas inseridas na sua rotina, demonstrando iniciativa e disposição para colaborar. Nos momentos da rotina, as crianças são bastante autónomas e independentes. As crianças andam sozinhas por todos os espaços da organização socioeducativa e, por norma, não existem comportamentos de desvio. Por exemplo, quando é para ir buscar a fruta à cozinha, há sempre uma criança que vai sozinha, mudando de piso, atravessando todo o recreio, até chegar à cozinha. Quando vão à casa de banho, as crianças também vão sempre sozinhas, com exceção de alguma criança mais nova que necessite de ajuda para se limpar. Todas as pequenas tarefas do dia a dia são feitas pelas crianças, nomeadamente, ir buscar água, vestirem-se/despirem-se, assoarem-se, entre outras. Assim, as crianças são autónomas e têm iniciativa para fazer as coisas sozinhas

Antes da sesta o T.V vai sempre escolher um dinossauro para dormir com ele. Naquele dia, escolheu um dinossauro que tinha a cabeça desmontada. A estagiária disse “T.V queres ajuda a arranjar?”, ao que o T.V respondeu “Eu não

preciso de ajuda, eu arranjo sozinho”. Após esta conversa o T.V conseguiu concertar o seu brinquedo e foi dormir (Nota de campo do dia 10 de novembro de 2023, Registo n.º 4, Anexo H).

Além disso, são entusiastas, com muito boa memória e envolvidas em todas as atividades, ansiosas para contribuir, e exibindo um intenso interesse e curiosidade por novas experiências, embora por vezes precisem de estímulo extra em atividades que requerem maior concentração, especialmente as de 3 anos.

Nesta faixa etária, é comum as crianças estarem a consolidar as regras de convivência social e comportamento, enfrentando desafios na partilha e na resolução de conflitos com os colegas. Desta forma, o grupo está a apreender e assimilar algumas regras ao nível da socialização e do “saber estar”, apresentando dificuldades na partilha e em gerir conflitos entre os pares (Plano de Grupo, 2023-24). Relativamente à rotina de fazer e arrumar em seguida, é necessário repetir muitas vezes que é preciso deixar o espaço arrumado, tal como reforçou o Auxiliar de Ação Educativa da sala “ é um grupo que dá algumas dores de cabeça na parte de arrumar, desarrumam muito e o arrumar é uma das maiores dificuldades deles” (Entrevista ao Auxiliar de Ação Educativa, Anexo E). A capacidade de partilha de espaços e objetos por vezes ainda é uma dificuldade do grupo. Desta forma, por vezes ainda é necessária a intervenção dos adultos, para mediar as interações

O N.G pegou num livro e através das imagens, começou a contar uma história criada por si, aos restantes colegas. As crianças estavam sentadas ao seu redor, muito atentas, a escutá-lo. O T.V ficou interessado e queria tirar o livro do N.G e, por isso, começou a chorar. Os dois não conseguiram resolver o conflito e foi necessária mediação, através de conversa, para resolver este desentendimento. (Nota de campo do dia 12 de janeiro de 2024 Registo n.º 2, Anexo H).

Quanto ao cumprimento de regras e barulho de fundo, grande parte do grupo não apresenta qualquer resistência, com algumas exceções que são um pouco mais desafiantes, como a D.M, a C.B e a M.V. O T.V também responde muitas vezes “Não”, mas, de seguida, cumpre as regras.

De uma maneira geral, o grupo é bastante participativo e dinâmico, revelando um forte interesse pelo ambiente ao seu redor. Na sala de atividades, é um grupo que se revela muito interessado e curioso, participando ativamente ao fazer perguntas e partilhar suas experiências e interesses com os demais. De acordo com o que foi referido, a Educadora Cooperante reforçou que “acho que é um grupo engraçado, que

é um grupo participativo, interessado, curioso, acima de tudo curioso e que me permite fazer muita coisa com eles o facto de serem curiosos.” (Entrevista à Educadora Cooperante, Anexo C). É essencial motivá-lo nesse aspeto, oferecendo atividades que estimulem a descoberta e a aquisição de conhecimentos. Em relação às preferências, as crianças demonstram um interesse notável por atividades relacionadas ao desenvolvimento motor, música e expressão artística. Nas aulas de música, as crianças adoram cantar, exibindo interesse sobretudo pelas canções acompanhadas de gestos e pelos instrumentos musicais. É fundamental incentivá-los a melhorar a concentração, como o N.G, a coordenação motora fina e, em alguns casos, o desenvolvimento da linguagem (Plano de Grupo, 2023-24).

Algumas crianças têm dificuldades ao nível da articulação e de construção frásica, especialmente a C.C que anda na Terapia da fala. A M, comunica perfeitamente oralmente, contudo, por vezes tem dificuldades a nível de vocabulário, tendo em conta que no português do Brasil existem conceitos diferentes do português de Portugal. Apesar disso, em geral, existem crianças que se destacam mais pelo seu desenvolvimento ao nível da linguagem, como a S.B, o N.G, o M.N e a M.C. Algumas crianças mais novas, como o V.A (que tem o freio curto) e o T.V, por vezes, são um pouco difíceis de compreender.

Em termos de desenvolvimento, é um grupo heterogéneo como por exemplo, em atividades de expressão plástica ou em situações de diálogo em grande grupo. No desenho, temos o exemplo de crianças como a L.N e a C.V que desenhavam de forma detalhada, com bastante criatividade e realismo. Quando desenhavam, por exemplo, uma figura humana, dá para notar com clareza as diversas partes do corpo. Em contrapartida, temos o exemplo do T.V e do A.A que se não tiverem o apoio de alguém, desenhavam apenas riscos sem qualquer ligação e realismo, pintando apenas com uma cor. Em relação à participação, grande parte das crianças está à vontade em falar e exprimir opiniões, chegando por vezes a interromper a conversa. No entanto, algumas das crianças, principalmente as mais novas, não participam por livre e espontânea vontade, sendo necessário que a educadora estimule a sua participação, como é o caso do V.A, do T.V e da M.S.

Relativamente à interação entre pares, observa-se um interesse crescente nas brincadeiras em grupo, embora algumas ainda privilegiem brincar sozinhas, como o T.P e o J.C. No que concerne às relações afetivas entre crianças, é um grupo com ligações respeitadas, nas quais fazem questão de cuidar uns dos outros. As crianças deste grupo

ouvem-se e respeitam-se mutuamente nos momentos do quotidiano. Existem ainda muitos momentos de ternura entre as crianças, nos quais brincam muito, dão muitos abraços e beijinhos. Estas, dizem muitas frases carinhosas aos amigos e com bastante frequência. Deste modo, podemos concluir que surgem momentos de compaixão, amizade, solidariedade e entreaajuda entre os elementos do grupo, sendo a relação criança-criança muito forte<sup>2</sup>.

Algo que se destacou mal cheguei à instituição foi a entreaajuda entre as crianças, sobretudo entre as crianças mais velhas e as mais novas. Desta forma, as crianças, de forma livre e espontânea, já demonstram uma maior iniciativa para ajudar os colegas, não sendo sequer necessária a mediação dos adultos da sala. Além disso, as crianças também exibem este tipo de comportamento cooperativo com os adultos da sala. Neste sentido, quais serão as vantagens destas interações entre crianças de idades mistas para as crianças mais velhas? E para as mais novas? Quais as desvantagens destas interações entre crianças de idades diferentes? Como a heterogeneidade de idade em JI promove a cooperação e entreaajuda entre as crianças?

Na Sala B, existem algumas crianças NEE que também estão perfeitamente incluídas nesta dinâmica que existe entre crianças, nestes momentos destaca-se a M.C, que é uma criança que está sempre pronta a ajudar o outro. Os valores de cooperação, tolerância, justiça, partilha, respeito, entre outros, estão bastante enraizados no grupo e, desta forma, são observados constantemente no dia a dia das crianças.

Quanto à interação com os adultos, as crianças são muito autónomas durante as suas tarefas, recorrendo aos adultos sobretudo nos momentos em que necessitam de conforto e afeto. No que diz respeito à relação com a Educadora Cooperante, Auxiliar de Ação Educativa e estagiária, nota-se o quão boa é a relação. As crianças são muito carinhosas e demonstram-no através de sorrisos enormes, de abraços e beijinhos. Muitas vezes, expressam carinho de várias formas, como oferecendo folhas que acham bonitas ou dando desenhos feitos por eles mesmos. Ao terem esses gestos, ficam muito contentes, especialmente quando veem que o adulto está feliz.

No tempo de brincadeira, no recreio, as crianças do sexo feminino estão maioritariamente dentro da casinha, enquanto as crianças do sexo masculino se encontram geralmente a andar de bicicleta, trotinete e a jogar futebol. Algo que gostam

---

<sup>2</sup>A M.V estava muito triste. A C.B ao perceber, esteve a dar-lhe conforto no tapete, dando abraços e dizendo “Não fiques assim M.V, não gosto de te ver assim”. (Nota de campo do dia 29 de novembro de 2023, Registo n.º 2, Anexo H).

todos muito é de criar brincadeiras em grande grupo de “faz de conta”, como quando brincam às mães e aos pais. As crianças possuem um grande entusiasmo relativamente aos momentos ao ar livre, quando brincam ou são feitas atividades no exterior.

Os momentos de refeição, com especial incidência ao almoço, são o momento do dia de mais ansiedade para algumas das crianças, que não possuem vontade de comer e que não têm uma alimentação variada (Plano de Grupo, 2023-24), como a D.M e o M.N “Maior parte das crianças come sem qualquer dificuldade. Contudo, algumas crianças estranham texturas, como o M.N (come fruta passada). A D.M não gosta de maior parte dos alimentos.” (Nota de campo do dia 6 de novembro de 2023, Registo n.º 4, Anexo H).

Quanto à hora da sesta, as crianças de 3 anos dormem e o J.C, de 6 anos também, pois ainda necessita. O J.C é uma criança que demora sempre um pouco mais a adormecer “Durante a hora da sesta o J.C é uma criança um pouco agitada. Dessa forma, é preciso um cuidado especial a tentar acalmá-lo e prepará-lo para este momento.” (Nota de campo do dia 17 de novembro de 2023, Registo n.º 5, Anexo H).

Quanto aos momentos de higiene, o grupo já tem incutido o hábito de ir à sanita de forma autónoma. O T.V, o V.A e o J.C são as únicas crianças que ainda utilizam fralda, sendo que o V.A usa somente na sesta.

## **2.6. Caracterização das famílias**

As famílias da Sala B demonstram um notável comprometimento e preocupação com a educação dos seus filhos. Durante o meu tempo na instituição, percebi que existe um forte investimento na parceria entre a organização socioeducativa e as famílias. Há muitos dados que a família nos passa no dia a dia que são fundamentais e devemos registar para não nos esquecermos, porque podem ser importantes no quotidiano da criança. Neste sentido, Epstein (citado por Mata & Pedro, 2021) tem considerado que “uma das responsabilidades da escola é promover a participação dos pais em atividades em casa (...). Este tipo de participação é concebido como o providenciar informação e ideias às famílias sobre como ajudar os filhos com as tarefas académicas e atividades relacionadas com o currículo.” (p. 55). Neste sentido, a organização tem como um dos seus principais objetivos: Promover uma relação aberta com as famílias, envolvendo-as no processo de desenvolvimento dos seus educandos, integrando-as na dinâmica da organização socioeducativa e apoiando-as nas suas diferentes estruturas e carências (Projeto Educativo, 2021-2024). No que concerne à inter-relação com os encarregados

de educação, a organização socioeducativa promete realizar ações com o propósito de esclarecer quanto às regras de funcionamento da organização socioeducativa, desenvolver a interação (EE ↔ A - EE ↔ EE) e envolver os Encarregados de Educação no processo educativo dos seus educandos (Projeto Educativo, 2021-2024). Enquanto estagiária, esforcei-me ao máximo para que as famílias me conhecessem e soubessem um pouco sobre mim, através de uma carta de apresentação (Anexo K) e comunicação constante. Através de protocolos, também cumpri sempre as questões éticas, tendo o cuidado de informar acerca do portefólio da PPSII e do portefólio individual da criança (Anexos L e M). Elaborei também um protocolo com o intuito de informar as famílias sobre a investigação (Anexo N), tendo em conta que é importante que estas estejam informadas, para que possam participar, auxiliando a encontrar resposta para a seguinte questão: Quais são as conceções das famílias em relação a salas heterogéneas de idade no JI?

Com base no Projeto Educativo (2021-24), verificamos que um dos objetivos gerais da organização socioeducativa é “Melhorar a relação com as famílias, promovendo reuniões individuais e a vinda dos pais à escola para o desenvolvimento de atividades partilhadas.” Neste sentido, a Educadora Cooperante refere que “A escola é muito aberta à participação das famílias, temos vários, ateliers, atividades, o Dia da Família, em que elas vêm e participam” (Entrevista à Educadora Cooperante, Anexo C). Em dezembro de 2023, assisti a um destes momentos, mais especificamente, à Festa de Natal, em que os pais das crianças da Sala B assistiram à festa e, posteriormente, participaram na realização das atividades que se seguem a seguir à festa<sup>3</sup>.

Relativamente ao envolvimento das famílias na Sala B, como mencionou a Educadora Cooperante na entrevista, “Na sala temos a liberdade de os chamar quando quisermos, fazemos atividades com eles” (Entrevista à Educadora Cooperante, Anexo C). A educadora acrescentou ainda que, algumas estratégias de envolvimento das famílias, utilizada pela mesma, são: “eu uso muito coisas que eu possa mandar para casa e que eles possam fazer em casa e depois trazer (...) ou então ter atividades em que eles venham à sala e participem” (Entrevista à Educadora Cooperante, Anexo C).

A comunicação entre a equipa educativa e as famílias é muito frequente, seja pessoalmente, seja por email. Isto contribui para que os pais estejam informados, se

---

<sup>3</sup> Os pais empenharam-se muito na realização conjunta das atividades com os filhos, sobretudo na decoração da bola de Natal. (Nota de campo do dia 14 de dezembro de 2023, Registo n.º 1, Anexo H).

sintam mais seguros e seja estabelecida uma maior relação de confiança e entreaajuda. Assim, a Educadora Cooperante refere que “Temos sempre o cuidado de enviar o correio semanal, que também os envolve de alguma maneira, não é só deixarem os filhos e não saberem o que é que estamos aqui a fazer, por isso, temos a planificação, temos o correio, temos as coisas dos 4 e dos 5 anos, que é tudo para eles poderem estar também por dentro e se quiserem dar opiniões são muito bem-vindas.” (Entrevista à Educadora Cooperante, Anexo C). De acordo com o que foi referido, já observei pais a darem o seu *feedback* de atividades por email, elogiando o trabalho feito em sala. Segundo a Educadora Cooperante, no Plano de Grupo (2023-2024) as aprendizagens são muito mais significativas e enriquecedoras para as crianças quando juntamos as famílias no processo educativo, cada um dando o seu contributo, o que faz com que as aprendizagens alcancem um significado muito especial.

As famílias têm algumas reuniões ao longo do ano. No início do ano existe também uma reunião geral, em que se fala um pouco do espaço e da ação pedagógica exercida no mesmo. Quando é a primeira vez que as crianças estão no contexto de Pré-Escolar existe uma reunião de acolhimento individual, também no início do ano. Existem também 2 reuniões de avaliação, uma delas em janeiro para os pais que seja necessário e, no final do ano, existe uma reunião individual de avaliação. Segundo a Educadora Cooperante, “Ao longo do ano, sempre que os pais quiserem e requisitarem, nós estamos abertos a reuniões. Normalmente não é preciso porque temos um contacto muito direto com os pais pelo telefone e pelo email, por isso os pais não costumam requisitar.”. Esta realça também que “Temos a hora pedagógica para o caso de isso acontecer, mas normalmente não é preciso, tirando algumas exceções de, por exemplo, ser preciso iniciar uma terapia” (Entrevista à Educadora Cooperante, Anexo C).

No meu quotidiano não tenho contacto com as famílias e, quando pretendo comunicar com as mesmas, este nunca é direto, existindo sempre intermediários. Quando conheci as famílias, estas apresentaram-se e foram muito atenciosas, afirmando que os filhos falavam de mim em casa

Neste momento, várias crianças quiseram apresentar a estagiária aos pais, como o T.P, o M.N e a S.B. Foi um instante muito especial, porque disseram comentários bastante queridos como “O T.P tem uma grande admiração pela Joana, fala muito de si” e “Então esta é que é a famosa Joana”. Fico feliz de ter um impacto positivo na vida destas crianças e que isso seja transparecido para

as famílias. (Nota de campo do dia 14 de dezembro de 2023, Registo n.º 1, Anexo H).

Quanto ao agregado familiar, na sala existem seis filhos únicos, treze crianças com um irmão e seis crianças que têm dois irmãos. Algumas crianças têm irmãos com NEE, como a D.M e a C.C. Relativamente às habilitações literárias das mães e dos pais, a maior parte possui licenciatura, mestrado ou doutoramento.

No que concerne aos dados sociodemográficos relativos ao agregado familiar das crianças, como idade, género, aniversário e número de irmãos das crianças, assim como habilitações académicas e profissões dos pais, estes podem ser observados no Anexo O.

### 3. ANÁLISE REFLEXIVA DO TRABALHO EM JARDIM DE INFÂNCIA

| ' ' | | ' ' |

No segundo capítulo da minha prática de PPSII, encontro-me imersa no contexto socioeducativo onde estou a realizar o meu trabalho. É neste cenário que fundamento as minhas intenções educativas, ajustando-as às particularidades do ambiente, uma vez que todas as propostas pedagógicas da minha intervenção são concebidas e implementadas considerando as características do meio, da instituição, da equipa educativa, das crianças e das famílias envolvidas.

Refletir sobre as intenções educativas é crucial não apenas antes, mas também durante e após a minha intervenção. É durante esse processo reflexivo que posso identificar a necessidade de ajustes ou melhorias para garantir que a minha ação educativa seja verdadeiramente eficaz e significativa.

Um educador de infância, ao intervir, deve ter clareza sobre as suas intenções educativas, ou seja, deve atribuir significado à ação que está prestes a realizar, respondendo à pergunta fundamental: "Por que estou a fazer isto?". Essa clareza é essencial, pois orienta a prática pedagógica, assegurando a coerência entre o ensino e a aprendizagem. Assim, a intencionalidade educativa compromete o educador de infância a refletir sobre os seus propósitos, objetivos e o impacto que a sua ação terá nos valores e conhecimentos transmitidos às crianças.

Nesse contexto, a participação de todos os intervenientes é essencial para o sucesso da ação educativa. Isso inclui outros profissionais, famílias e, crucialmente, as próprias crianças. Ao envolver ativamente todos os participantes, é criado um ambiente de colaboração, no qual as experiências e perspetivas de cada um contribuem para um processo educativo mais rico e abrangente.

### **3.1. Intencionalidade de ação com as famílias**

A família desempenha um papel fundamental na educação e desenvolvimento da criança, sendo uma parte integrante das organizações educativas. É essencial que não a separemos desse contexto. Devemos obter informações relevantes da família através de reuniões, interações na sala, conversas informais e outros meios disponíveis. Muitas vezes, os dados transmitidos pela família no dia a dia são cruciais e devem ser registados para não serem esquecidos, uma vez que podem influenciar significativamente a experiência e o desenvolvimento da criança (Mata & Pedro, 2021).

Na minha prática, reconheço a importância da intencionalidade educativa em colaboração com as famílias como um elemento fundamental para promover o desenvolvimento integral e harmonioso das crianças. A intencionalidade significa

estabelecer objetivos claros e significativos para as atividades educativas, baseados no conhecimento das necessidades, interesses e características individuais de cada criança.

De acordo com Hohmann e Weikart (2011) os adultos “podem “agarrar” as famílias fazendo-as sentir-se desejadas e bem aceites no contexto da escola” (p. 117). Trabalhar em estreita colaboração com as famílias é essencial para assegurar que as práticas educativas estejam alinhadas com os valores e crenças de todos os envolvidos no processo educativo. Ao partilharmos informações sobre o desenvolvimento e progresso das crianças, bem como ao identificarmos áreas de interesse e necessidades específicas, podemos adaptar o planeamento e implementação das atividades de forma mais eficaz.

A intencionalidade educativa também implica uma reflexão contínua sobre os objetivos a atingir e os meios mais adequados para os alcançar. Esta reflexão envolve uma avaliação constante das práticas educativas, tendo em conta os resultados obtidos e as necessidades emergentes das crianças e das famílias.

É importante destacar que a intencionalidade educativa não se restringe ao contexto da sala, estendendo-se ao ambiente familiar e comunitário. Reconheço e valorizo os conhecimentos e experiências das famílias, integrando-as de forma significativa no planeamento e implementação das atividades educativas.

Ao colaborar de perto com as famílias, criei **um ambiente de confiança e respeito mútuo**, no qual todos se sintam valorizados e envolvidos no processo educativo das crianças

Muitas famílias trouxeram os seus contributos para o projeto neste dia. As famílias trouxeram cartolinas com o esqueleto de diferentes dinossauros, como o T-rex, o Triceratops, o Pterodáctil, o Brontossauro, entre outros. Trouxeram também esqueletos feitos com cotonetes, rolos de papel higiénico, rolhas de cortiça, entre outros materiais. A estagiária teve a oportunidade de conversar com algumas das famílias de manhã e aproveitou para agradecer todo o empenho e colaboração no projeto. (Nota de campo do dia 9 de fevereiro de 2024, Registo n.º 1, Anexo H).

Esta parceria fortalece os laços entre a organização socioeducativa e as famílias, promovendo um sentido de pertença e coesão social.

Para estabelecer essa colaboração, é fundamental que eu me **apresente às famílias e as informe sobre o trabalho que realizo**, incluindo detalhes sobre a minha

ação, sobre a investigação e sobre o projeto “A estagiária pediu a colaboração de algumas crianças para fazer o vídeo de divulgação do projeto às famílias. Muitas crianças tiveram interesse em participar, sobretudo as mais velhas.” (Nota de campo do dia 2 de fevereiro de 2024, Registo n.º 2, Anexo H).

Desta forma, é promovida transparência e as famílias entendem melhor o meu papel na educação das crianças e a importância da minha prática.

A **construção de uma relação próxima**, baseada em respeito e confiança mútua, é essencial para uma colaboração eficaz. Ao demonstrar empatia e estar aberta ao diálogo, pretendo criar um ambiente acolhedor e inclusivo, no qual as famílias se sintam valorizadas e ouvidas.

É fundamental que as famílias compreendam o propósito e os benefícios das atividades educativas propostas. Explicar claramente a minha ação e os objetivos das atividades pode **motivar as famílias** a integrarem-se mais no processo educativo e a apoiarem as iniciativas escolares.

Oferecer acesso a registos fotográficos e escritos das atividades desenvolvidas na instituição é uma forma eficaz de **manter as famílias informadas** sobre o progresso das crianças e envolvê-las no seu desenvolvimento. Dessa forma, as famílias acompanham de perto as experiências educativas das crianças e participam ativamente nas suas aprendizagens. Na organização socioeducativa foram enviados correios semanalmente para os pais, com descrições e fotografias da minha ação.

Além disso, incentivar o **voluntariado**, que acontece quando os pais são convidados para ir à sala, é também crucial (Mata & Pedro, 2021). Assim, é de realçar que durante o estágio convidei uma mãe para ir à organização efetuar uma atividade no domínio do projeto. Contudo, não pôde comparecer por motivos profissionais e, por isso, a sua filha quis dinamizar ela a atividade para os seus colegas. **Elaborar inquéritos por questionário** é também uma estratégia adicional para envolver as famílias na investigação, mais precisamente para perceber quais são as conceções das famílias em relação a salas heterogéneas idade e para recolher *feedback* valioso sobre a minha ação pedagógica. Essas práticas promovem uma colaboração significativa entre educadores de infância e famílias, contribuindo para o sucesso educativo e bem-estar das crianças.

Em suma, reconheço que a intencionalidade educativa em colaboração com as famílias é essencial para promover um desenvolvimento integral e harmonioso das crianças. Esta abordagem centrada na criança e na sua família contribui para a

construção de uma educação de qualidade, baseada no respeito pela individualidade e diversidade de cada criança e família.

### **3.2. Intencionalidade de ação com as crianças**

Num ambiente educativo, as intenções de um educador de infância são a bússola que orienta as ações com o grupo de crianças. Desde o primeiro dia, empenho-me em garantir que a comunicação seja sempre clara e eficaz. Este princípio é vital para estabelecer uma base sólida de confiança e entendimento entre mim e as crianças. A linguagem que utilizo é adaptada à idade, enquanto ouço atentamente cada criança e transmito informações de forma acessível e compreensível.

Parente (2012) sugere que o educador deve orientar-se pelos interesses e pontos de vista das crianças, centrando-se na satisfação das suas necessidades, curiosidades e cuidados. Adicionalmente, é essencial oferecer experiências diárias que promovam o estabelecimento de relações significativas e duradouras para cada criança. Nesta linha de pensamento, uma das minhas prioridades foi **estar atenta aos interesses e necessidades individuais** de cada criança

A estagiária perguntou sempre às crianças se era do interesse delas procurar as respostas no computador. Inicialmente, vieram o T.V e a M.V. Ambas as crianças estavam muito curiosas. A M.V fez muitas perguntas sobre como se pesquisava no computador e a estagiária foi ensinando algumas coisas. Neste momento, a M.V começou por dizer que queria pesquisar sobre os ovos dos dinossauros. Todas as imagens escolhidas pelo T.V e pela M.V foram colocadas num documento word. (Nota de campo do dia 13 de dezembro de 2023, Registo n.º 2, Anexo H).

Isso implica conhecer profundamente as crianças, ouvir as suas sugestões e adaptar as práticas pedagógicas de acordo com as preferências e habilidades de cada uma “O J.C também demonstrou bastante interesse e, por isso, no final explorou livremente a areia.” (Nota de campo do dia 5 de fevereiro de 2024, Registo n.º 2, Anexo H). O meu objetivo foi **criar um ambiente** no qual todas as crianças se sintam **compreendidas e valorizadas**. Para isso, ao organizar atividades, inclui as crianças em todos os momentos, desde o planeamento até à avaliação. Além disso, garanti que durante as atividades, as necessidades de todas as crianças eram respondidas, nomeadamente as de J.C (criança NEE).

Ao mesmo tempo, procurei **estabelecer uma relação de proximidade com o grupo, criando um ambiente acolhedor e seguro** onde todas as crianças se sintam parte de uma comunidade unida. Essa conexão emocional é fundamental para promover um ambiente de aprendizagem estimulante, no qual todas as crianças se sintam à vontade para explorar, experimentar e aprender. Além disso, **estabeleci uma relação afetiva profunda**, de muita amizade, partilha e entreajuda, de forma a que as crianças soubessem que podiam contar comigo em todos os momentos, fossem estes de brincadeira, de cooperação, de desabafo ou de carinho

De seguida, veio ter com a estagiária e ofereceu-lhe uma amêndoa para comer.

A estagiária interpretou esta oferta como um gesto de carinho por parte da criança, tendo em conta que o que a criança mais gosta de comer são frutos secos como nozes e amêndoas. (Nota de campo do dia 13 de novembro de 2023, Registo n.º 2, Anexo H).

Para isso, em todos os momentos do quotidiano, investi nesses momentos, ouvindo e respeitando sempre as crianças.

**Valorizar a participação ativa das crianças** no seu próprio processo de aprendizagem é outro aspeto crucial para mim. Desta forma, encorajei as crianças a fazerem perguntas<sup>4</sup>, a partilharem as suas ideias “Os pais enviaram fotografias e vídeos, que foram partilhados com o restante grupo. A C.B estava muito entusiasmada a contar aos amigos o que fez e como é que fez. Os amigos também estavam muito interessados em ver e aprender.” (Nota de campo do dia 29 de janeiro de 2024, Registo n.º 1, Anexo H) e a assumirem a responsabilidade pelo seu próprio desenvolvimento educativo. Cada criança é respeitada como um indivíduo único, com ritmos e necessidades de aprendizagem diferentes.

As propostas educativas são concebidas de forma a serem abrangentes, atrativas e significativas. Procurei **oferecer atividades que estimulem o interesse e a curiosidade das crianças**, abordando diferentes áreas de desenvolvimento

M.N: Joana e já havia construções? Já havia a cidade de Lisboa? Estagiária: Não M.N, não havia nenhuma construções, não havia casas, estradas, carros, nada. Sabes que são as pessoas que constroem e se as pessoas ainda não

---

<sup>4</sup> Quando as crianças chegaram à sala, repararam logo nas imagens coladas no vidro, o que chamou a atenção das mesmas. Deste modo, começaram logo a fazer muitas perguntas e a dizer “O que é que vamos fazer hoje Joana?”, “Que dinossauros são estes?”, entre outras questões.” (Nota de campo do dia 17 de janeiro de 2024, Registo n.º 1, Anexo H).

existiam, não havia cidades, só mesmo animais e muita natureza, como árvores, vulcões, mar... M.N: Não sabia disso Joana. Estagiária: (...) Olhem, alguém já foi ver dos nossos ovos de dinossauro hoje? (...) (As crianças levantaram-se e foram à janela. Ao verem que os ovos estavam abertos começaram aos saltos, muito entusiasmadas (Nota de campo do dia 1 de fevereiro de 2024, Registo n.º 1, Anexo H).

O meu objetivo foi **proporcionar aprendizagens significativas e duradouras**, preparando as crianças para serem cidadãos ativos e competentes na sociedade. Uma curiosidade muito grande das crianças era relativamente aos dinossauros, o que originou o projeto “Será que os dinossauros só existem no mundo da fantasia?”. O *feedback* das crianças ao longo das atividades foi sempre muito positivo e, até ao final, nunca perderam o entusiasmo, mantendo-se sempre curiosas. Adoraram também partilhar aquilo que sabiam com as outras salas e receberam muitos elogios.

Além do que foi referido, foi criado um portefólio de aprendizagem para a S.B, que decidiu tudo sobre a decoração e o conteúdo, sendo sempre valorizada **a sua voz, gostos e interesses**. A S.B desenvolveu **várias competências, como o sentido crítico, o sentido estético, a expressão oral e a imaginação**. O portefólio também incluiu a participação de colegas e familiares, refletindo as suas relações. Cada atividade escolhida por ela foi acompanhada de uma reflexão sobre o que fez, gostou e aprendeu, incluindo momentos importantes da rotina. O seu entusiasmo ao fazer o portefólio era evidente nas suas expressões e comentários “A S.B esteve muito tempo sem vir à organização socioeducativa. Quando chegou e viu a estagiária, deu-lhe um abraço gigante e disse “A tua chefe voltou. Quando é que vamos continuar o portefólio?”” (Nota de campo do dia 9 de janeiro de 2024, Registo n.º 5, Anexo H).

Fiquei muito contente quando ela disse que adorou o portefólio e desejava que este nunca acabasse. Foi um enorme prazer criar este portefólio com a S.B e a nossa relação fortaleceu-se bastante.

Em suma, as minhas intenções foram guiadas pelo desejo de criar um ambiente de aprendizagem positivo e enriquecedor, no qual todas as crianças se sintam respeitadas, valorizadas e incentivadas a explorar, aprender e crescer. Estas intenções são o cerne da minha prática educativa, impulsionando-me a fazer o melhor pelo grupo, dia após dia.

### 3.3. Intencionalidade de ação com a equipa educativa

Como estagiária, reconheço a importância de trabalhar em colaboração com a equipa educativa para garantir o melhor ambiente possível para as crianças. Hohmann e Weikart (2011) destacam que a relação entre a equipa educativa deve ser baseada “na honestidade, na atenção no outro, no diálogo aberto e na paciência” (p. 131). Neste sentido, **mantive-me disponível e aberta ao diálogo com a restante equipa educativa**, prontificando-me a oferecer apoio e assistência sempre que necessário. A minha disponibilidade não se limitou ao cumprimento das minhas responsabilidades individuais e incluiu a disposição para **colaborar ativamente com os outros membros da equipa**

É de realçar que a equipa educativa também alinha muito nestas propostas, sem colocar qualquer entrave. Acho que isso, de certa forma, acaba por criar memórias bastante positivas às crianças, pois têm no meio deles adultos que participam e estão presentes. (Nota de campo do dia 9 de janeiro de 2024, Registo n.º 1, Anexo H).

É fundamental que as minhas propostas educativas estejam alinhadas e harmonizadas com as da equipa para proporcionar uma experiência educativa consistente e enriquecedora para as crianças. Assim, estive comprometida em **conciliar as minhas ideias e propostas com as da equipa**, promovendo uma **abordagem integrada e coesa no planeamento e implementação das atividades educativas**. Neste sentido, ouvi as perspetivas dos colegas e fiz ajustes quando foi necessário, de forma a garantir o melhor para o desenvolvimento das crianças. Além disso, respeitei **sempre a rotina e propostas pedagógicas da equipa educativa**.

Segundo Hohmann e Weikart (2011), a colaboração em equipa deve ser caracterizada por um trabalho ativo, de apoio mútuo e marcado pelo respeito. Desta forma, reconheço a importância de **recorrer à equipa educativa** sempre que necessário, seja para partilhar ideias, discutir desafios ou solicitar apoio em determinadas situações. Trabalhar em conjunto com os colegas não só enriquece a nossa prática educativa, como também fortalece o espírito de equipa<sup>5</sup> e a solidariedade dentro da instituição.

---

<sup>5</sup> O foco da equipa são as crianças e ver os resultados de atividades como esta é muito gratificante. (Nota de campo do dia 9 de janeiro de 2024, Registo n.º 1, Anexo H).

Por último, colaborar com a equipa educativa na **adequação de um ambiente educativo rico** foi essencial para criar um espaço acolhedor, seguro e estimulante para as crianças. Criar um ambiente rico não envolveu apenas a organização física, mas também a criação de uma cultura de respeito, empatia e inclusão. Estive empenhada em contribuir ativamente para a criação e manutenção de um ambiente educativo que promova o bem-estar e o desenvolvimento integral das crianças, em colaboração estreita com os meus colegas de equipa.

### **3.4. Processo de intervenção**

Durante todo este percurso de planear, agir e avaliar, destaco a importância do envolvimento ativo das crianças. Estas foram vistas como seres capazes, com voz ativa nas decisões durante todo o processo. Acredito que ao participarem ativamente no planeamento e avaliação, estão a colaborar na construção do seu próprio processo de aprendizagem, criando assim um ambiente relacional democrático entre mim e as crianças. Além disso, respeitei os ritmos individuais das crianças e incentivei a autonomia das mesmas. Deste modo, as crianças foram o principal foco das minhas ações, garantindo sempre o seu bem-estar e desenvolvimento.

Como referem Brazelton e Greenspan (2009), as aprendizagens das crianças começam com o carinho. Neste sentido, foi fundamental estabelecer uma ligação forte de afetividade com o grupo. Considero que esta relação profunda é importante para conhecer as crianças, os seus gostos e até possíveis fragilidades. Para isso, passei muito tempo com as crianças, transmitindo segurança e conforto, dando também espaço se necessário. Mostrei sempre que as suas vontades e necessidades eram ouvidas. Desta forma, sinto que as crianças perceberam que estaria sempre lá para elas em qualquer momento e que poderiam contar comigo, fosse para brincar, para ajudar, ou até mesmo dialogar.

Para pôr em prática as minhas intenções educativas, comecei por observar o grupo de crianças que tinha à minha frente, recolhendo o máximo de informação possível. Neste sentido, Parente (2012) salienta que “Observar e escutar a criança é uma poderosa competência prática do dia-a-dia e um importante indicador da qualidade profissional...” (p. 6). Esta observação não se limitou apenas às crianças, estendi-a também ao trabalho da equipa educativa. Através destas observações diárias, pude recolher dados sobre a rotina, a organização do espaço e as interações entre a equipa educativa e as crianças. Além da observação, recorri também ao registo, anotando no

quotidiano informações relacionadas com temas específicos. Estes registos foram fundamentais para a minha investigação, permitindo-me fazer reflexões semanais. Com base nestas informações recolhidas, pude então iniciar o planeamento das minhas intervenções, refletindo sempre sobre como dar resposta às necessidades de todas as crianças do grupo. Este planeamento foi flexível e aberto, integrando sugestões das famílias e da equipa educativa. Após agir, chegava o momento de refletir e avaliar se o que foi planeado contribuiu para as necessidades, desenvolvimento e aprendizagens das crianças. Esta avaliação foi feita através de reflexões escritas, com recurso a fotografias e notas de campo, permitindo-me fazer uma análise cuidada e complexa.

O projeto “Será que os dinossauros só existem no mundo da fantasia?” foi um sucesso, contribuindo significativamente para a aprendizagem e desenvolvimento das crianças. A participação ativa das crianças foi notável em todas as etapas (Vasconceles, 2011), com atividades com base nos seus interesses e gostos. As suas ideias e opiniões foram sempre valorizadas e incluídas, resultando num envolvimento profundo no tema. As atividades variaram entre momentos ao ar livre e atividades lúdicas e motoras, atendendo às preferências do grupo. O *feedback* das crianças foi crucial para ajustar e melhorar as atividades seguintes. As crianças mostraram grande progresso, especialmente em termos de organização de materiais e comunicação em grupo, o que contribuiu para o desenvolvimento de competências sociais e de organização. A equipa educativa teve um papel fundamental, oferecendo apoio constante e *feedback* construtivo. A educadora cooperante esteve muito envolvida, proporcionando orientação e espaço para a estagiária, enquanto o assistente operacional também se mostrou interessado e prestável. As famílias foram significativamente envolvidas, recebendo atualizações semanais sobre o progresso do projeto. O envolvimento dos pais foi notável, com contribuições de recursos e elogios às atividades realizadas, reforçando o interesse e o entusiasmo das crianças. Participaram ativamente em todas as fases do projeto e, no final, deram um contributo relativo aos esqueletos dos dinossauros. Uma das famílias planeou uma atividade. No fim, foi pedido feito um correio especial sobre o projeto e foram pedidas opiniões e sugestões às famílias.

Durante o período que estive na organização socioeducativa algo que se realçou foram várias interações entre as crianças, com ênfase em momentos de entreatajuda, especialmente entre as crianças de faixas etárias diferentes. Neste sentido, ao conversar com a educadora cooperante, esta disse-me que era algo muito presente na sua prática, existindo uma grande estimulação por parte desta nos domínios da

cooperação e entreaajuda entre pares, em diversos momentos do quotidiano. Desta maneira, as crianças de forma independente já têm uma maior iniciativa e autonomia, não sendo sequer necessária a mediação dos adultos da sala, o que foi algo que me deixou espantada, por nunca ter tido uma experiência em que isto acontecesse. Além disso, as crianças têm também este tipo de comportamentos com os adultos da sala, algo que também captou a minha atenção. Resolvi escolher este tema de investigação, tendo em conta que nunca tinha refletido em relação às seguintes questões: Quais as desvantagens destas interações entre crianças de idades diferentes? Quais as vantagens para as crianças mais velhas? E para as mais novas? Quais as conceções das famílias em relação a salas heterogéneas de idade em JI? Como promover a cooperação e a entreaajuda na ação pedagógica? Desta forma, com o intuito de investigar sobre o tópico, preparei uma entrevista para fazer à educadora cooperante sobre este tema, pois tal como refere Silva et al. (2016), “A participação no planeamento e avaliação de outros profissionais que trabalham com o mesmo grupo de crianças é um dos meios de garantir a coerência do currículo e de ter outros 'olhares' sobre a aprendizagem das crianças.” (p. 16). Além disso, do grupo de crianças, foram selecionadas 14, que também foram entrevistadas. Para isso, comecei por explicar às mesmas sobre consentimento e, posteriormente, gravei as vozes e transcrevi. As famílias foram também cruciais para o sucesso desta investigação. Tentei ao máximo comunicar com as mesmas e integrá-las em diversos momentos, fossem estes do projeto ou da investigação. Ao longo da investigação, existiram momentos de partilha sobre o tópico e de explicitação do mesmo. Além disso, foi realizado um questionário, de modo a incluir as perceções das famílias sobre a heterogeneidade de idade na sala dos seus educandos. No final do estágio, foi pedido *feedback* através de um *google forms* e algumas famílias mencionaram que gostaram de ter sido informadas e incluídas na investigação. Assim, através deste processo, foi possível dar resposta aos objetivos definidos para a investigação, garantindo que todas as minhas ações estavam alinhadas com as intenções educativas previamente estabelecidas.

## 4. INVESTIGAÇÃO EM JARDIM DE INFÂNCIA

|' '' | | ''

Neste capítulo do relatório, serão fornecidos detalhes sobre o tópico que identifiquei para a investigação durante a minha PPSII, assim como os resultados alcançados após a minha intervenção na instituição. Desta forma, dei destaque à investigação intitulada “A heterogeneidade em idade numa sala de JI: as concepções das crianças, das famílias e da educadora cooperante sobre a importância dos grupos heterogêneos de idade para o desenvolvimento da criança”, que foi motivada por observações diárias, conversas com colegas e famílias, bem como registos escritos e fotográficos que coletei ao longo do período da prática.

Além de discutir o tópico em si, é elaborada uma revisão da literatura relevante, com base em estudos anteriores e teorias pertinentes sobre o tema. É também apresentado o desenho metodológico e ético que guia a minha pesquisa, garantindo transparência e rigor em todas as etapas do processo.

Por fim, dediquei espaço para apresentar e discutir os dados que recolhi durante a minha investigação, destacando descobertas importantes e conhecimentos que surgiram ao longo do estudo.

#### **4.1. Identificação e fundamentação de uma problemática**

O título da investigação é “A heterogeneidade em idade numa sala de JI: as concepções das crianças, das famílias e da educadora cooperante sobre a importância dos grupos heterogêneos de idade para o desenvolvimento da criança”. Este tema surgiu, pois apesar de já ter estado em algumas salas heterogêneas, nesta destacam-se bastante os benefícios que resultaram da presença de crianças de diferentes idades no grupo. Neste sentido, esta temática começou a chamar a minha atenção. Contudo, nunca estive em salas homogêneas de idade e, por isso, estava com alguma dificuldade em entender se existem pontos mais negativos destas interações entre crianças de diferentes idades. A cooperação e a ajuda mútua, estão muito presentes no quotidiano da sala em que estou a realizar a PPS II. Enquanto futura educadora de infância, gostaria de entender que trabalho prévio teve a educadora cooperante, até chegar ao resultado que vejo atualmente, isto é, de que forma é que uma educadora de infância deve implementar na sua prática a cooperação e ajuda mútua entre as crianças de idades diferentes e que estratégias devem ser utilizadas. Neste sentido, os objetivos estabelecidos para esta investigação foram: i) Conhecer as concepções das crianças acerca da influência da interação entre crianças de idades diferentes; ii) Conhecer a percepção da educadora cooperante sobre a importância dos grupos heterogêneos de

idade para o desenvolvimento da criança; iii) Conhecer a percepção das famílias sobre a importância dos grupos heterogêneos de idade para o desenvolvimento da criança.

Relativamente às questões de investigação, estas foram construídas com o intuito de auxiliar a dar resposta aos objetivos definidos. Desta forma, para o primeiro objetivo, foram formuladas as seguintes questões: Quais as vantagens das interações entre as crianças de idades diferentes? Quais as desvantagens das interações entre as crianças de idades diferentes? Como é que as crianças da Sala B sentem estas interações do seu quotidiano?

Quanto ao segundo objetivo, as questões foram: Qual a importância da cooperação e ajuda entre crianças de idades diferentes? Para a educadora de infância, quais são as vantagens e desvantagens de uma sala heterogênea? De que forma é que uma educadora de infância deve implementar na sua prática a cooperação e ajuda entre as crianças de idades diferentes? Que estratégias deve uma educadora de infância utilizar para adequar a sua prática pedagógica às diferentes idades presentes na sala? Que estratégias deve uma educadora de infância utilizar para fomentar a cooperação e ajuda entre pares?

Para o terceiro objetivo, as questões definidas são: Qual a importância da convivência do seu educando com crianças de diferentes idades? Para as famílias, quais são os pontos positivos das salas heterogêneas? Para as famílias, quais são os pontos negativos das salas heterogêneas?

## **4.2. Revisão da literatura**

### **4.2.1. A importância da heterogeneidade de idade em salas de JI**

A importância da heterogeneidade de idade em salas de JI é um tema crucial na discussão sobre o desenvolvimento infantil e a eficácia do sistema educacional.

Em primeiro lugar, é importante reconhecer que as crianças, mesmo na mesma faixa etária, podem estar em diferentes estágios de desenvolvimento físico, cognitivo, social e emocional. Essas diferenças individuais são naturais e esperadas, e é fundamental que o ambiente escolar as reconheça e as acomode da melhor maneira possível. Ao misturar crianças de idades diferentes numa sala, há uma oportunidade de criar um ambiente mais inclusivo, no qual as crianças podem aprender umas com as outras, independentemente da sua idade.

A diversidade de idades em salas heterogêneas de jardim de infância cria um ambiente natural para a ajuda e a cooperação entre as crianças. Cooperação,

definida como a ação de auxiliar e colaborar para alcançar um objetivo comum, é fundamental nesse contexto (Dicionário online de português, 2023). Warneken e Tomasello (2007, citados por Arezes e Colaço, 2014), acrescentam que as atividades de cooperação envolvem pelo menos dois indivíduos agindo de modo complementar. Essa dinâmica colaborativa é especialmente valorizada por Vygotsky (1978), que ressalta que o que uma criança pode fazer em cooperação hoje, ela pode fazer sozinha amanhã, enfatizando a importância da aprendizagem social em grupos etários mistos. O conceito de *entreaajuda*, que surge da ideia de ajuda mútua, é uma aptidão social que decorre naturalmente da cooperação (Priberam, 2023). Portanto, os conceitos cooperação e *entreaajuda* estão intrinsecamente interligados, como destacado por Arezes e Colaço (2014).

Katz (1995) explica que, em grupos heterogêneos em idade, além da cooperação, surgem outros comportamentos pró-sociais, como ajudar, partilhar, assumir responsabilidade social e demonstrar sensibilidade para com os outros. A interação entre crianças de diferentes idades pode promover o desenvolvimento da empatia. As crianças mais velhas aprendem a ser sensíveis às necessidades e limitações das mais novas, enquanto as mais novas podem aprender a colocar-se no lugar dos outros e a compreender diferentes perspectivas. A mesma autora também destaca que os mamíferos jovens de todas as espécies aprendem através dos processos complementares de jogo e exploração, enfatizando a importância da brincadeira e da exploração nas interações entre as crianças de diferentes idades. Nestes momentos de interação, as crianças observam-se umas às outras e a outros seres humanos, especialmente aqueles que são mais velhos, mais qualificados e mais conhecedores (Gray, 2011).

Um dos principais benefícios da heterogeneidade de idade é a oportunidade de promover a aprendizagem social e emocional. Segundo Katz (1990) as crianças mais velhas vão assumir uma postura de responsabilidade acrescida e vão ser um modelo de exemplo para os mais novos, assumindo papéis de liderança. Em simultâneo, a mesma autora refere que as crianças mais novas do grupo, através da observação e da imitação dos exemplos dados pelas crianças mais velhas, vão desenvolver-se mais rapidamente nos diferentes domínios, beneficiando da orientação e do exemplo dos mais velhos. Essa interação entre diferentes faixas etárias ajuda a desenvolver habilidades importantes, como empatia, cooperação e resolução de conflitos, que são essenciais para o sucesso não apenas na escola, mas também na vida. Além disso,

estas interações podem ajudá-las a desenvolver habilidades de liderança, comunicação e responsabilidade, preparando-as para desafios futuros nas organizações socioeducativas e na vida (Katz, 1998). É de realçar que é comum nestas interações, que as crianças mais velhas sirvam de modelos de comportamento para as mais novas. Ao observar e interagir com os colegas mais velhos, as crianças mais novas podem aprender habilidades sociais, comportamentos adequados e até aprendizagens de forma mais eficaz. As crianças mais novas, ao receberem ajuda e apoio das mais velhas, aprendem com esse exemplo e tendem a replicar esse comportamento quando se tornam as mais velhas do grupo (Katz, 1998).

Além disso, a heterogeneidade de idade pode enriquecer o ambiente de aprendizagem ao proporcionar uma variedade de perspectivas e experiências. Cada criança traz consigo um conjunto único de interesses, habilidades e conhecimentos, e quando essas diferenças são valorizadas e compartilhadas, o resultado é uma sala mais dinâmica e estimulante. As crianças mais velhas podem trazer conhecimentos que desafiam e inspiram as mais novas, enquanto estas últimas podem oferecer uma perspectiva criativa sobre os problemas e desafios apresentados. De acordo com Katz (1995), quando crianças de diferentes idades são agrupadas na primeira infância, isso aumenta a heterogeneidade do grupo, destacando as suas diferenças. A interação entre estas crianças proporciona uma variedade de conhecimentos e habilidades, enriquecendo assim a experiência educativa. Neste sentido, a variedade de idades nas salas de JI pode criar um ambiente mais diversificado e inclusivo, onde as diferenças individuais são valorizadas e celebradas. Isso pode ajudar a combater estereótipos e preconceitos, promovendo uma cultura de respeito e aceitação mútua desde cedo. Além disso, a heterogeneidade de idade nas salas de JI pode provocar diversos benefícios na vida das crianças, tendo em conta que a interação entre as crianças das diferentes idades numa sala, promove um ambiente de aprendizagem colaborativo, no qual as crianças mais velhas têm a oportunidade de ajudar as mais novas. Desta forma, são fortalecidos os laços entre as crianças, incentivando a cooperação e o apoio mútuo.

A diversidade de idades pode proporcionar oportunidades para que as crianças mais novas se sintam valorizadas e apoiadas pelos colegas mais velhos. Para as crianças mais novas, a interação positiva com crianças mais velhas pode aumentar a sua autoestima e confiança, incentivando-as a envolverem-se mais nas atividades e a expressarem as suas ideias. Já para as crianças mais velhas, estas fortalecem a sua autoestima e confiança, tendo em conta que são um exemplo e que podem partilhar os

seus conhecimentos com as crianças mais novas (Katz, 1998). Folque et al. (2015) reforçam esta ideia, referindo que as crianças mais velhas, ou mais capazes em determinado domínio, assumem a responsabilidade de cuidar, integrar e apoiar a participação plena dos mais novos.

Tal como refere Montessori (1949), o maior sinal de sucesso para um educador de infância é poder dizer “as crianças estão a trabalhar como se eu não existisse”, mostrando progressos na sua independência. Neste sentido, uma das vantagens que é mais notável em salas heterogêneas de idade é o desenvolvimento progressivo da autonomia. Ao interagir com crianças de diferentes idades, as crianças mais novas podem desenvolver maior independência e autonomia. Podem sentir-se encorajadas a explorar novas ideias e atividades, sabendo que têm o apoio e a orientação dos colegas mais velhos, o que pode promover um sentimento de realização e autoconfiança. Assim, as crianças mais novas tendem a espelhar as mais velhas, o que promove o desenvolvimento de autonomia, enquanto em simultâneo recebem conforto e encorajamento das mesmas. Por outro lado, as crianças mais velhas cultivam a sua tolerância e responsabilidade ao ajudar as mais novas (Katz, 1995).

De acordo com Teixeira et al. (2011) a diversidade de idades em salas de JI pode contribuir para um ambiente mais tolerante e inclusivo, tendo em conta que “maior é o laque de comportamentos que são aceites e tolerados tanto pelos adultos como pelas próprias crianças” (p. 58). Quando as crianças interagem com colegas de diferentes idades, aprendem a valorizar as diferenças individuais e a respeitar a diversidade. Isso é fundamental para o desenvolvimento de cidadãos responsáveis e conscientes, capazes de conviver harmoniosamente numa sociedade cada vez mais plural.

No entanto, é importante ressaltar que a heterogeneidade de idade só traz benefícios quando acompanhada por uma abordagem pedagógica adequada. Os educadores de infância devem encarar as aprendizagens associadas a cada faixa etária não como padrões rígidos e imutáveis, mas sim como orientações para a sua prática pedagógica (Silva et al., 2016). Deste modo, estes profissionais devem ser capazes de adaptar o seu ensino para atender às necessidades individuais de cada criança, levando em consideração não apenas a sua idade, mas também o seu nível de desenvolvimento e os seus interesses pessoais. Além disso, é essencial que os educadores de infância garantam que todas as crianças têm acesso a oportunidades de aprendizagem equitativas, independentemente da sua idade ou nível de habilidade.

Em suma, tal como menciona Teixeira et al. (2011), as crianças mais novas contam com o apoio das mais velhas, enquanto estas últimas percebem que as mais novas necessitam da sua assistência para completar determinadas tarefas. Esta dinâmica promove um ambiente de ajuda e colaboração que beneficia tanto o grupo de crianças como os educadores de infância. A diversidade de idades nas salas de JI pode oferecer uma variedade de vantagens, incluindo colaboração na aprendizagem, modelagem de comportamento, desenvolvimento de empatia, fortalecimento da autoestima e confiança, estímulo à autonomia, promoção da diversidade e inclusão, e desenvolvimento de habilidades de liderança. Esses benefícios podem contribuir significativamente para o crescimento e desenvolvimento holístico das crianças, preparando-as para enfrentar os desafios do mundo em constante mudança ao seu redor. Contudo, para que esses benefícios sejam alcançados, é fundamental que os educadores de infância adotem uma abordagem pedagógica sensível e inclusiva, que leve em consideração as necessidades individuais de cada criança.

#### **4.2.2. As desvantagens da heterogeneidade de idade em salas de JI**

As salas heterogêneas de idade em JI, onde crianças de diferentes faixas etárias aprendem juntas, são frequentemente promovidas como ambientes ricos para a socialização e para a aprendizagem colaborativa. No entanto, esta abordagem também apresenta uma série de desvantagens que precisam de ser consideradas para garantir uma educação eficaz e inclusiva.

Uma das principais desvantagens das salas heterogêneas é a complexidade no planeamento e na implementação do currículo. Nesta linha de raciocínio, Katz (1995) reforça que em salas heterogêneas de idade, a complexidade do planeamento curricular aumenta significativamente, pois os educadores de infância precisam de responder a uma ampla gama de habilidades e interesses. Deste modo, os educadores de infância enfrentam o desafio de adaptar atividades e materiais para atender a uma vasta diversidade de habilidades e níveis de desenvolvimento. Esta necessidade de diferenciação pode ser exaustiva e exigir um planeamento minucioso, muitas vezes sem os recursos e o apoio adequados (Tomlinson, 2001). Além disso, o tempo e a atenção do educador de infância precisam de ser equilibrados cuidadosamente para garantir que todas as crianças recebem o apoio necessário, independentemente da sua idade. Os

materiais didáticos precisam de ser diversificados para atender a diferentes níveis de habilidade, o que pode aumentar os custos e a logística (Tomlinson, 2001).

Segundo Piaget (1977) a diferença de desenvolvimento entre crianças de diferentes idades numa sala pode criar barreiras significativas para a aprendizagem coletiva. As diferenças de desenvolvimento entre crianças mais novas e mais velhas é um dos desafios mais significativos em salas heterogêneas de idade. As crianças mais velhas podem ter habilidades cognitivas, sociais e motoras mais avançadas, o que pode criar uma disparidade significativa em relação às crianças mais novas. Esta disparidade pode levar a frustrações e sentimentos de inadequação entre as crianças mais novas, que podem comparar-se negativamente com os seus colegas mais velhos. Neste sentido, Elkind (1981) acrescenta ainda que as crianças pequenas em salas mistas podem sentir-se pressionadas a corresponder às expectativas para além da sua prontidão para o desenvolvimento, o que pode levar a situações de *stress* e frustração. Ademais, as atividades e interesses variam amplamente com a idade, tornando difícil envolver todas as crianças simultaneamente em atividades que sejam apropriadas e estimulantes para todos. Sylva (2004) reforça que embora as interações entre diferentes grupos etários possam ser benéficas, também podem tornar difícil criar um currículo que seja acessível e estimulante para todas as crianças.

As interações sociais em salas heterogêneas de idade podem ser complexas. Tizard (1982) salienta que a dinâmica social em salas heterogêneas pode ser complexa, com crianças mais velhas a influenciar as mais novas, podendo afetar as suas interações e o seu desenvolvimento social. As crianças mais velhas podem, por vezes, assumir um papel dominante, influenciando negativamente as interações sociais. Isto pode limitar as oportunidades das crianças mais novas de desenvolver habilidades de liderança e autonomia (Tizard & Hughs, 1984). Além disso, algumas crianças podem preferir interagir com pares da mesma idade, o que pode restringir a socialização entre diferentes faixas etárias e potencialmente levar ao isolamento de algumas crianças.

Bruner (1960) reflete sobre a dificuldade na avaliação e progresso individual, tendo em conta que em salas heterogêneas de idade, é complicado avaliar o progresso de cada criança de forma justa e adequada, dada a grande variedade de habilidades e níveis de desenvolvimento. Desta forma, monitorizar e avaliar o progresso de cada criança numa sala multietária é uma tarefa complexa. As expectativas de desenvolvimento precisam de ser ajustadas individualmente, o que torna o processo de avaliação mais demorado e complicado (Bruner, 1966). Isto pode dificultar a

identificação de necessidades específicas e a implementação de intervenções eficazes. Além disso, a comparação entre crianças de diferentes idades pode ser inadequada e desencorajadora, afetando negativamente a autoestima e a motivação.

Embora as salas heterogêneas de idade ofereçam várias vantagens, como a promoção da cooperação, a ajuda mútua e a socialização entre as diferentes faixas etárias, as desvantagens não devem ser subestimadas. Desafios na implementação do currículo, diferenças de desenvolvimento, complexidades nas relações sociais e dificuldades na avaliação são questões significativas que precisam de ser abordadas. Para que as salas heterogêneas de idade sejam verdadeiramente eficazes, é crucial que os educadores de infância considerem estas desvantagens e trabalhem para mitigá-las, garantindo que todas as crianças têm uma experiência de aprendizagem enriquecedora e equitativa.

#### **4.2.3. A ação de um educador de infância num grupo heterogêneo de idade em salas de JI**

Adaptar a ação de um educador de infância a um grupo heterogêneo de idade em sala de JI é um desafio significativo, mas também uma oportunidade para criar um ambiente educacional rico e inclusivo. Neste contexto, é crucial que os educadores de infância desenvolvam estratégias eficazes para atender às necessidades individuais de cada criança, levando em consideração não apenas a sua idade, mas também o seu nível de desenvolvimento, interesses e habilidades. Segundo Teixeira et al. (2011), os educadores de infância desempenham um papel fundamental na maximização e valorização dos benefícios da diversidade de idades na educação pré-escolar.

Uma das primeiras etapas para a adaptação bem-sucedida é o reconhecimento e a aceitação da diversidade de idades na sala. Silva et al. (2016), refere que cada criança “é um ser único, com características, capacidades e interesses próprios, com um processo de desenvolvimento singular e formas próprias de aprender.” (p. 8). Assim, cada criança é única e traz consigo uma bagagem única de experiências, habilidades, interesses, necessidades e características de desenvolvimento. De acordo com Silva et al. (2016), é crucial entender e avaliar o contexto do ambiente educativo para ajustar continuamente a intervenção às características e necessidades das crianças. Ao compreender e valorizar as particularidades de cada criança, os educadores de infância podem criar experiências de aprendizagem mais personalizadas e significativas, que atendam às necessidades específicas de cada criança e promovam o seu

desenvolvimento integral. Além disso, ao reconhecer as dinâmicas e interações únicas dentro de um grupo heterogêneo, os educadores de infância podem criar um ambiente inclusivo e colaborativo, no qual todas as crianças se sintam respeitadas, valorizadas e capazes de contribuir de forma única para o grupo.

Pozas et al. (2020) descrevem a diferenciação pedagógica como um conjunto de estratégias que capacitam os educadores de infância a atender de forma eficaz às diversas necessidades e características individuais das crianças. Assim, uma estratégia importante em salas heterogêneas de idade é a diferenciação instrucional, que envolve adaptar o conteúdo, os métodos e os materiais de ensino para atender às necessidades individuais de cada criança. Por exemplo, os educadores de infância podem oferecer atividades e tarefas que abordem diferentes níveis de complexidade, permitindo que cada criança se sinta desafiada e envolvida no seu próprio processo de aprendizagem.

É de realçar que Katz (1992) indica que, para aproveitar os benefícios de um grupo com idades variadas, o educador de infância deve incentivar atividades nas quais todas as crianças possam participar juntas, permitindo que cada uma contribua de forma significativa. Desta forma, os educadores de infância podem aproveitar a diversidade de idades na sala como uma oportunidade para promover a aprendizagem colaborativa. As crianças mais velhas podem desempenhar papéis de mentores e modelos para as mais novas, ajudando-as a desenvolver habilidades sociais, académicas e emocionais. Por sua vez, as crianças mais novas podem trazer uma energia e criatividade únicas para o grupo, enriquecendo as experiências de aprendizagem de todos. Estimular a colaboração entre as crianças, incentivando-as a ajudarem-se mutuamente, a desenvolverem um senso de responsabilidade, a compartilharem ideias e conhecimentos, e a gerenciarem as suas interações de forma construtiva, deve ser uma das prioridades de um educador de infância (Maia, 2014).

Hohmann e Weikart (2011) mencionam que os educadores de infância ao encorajarem as crianças a pedirem ajuda aos seus pares, promovem a construção de relações de confiança e de entreajuda. Neste sentido, os educadores de infância devem incentivar as crianças a interagirem entre si, de forma a procurarem autonomamente explicações para as suas dúvidas, a encontrarem conforto e a colaborarem mutuamente, sem que a idade seja um obstáculo, pois tanto as crianças mais velhas podem ajudar as mais novas, como vice-versa.

É importante também que os educadores de infância promovam um ambiente inclusivo e respeitoso, onde todas as crianças se sintam valorizadas e respeitadas,

independentemente da sua idade. Isso pode envolver a implementação de regras e rotinas claras, o estabelecimento de expectativas de comportamento positivas e o incentivo à comunicação aberta e à resolução de conflitos de forma construtiva.

Além disso, os educadores de infância devem estar atentos às necessidades emocionais das crianças e fornecer apoio e orientação quando necessário. Essa atenção pode abranger a implementação de atividades de desenvolvimento socioemocional, a promoção da empatia e da resiliência, e o estabelecimento de relações de confiança e segurança com cada criança.

O pedagogo Jean Piaget descreveu brincar como sendo “*the work of children*”, um “trabalho” que permite o desenvolvimento dos seus cérebros, que lhes permite comunicar, sentir controlo sobre as suas vidas e ampliar conceitos. Segundo Brougère (1998), o brincar e o jogar são práticas naturais e indiscutíveis na vida das crianças. Neste sentido, as crianças brincam e jogam porque é próprio da sua idade e porque estes comportamentos lhes trazem benefícios. Desta forma, podemos considerar que o papel dos profissionais educativos deve passar por criar um espaço propício para que as crianças se sintam seguras e confortáveis, de modo a exercer o seu direito de brincar “*Early childhood teachers should create a relaxed and comfortable environment in which children feel safe to explore and experience new playful experiences.*” (Lino & Parente, 2018, p. 148), promovendo assim o seu sucesso futuro. Em salas heterogêneas de idade, são muito comuns as brincadeiras de “faz-de-conta” entre as crianças mais novas e as mais velhas, sobretudo brincar “às mães e aos pais”. Isto acontece, pois cada criança tem, de forma natural, o seu contributo e papel na brincadeira (Katz et al., 1990).

Após tudo o que foi mencionado, é de realçar que existem alguns modelos pedagógicos, em que o educador de infância se pode guiar, que valorizam a heterogeneidade de idades nas salas de JI, pois veem a mesma como um elemento enriquecedor do ambiente educativo. Estes modelos são o Modelo *Montessori*, o Modelo *Reggio Emilia*, o Movimento da Escola Moderna (MEM), entre outros.

No modelo *Montessori*, a heterogeneidade de idade em salas de JI exige que o educador desempenhe o papel de guia e observador, facilitando a aprendizagem autodirigida e personalizada. Montessori (2017b) refere que o adulto faz parte do ambiente e deve adaptar-se às necessidades da crianças, para não ser um obstáculo para estas. O educador de infância deve criar um ambiente preparado, no qual os materiais e as atividades são acessíveis a diferentes faixas etárias, e observa

atentamente para apoiar as interações entre as crianças mais novas e as mais velhas, promovendo uma dinâmica de mentoria natural (Montessori, 2017b).

Na abordagem *Reggio Emilia*, o educador de infância é visto como “um parceiro, um facilitador, um observador e um co-aprendiz” (Silva, 2016, p. 5), que valoriza as contribuições de cada criança e promove projetos colaborativos. Lino (2013) realça que neste modelo “a educação é considerada uma atividade comum, uma partilha de cultura, que se processa através da discussão, da exploração e experimentação em torno de temas ou tópicos que, frequentemente, dão origem a trabalhos de projeto e que são realizados em conjunto por crianças e adultos.” (p. 113). Deste modo, tal como salienta Lino (2007) “no modelo pedagógico de *Reggio Emilia* privilegia-se o ouvir e o falar, dando primazia à escuta atenta da criança em detrimento do professor que fala e expõe” (p. 127). Para promover esta participação ativa e estimular a cooperação, o educador deve então estar atento para criar oportunidades nas quais as crianças de diferentes idades possam interagir e aprender juntas, e onde as ideias e experiências únicas de cada criança possam ser incorporadas no processo de aprendizagem.

No MEM, a cooperação e a autonomia são fundamentais, com crianças de diferentes idades, trabalhando em conjunto em projetos e atividades que promovem a socialização e a responsabilidade mútua. De acordo com Niza (2013), “A escola define-se para os docentes do MEM como um espaço de iniciação às práticas de cooperação e de solidariedade de uma vida democrática.” (p. 144). O educador desempenha o papel de facilitador, incentivando a colaboração entre crianças mais novas e mais velhas, adaptando as atividades para serem adequadas a diferentes faixas etárias, e promovendo um ambiente inclusivo e democrático. Niza (2007) afirma que os educadores que baseiam a sua prática no MEM são aqueles que incentivam a organização participativa, promovem a cooperação, atuam como animadores cívicos e morais para o treino democrático, e são auditores ativos que fomentam a livre expressão e a atitude crítica. Estes educadores também sustentam e estimulam a autonomia e a responsabilização de cada educando dentro do grupo de educação cooperativa.

Em todos estes modelos, a habilidade do educador em gerir e aproveitar a heterogeneidade de idades é crucial para criar um ambiente de aprendizagem enriquecedor e inclusivo.

Em resumo, a adaptação da ação de um educador de infância a um grupo heterogéneo de idade em sala de JI requer uma abordagem flexível, criativa e centrada na criança. Ao reconhecer e valorizar a diversidade de idades na sala, diferenciar a

instrução, promover a aprendizagem colaborativa e criar um ambiente inclusivo e acolhedor, os educadores de infância podem criar uma experiência educacional enriquecedora e significativa para todas as crianças.

### **4.3. Elaboração do roteiro metodológico e ético**

No âmbito da Prática Profissional Supervisionada II, foi solicitada a elaboração de uma investigação no contexto de JI. No presente trabalho exponho as opções metodológicas e éticas que foram adotadas no decorrer da investigação realizada.

A investigação “A heterogeneidade em idade numa sala de JI: as conceções das crianças, das famílias e da educadora cooperante sobre a importância dos grupos heterogêneos de idade para o desenvolvimento da criança”, surgiu no decorrer da PPSII. Em relação aos participantes, estes foram a educadora cooperante, as famílias e algumas crianças da sala. Para a realização desta investigação selecionei um grupo de crianças. Um dos critérios para realizar a seleção foi a idade e, por isso, escolhi crianças de 5 anos, de 4 anos e, por fim, de 3 anos. Outro critério foi o sexo, tendo escolhido metade das crianças do sexo feminino e metade do sexo masculino. Apesar disso, existem somente quatro crianças de 4 anos no grupo e, por isso, com esta idade tiveram de ser selecionadas três crianças do sexo masculino e apenas uma do sexo feminino. Além disso, escolhi crianças comunicativas, que penso que terão mais facilidade e interesse em responder às perguntas da entrevista. O M.N tem uma Perturbação do Espectro Autista (PEA), mais precisamente Síndrome de Asperger e, desta forma, considere interessante incluí-lo, tendo em conta que poderá sentir estas interações sociais de forma diferente.

Desta forma, escolhi M.C, C.C, M.N, M.S, L.S, M.P, S.G, B.S, A.A, J.F, N.G e H.G. (Anexo P).

Relativamente aos objetivos definidos para esta investigação, foram traçados os que se seguem: i) Conhecer as conceções das crianças acerca da influência da interação entre crianças de idades diferentes; ii) Conhecer a perceção da educadora cooperante sobre a importância dos grupos heterogêneos de idade para o desenvolvimento da criança; iii) Conhecer a perceção das famílias sobre a importância dos grupos heterogêneos de idade para o desenvolvimento da criança.

A presente investigação é de natureza qualitativa, pois tem o intuito de aprofundar a compreensão de aspetos relacionados com a importância das interações entre crianças com idades distintas, com base na recolha e análise de dados

qualitativos. De acordo com Rodríguez et al., (1999, citado por Meirinhos e Osório, 2010) “A expressão investigação qualitativa tem sido usada como designação geral para todas as formas de investigação que se baseiam principalmente na utilização de dados qualitativos, incluindo (...) os estudos de caso” (p. 50). Esta investigação trata-se de um estudo de caso descritivo. Yin (2003) menciona que um estudo de caso é uma investigação empírica que “investiga um fenômeno contemporâneo em profundidade e em seu contexto de vida real, especialmente quando os limites entre o fenômeno e o contexto não são claramente evidentes.” (p. 39).

Em relação às técnicas de recolha de dados e instrumentos utilizados, estes foram selecionados, com o intuito de auxiliarem na concretização dos objetivos da investigação. Uma das técnicas mais utilizadas na minha investigação foi a observação, tanto observação participante como não participante. A observação participante é considerada “um modo especial de observação, em que o investigador não é meramente um observador passivo, mas pode assumir uma variedade de papéis no estudo de caso, podendo mesmo participar em acontecimentos a serem estudados.” (Yin, 2005, citado por Meirinhos & Osório, 2010, p. 61). Neste sentido, ocorreram diversos momentos nos quais existiu a minha intervenção ou mediação, assim como momentos nos quais tentei criar oportunidades de interação, entreajuda e cooperação entre as crianças. Por outro lado, na observação não participante, o investigador tem um papel passivo, não participando na ação que está a decorrer. Durante a investigação, estes momentos estiveram muito presentes, uma vez que considerei importante dar liberdade às crianças para gerirem as suas emoções, resolverem os seus conflitos, entreajudarem-se mutuamente, entre outros. Desta forma, aconteceram sobretudo quando quero observar o comportamento de uma ou mais crianças face a determinada situação. Durante a observação, sobretudo não participante, como instrumento de recolha de dados usei notas de campo, que são tanto registos do que observo, penso e oiço, como reflexões. Estas são de extrema relevância, pois tal como referem Vázquez e Angulo (2003) dada a vulnerabilidade da nossa memória, conseguimos desta forma salvaguardar os dados “com vida”, os sentimentos e as experiências da investigação. Para recolher dados fidedignos recorri também ao registo fotográfico e videográfico. Estas fotografias, tiradas com o telemóvel, de certos momentos observados no dia a dia, auxiliaram a minha memória e permitiram que analisasse as situações registadas com bastante rigor e pormenor. Por vezes, mais facilmente me relembra de fenómenos ao observar as imagens, do que a ler alguns

apontamentos escritos. Apesar de recorrer maioritariamente as fotografias, os vídeos também foram essenciais em algumas circunstâncias, tendo em conta que era mais fácil analisar o ocorrido, como por exemplo, em momentos afetivos das crianças, visto que é possível ver reações e emoções.

Para a recolha de informação útil para a minha investigação, mais precisamente, para o objetivo “Conhecer a perceção da educadora cooperante sobre a importância dos grupos heterogéneos de idade para o desenvolvimento da criança”, efetuei também uma entrevista semiestruturada à educadora cooperante, que foi validada por dois educadores de infância de pré-escolar, da mesma instituição. Segundo Flick (2004) as entrevistas semiestruturadas causam a expectativa de que é mais provável que os sujeitos entrevistados expressem os seus pontos de vista numa situação de entrevista desenhada de forma relativamente aberta. Além disso, com o objetivo de dar resposta ao objetivo “Conhecer as conceções das crianças acerca da influência da interação entre crianças de idades diferentes”, recorri novamente à entrevista semiestruturada, que foi feita com 14 crianças de idades mistas e foi validada por crianças de outra sala de pré-escolar. Com o intuito de entender qual a conceção das famílias relativamente à integração dos seus filhos numa sala heterogénea, foi efetuado um inquérito por questionário às famílias, que foi validado por outros adultos que têm filhos a frequentar o pré-escolar. O questionário é uma técnica que se baseia na criação de um formulário, previamente elaborado e normalizado, utilizada sobretudo nas investigações quantitativas. Apesar disso, o questionário pode prestar um importante serviço à investigação qualitativa, enquanto técnica de recolha de dados (Rodríguez et al., 1999). Não realizei entrevistas a todas as famílias, devido ao tempo e disponibilidade das famílias para reunirem comigo.

É de realçar o papel fundamental da pesquisa documental, porque “A informação recolhida pode servir para contextualizar o caso, acrescentar informação ou para validar evidências de outras fontes” (Meirinhos & Osório, 2010, p. 62). Neste sentido, procurei documentos escritos por autores de referência (Katz, Teixeira, Gray, Lino, Niza, Montessori, Piaget, entre outros) para fundamentar a minha investigação e me auxiliarem a encontrar respostas relativas ao que pretendo saber.

Ao longo da minha investigação, o processo de análise de dados utilizado foi a análise de conteúdo. De acordo com Amado (2017) a análise de conteúdo consiste numa técnica de pesquisa documental que procura arrumar num conjunto de categorias de significação o conteúdo manifesto dos mais diversos tipos de comunicações. Recorri

a este método, com o intuito de analisar o conteúdo da minha investigação, registado em perguntas de resposta aberta dos questionários feitos às famílias, na entrevista efetuada às crianças e na entrevista realizada à educadora cooperante. No que diz respeito às perguntas de resposta fechada dos questionários feitos às famílias, a análise foi executada e apresentada sobretudo através de percentagens e gráficos.

Ao utilizar fontes múltiplas de evidência, é proporcionada uma melhor triangulação de dados, pois as conclusões serão muito mais convincentes se forem baseadas em várias fontes distintas de informação, obedecendo a um estilo corroborativo de pesquisa (Yin, 2005, citado por Meirinhos & Osório, 2010).

Por último, no que diz respeito a questões éticas, qualquer educador de infância deve guiar a sua ação com base num conjunto de princípios éticos e deontológicos. Neste sentido, como referência na minha prática, no Anexo Q poderá ser observado um roteiro ético, no qual podemos encontrar os 10 princípios éticos e deontológicos defendidos por Tomás em 2011 e os valores definidos na Carta de Princípios para uma Ética Profissional, feitos pela Associação de Profissionais de Educação de Infância, ou seja, a APEI, em 2011. Os princípios éticos mais relevantes para a investigação foram: “Promover a aprendizagem e a socialização numa vida de grupo cooperada, estimulante, lúdica, aberta à comunidade.” (APEI, 2011, p. 1); “Respeitar a família das crianças e a sua estrutura, valorizando a competência educativa das mesmas e colaborando de modo a que as mesmas sintam que a família e a instituição estão ligadas no processo educativo” (APEI, 2011, p. 2) e “Ser solidário com os seus colegas de trabalho nas decisões tomadas em conjunto e nas situações difíceis” (APEI, 2011, p. 2).

#### **4.4. Apresentação e discussão dos resultados**

Após abordar questões relativas à problemática e à sua fundamentação, assim como a toda a minha ação em prol desta investigação, é crucial agrupar os dados recolhidos, para que seja posteriormente feita uma análise e reflexão com base nos mesmos. Deste modo, iremos obter respostas e conhecimentos pertinentes que dizem respeito aos objetivos delineados previamente.

Este subcapítulo encontra-se estruturado, com o intuito de facilitar a compreensão do leitor, para que este encontre com simplicidade as respostas aos objetivos definidos para a atual investigação. Desta forma, este subcapítulo está dividido noutros subcapítulos, cada um referente à apresentação e discussão dos dados relativos aos diferentes objetivos desta investigação. Para tal, procedi à execução de

uma árvore categorial e de gráficos referentes ao conteúdo recolhido num questionário feito às famílias. Preparei também uma entrevista para ser feita à educadora cooperante, relacionada com o tema e com a ação pedagógica da mesma. Do grupo, foram selecionadas também 14 crianças, que foram entrevistadas. Posteriormente, foi efetuada uma árvore categorial com os dados obtidos. Por fim, recorri também a notas de campo, registos fotográficos e reflexões para recolha de dados.

#### **4.4.1. Conhecer as concepções das crianças acerca da influência da interação entre crianças de idades diferentes**

Neste subcapítulo, procuramos responder ao objetivo “Conhecer as concepções das crianças acerca da influência da interação entre crianças de idades diferentes”. Os dados foram recolhidos através de: i) Guião e transcrição das respostas das crianças a uma entrevista semiestruturada (Anexos R e S). Além disso, foi realizada uma árvore categorial com as respostas das crianças, que poderá ser consultada no Anexo T.

É de realçar que no final da discussão dos dados obtidos, os registos fotográficos (Anexos U e V) e a observação registada em notas de campo (Anexo W) têm um papel crucial para evidenciar os resultados obtidos.

A entrevista aborda a heterogeneidade de idades num JI, examinando como a convivência entre crianças de diferentes idades afeta as suas interações, preferências e desenvolvimento. Os dados foram recolhidos por meio de uma entrevista feita a 14 crianças e foram organizados em categorias e subcategorias, que apresentam um panorama abrangente das dinâmicas entre crianças de 3, 4 e 5 anos.

A árvore categorial mostra que há um equilíbrio na distribuição etária dos entrevistados, com quatro crianças de cada faixa etária (3, 4 e 5 anos) (Anexo T). Esta distribuição equitativa permite uma análise comparativa equilibrada entre as diferentes idades e foi definida de acordo com critérios como o sexo, a idade e as características individuais das crianças (Anexo P).

#### **Tabela 1.**

*Razões de preferência para brincar com os colegas.*

<b>Categoria</b>	<b>Subcategoria</b>
Razões de preferência para brincar com o grupo dos 5 anos	O M.N faz parte do grupo
	Gosta de conduzir carros
	São mais velhos

	Vão ao Inglês
Razões de preferência para brincar com o grupo dos 4 anos	A Joana ia passar a tarde com esse grupo
	Gosta dos colegas
Razões de preferência para brincar com o grupo dos 3 anos	A M. faz parte do grupo
	Os de 4 e 5 anos são maus

*Nota.* Tabela elaborada pela autora do relatório.

No que diz respeito às preferências das crianças em relação à idade dos colegas com quem gostam de brincar, o grupo de crianças de 5 anos (que engloba também duas crianças de 6 anos) é o mais escolhido, com sete incidências. As crianças de 4 e 5 anos frequentemente preferem brincar com as de 5 anos, citando motivos como afinidade pessoal, admiração e amizade. Três crianças de 4 anos expressaram preferência por brincar com colegas de 4 anos, o que indica uma ligação forte entre crianças da mesma faixa etária. Apenas uma criança demonstrou preferência por brincar com colegas de 3 anos, sugerindo uma menor integração ou valorização desta faixa etária pelos mais velhos (cf. Tabela 1).

## **Tabela 2.**

*Razão de não gostarem de brincar com alguns colegas.*

<b>Categoria</b>	<b>Subcategoria</b>
Brincadeiras	Brincar com o Gastão
	Brincar às princesas
Comportamentos desadequados	Arranha
	São desarrumados
Conflito entre pares	Faz comentários desagradáveis
Habilidades artísticas	Não faz desenhos giros

*Nota.* Tabela elaborada pela autora do relatório.

As relações entre pares mostram tanto afinidades quanto rejeições. As crianças de 5 anos, como o M.N, a M.C e a C.V, são as mais mencionadas, indicando popularidade e liderança entre os colegas. Ainda que poucas, existiram algumas menções de rejeição, especialmente entre as crianças de 5 e 3 anos. As razões para não gostarem de brincar com certos colegas variam desde incompatibilidade de brincadeiras até comportamentos indesejados (e.g., arranhar, conflitos) (cf. Tabela 2). Outra razão mencionada é a incompatibilidade nas brincadeiras “R: Porque ela gosta de

brincar às princesas e eu não gosto de brincar às princesas.” (Entrevista feita ao M.P, Anexo S).

**Tabela 3.**

*Razão de escolhas das amizades.*

<b>Categoria</b>	<b>Subcategoria</b>
Brincadeiras	Brincar aos Super-Heróis
	Jogar à bola
	Às mães e aos pais
	Brincar à Patrulha Pata
Competências sociais	Partilhar
Habilidades artísticas	Desenhos giros

*Nota.* Tabela elaborada pela autora do relatório.

Relativamente às razões pelas quais as crianças escolhem os seus amigos, estas destacam a importância das brincadeiras e gostos em comum. De acordo com Brougère (1998), o brincar é intrínseco à condição humana e tornou-se uma prática essencial e incontestável na vida das crianças. Katz (1995) salienta que os mamíferos de todas as espécies aprendem através dos processos complementares de brincadeira, jogo e exploração, destacando a importância dessas atividades nas interações entre crianças de diferentes idades. Além disso, Katz et al. (1990) reforça ainda que em salas de idades mistas, as brincadeiras de faz-de-conta, como brincar às 'famílias', são frequentes, uma vez que cada criança assume naturalmente um papel específico na atividade lúdica, como podemos verificar nas respostas de diversas crianças “R: Porque eu gosto deles. Brincamos às mães e aos pais, a M.C é a mãe, o M.N o pai e eu sou o bebé.” (Entrevista feita à L.S, Anexo S), “R: Às mães e aos pais” (Entrevista feita à B.S, Anexo S) e “R: Porque uns têm de ser os pais, outros as mães e outros os bebés.” (Entrevista feita ao M.N, Anexo S). Desta forma, cinco incidências mostram que a compatibilidade nas brincadeiras é crucial para a formação de amizades. Outras razões que contribuem para a disposição para estabelecer laços são a partilha e habilidades artísticas, que refletem valores de cooperação e admiração (cf. Tabela 3).

**Tabela 4.***Aprendizagens adquiridas com os colegas.*

<b>Categoria</b>	<b>Subcategoria</b>
Aprendizagens adquiridas com os colegas	Educação física
	Brincadeiras
	Ir à piscina
	Jogar à bola
	Ver os aviões
	Desenhar
	Jogos
	Músicas
	Pintar com tinta
	Fazer plasticina
	Tapar
	Comer
	Cuidar

*Nota.* Tabela elaborada pela autora do relatório.

As aprendizagens adquiridas através das interações entre pares abrangem várias áreas: Educação Física: Habilidades motoras, como fazer o pino e cambalhotas, são frequentemente aprendidas entre colegas; Brincadeiras e Atividades Criativas: As crianças mencionaram aprender a brincar com carros, na casinha, fazer bolachas, desenhar e usar plasticina, destacando a importância das aprendizagens lúdicas; Habilidades Sociais e de Vida: Aprendizagens que variam desde a participação em atividades no cotidiano (como arrumar brinquedos e comer) até à gestão de emoções e comportamentos sociais (cf. Tabela 4).

**Tabela 5.***Competências ainda por adquirir pelas crianças mais novas.*

<b>Categoria</b>	<b>Subcategoria</b>
	Desenhos
	Escrever o nome
	Fazer letras
	Fazer letras minúsculas
	Saltar

Competências ainda por adquirir pelas crianças mais novas	Chegar ao calendário de advento
	Escalar alto
	Partir a parede
	Arrumar sozinhos
	Pegar ao colo
	Fazer o pino
	Dar uma cambalhota
	Montar fósseis
	Bater nos outros

*Nota.* Tabela elaborada pela autora do relatório.

Quanto à percepção das competências de acordo com a faixa etária, são poucas as crianças que afirmam que as crianças mais novas conseguem fazer tudo o que as mais velhas fazem. As crianças de 5 anos são vistas como mais competentes, sobretudo em 2 grandes domínios, sendo estes as Artes e a Educação Física. A competência em desenhos e na escrita é destacada como uma área na qual as crianças de 3 anos ainda estão a desenvolver habilidades. Além disso, as capacidades como saltar, escalar, e realizar tarefas práticas (como arrumar brinquedos) são associadas aos mais velhos (cf. Tabela 5). Teixeira et al. (2011) destacam que a diversidade de idades pode contribuir significativamente para um ambiente mais tolerante e inclusivo. Deste modo, algumas crianças mais velhas reconhecem que na sala existem diferentes níveis de desenvolvimento, e que, mesmo que as crianças mais novas às vezes precisem de ajuda, é importante encorajá-las a realizar as tarefas de forma autónoma, intervindo apenas quando necessário, como mencionado por M.N. "Ajudo em algumas coisas só porque às vezes eles não precisam, conseguem fazer sozinhos." (Anexo S)."

Segundo Katz (1990), as crianças mais velhas tendem a assumir mais responsabilidades e a servir de exemplo para as mais novas. Ao mesmo tempo, as crianças mais novas no grupo, ao observarem e imitarem os comportamentos dos mais velhos, desenvolvem-se mais rapidamente em várias áreas, aproveitando a orientação e os exemplos fornecidos pelos mais velhos. No que diz respeito à importância da heterogeneidade de idade para o desenvolvimento holístico das crianças, as respostas destacam que é essencial para as crianças mais novas interagirem com crianças mais velhas. Estas beneficiam dos cuidados, assistência e exemplo dos mais velhos, aprendendo através da observação e da interação direta. De acordo com Folque et al.

(2015), as crianças mais velhas ou mais competentes em determinados domínios assumem a responsabilidade de cuidar, integrar e apoiar a participação plena das crianças mais novas. As respostas corroboram esta ideia ao enfatizarem que a interação com as crianças mais novas é fundamental para as crianças mais velhas, uma vez que desenvolvem habilidades de liderança, empatia e responsabilidade ao ajudar os mais novos.

**Tabela 6.**

*Momentos de entreajuda entre as crianças.*

<b>Categoria</b>	<b>Subcategoria</b>
Momentos de entreajuda	Brincadeira
	Fazer bolachas
	Adormecer
	Recortar
	Fazer puzzles
	Desenhar
	Refeição
	Higiene
	Despir
	Quando se aleijam
	Levar objetos
	Gerir emoções (Medo, Nervosismo,...)
	Abrir torneiras
	Limpar
	Abrir o iogurte
	Correr mais rápido
	Escrita
	Arrumar
	Tapar
Encontrar brinquedos	

*Nota.* Tabela elaborada pela autora do relatório.

O conceito de entreajuda, que deriva da ideia de ajuda mútua, é uma habilidade social que surge naturalmente da cooperação (Priberam, 2023). Os momentos de entreajuda são frequentes e variados, mostrando um ambiente cooperativo. Deste

modo, crianças de todas as idades mencionam que se ajudam umas às outras durante brincadeiras (cf. Tabela 6). M.N, M.P, S.G, e H.G mencionam ajudar colegas a brincar, indicando que o ato de brincar é um contexto importante para a cooperação. Por exemplo, M.N disse que quando os bebês precisam de ajuda porque estão doentes, ele os ajuda a brincar para que possam ir ao médico. L.S afirmou ajudar a recortar e fazer puzzles, atividades que exigem habilidades motoras finas e raciocínio, demonstrando o apoio prático entre as crianças. Ajudar em desenhos é uma atividade comum. L.S reforçou também que gosta de ajudar a fazer desenhos e corações, destacando a transmissão de habilidades artísticas.

O M.P e o J.F mencionaram ajudar colegas que têm dificuldades no momento da refeição, o que indica uma consciência e cuidado com as necessidades básicas dos outros (cf. Tabela 6). Estes momentos de entreaajuda na hora da refeição surgem com bastante frequência na Sala B.

J.F relatou ajudar colegas na casa de banho e limpar, mostrando a importância da assistência em cuidados pessoais “R: Quando alguém está com dores, eu vou com os meninos à casa de banho e chamar um adulto para limpar e ele assim já está bem para ir almoçar.” (Entrevista feita ao J.F, Anexo S) (cf. Tabela 6). Estes comportamentos são muito comuns na Sala B, independentemente do momento do quotidiano. Contudo, são bastante estimulados através da prática do “Ajudante da sesta”.

Ajudar a despir é outra forma de suporte mencionada por M.N, J.F e A.A, indicando a assistência em tarefas diárias (cf. Tabela 6). N.G, M.P, e L.S mencionaram ajudar colegas que se aleijam, o que demonstra empatia e cuidado com o bem-estar físico dos outros.

Através das respostas dadas pelas crianças, podemos verificar que são diversos os momentos de entreaajuda entre pares, nos quais as crianças se confortam umas às outras, sobretudo em episódios de medo, *stress* ou tristeza, refletindo a importância do apoio emocional entre as crianças “R: Quando eles choram, eu disse, pronto, já passou, já passou. Quando estão zangados e pedimos desculpa.” (Entrevista feita ao J.F, Anexo S). N.G disse que quando alguém tem medo, como o H.G, alguém pode dar a mão para o confortar. N.G mencionou ajudar a abrir torneiras e L.S ajudar a recolher toalhas sujas, mostrando apoio em pequenas tarefas do dia a dia. N.G ajudou colegas a abrir iogurtes e J.F ajudou o H.G a correr mais rápido, destacando o suporte em habilidades práticas e físicas. J.F relatou ajudar o H.G a fazer letras, indicando o apoio no desenvolvimento da escrita. A arrumação é uma atividade colaborativa, com várias

crianças, como o N.G, o A.A e o H.G, que relataram ajudar a arrumar brinquedos, pratos e tigelas (cf. Tabela 6).

Várias crianças, incluindo o N.G, o H.G, o A.A e o J.F, relataram que ajudam a tapar os colegas com mantas, mostrando cuidado e conforto mútuo (cf. Tabela 6).

**Tabela 7.**

*Sentimentos das crianças quando ajudam os outros e quando são ajudadas.*

<b>Categoria</b>	<b>Subcategoria</b>
Sentimentos ao ajudar os outros	Felicidade
	Tristeza
Sentimentos quando os outros o ajudam	Felicidade

*Nota.* Tabela elaborada pela autora do relatório.

A ajuda mútua é geralmente associada a sentimentos positivos. Neste sentido, as crianças descrevem sentir-se felizes e satisfeitas ao ajudar os outros, com exceção do M.P que mencionou que se sentia triste. Receber ajuda é também uma fonte de felicidade, destacando a importância da cooperação e apoio mútuo (cf. Tabela 7). Por fim, é de realçar que as crianças mencionam que observam os adultos da sala em momentos de entreajuda no quotidiano “R: A P. e tu ajudas o J.C a dormir.” (Entrevista feita ao M.P, Anexo S) e que sabem que os adultos ficam felizes quando o grupo se entreajuda “R: Contente e a Joana também fica muito contente quando nos ajudamos uns aos outros.” (Entrevista feita ao N.G, Anexo S).

Durante o meu período na instituição, podemos verificar que foram captados fotograficamente diversos instantes que demonstram a entreajuda entre crianças, no quotidiano (Anexo U - Figuras 1 a 24). Maior parte dos registos fotográficos revelam situações de entreajuda que foram referidas pelas crianças nas suas respostas à entrevista realizada. Além disso, encontramos também fotografados instantes nos quais as crianças mostraram ter iniciativa para serem autónomas (Anexo V - Figuras 1 a 6). Ao longo das notas de campo efetuadas com base na observação (Anexo W), podemos verificar que estão descritas várias circunstâncias que foram mencionadas pelas crianças durante as entrevistas. Alguns destes momentos foram de entreajuda na hora

da refeição<sup>6</sup>, a arrumar a sala<sup>7</sup>, nos momentos de higiene<sup>8</sup>, entre outros. Existem também diversas notas de campo que refletem a preocupação e sensibilidade que existe entre colegas em episódios em que necessitam de apoio emocional<sup>9</sup>.

Em suma, de acordo com os resultados a heterogeneidade de idades num JI proporciona um ambiente rico em oportunidades de aprendizagem, desenvolvimento social e emocional. As crianças mais velhas desempenham um papel crucial no cuidado e ensino das mais novas, enquanto estas últimas oferecem aos mais velhos a oportunidade de desenvolver habilidades de liderança e empatia. A dinâmica de interação entre diferentes idades promove um ambiente inclusivo e colaborativo, essencial para o desenvolvimento holístico das crianças. Além disso, facilita a partilha de conhecimentos e habilidades, tornando a experiência educacional mais rica e variada (Katz, 1995).

#### **4.4.2. Conhecer a perceção da educadora cooperante sobre a importância dos grupos heterogêneos de idade para o desenvolvimento da criança**

Os dados apresentados e discutidos, com o objetivo de conhecer a perceção da educadora cooperante sobre a importância dos grupos heterogêneos de idade para o desenvolvimento da criança, foram recolhidos através de: i) Transcrição da entrevista

---

<sup>6</sup>Durante o almoço, o M.N reparou que a D.M estava com bastantes dificuldades em comer. Desta forma, quando a estagiária passou, estava a conversar com a D.M, afirmando “D.M, eu sei que às vezes não te apetece comer, mas temos de comer um pouquinho. Se quiseres eu faço um avião para te ajudar”. A D.M continuou a afastar a cara e o M.N tentou de diversas maneiras ajudar a amiga a comer um pouco mais, explicando-lhe que ela precisa de comer para ficar mais forte. Apesar de a D.M ter comido pouco mais, o M.N conseguiu tornar este momento um pouco menos difícil para ela. (Nota de campo do dia 24 de novembro de 2023, Registo n.º 3, Anexo W).

<sup>7</sup> O M.P observou a M.C a arrumar sozinha as almofadas e os livros espalhados no tapete. Neste momento aconteceu o seguinte diálogo entre os dois: M.C: Nós brincámos às lutas de almofadas, agora temos de arrumar. M.P: Sim, vamos arrumar os dois juntos. M.C: Pois é, brincámos os dois e assim até somos mais rápidos. Após este diálogo, as duas crianças arrumaram a área juntas. (Nota de campo do dia 27 de novembro de 2023, Registo n.º 2, Anexo W).

<sup>8</sup> A M teve a ajuda da C.B e da S.B que a ajudaram em tudo, desde ir à casa de banho até se deitar. A C.B inclusive contou-lhe uma história. Apesar de a criança não ter adormecido, sentiu-se confortada e ficou bem neste momento. (Nota de Campo do dia 17 de janeiro de 2024, Registo n.º 2, Anexo W).

<sup>9</sup> A L.S estava a chorar muito porque tinha saudades da mãe e queria uma manta. Os amigos mostraram-se preocupados com a L.S, sobretudo C.C e L.N, então abraçaram-na. A C.C foi buscar um lenço de papel para limpar as lágrimas da amiga. O M.N também veio muito preocupado perguntar o que se passava para a L.S estar assim. (Nota de campo do dia 13 de novembro de 2023, Registo n.º 2, Anexo W).

da educadora cooperante (Anexo C). Alguns excertos das reflexões semanais (Anexo X) evidenciam os resultados obtidos.

Relativamente à experiência com grupos homogêneos de idade e expectativas sobre grupos heterogêneos, a educadora cooperante destaca a diferença de contextos entre creche e pré-escolar, reconhecendo que a heterogeneidade de idade não seria prática na creche devido às necessidades específicas das crianças nessa faixa etária. No entanto, esta considera que os grupos homogêneos de idade na educação pré-escolar não proporcionam o mesmo nível de entreajuda, cuidado e partilha de experiências encontrados em grupos heterogêneos, afirmando “Acho que não haveria aquela entreajuda que há entre as crianças mais velhas e as crianças mais novas, aquele cuidado que os mais velhos têm pelos mais novos, aquela partilha de experiências entre diferentes idades...eu acho que seria muito diferente” (Entrevista à Educadora Cooperante, Anexo C). Essa percepção ressalta a importância da diversidade de idades no enriquecimento das interações e aprendizagens.

Conforme menciona Katz (1995), ao agrupar crianças de diversas idades na primeira infância, a heterogeneidade do grupo é ampliada, sendo ressaltadas as suas diferenças. Essa interação oferece uma gama diversificada de conhecimentos e habilidades, enriquecendo a experiência educativa. Desta forma, no que concerne às vantagens e desvantagens percebidas em grupos homogêneos, embora reconheça que as interações entre crianças em grupos homogêneos ainda possam ser benéficas, a educadora cooperante enfatiza que a heterogeneidade de idade proporciona experiências mais ricas e diversificadas. Essa distinção sugere que a presença de crianças de diferentes idades não apenas amplia as oportunidades de aprendizagem, mas também enriquece o ambiente social e emocional da sala. Assim, realça que “As interações são sempre boas, independentemente de ser um grupo heterogêneo ou homogêneo. Acho que iriam perder muito nesse tipo de interações, lá está, naquela partilha, nas experiências que nos podem trazer” (Entrevista à Educadora Cooperante, Anexo C).

Quanto à sua experiência com grupos heterogêneos de idade, a educadora cooperante inicialmente estava apreensiva com a transição para um grupo heterogêneo, contudo agora sente confiança na sua capacidade de adaptar as atividades às diferentes idades. Apesar de serem diversos os benefícios adquiridos em salas heterogêneas de idade, é essencial ressaltar que a heterogeneidade de idade apenas traz benefícios significativos quando é combinada com uma abordagem pedagógica

adequada. Deste modo, os educadores de infância devem encarar as aprendizagens associadas a cada faixa etária não como diretrizes fixas e inflexíveis, mas sim como orientações para a sua prática pedagógica (Silva et al., 2016). Ao encontro do que foi referido anteriormente, a abordagem da educadora cooperante é flexível e destaca a importância de reconhecer e atender às necessidades individuais de cada criança, independentemente da idade. Isso demonstra a adaptabilidade da educadora cooperante e a sua capacidade de criar um ambiente inclusivo, tolerante e estimulante para todas as crianças. Nesta linha de raciocínio, Teixeira et al. (2011) salientam que a presença de crianças de diversas idades em salas de JI pode promover um ambiente inclusivo, considerando que isso amplia a quantidade de comportamentos aceites e tolerados, tanto pelos adultos como pelas próprias crianças.

Katz (1995) argumenta que, em ambientes onde há diversidade de idades, além da cooperação, observam-se outros comportamentos pró-sociais, como entreaajuda, partilha, assumir responsabilidade social e mostrar sensibilidade para com os outros. Neste sentido, em relação às vantagens e desvantagens percebidas em grupos heterogéneos, a educadora cooperante destaca as vantagens da interação, entreaajuda, partilha e aprendizagem em grupos heterogéneos. Assim, esta reconhece que, embora existam desafios, como a gestão do tempo e a diferenciação de atividades, os benefícios superam as dificuldades. Desta forma é ressaltada a importância de uma abordagem equilibrada que valorize as contribuições únicas de cada criança, independentemente da idade, tal como afirma Katz (1992) quando sugere que, para usufruir das vantagens de grupos com idades diversas, o educador de infância deve fomentar atividades que permitam a participação conjunta de todas as crianças, possibilitando que cada uma delas contribua de maneira significativa. Dessa forma, os educadores de infância podem utilizar a heterogeneidade de idades na sala como uma oportunidade para estimular a aprendizagem colaborativa.

Sobre a prática pedagógica, a educadora adota uma abordagem que valoriza a voz ativa das crianças, como podemos ver no seguinte excerto retirado de uma reflexão semanal realizada de 6 a 10 de novembro de 2023, sobre a participação ativa das crianças

Neste sentido, quando é feita uma atividade as crianças participam ativamente em todo o processo, desde o planeamento até à avaliação.(...) Também no final das atividades, a educadora cooperante procura saber a opinião de todas as

crianças acerca do que foi feito, como podemos ver na seguinte nota de campo que diz respeito ao Atelier de Outono realizado

No final, foi questionado e gravado através de áudios quais foram as zonas preferidas de cada criança. Em geral, as respostas mais votadas foram a “Escorrega” e a “Caras de Outono. (Nota de campo do dia 10 de novembro de 2023, Registo n.º 1) (Anexo X).

Além disso, estabelece relações afetivas fortes, como podemos verificar na reflexão semanal elaborada de 20 a 24 de novembro de 2023, sobre as relações afetivas

No que diz respeito à relação adulto-criança, nota-se o quanto as crianças adoram a educadora cooperante. Quando a veem, as crianças ficam com um sorriso enorme na cara e enchem-na de abraços e beijinhos. Muitas vezes têm diversos gestos de carinho, como por exemplo oferecem folhas que acham bonitas, dão desenhos feitos por si à educadora cooperante, entre outros. Ao terem estes gestos, ficam muito contentes e ainda mais quando veem que a educadora cooperante está feliz.(...) Muitas vezes, as crianças também têm atitudes que demonstram esta boa relação entre a educadora cooperante e as crianças, como perguntarem como correu o dia da educadora, se o almoço foi bom e até mesmo referirem-se à mesma como, “Minha querida P.” Estes pequenos gestos, são o espelho da atitude respeitadora, carinhosa e cuidada da educadora cooperante com todo o grupo. (Anexo X).

A educadora cooperante trabalha predominantemente em grandes grupos e ajusta as expectativas e as atividades de acordo com as idades e capacidades individuais das crianças: "Eu tento sempre trabalhar em grande grupo, eu poucas vezes trabalho de forma individual... no trabalho de grande grupo, eu espero coisas diferentes deles e depois na atividade em si, o trabalho acaba por se individualizar." (Entrevista à Educadora Cooperante, Anexo C). Silva et al. (2016) destacam que é essencial uma compreensão e análise constante do ambiente educativo para adaptar a intervenção às particularidades e requisitos das crianças. Ao reconhecer e valorizar as singularidades individuais, os educadores de infância conseguem desenvolver experiências de aprendizagem mais adaptadas e impactantes, capazes de atender às necessidades individuais de cada criança e fomentar o seu desenvolvimento integral. Essa adaptação é fundamental para atender às necessidades de um grupo heterogêneo. Além disso, os educadores de infância, conforme reforçado por Teixeira et al. (2011), têm um papel crucial em potenciar e reconhecer os benefícios da diversidade de idades na educação

pré-escolar. Desta forma, no que diz respeito à adaptação da prática pedagógica a diferentes idades, a estratégia da educadora cooperante de trabalhar em grupo e individualizar as atividades demonstra a sua capacidade de atender às necessidades diversas de cada criança. A sua abordagem flexível e diferenciada permite que cada criança progrida ao seu próprio ritmo, garantindo que todas são desafiadas e apoiadas de maneira apropriada. Isso destaca a importância da diferenciação instrucional na promoção da equidade e inclusão na sala.

A educadora cooperante define cooperação como a capacidade das crianças de trabalharem em equipa, algo que reconhece ser desafiador nas idades em questão, mas essencial para o desenvolvimento coletivo: "É cooperarem uns com os outros, é saberem trabalhar em equipa que é difícil nestas idades, eles perceberem que têm de trabalhar em equipa e eu acho que isso é a cooperação." (Entrevista à Educadora Cooperante, Anexo C). Quanto à entreajuda, esta enfatiza a importância de permitir que as crianças se ajudem mutuamente, ao invés de os adultos intervirem diretamente. Esta prática não só promove a autonomia das crianças, como também fortalece as suas habilidades sociais e emocionais: "A entreajuda é aquilo que há muito num grupo heterogéneo. Os mais velhos ajudam os mais novos e os mais novos ajudam os mais velhos. A entreajuda é uma coisa que pelo menos eu em sala privilegio muito e que não acho que devamos ser nós a fazer, mas serem as crianças a fazerem umas às outras." (Entrevista à Educadora Cooperante, Anexo C). Este princípio é aplicado em situações práticas, como quando uma criança precisa de encher um copo com água e não consegue abrir a torneira e a educadora cooperante incentiva outra criança a ajudar.

Segundo Maia (2014), promover a cooperação entre as crianças, incentivando-as a ajudarem-se umas às outras, a cultivarem um sentido de responsabilidade, a partilharem ideias e saberes, e a gerirem as suas interações de forma construtiva, deve ser uma das principais preocupações de um educador de infância. Na ação pedagógica da educadora cooperante, existe uma valorização da cooperação e entreajuda como princípios fundamentais. Desta forma, destaca a importância do trabalho em equipa e da solidariedade no ambiente escolar. Na sala, a educadora cooperante afirma que a principal estratégia que utiliza é "não ser eu a fazer por eles. Se alguém me vem pedir ajuda e eu digo que então vamos pedir a alguém que te ajude a atingir aquilo que tu queres" (Entrevista à Educadora Cooperante, Anexo C). Ao modelar e incentivar a cooperação e entreajuda, os educadores de infância preparam as crianças para enfrentar desafios futuros e construir relacionamentos positivos ao longo da vida. Esses

valores essenciais não promovem apenas um ambiente de aprendizagem saudável, mas também contribuem para o desenvolvimento de cidadãos empáticos e colaborativos.

Relativamente ao grupo da Sala B, a educadora cooperante revela que, enquanto a cooperação ainda está em desenvolvimento, a entreajuda já é uma prática interiorizada pelas crianças: "Eu acho que a nível de cooperação é algo que estamos a aprender, a trabalhar em equipa, que é difícil como já disse, mas acho que aos poucos havemos de lá chegar. Quanto à entreajuda, eu acho que é uma coisa que ele já tem interiorizado neles. Eu não preciso de dizer nada, eles próprios já se voluntariam para ajudar uns aos outros e acho que isso é muito bonito." (Entrevista à Educadora Cooperante, Anexo C). A educadora cooperante acredita que esses valores são fundamentais e que as crianças os levarão para a vida adulta, influenciando as suas interações futuras em diversas esferas "É tudo, acho que é tudo. Acho que é uma coisa que eles vão levar para a vida, que são valores importantes e que vão utilizar na vida deles, na escola, no resto da escolaridade, vão levar para o trabalho, vão levar até para as relações que tiverem entre eles." (Entrevista à Educadora Cooperante, Anexo C).

Para desenvolver uma relação de cooperação e entreajuda, a educadora cooperante acredita em ser um modelo para as crianças, demonstrando esses valores nas suas ações diárias. Na reflexão semanal de 20 a 27 de novembro de 2023, sobre a cooperação e a entreajuda, podemos verificar que a educadora cooperante promove diversos valores através da sua ação pedagógica, que são repetidos pelas crianças

Ao longo destas semanas na associação, pude observar a prática diária dos adultos da Sala B e, após bastante reflexão sobre a mesma, considero que os valores de cooperação, tolerância, justiça, partilha, respeito, entre outros, são aplicados constantemente no dia a dia das crianças. Neste sentido, já observei diversas vezes as crianças a repetirem frases ou comportamentos tidos pela educadora cooperante (Anexo X).

No quotidiano, é fundamental que os educadores de infância criem um ambiente cómodo e tranquilo, no qual as crianças se sintam seguras para explorar e vivenciar novas brincadeiras (Lino & Parente, 2018). Cada vez mais as crianças têm a necessidade de brincar livremente, sendo elas as protagonistas das suas brincadeiras e não serem constantemente orientadas nas mesmas (Ginsburg, 2007). Neste sentido, o papel dos educadores de infância deve passar por criar um espaço propício para que as crianças se sintam seguras e confortáveis, de modo a exercerem o seu direito de

brincar “Na parte da tarde fazemos mais outro tipo de atividades mais livres, eles brincam mais livremente” (Entrevista à Educadora Cooperante, Anexo C). Apesar de na entrevista a educadora cooperante mencionar apenas o período da tarde, no período da manhã as crianças brincam muitas vezes na sala B e, todos os dias, têm 1h/1h30 de brincadeira no recreio, sem qualquer mediação de um adulto.

Hohmann e Weikart (2011) apontam que os educadores de infância, ao motivarem as crianças a pedirem ajuda aos seus colegas, contribuem para a construção de relações de confiança e entreajuda. Uma das estratégias chave que a educadora cooperante utiliza para estimular a cooperação e a entreajuda é incentivar as crianças a ajudarem-se mutuamente, evitando fazer as tarefas por elas: "Uma das estratégias é não ser eu a fazer por eles. Se alguém me vem pedir ajuda e eu digo que então vamos pedir a alguém que te ajude a atingir aquilo que tu queres." (Entrevista à Educadora Cooperante, Anexo C). A educadora cooperante frequentemente promove situações em que uma criança solicita a ajuda de outra, promovendo um ambiente no qual a entreajuda se torna uma norma. Isso pode ser visto quando esta encoraja as crianças a ajudarem-se umas às outras em tarefas simples, como encontrar o seu nome: "Quem é que vai ajudar o V.A a encontrar o nome?" (Entrevista à Educadora Cooperante, Anexo C). Essa prática não só reforça a cooperação, como fortalece a confiança e o senso de comunidade entre as crianças.

#### **4.4.3. Conhecer a perceção das famílias sobre a importância dos grupos heterogéneos de idade para o desenvolvimento da criança.**

Os dados apresentados e discutidos, com o objetivo de conhecer a perceção das famílias sobre a importância dos grupos heterogéneos de idade para o desenvolvimento das crianças, foram recolhidos através de: i) Questionário feito às famílias e respetivas respostas (Anexos Y e Z). No Anexo A1, estão presentes os resultados dos gráficos obtidos através dos questionários feitos às famílias e uma breve análise dos mesmos. Além disso, no Anexo B1, poderá ser observada uma árvore categorial, que diz respeito às perguntas abertas colocadas no questionário. É de realçar que das 24 famílias, somente 11 é que preencheram o questionário.

No final da discussão dos dados obtidos, a observação registada em notas de campo (Anexo W) tem um papel essencial para evidenciar os resultados obtidos.

Ao analisarmos os resultados do questionário, podemos verificar que todas as famílias consideram que a inclusão dos seus filhos em salas com idades mistas é uma mais valia.

**Figura 1.**

*Preferia que o/a seu/sua educando(a) estivesse inserido(a) num grupo homogéneo ou heterogéneo de idade?*

1. Preferia que o/a seu/sua educando(a) estivesse inserido(a) num grupo homogéneo ou heterogéneo de idade?

11 respostas



Nesta linha de raciocínio, como podemos ver no gráfico 1 (cf. Figura 1), 100% dos pais considera importante que os seus filhos estejam integrados numa sala heterogénea de idade e partilharam informações valiosas sobre a importância da heterogeneidade de idade em salas de JI.

**Tabela 8.**

*A importância das interações entre crianças num grupo heterogéneo de idade.*

Categoria	Subcategoria
A importância das interações entre crianças num grupo heterogéneo de idade	Estimulação
	Maturidade
	Competências sociais
	Responsabilidade
	Partilha de experiências
	Linguagem
	Curiosidade pelo mundo que as rodeia
	Entreajuda

*Nota.* Tabela elaborada pela autora do relatório.

Segundo Katz (1995) é comum que as crianças mais novas se inspirem nas mais velhas, o que impulsiona o desenvolvimento da sua autonomia, ao mesmo tempo que

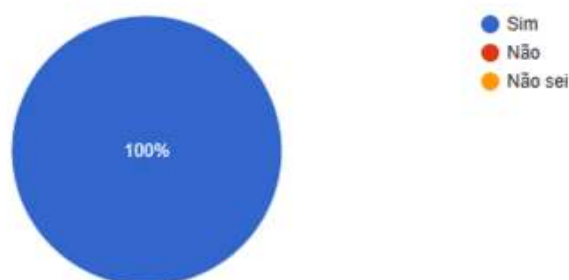
recebem apoio e estímulo das mesmas. Por outro lado, as crianças mais velhas melhoram a sua tolerância e responsabilidade ao ajudar as mais novas. De acordo com esta afirmação, as famílias referem que a presença de crianças de diferentes idades proporciona um ambiente estimulante que favorece o desenvolvimento integral das crianças. Por exemplo, as crianças mais velhas estimulam o desenvolvimento e a autonomia das mais novas, enquanto estas últimas são incentivadas a explorar novas atividades e a partilhar conhecimentos. Além disso, a maturidade das crianças mais velhas serve como exemplo de comportamento e promove um ambiente de responsabilidade e entreajuda. As famílias também destacaram a importância da partilha de experiências entre as crianças de diferentes idades, bem como o impacto positivo na linguagem, na curiosidade pelo mundo e na capacidade de entreajuda “Porque quando ela era das mais novas da sala notei uma evolução grande na linguagem e interesse em novas atividades e explorações. Atualmente, que é das mais velhas da sala, noto-a muito mais empenhada na entreajuda com os mais novos.” (Resposta ao questionário, Anexo Z) (cf. Tabela 8).

### Figura 2.

*Considera que é importante que o/a seu/sua educando(a) esteja integrado num grupo heterogéneo de idade?*

2. Considera que é importante que o/a seu/sua educando(a) esteja integrado num grupo heterogéneo de idade?

11 respostas



Neste sentido, como podemos verificar no gráfico 2 (cf. Figura 2), 100% das famílias consideram que é preferível que os seus educandos estejam em salas heterogéneas de idade, em vez de em salas homogéneas de idade, pois as vantagens compensam em muito as desvantagens.

**Tabela 9.**

*Razões de preferência da inserção de uma criança numa sala heterogénea.*

<b>Categoria</b>	<b>Subcategoria</b>
Razões de preferência da inserção de uma criança numa sala heterogénea	Sentido de responsabilidade
	Exemplo a seguir
	Desenvolvimento
	Partilha
	Passagem para o 1.º ciclo
	Entreajuda
	Competências sociais
	Aprendizagem mútua
	Linguagem
	Competências pessoais

Nota. Tabela elaborada pela autora do relatório.

Para justificar esta preferência, as famílias enfatizam que a presença dos seus educandos em salas mistas é uma mais-valia para o desenvolvimento e aprendizagem mútua das crianças de diferentes idades, partilhando diversas razões para esta escolha. Uma das razões que consideram ser cruciais para ambas as idades é a existência de uma maior partilha de experiências, que fazem com que as crianças aprendam umas com as outras, seguindo os exemplos uns dos outros “Acredito que haja maior partilha de experiências, responsabilidades que fazem crescer as crianças com exemplos de outros.” (Resposta ao questionário, Anexo Z) (cf. Tabela 9). Além disso, mencionam ainda que sentem que existe uma grande entreajuda entre pares. Algo que realçam é que acreditam que através destas interações sociais, os seus filhos adquirem mais competências sociais e pessoais. Uma das famílias afirmou que nota uma grande evolução do ponto de vista da linguagem (cf. Tabela 9). Relativamente às crianças mais velhas, várias famílias afirmam que uma das razões que as levam a acreditar que esta é a melhor opção, é porque sentem que os seus filhos se tornaram mais responsáveis, sentindo que são um exemplo a seguir para as mais novas “Porque as mais velhas são um exemplo para as mais novas e ajudam a estimular a aprendizagem dos mais novos.” (Resposta ao questionário, Anexo Z) (cf. Tabela 9). Folque et al. (2015) corroboram essa perspectiva, indicando que as crianças mais experientes ou habilidosas em áreas

específicas assumem a responsabilidade de cuidar, integrar e apoiar a participação integral das crianças mais novas.

A heterogeneidade de idade em salas de JI desempenha um papel crucial no desenvolvimento holístico das crianças, oferecendo uma série de benefícios que são fundamentais para o seu crescimento pessoal, social e emocional.

**Figura 3.**

*Considera que as crianças mais novas beneficiam da convivência com crianças mais velhas?*

4. Considera que as crianças mais novas beneficiam da convivência com crianças mais velhas?

11 respostas

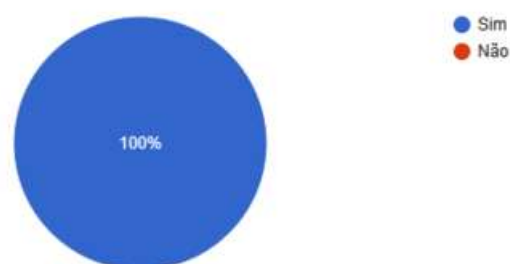


**Figura 4.**

*Considera que as crianças mais velhas beneficiam da convivência com crianças mais novas?*

5. Considera que as crianças mais velhas beneficiam da convivência com crianças mais novas?

11 respostas



Com base nas informações fornecidas pelas famílias, é evidente que a presença de crianças de diferentes idades proporciona um ambiente enriquecedor que estimula o desenvolvimento e promove uma série de competências importantes, tanto para as mais novas, como para as mais velhas, como podemos analisar nos gráficos 4 e 5 (cf. Figuras 3 e 4), em que as 11 famílias escolheram a resposta “Sim” às perguntas “Considera que as crianças mais velhas beneficiam da convivência com crianças mais novas?” e

“Considera que as crianças mais novas beneficiam da convivência com crianças mais velhas?”.

**Tabela 10.**

*Os benefícios para as crianças das interações num grupo heterogéneo de idade.*

<b>Categoria</b>	<b>Subcategoria</b>
Os benefícios para as <b>crianças mais novas</b> das interações num grupo heterogéneo de idade	Têm um modelo
	Cooperação
	Aprendizagem
	Novas competências
	Aceitação
	Orgulho
Os benefícios para as <b>crianças mais velhas</b> das interações num grupo heterogéneo de idade	Autoestima
	Responsabilidade
	Entreajuda
	Cooperação
	Sentimento de apoio e ajuda
	Partilha de conhecimentos
	Competências pessoais

*Nota.* Tabela elaborada pela autora do relatório.

Gray (2011) destaca que durante a interação entre crianças de idades diferentes, estas observam-se mutuamente, especialmente aquelas que são mais velhas, mais qualificadas e mais experientes. Ao observar e interagir com colegas mais velhos, as crianças mais novas têm a oportunidade de aprender habilidades sociais, comportamentos adequados e até mesmo conceitos de forma mais eficaz. Ao receberem ajuda e apoio dos mais velhos, as crianças mais novas aprendem com esse exemplo e tendem a replicar esse comportamento quando se tornam as mais velhas do grupo (Katz, 1998). De acordo com o que foi referido anteriormente, as famílias destacam uma série de benefícios significativos das salas heterogéneas para as crianças mais novas (cf. Tabela 10). Uma vantagem importante é a presença de um modelo a seguir. As crianças mais novas sentem-se inspiradas e confiantes ao terem

exemplos positivos nas crianças mais velhas, a quem podem recorrer para orientação e apoio “Porque têm um exemplo a seguir, alguém em quem sentem confiança e podem recorrer.” (Resposta ao questionário, Anexo Z). Além disso, as famílias realçam a importância da cooperação e do sentido de comunidade promovidos pelas salas heterogêneas. Ao interagir com as crianças mais velhas, as crianças mais novas aprendem a colaborar e a trabalhar em equipa, desenvolvendo habilidades sociais essenciais para a vida em sociedade. Outro benefício é as crianças mais novas ao terem a presença de crianças mais velhas na sala, sentem-se mais à vontade e aceites, pois têm alguém mais próximo da sua idade a quem podem recorrer para facilitar o entendimento e a integração no grupo “Porque têm alguém que não é adulto a ajudá-los e pode facilitar a aceitação/entendimento.” (Resposta ao questionário, Anexo Z). Esta aceitação promove um ambiente acolhedor e inclusivo, no qual todas as crianças se sentem valorizadas e respeitadas. Por fim, as famílias destacam o orgulho sentido pelas crianças mais novas ao partilharem a sala com as mais velhas. Esta experiência faz com que se sintam mais “crescidas” e confiantes, criando um sentimento de orgulho e realização por fazerem parte de um grupo mais diversificado e estimulante. Em resumo, as salas heterogêneas de idade oferecem uma série de benefícios para as crianças mais novas, promovendo o seu desenvolvimento social, emocional e cognitivo de forma relevante.

As famílias também reconhecem uma série de benefícios significativos das salas heterogêneas de idade para as crianças mais velhas (cf. Tabela 10). Uma vantagem crucial é o desenvolvimento do sentido de responsabilidade. Ao interagir e cuidar das crianças mais novas, as crianças mais velhas desenvolvem um sentido de responsabilidade acrescido, pois sentem-se responsáveis pelo bem-estar e desenvolvimento dos mais novos “sentido de responsabilidade, preocupação com os mais novos, atenção e cuidado para com os mais novos, sentimento de apoio e ajuda” (Resposta ao questionário, Anexo Z). Como mencionado por Teixeira et al. (2011), as interações entre crianças de idades diferentes promove um ambiente de entajuda e colaboração que beneficia tanto o grupo de crianças quanto os educadores de infância. De acordo com esta ideia, as famílias reforçam que o sentido de responsabilidade não só promove o crescimento pessoal das crianças mais velhas, como também contribui para um ambiente de cooperação na sala. Adicionalmente, referem que as salas heterogêneas de idade proporcionam oportunidades significativas de entajuda entre as crianças.

As famílias destacam que as crianças mais velhas tendem a ajudar e apoiar as mais novas, criando laços de amizade e solidariedade que promovem um ambiente positivo de aprendizagem. Esta entreajuda não só fortalece os laços entre as crianças, mas também promove o desenvolvimento “Perante as crianças mais novas, as crianças mais velhas tendem a sentir uma responsabilidade acrescida, tanto na partilha de novos conhecimentos, como no apoio às crianças mais novas. Assim, reforçam-se valores tais como entreajuda/cooperação/amizade.” (Resposta ao questionário, Anexo Z). Segundo as famílias, as salas heterogéneas de idade também têm um impacto positivo na autoestima das crianças mais novas. Ao receberem apoio, cuidado e atenção das crianças mais velhas, as crianças mais novas sentem-se valorizadas e respeitadas, o que contribui para o seu desenvolvimento emocional.

Por fim, as famílias destacam que as salas heterogéneas de idade também promovem o desenvolvimento de competências pessoais nas crianças mais velhas (cf. Tabela 10). Ao cuidarem e apoiarem as crianças mais novas, as crianças mais velhas aprendem a respeitar o espaço de aprendizagem, tornando-se mais calmas, sociáveis e confiantes nas suas capacidades. Esta experiência fortalece não só as competências pessoais das crianças mais velhas, como contribui para um ambiente de aprendizagem positivo e inclusivo para todas as crianças na sala.

**Figura 5.**

*Competências e valores adquiridos pelas crianças com mais facilidade num grupo heterogéneo de idade.*



No gráfico 3 (cf. Figura 5), são apresentados os dados sobre as competências e valores que as famílias consideram que são adquiridos pelas crianças com mais facilidade num grupo heterogéneo de idade. A "Entreajuda entre pares", foi selecionada pelas 11 famílias participantes, que consideram que nestas salas mistas de idade existe um clima natural de entreajuda entre as crianças mais velhas e as

crianças mais novas. O segundo valor que se realçou foi o "Sentido de responsabilidade", com uma percentagem significativamente alta de 81,8% das respostas. Isso sugere que as famílias acreditam que as crianças adquirem mais facilmente um sentido de responsabilidade quando estão inseridas em grupos heterogêneos de idade. Em seguida, várias competências e valores foram mencionados com a mesma percentagem de 63,6% das respostas: "Cooperação entre pares", "Entreajuda entre pares", "Desenvolvimento socioemocional" e "Partilha", o que mostra que há uma percepção generalizada de que a interação com crianças de diferentes idades promove essas habilidades sociais e emocionais. "Autonomia" também é destacada, embora com uma percentagem ligeiramente menor, de 54,5% das respostas. Isso sugere que as famílias reconhecem que as crianças podem desenvolver maior autonomia quando estão em grupos heterogêneos de idade, embora talvez não tão fortemente quanto o sentido de responsabilidade ou outras habilidades sociais. Conforme enfatizado por Montessori (1949), um indicador significativo de sucesso para um educador de infância é observar as crianças trabalhando de forma autónoma, como se a sua presença fosse desnecessária, demonstrando assim um progresso notável na sua independência. Esta autossuficiência foi observada no quotidiano quase diariamente.

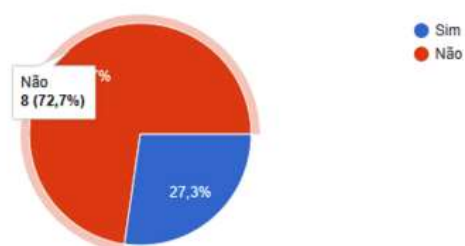
Por fim, é interessante notar que a opção "Nenhuma das anteriores" não foi selecionada por nenhum dos participantes, o que indica que todas as competências e valores apresentados foram considerados relevantes para o contexto de grupos heterogêneos de idade. Esses resultados destacam a importância percebida pelas famílias na diversidade de idades nas salas, como um meio eficaz de promover o desenvolvimento de uma variedade de competências e valores importantes para o crescimento e o bem-estar das crianças.

### Figura 6.

*Considera que existem desvantagens das interações entre crianças num grupo heterogéneo de idade?"*

6. Considera que existem desvantagens das interações entre crianças num grupo heterogéneo de idade?

11 respostas



No que concerne às desvantagens das salas heterogêneas de idade, como podemos observar no gráfico 6 (cf. Figura 6), 72,7% das famílias revela que não sente que estas são existentes.

**Tabela 11.**

*As desvantagens das interações entre crianças num grupo heterogêneo de idade.*

<b>Categoria</b>	<b>Subcategoria</b>
As desvantagens das interações entre crianças num grupo heterogêneo de idade	Adaptação da prática por parte do educador de infância
	Frustração por parte das crianças mais novas

*Nota.* Tabela elaborada pela autora do relatório.

Contudo, duas das famílias afirmam que têm receio de que os conteúdos e competências não sejam apreendidos, se não existir um acompanhamento individual exemplar por parte do adulto “pode haver lugar à falta de apreensão de conteúdos/aquisição de competências se o grupo for demasiado heterogêneo e o acompanhamento individual não for bem feito” (Resposta ao questionário, Anexo Z) (cf. Tabela 11). O receio desta família vai ao encontro do que defende Sylva (2004) quando salienta que, apesar dos benefícios das interações entre grupos etários distintos, a criação de um currículo que atenda a todas as crianças pode ser desafiadora. Isso sugere que, sem uma adaptação adequada do currículo pelo educador de infância, considerando as diferentes etapas de desenvolvimento das crianças, estas podem ser prejudicadas. Além disso, uma das famílias reforça também que as crianças mais novas podem sentir alguma frustração por não conseguirem fazer o mesmo que os mais velhos “nas crianças mais novas pode gerar alguma frustração por verem os mais crescidos a fazer e elas não conseguirem ainda” (Resposta ao questionário, Anexo Z) (cf. Tabela 11), tal como refere Elkind (1981) ao ressaltar que em salas mistas, as crianças pequenas podem sentir-se pressionadas para corresponder a expectativas além das suas capacidades, o que pode gerar situações frustrantes.

No Anexo W, são apresentados alguns registos escritos que evidenciam os resultados recolhidos, que comprovam o sentido de responsabilidade<sup>10</sup> e confiança<sup>11</sup> das crianças mais velhas e demonstram o desenvolvimento emocional<sup>12</sup> e autonomia<sup>13</sup> das crianças mais novas.

---

<sup>10</sup> O M.N era o ajudante (dos 5 anos) que foi ajudar os mais novos neste momento da rotina. Este estava muito empenhado no seu papel, fazendo afirmações como "Vou fechar a porta para não entrar luz para os amigos que estão a dormir", "Vou fazer festinhas ao J.C até ele adormecer", "Temos de falar baixinho", entre outras afirmações que demonstravam o sentido de responsabilidade e o respeito pelos colegas. (nota de campo do dia 6 de novembro de 2023, Registo n.º 5, Anexo W).

<sup>11</sup> Estagiária: "Bem me parecia que se estava a passar algo, estavam a demorar. Já conseguiram resolver a situação?" S.B: "A L.N queria que fossemos até lá acima pedir ajuda à P, mas eu disse-lhe que tínhamos que ter confiança em nós próprias." Estagiária: "Boa S.B, gosto de te ouvir falar assim, haviam de arranjar uma solução não é verdade?" S.B: "Sim, assim em vez de chamarmos a P, começamos a pensar em ideias para conseguirmos tirar o saco dali (Nota de campo do dia 17 de novembro de 2023, Registo n.º 6, Anexo W).

<sup>12</sup> A L.S e o S.G dormem ao lado um do outro. Na hora da sesta há a regra de que as crianças dormem para o lado contrário do colega que está ao seu lado, para que possam dormir com mais facilidade. Por vezes, a L.S e o S.G querem dormir para o mesmo lado. Desta forma, a estagiária ouviu a seguinte conversa: L.S: S.G hoje podes dormir tu para esse lado, mas para a próxima sou eu, não é? S.G: Sim, não te preocupes L.S, amanhã trocamos os dois outra vez e fazemos sempre assim. L.S: Pois, no outro dia fui eu que dormi para aquele lado, por isso é que hoje podes ser tu. S.G: Sim, que é para ser justo. Durante este momento, a estagiária não interferiu, deixando as crianças fazerem as suas negociações autonomamente. Foi muito interessante ver o conceito de justiça e toda esta interação entre as duas crianças, que chegaram a um consenso sobre algo que ambas queriam. (Nota de campo do dia 27 de novembro de 2023, Registo n.º 4, Anexo W).

<sup>13</sup> Antes da sesta, as crianças vão à casa de banho fazer as suas necessidades. A estagiária foi à casa de banho e questionou ao T.V "Precisas de ajuda?" e este respondeu "Não, eu faço sozinho.". Neste instante, tirou a fralda sozinho e colocou no lixo. (Nota de campo do dia 24 de novembro de 2023, Registo n.º 4, Anexo W).

5. CONSTRUÇÃO DA  
PROFISSIONALIDADE DOCENTE  
COMO EDUCADORA DE INFÂNCIA

| ' ' | | ' ' |

“Ser educador, além de ensinar, é saber viver, conviver, respeitar as diferenças do outro e aprender com o próximo. É um compromisso consigo mesmo. É com o mundo” - Maria Alíniza

Numa jornada que começa desde os bancos da faculdade até aos corações das crianças com as quais convivo diariamente, a minha construção como educadora de infância tem sido uma saga de amor, aprendizagem e autodescoberta.

Recordo-me, com nostalgia, dos primeiros dias na licenciatura em Educação Básica. Cada aula era uma porta que se abria para um mundo novo de possibilidades pedagógicas. Os professores guiaram-nos através de teorias e práticas que nos desafiavam a olhar para a educação com novos olhos. Os estágios foram como primeiras aventuras emocionantes, nas quais eu mergulhava de cabeça nas realidades das salas, absorvendo cada experiência.

Contudo, foi no mestrado em Educação Pré-Escolar que o meu coração encontrou o seu verdadeiro lar. Ali, entre colegas que partilhavam o mesmo amor pelas crianças, mergulhei ainda mais a fundo na magia da educação de infância. Cada disciplina era uma peça do quebra-cabeças, encaixando-se perfeitamente para formar uma visão mais ampla e profunda do que significa educar os mais pequenos. Os debates em sala de aula, as investigações e as amizades que se formaram foram muito importantes e fortaleceram a minha paixão pela educação.

E então vieram os estágios, que são cruciais, pois é de extrema importância para os estagiários que estes estejam em contacto com profissionais experientes, com diretores de escola, com pais, entre outros (Perrenoud, 1993) tendo em conta que todos eles contribuem para a sua formação. Na creche, aprendi a importância dos gestos simples, como um sorriso ou um abraço, na construção de laços afetivos com as crianças pequenas. Cada olhar curioso, cada gargalhada contagiante, cada mãozinha que se agarrava à minha foram momentos de pura magia, que me lembraram do poder transformador do amor e da atenção na vida das crianças.

No pré-escolar, pude testemunhar o impacto positivo da educação numa fase crucial do desenvolvimento infantil. Cada projeto pedagógico era uma tela em branco, esperando para ser preenchida com as cores vibrantes da imaginação das crianças. Cada atividade, cada jogo, cada conversa era uma oportunidade de aprendizagem mútua, onde eu era tanto docente como aluna, absorvendo tanto conhecimento das crianças como lhes transmitia. Este ano em particular, proporcionou-me o melhor

estágio que alguma vez poderia ter sonhado. Foi tudo bom, desde o primeiro dia que me senti em casa, numa bolha de amor e entreaajuda.

Na realização das minhas atividades, um aspeto que considero especialmente relevante é a minha capacidade de interação com as crianças e de compreender a sua evolução. Sou uma pessoa observadora e consciente, capaz de analisar profundamente cada criança e captar a sua essência. A minha comunicação com elas é sempre clara, expressiva e serena. Penso que esta comunicação contínua sobre emoções, conflitos e aprendizagens, entre outros temas, é o que fortalece a minha ligação com as crianças. Sempre respeitei o ritmo individual de cada uma, reconhecendo a sua singularidade e particularidades. À medida que vou conhecendo os grupos, torna-se mais fácil tomar decisões que valorizem e respeitem o desenvolvimento de cada criança. Conforme mencionado por Hohmann e Weikart (2011) o objetivo principal de um educador de infância é o de encorajar a aprendizagem ativa por parte das crianças. Além disso, o amor e a autoestima são aspetos fulcrais para o desenvolvimento intelectual e emocional das crianças, isto é, “necessitam de se sentir emocionalmente seguras e de sentimento de controlo” (Whitebread, 1996, citado por Portugal, 2008, p. 44). Neste sentido, valorizo muito as iniciativas próprias das crianças, prestando sempre atenção às suas propostas, sejam verbais ou comportamentais, com o intuito de promover a sua participação ativa num ambiente seguro e confiante.

No que toca aos materiais, preocupo-me em garantir que são adequados às crianças, preparados antecipadamente e disponibilizados de forma acessível durante as atividades. Estes são utilizados livre e autonomamente pelas crianças, exceto quando algum material poderia representar um risco à sua segurança. Além disso, procuro diversificar sempre os recursos, apresentando novidades que captem o interesse das crianças. Em relação à organização dos espaços, acredito que são sempre bem planeados e adequados ao grupo, sendo escolhidos conforme as minhas intenções educativas. No entanto, uma das principais dificuldades, que enfrentei ao longo dos estágios, foi a gestão do grupo dentro desses espaços, recorrendo muitas vezes a conselhos das equipas educativas que me acompanhavam. Por fim, fui sempre sensível às particularidades formativas de cada área e aos momentos da rotina diária, respeitando-os integralmente, reconhecendo a importância de uma rotina bem definida, ainda que flexível, para as crianças. Em suma, considero que a minha capacidade de trabalhar de forma globalizante e coerente foi bastante notável.

De acordo com Post e Hohmann (2011), quando as famílias estão envolvidas na vida escolar, as crianças sentem-se mais acompanhadas e motivadas a participar nas atividades. Neste sentido, quando se trata da minha interação e trabalho com as famílias, com vista a valorizar a criança e as competências parentais, sinto que faço um investimento considerável nessa relação. As próprias instituições em que já estagiei já dão grande importância a esse contacto, o que facilitou a minha abordagem. Sempre defendi a ideia de que é fundamental que os pais conheçam quem está a cuidar dos seus filhos e compreendam as práticas adotadas. Para além de colocar uma carta de apresentação na porta, fiz questão de me apresentar pessoalmente e conversar com todas as famílias. Além disso, explico-lhes, sempre, através de conversas e de questionários enviado para casa, em que consistia a minha intervenção, como surgiu e quais eram os meus objetivos.

À medida que o tempo passou, em ambos os estágios, as famílias começaram a colaborar muito comigo, fornecendo dados importantes para os meus estudos e participando em momentos do quotidiano, como ao trazer livros e objetos que fossem úteis na minha prática. Procurei sempre ser atenciosa, cuidadosa e mostrar-me disponível para conhecer melhor os pais. Muitas vezes, senti esse carinho retribuído, com as famílias a oferecerem-me presentes ou a fazerem comentários como “Joana, não sei o que se passa aqui, mas há um grande afeto por si lá em casa... está sempre a contar os dias para ver a Joana” ou “Joana, hoje trouxemos este livro que achámos muito interessante para o seu projeto”. Resumindo, o meu empenho em estabelecer uma ligação sólida com as famílias foi notório, criando um ambiente colaborativo que valorizava tanto as crianças quanto as competências parentais.

Relativamente às relações afetivas, considero que sou uma pessoa bastante carinhosa e que se apega com muita facilidade. Ao longo do meu percurso, este ano em especial, ocupou uma parte grande do meu coração. Estive num sítio que me fez acreditar que tudo é possível, que me deu a mão, que me deu asas. Como menciona Roldão (2007) “o trabalho colaborativo estrutura-se essencialmente como um processo de trabalho articulado e pensado em conjunto, que permite alcançar melhor os resultados visados” (p. 27). Neste sentido, tive muita sorte com a equipa educativa da sala, que me compreendeu na totalidade o meu papel enquanto estagiária e além de me respeitar sempre muito, tratou-me como parte da equipa. Remámos sempre para o mesmo lado, com o mesmo fim e não podia estar mais grata. No que concerne às crianças, estas fizeram a minha experiência o mais incrível que poderia imaginar,

fizeram-me perceber que é possível ter o perfil de educadora que sempre sonhei. Segundo Portugal (2008) ao assumir a responsabilidade por um grupo de crianças, o adulto deve focar-se em estabelecer uma relação afetiva, tendo em conta que as crianças aprendem e desenvolvem-se através das interações com os cuidadores que demonstram respeito e garantem a sua segurança. Desta forma, acho que tive um papel crucial neste âmbito e que atualmente continuo a comunicar com as mesmas com frequência e vou visitá-las muito, porque um dia sem as ver já deixa muitas saudades. De seguida, mostro um excerto de uma reflexão que fiz, acerca da relação afetiva que estabeleci com o grupo este ano e que foi muito especial para mim

As crianças são amorosas comigo e, ao longo do tempo, penso que tenho criado uma boa relação com o grupo. Todos os dias me sinto bem-vinda na sala e sou tratada com muito respeito e carinho. Às vezes, estou a colocar o pé na entrada da associação e já estou a ouvir um “Este fim de semana pensei muito em ti, porque tive muitas, muitas saudades tuas. Além disso, comi panquecas que a minha mãe fez e lembrei-me que também gostas, por isso pensei mais em ti outra vez” (T.P), o que dá uma motivação gigante. Durante o dia, as crianças têm imensos gestos de carinho comigo, tais como desejarem que eu tenha um bom almoço “Joana desejo que tenhas um ótimo, ótimo almoço e que gostes muito da comida” (M.N) e “Quando é que voltas do almoço? Podes por favor vir um bocadinho para o recreio para brincar contigo” (T.P). Todas estas atitudes que as crianças têm comigo, são gestos que eu tenho diariamente com elas e é muito gratificante entender o impacto positivo que isso tem em cada criança. Por exemplo, todos os dias faço questão de me despedir de todas as crianças, então as crianças começaram também a vir dar-me um abraço de despedida, muitas vezes seguido de frases como “Amanhã voltas não voltas?” (S.B), “Este fim de semana vou fazer bolachas para ti” (S.G) e “Tens de correr para apanhar o autocarro” (M.N). Esta boa relação faz-me sentir bem e todos estes momentos ficam guardados no meu coração. (Anexo X).

Hohmann e Weikart (2011) destacam que, quando os adultos demonstram carinho e paciência, as crianças aprendem a valorizar essas características e tendem a demonstrá-las nas suas interações com os outros. Desta forma, foram diversos os momentos em que as crianças foram carinhosas e preocupadas comigo “O T.P, quando viu que a estagiária ia almoçar, veio ter com ela a correr e disse “Joana espero que tenhas um muito bom almoço, não te esqueças de comer devagarinho, porque se não

faz te mal ou podes engasgar-te.” (Nota de campo do dia 12 de dezembro de 2023, Registo n.º 5, PPSII, Anexo C1).

Além deste carinho, foram diversos os momentos em que mostrei apoio em instantes mais sensíveis para algumas crianças, como durante a hora da refeição

A estagiária durante este momento, validou a dor da criança, mas explicou-lhe que tinha que comer alguma coisa se não ficava sem forças. A criança, apesar de lhe estar a custar, fez um esforço para comer um pouco, enquanto a estagiária tentava conversar com ela acerca de assuntos que interessam à criança, como carros, de maneira a fazer com que a mesma não pense tanto na sua mãe. (Nota de campo do dia 13 de março de 2023, Registo n.º 4 – PPSI, Anexo C1)

ou, por exemplo, na hora da sesta<sup>14</sup>. Por fim, outros instantes muito importantes para mim e que valorizo muito, pois sinto que fortalecem a minha ligação com as crianças, são os momentos de brincadeira

No recreio as crianças muitas vezes chamam a estagiária para brincar com elas. Uma das brincadeiras feitas foi organizada pela S.B e pela M.V que tem a seguinte canção “Sapatinho branco, sapatinho azul, quantos anos tens tu?”. A pessoa em que calhar tem de dizer a sua idade e todos contam em voz alta. Em quem calhar após a contagem, essa pessoa perde um pé. O T.P quis também brincar com a estagiária, imitando profissões como a de fotógrafo e a de médico. (Nota de campo do dia 13 de novembro de 2023, Registo n.º 3 – PPSII, Anexo C1).

Durante a minha prática, dou-lhes espaço para brincarem umas com as outras, no entanto, quando estas desejam, faço muito gosto de fazer parte da brincadeira, tentando sempre não limitar a imaginação das crianças e respeitar a orientação das mesmas.

Na avaliação do meu desempenho, considero-me alguém que lida bem com críticas e até as valorizo, pois vejo nelas uma oportunidade de crescimento. Acredito que uma perspetiva externa é sempre enriquecedora e pode oferecer diversas vantagens para quem deseja evoluir. De acordo com Pinheiro et al. (2007) os educadores de infância devem adotar uma prática reflexiva constante, o que permite ajustar as práticas educativas às necessidades individuais de cada criança, contribuindo

---

<sup>14</sup> Na sesta houve uma criança que começou a chorar porque “Querida a mãe”. (...) De seguida, a estagiária explicou à criança que os pais estavam a trabalhar e daqui a nada já a vinham buscar. Durante esta conversa, a estagiária manteve-se perto da criança, com a intenção de a tentar acalmar. Ao fim de uns minutos a criança acalmou-se e já tinha os olhos fechados. (Nota de campo do dia 1 de março, Registo n.º 7 – PPSI, Anexo C1).

assim para o seu desenvolvimento global de forma adequada. No que diz respeito à autoanálise, é algo que pratico regularmente, tanto a nível profissional quanto pessoal. Reflito profundamente sobre as minhas ações, principalmente porque tenho uma grande paixão por esta área e ambiciono tornar-me uma educadora de infância exemplar.

Após tudo o que mencionei e refletir um pouco acerca de todo o caminho que já percorri, sinto que me falta referir o tipo de educadora de infância que pretendo ser. As minhas expectativas para este futuro próximo são ambiciosas e vão sempre ser, porque tenho muitos objetivos e sou extremamente perfeccionista. Espero ser uma educadora de infância, sempre motivada a manter-me atualizada, em busca de novos conhecimentos, de forma constante. Espero ser uma educadora de infância que deixa portas abertas, que se permite a si mesma falhar e aprender com a experiência. Espero ser uma educadora de infância que não se perde na rotina, com tempo para as minhas crianças, para as ouvir, para as mimar, para as abraçar. Espero ser uma educadora de infância que é casa, que é conforto, que é um porto de abrigo. Espero ser uma educadora de infância que não corta a voz às crianças. Espero ser uma educadora de infância atenta e sempre pronta a dar a mão ao próximo, seja este próximo criança ou colega. No fundo, espero nunca perder a minha essência, os meus valores e nunca desistir dos meus objetivos, projeções futuras e daquilo que idealizo.

Ao fim destes 5 anos, é com grande emoção que digo que chegaram ao fim. E assim, entre risos e lágrimas, desafios e conquistas, a minha jornada como futura educadora de infância continua a desenrolar-se diante de mim. Cada dia é uma página em branco, esperando para ser preenchida com novas histórias, novas descobertas, novos sorrisos. E eu estou aqui, pronta para escrever o próximo capítulo, com o coração cheio de gratidão pelo privilégio de fazer parte da vida das crianças, guiando-as com amor e carinho pelo caminho da aprendizagem e do crescimento. Que feliz que sou por ter a oportunidade de estudar e poder seguir aquilo que mais amo. Estou ansiosa pelo que aí vem e por finalmente exercer a profissão que sempre quis.

## 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

| " " | " "

Na minha visão, a componente prática desempenha um papel fundamental na formação de um estudante, permitindo-lhe aplicar o conhecimento teórico adquirido ao longo do seu percurso académico. De acordo com Sarmiento (2009), a identidade profissional é uma construção complexa que ocorre através de interações e experiências em diversos contextos profissionais, sociais e familiares. É durante a prática que os estagiários têm a oportunidade de vivenciar a sua profissão e compreender as responsabilidades inerentes a ela. Durante o meu período da PPSII, que constituiu uma etapa crucial na minha formação enquanto futura Educadora de Infância, tive a oportunidade de vivenciar experiências ricas, permeadas por momentos bastante gratificantes, assim como alguns desafios que contribuíram para o meu desenvolvimento pessoal e profissional.

A presente investigação teve como foco central a análise das conceções das crianças, das famílias e da educadora cooperante sobre a importância dos grupos heterogéneos de idade para o desenvolvimento infantil, num contexto de educação pré-escolar. Através dos objetivos delineados, procurou-se compreender a influência das interações entre as crianças de diferentes idades e como estas são percebidas pelos diversos intervenientes.

A análise das entrevistas semiestruturadas, observações registadas e fotografias revelou perceções valiosas das crianças sobre a interação com colegas de diferentes idades. As crianças, participantes nesta investigação, demonstraram uma compreensão intuitiva e prática da importância da interação com pares de diferentes idades. As crianças de 5 anos foram as mais mencionadas como preferidas para brincar, destacando-se como líderes e modelos a seguir. As crianças de 4 e 5 anos mostraram maior afinidade entre si.

Os dados mostram que as crianças mais novas tendem a aprender ao observar e imitar as mais velhas, desenvolvendo competências sociais e motoras mais rapidamente. Atividades como fazer o pino, desenhar, e brincar com plasticina foram mencionadas como áreas de aprendizagem facilitadas pela interação com colegas mais velhos. Rasmussen (2005) destaca que os grupos com crianças de diferentes idades permitem o desenvolvimento de relações afetivas entre as mesmas. Essa convivência facilita várias interações sociais positivas, promovendo um ambiente de cooperação e ajuda mútua. Na Sala B, a cooperação e ajuda são evidentes nas brincadeiras e nas rotinas diárias, com vários exemplos de crianças que ajudam os colegas a comer, a arrumar brinquedos e a lidar com emoções. Desta forma, observou-se que as crianças

reconhecem o valor da ajuda mútua e da cooperação, elementos essenciais para um ambiente educativo inclusivo e estimulante. Estes resultados corroboram com a teoria de Katz (1995), que sublinha a importância das interações entre crianças de diferentes idades para o desenvolvimento de competências sociais, emocionais e práticas.

A educadora cooperante destacou a importância crucial dos grupos heterogêneos na promoção de competências sociais e emocionais nas crianças. Conforme relatado na entrevista, a educadora sublinhou que a cooperação e a ajuda mútua são valores essenciais que se desenvolvem de forma mais robusta em ambientes onde a diversidade etária é uma constante. Katz (1995) explica que, além da cooperação, outros comportamentos pró-sociais como ajudar, partilhar e assumir responsabilidade social são mais comuns em grupos heterogêneos em idade. A educadora reconhece que esta dinâmica não só facilita o desenvolvimento de habilidades sociais, mas também promove uma compreensão mais profunda das necessidades e limitações dos outros, fomentando a empatia e a sensibilidade. A prática pedagógica da educadora é orientada pela valorização da voz ativa das crianças, das relações afetivas e pela criação de um ambiente onde as crianças se sintam seguras para expressar e desenvolver as suas competências sociais. Além disso, a educadora cooperante considera que a cooperação e a ajuda mútua são pilares na sua ação pedagógica. Katz (1992) salienta que o educador de infância deve incentivar as crianças mais novas a procurarem os membros mais capazes do grupo quando precisam de ajuda. Além disso, é importante estimular as crianças mais velhas e/ou mais experientes a tomar a iniciativa de ajudar aqueles que necessitam. Katz (1995) complementa essa estratégia, sugerindo que o educador deve encorajar as crianças a procurar instruções e até conforto com os seus pares mais capazes. Ao adotar essa dinâmica, o educador de infância promoverá a construção de relações entre as crianças baseadas na confiança e na ajuda mútua (Hohmann & Weikart, 2011). De acordo com o que foi mencionado, algumas estratégias que a educadora cooperante utiliza para promover a cooperação e a ajuda mútua são ser um modelo a seguir e permitir que as crianças se ajudem mutuamente, sem a sua intervenção, sendo apenas uma mediadora.

No que concerne às famílias, os dados revelam que todas as famílias entrevistadas consideram importante a inclusão dos seus filhos em salas com idades mistas. Além disso, demonstram uma compreensão partilhada da importância da interação entre crianças de diferentes idades para o desenvolvimento pessoal, social e emocional tanto das crianças mais novas como das mais velhas. De acordo com Katz

(1995) as crianças mais novas tendem a imitar as mais velhas, o que potencia a sua autonomia. Estas também são confortadas e encorajadas pelas crianças mais velhas. Por outro lado, as crianças mais velhas desenvolvem a sua tolerância e sentido de responsabilidade ao ajudar as mais novas. As famílias foram ao encontro desta informação e identificaram uma série de benefícios associados à convivência em grupos heterogéneos de idade, incluindo o estímulo ao desenvolvimento integral das crianças, o fortalecimento das habilidades sociais e emocionais, e o aumento da autoestima e da confiança. Embora a maioria das famílias não tenha identificado desvantagens significativas associadas às salas com idades mistas, uma expressou preocupações com a adaptação do currículo para satisfazer as diferentes necessidades e níveis de desenvolvimento das crianças, e outra em relação à frustração dos mais novos para atingir patamares semelhantes aos dos mais velhos.

Em suma, a investigação revelou que a heterogeneidade de idades em salas de jardim de infância é amplamente benéfica para o desenvolvimento das crianças, tanto nas dimensões cognitivas quanto sociais e emocionais. As conceções das crianças, da educadora cooperante e das famílias alinham-se na valorização deste modelo educativo, reconhecendo que a diversidade etária promove a cooperação, a entreajuda e o desenvolvimento de competências sociais fundamentais para o crescimento integral das crianças. Estes resultados corroboram com a literatura existente (Katz et al., 1990; Katz, 1990, 1992, 1995, 1998; Teixeira et al., 2011; Gray, 2011), destacando a importância de práticas pedagógicas que valorizem e tirem partido das diferenças individuais, criando ambientes de aprendizagem ricos e inclusivos. Desta forma, a adoção de grupos heterogéneos de idade em contextos de educação pré-escolar emerge como uma estratégia pedagógica valiosa, que contribui significativamente para o desenvolvimento holístico das crianças.

# REFERÊNCIAS

| | " | | "

- Amado, J. (2017). *Manual de Investigação Qualitativa em Educação*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra.
- Andrade, A. O., Prado, J. A. S., Marques, K. C. C., Nascimento, M. M., Silva, R. M., Silva, R. R. R. (2022). Materiais não estruturados na educação infantil. *Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação*, 8(08), pp. 1317-1321.
- Arezes, M., & Colaço, S. (2014). *A interação e cooperação entre pares: uma prática em contexto de creche*. *Revista Interações*, 10(30), 110-137.
- Associação de Profissionais de Educação de Infância. (2011). *Carta de Princípios dos Associados da APEI para a Tomada de Decisão Eticamente Situada*.
- Brazelton, T. & Greenspan, S. (2009). *A criança e o seu mundo*. (6ª Ed.). Barcarena: Editorial Presença.
- Brougère, G. (1998). A criança e a cultura lúdica. In: *Brincar e as suas Teorias*. São Paulo: Pioneira, pp. 19-32.
- Bruner, J. S. (1960). *The Process of Education*. Cambridge, MA: Harvard University Press.
- Bruner, J. S. (1966). *Toward a Theory of Instruction*. Cambridge, MA: Harvard University Press.
- Cardona, M. J. (1999). O espaço e o tempo no Jardim de Infância. *Pro-Posições*, 10(1), pp. 132-138.
- Decreto-Lei n.º 54/2018 de 6 de julho de 2018. Diário da República, Série I, n.º 129.
- Elkind, D. (1981). *The hurried child: Growing up too fast too soon*. Reading, MA: Addison-Wesley.
- Flick, U. (2004). *Introducción a la investigación cualitativa*. Madrid: Morata.
- Folque, M. A., Bettencourt, M., & Ricardo, M. (2015). *A prática educativa na creche e o modelo pedagógico do MEM*. *Escola Moderna*, 3(6), 13-34.
- Ginsburg, K. R. (2007). The Importance of Play in Promoting Healthy Child Development and Maintaining Strong Parent-Child Bonds. *American Academic Pediatrics*, pp. 182-191.
- Gray, P. (2011). *The Special Value of Children's Age-Mixed Play*. *American Journal of Play*, 3(4), 500-522.
- Hohmann, M. & Weikart, D. (2011). *Educar a criança*. Fundação Calouste Gulbenkian.
- Katz, L. G. (1990). *The Case for Mixed-Age Grouping in Early Education*. Eric Clearinghouse on Elementary and Early Childhood education.

- Katz, L. G., Evangelou, D. & Hartman, J. A. (1990). *The Case for Mixed-Age Grouping In Early Education*. Washington: National Association for the Education of Young Children.
- Katz, L. G. (1992). *Nongraded and Mixed-Age Grouping in Early Childhood Programs*. ERIC Digest, 1-6.
- Katz, L. (1995). *The Benefits of Mixed Age Grouping*. Champaign: Clearinghouse on Elementary and Early Childhood Education.
- Katz, L. G. (1995). *Talks with Teachers of Young Children: A Collection*. Norwood, NJ: Ablex Publishing Corporation.
- Katz, L. (1998). *The benefits of the mix*. Child Care Information Exchange, nº11, pp. 46-49.
- Kishimoto, T. (2010). Brinquedos e Brincadeiras na Educação Infantil. *Seminário Nacional Currículo em Movimento: Perspectivas Atuais*. Belo Horizonte: Brasil.
- Lino, D. (2007). O Modelo Pedagógico Reggio Emilia: uma apresentação. In: *Modelos curriculares para a educação de infância: Construindo uma práxis de participação*. 3. Ed. Porto Editora.
- Lino, D. M. & Parente, C. (2018). *Play and Learning in Early Childhood Education: the contribution of High scope, Reggio emilia, and Montessori pedagogical approaches*. Chapter 10. pp. 147-149.
- Maia, V. (2014). *A relevância da interação criança-criança em grupos heterogêneos no processo de aprendizagem*. (Dissertação de mestrado, Universidade de Évora: Escola de Ciências Sociais e Humanas – Departamento de Pedagogia e Educação, Évora).
- Mata, L. & Pedro, I. (2021). *Participação e envolvimento das famílias - construção de parcerias em contextos de educação de infância*. Ministério da Educação. Direção-Geral da Educação.
- Meirinhos, M., & Osório, A. (2010). *O estudo de caso como estratégia de investigação em educação*. *EDUSER – Revista de Educação* 2(2), pp. 49-65.
- Ministério da Educação (1997). *Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar*. Lisboa: Ministério da Educação, Departamento da Educação Básica.
- Montessori, M. (1949). *The absorbent mind*. New York, NY: Holt, Rinehart and Winston.
- Montessori, M. (2017b). *El niño. El secreto de la infancia*. Montessori-Pierson Publishing Company.

- Niza, S. (2007). *Educação e cidadania: O caso do Movimento da Escola Moderna - Vol. 2*. Lisboa: Plátano Editora.
- Oliveira-Formosinho, J. (2013). *Modelos Curriculares para a Educação de Infância – Construindo uma práxis de participação*. Porto Editora.
- Oliveira-Formosinho, J. & Araújo, S. (2013). *Educação em Creche: Participação e Diversidade*. Porto Editora.
- Parente, C. (2012). *Observar e escutar na creche: para aprender sobre as crianças*. Confederação Nacional das Instituições de Solidariedade.
- Pereira, M. A. R. (2019). *O meio exterior da escola no ensino do estudo do meio*. Dissertação de mestrado em Pré-escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico. Instituto politécnico de Setúbal. Escola Superior de Educação.
- Piaget, J. (1977). *The Development of Thought: Equilibration of Cognitive Structures*. New York, NY: Viking Press.
- Pinheiro, A., Marques, M., Oliveira, C., Santos, V., Pinho, R. & Neves, I. (2007). O Educador como Prático Reflexivo. *Cadernos de Estudo*, 6, 129-142.
- Portugal, G. (2000). Educação de Bebés em Creche: Perspectivas de Formação Teóricas e Práticas. *Infância e Educação: investigação e práticas*, 1, 85-106.
- Portugal, G. (2008). *Desenvolvimento e Aprendizagem na infância*. In: I. Alarcão (2008), Relatório do Estudo: A educação das Crianças dos 0 aos 12 anos (pp. 7-67). CNE
- Post, J. & Hohmann, M. (2003). *Educação de Bebés em Infantários. Cuidados e Primeiras Aprendizagens*. Fundação Calouste Gulbenkian. Lisboa.
- Post, J. & Hohmann, M. (2011). *Educação de Bebés em Infantários* (4ª ed.). Fundação Calouste Gulbenkian: Lisboa.
- Pozas, M., Letzel, V., & Schneider, C. (2020). *Teachers and differentiated instruction: exploring differentiation practices to address student diversity*. *Journal of Research in Special Educational Needs*, 20(3), 217-230.
- Priberam Dicionário. (2023). *Cooperação*. Dicionário Priberam Língua Portuguesa. Consultado a 1 de dezembro de 2023 em <https://dicionario.priberam.org/coopera%C3%A7%C3%A3o>
- Priberam Dicionário. (2023). *Entreajuda*. Dicionário Priberam Língua Portuguesa. Consultado a 1 de dezembro de 2023 em <https://dicionario.priberam.org/entreajuda>

- Rasmussen, Marilyn, F.(2005). *Mixed-Age Groups in After-School and Out-Of-School Time Programs*. Extension Extra. Paper 511.
- Rodríguez, G. G., Flores, J. G., & Jiménez, E. G. (1999). *Metodología de la investigación cualitativa*. Málaga: Ediciones Aljibe.
- Roldão, M. (2007). Colaborar é preciso: questões de qualidade e eficácia no trabalho dos professores. In Dossier: Trabalho colaborativo dos professores, *Revista Noesis*, 71, pp. 24-29.
- Sarmiento, M. J., Fernandes, N. & Tomás, C. (2007). Políticas públicas e participação infantil. *Educação, Sociedade & Culturas*, 27, 183-206.
- Sarmiento, T. (2009). As Identidades Profissionais em Educação de Infância. *Locus Social*, (2), 47-65.
- Silva, I. L. (2016). *Modelos curriculares ou pedagógicos*. Adaptado de “Oficina de Formação: Gerir o currículo na educação pré-escolar: planeamento e avaliação na perspetiva das OCEPE 2016”. Documento policopiado.
- Silva, I. L. (Coord.), Marques, L., Mata, L., & Rosa, M. (2016). *Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar*. Ministério da Educação, Direção-Geral da Educação.
- Silva, J. R. F. (2014). *O trabalho colaborativo em equipa. Conceções e Práticas das Equipas Pedagógicas*. Dissertação de Mestrado em Educação Pré-escolar. Instituto Politécnico de Setúbal.
- Teixeira, A., Jorge, R., Guardiano, M., Viana, V., Guimarães J. E. (2011). Neurodesenvolvimento em idade pré-escolar: a integração em agrupamento vertical. *Acta Pediatr Port.* 42(2), 57-60.
- Tizard, B. (1982). *The Social World of Children Learning to Talk*. London, England: Routledge & Kegan Paul.
- Tizard, B., & Hughes, M. (1984). *Young Children Learning*. London, England: Fontana Press.
- Tomás, C. (2011). *“Há muitos mundos no mundo” Cosmopolitismo, participação e direitos da criança*. Edições Afrontamento.
- Tomlinson, C. A. (2001). *How to Differentiate Instruction in Mixed-Ability Classrooms*. Alexandria, VA: Association for Supervision and Curriculum Development.
- Vasconcelos, T. (2011). Trabalho de projeto como “Pedagogia de Fronteira”. *Da Investigação às práticas*, 1(3), 8-20.

- Vásquez, R. R., & Angulo, R. F. (2003). *Introducción a los estudios de casos. Los primeros contactos con la investigación etnográfica*. Málaga: Ediciones Aljibe.
- Vygotsky, L. S. (1978). *Mind in Society: The Development of Higher Psychological Processes* (M. Cole, V. John-Steiner, S. Scribner, & E. Souberman, Eds.; A. R. Luria, A. Kozulin, & J. S. Bruner, Trans.). Harvard University Press.
- Wadsworth, B. J. (1992). *Inteligência e Afetividade da Criança na Teoria de Piaget*. Pioneira Educação.
- Yin, R. K. (2003). *Estudos de caso – Planejamento e Métodos* (2.ª ed.) (D. Grassi, Trad.). Bookman (Obra original publicada em 2001).
- Zabalza, M. (1987). *Didática da educação infantil*. Porto: Edições Asa.

**Outros Documentos:**

- Documento orientador do relatório PPSII;  
Projeto Educativo - 2021-2024;  
Plano de grupo - 2023-2024.

Frase: “Ser educador, além de ensinar, é saber viver, conviver, respeitar as diferenças do outro e aprender com o próximo. É um compromisso consigo mesmo. É com o mundo” de Maria Alíniza

ANEXOS

| " | | " |

ANEXO A  
Planta da instituição  
| ' ' | | ' ' |



ANEXO B  
Guião da entrevista à  
Educadora Cooperante

| | " | | "

---

## Guião de Entrevista

---

**Destinatária:** Educadora de Infância (PPS II 2023/2024)

**Objetivos:**

- Determinar as conceções da educadora de infância sobre a importância dos grupos heterogéneos de idade para o desenvolvimento da criança;
- Compreender de que maneira é que a educadora de infância implementa na sua prática a cooperação e a ajuda entre as crianças.

[Esta entrevista tem também como objetivo a recolha de informações para a realização do tópico “Caraterização de uma ação educativa contextualizada” inerente ao relatório da PPS II]

Blocos de Informação	Objetivos específicos	Formulação de questões	Observações
A. Legitimação da entrevista e motivação da entrevistada	<ul style="list-style-type: none"><li>• Legitimar a entrevista;</li><li>• Motivar a entrevistada.</li></ul>	<ul style="list-style-type: none"><li>- Esta entrevista tem como objetivo a obtenção de informação necessária à realização do tópico “Caraterização de uma ação educativa contextualizada” inerente ao relatório da PPS II e de obter respostas acerca do tema da investigação.</li><li>- O caráter da entrevista é confidencial e o anonimato dos dados é garantido, deste modo afirmo que serei a única pessoa a ter acesso à gravação áudio.</li><li>- Autoriza o consentimento da gravação áudio desta entrevista?</li><li>- Garanto o envio da entrevista com as devidas transcrições para validação.</li></ul>	

<p><b>B. Definição do perfil da entrevistada</b></p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Conhecer o percurso profissional da educadora cooperante.</li> </ul>	<p>B1. Qual é a sua habilitação?  B2. Há quanto tempo executa serviços de educadora de infância?  B3. Para si, o que significa ser educadora de infância?  B4. Como foi o seu percurso profissional?  B5. Como foi o seu percurso nesta Associação?</p>	
<p><b>C. Perspetivas sobre o grupo</b></p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Caraterizar o grupo da Sala B.</li> </ul>	<p>C1. Como caracteriza o grupo de crianças da sala B?</p>	
<p><b>D. Organização do ambiente educativo</b></p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Compreender como a educadora cooperante organiza e gere o ambiente educativo.</li> </ul>	<p>D1. Como é organizado o tempo, o grupo e o espaço/materiais?  D1.1. As famílias participam nas decisões inerentes à organização do ambiente educativo? De que forma?  D1.2. As crianças participam nas decisões inerentes à organização do ambiente educativo? De que forma?</p>	
<p><b>E. Relação com as Famílias.</b></p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Conhecer a participação das famílias das crianças na Associação;</li> <li>• Conhecer as estratégias utilizadas pela educadora cooperante, com o intuito de promover o contacto com as famílias e entre famílias.</li> </ul>	<p>E1. Como caracteriza o envolvimento/participação têm as famílias na Associação?  E2. Que estratégias existem na Associação para envolver as famílias?  E3. Quantas reuniões são realizadas com as famílias e com que objetivo?  E4. As famílias podem solicitar reuniões se tiverem dúvidas ou sugestões relativas à vida das crianças na Associação?</p>	

<b>F. Planificação/Avaliação</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Conhecer os procedimentos de avaliação da criança;</li> <li>• Compreender como é elaborada a planificação educacional.</li> </ul>	<p>F1. Como planifica o seu trabalho durante o ano letivo (através de planificações anuais, trimestrais, mensais, diárias, etc.)?</p> <p>F2. Como é feita a avaliação das crianças?</p>	
<b>G. Trabalho em equipa</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Relações e interações entre a equipa educativa;</li> <li>• Compreender como é realizado o trabalho em equipa.</li> </ul>	<p>G1. Na sua opinião, como caracteriza a equipa que trabalha na Associação?</p> <p>G2. Existe articulação entre salas? De que tipo?</p> <p>G3. Em que medida considera importante a existência de um auxiliar em colaboração com a educadora?</p>	
<b>H. Interações entre as crianças de um grupo heterogéneo de idade</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Compreender as vantagens e desvantagens das interações entre as crianças de idades diferentes.</li> </ul>	<p>H1. Como é que foi a sua experiência com um grupo homogéneo de idade?</p> <p>H2. Quais as vantagens das interações entre crianças de um grupo homogéneo de idade para o seu desenvolvimento?</p> <p>H3. Quais as desvantagens das interações entre crianças de um grupo homogéneo de idade para o seu desenvolvimento?</p> <p>H4. Como é que está a ser a sua experiência com um grupo heterogéneo de idade?</p> <p>H5. Quais as vantagens das interações entre crianças de um grupo heterogéneo de idade para o seu desenvolvimento?</p>	

		H6. Quais as desvantagens das interações entre crianças de um grupo heterogéneo de idade para o seu desenvolvimento?	
<b>I.</b> Importância da cooperação e entreaajuda em salas heterogéneas	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Compreender qual a importância da cooperação e entreaajuda entre crianças de idades diferentes.</li> </ul>	<p>I1. O que entende por cooperação?</p> <p>I2. O que entende por entreaajuda?</p> <p>I3. Como caracteriza o grupo no que concerne à cooperação e entreaajuda entre os pares?</p> <p>I4. Qual a importância da cooperação e entreaajuda entre crianças, sobretudo num grupo heterogéneo em idade?</p>	
<b>J.</b> Diferenciação Pedagógica	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Compreender qual é o papel da educadora cooperante na promoção da cooperação e entreaajuda entre pares;</li> <li>• Compreender quais as estratégias utilizadas pela educadora cooperante na promoção da cooperação e entreaajuda entre pares.</li> </ul>	<p>J1. Que princípios define para a sua ação pedagógica?</p> <p>J2. Como adapta a sua prática pedagógica a todas as crianças da sala, tendo em conta que têm idades distintas?</p> <p>J3. Como é que se desenvolve uma relação de cooperação e entreaajuda com as crianças?</p> <p>J4. Que estratégias utiliza para estimular a cooperação e a entreaajuda entre as crianças?</p>	
<b>K.</b> Conclusão da entrevista	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Finalizar a entrevista.</li> </ul>	<p>De momento, recorda-se de algo mais que considere ser pertinente em relação aos aspetos abordados?</p> <p>Obrigada pela sua disponibilidade.</p>	

ANEXO C  
Transcrição da entrevista à  
Educadora Cooperante

| ' ' | ' ' |

## **Transcrição da entrevista à Educadora Cooperante**

### **B1. Qual é a sua habilitação?**

R: Mestrado em Educação Pré-Escolar.

### **B2. Há quanto tempo executa serviços de Educadora de Infância?**

R: Então, nesta escola há 3 anos, antes trabalhei numa creche 7 anos, ao todo são 10 anos.

### **B3. Para si, o que significa ser Educadora de Infância?**

R: O sonho da minha vida.

### **B4. Como foi o seu percurso profissional?**

R: Então, eu comecei a trabalhar muito cedo desde os 18 anos e trabalhei em várias coisas. Depois fui trabalhar para o colégio Manuel Bernardes como Auxiliar do 1.º ciclo e foi aí que me veio a paixão, quer dizer, já tinha um bocadinho porque os meus pais sempre trabalharam na área pronto e então acabei o 12º ano, não sabia muito bem o que fazer e então decidi inscrever-me e trabalhei e estudei ao mesmo tempo, sempre como Auxiliar do 1.º ciclo. Depois quando acabei o curso fiquei um ano sem ter emprego como educadora e depois foi quando fui trabalhar para a Creche Maria Catita como educadora de creche. Trabalhei lá 7 anos e depois surgiu a oportunidade de vir para aqui como educadora de pré-escolar não é e pronto e aceitei e estou aqui.

### **B5. Como foi o seu percurso nesta Associação?**

R: Então, foi um bocadinho assim uma grande misturada por assim dizer, mas foi muito bom. Eu entrei, gostei logo, eu vim, na altura que me propuseram, foi um risco que eu corri, propuseram um contrato de 3 meses e depois logo se via, porque tínhamos aqui uma educadora em Pré-Escolar que iria entrar no público, mas que não sabia, e eu decidi arriscar, era agora ou nunca. Não tinha filho na altura, nada, por isso, decidi arriscar na altura. Depois ela não entrou e surgiu a oportunidade de disseram-me “olhe há aqui uma oportunidade em creche, quer ir para creche?” e eu “sim claro, eu gostava de trabalhar aqui”, fui para creche, tinha tudo preparado, mas um dia antes telefona-me a diretora a dizer que afinal ia abrir uma salinha mais pequenina que as outras de pré-escolar ali onde é a biblioteca agora, que se chamava sala Ba e se eu queria ainda o lugar de educadora pré-escolar, seria uma sala mais pequena com crianças que não

tinham tido vagas nas outras salas e eu claro que aceitei, pronto, num dia para o outro uma biblioteca, uma sala que na altura era multiusos, uma sala que não era nada, virou uma sala e pronto foi assim que eu comecei aqui na associação como educadora de uma sala mais pequena de pré-escolar. Depois, entretanto, engravidei e depois quando voltei puseram-me aqui nesta sala porque tinha a junção da minha sala Ba com a sala da D que era a educadora que estava aqui antes, que entrou no público, então foi uma junção de coisas e eu fiquei aqui.

### **C1. Como caracteriza o grupo de crianças da sala B?**

R: É um grupo autónomo, é um grupo feliz, interessado, sempre pronto a arregaçar as mangas e fazer as coisas, acho que é isso, feliz acima de tudo.

### **D1. Como é organizado o tempo, o grupo e o espaço/materiais?**

R: O tempo tem a ver com a rotina da escola. Dentro da sala, nós organizamos como queremos, mas fora dos horários de almoço, lanche, ou seja, isso é tudo de acordo com os horários da escola, dentro da sala é maioritariamente de manhã quando fazemos as atividades, porque eles estão mais concentrados e quando eu tenho o grupo todo. Na parte da tarde fazemos mais outro tipo de atividades mais livres, eles brincam mais livremente e acabamos outras atividades que tínhamos começado de manhã, porque às vezes não tenho o grupo todo e lá está é pouquinho tempo à tarde e eles também já estão mais cansados e desconcentrados. O grupo é heterogéneo, maior parte das atividades são feitas com o grupo todo, tento sempre fazer isso, mas depois o que acontece é que eu espero coisas diferentes de acordo com as faixas etárias, às vezes o que acontece é que fazemos uma atividade em grupo, começa em grande grupo e depois a é preciso fazer várias coisas na atividade e eu de acordo com a faixa etária organizo os 3 anos assim as coisas mais simples, depois os 4 e os 5 as mais complicadas, como escrever ou assim, dependendo das atividades. Eu tive em atenção que eu quero sempre que na minha sala esteja tudo à mão deles, que eles possam mexer em tudo, que nada seja interdito por assim dizer e foi tudo foi pensado com eles no início do ano, as áreas foram pensadas com eles, tanto que as etiquetas foram eles que fizeram, o que há nas áreas também foi tudo pensado com eles, porque lá está eu acho que deve ser feita para eles e com eles.

### **D1.1. As famílias participam nas decisões inerentes à organização do ambiente educativo? De que forma?**

**R:** Realmente não participam, participaram só na reunião em que eu fiz uma dinâmica com eles, em que lhes dava umas fotografias e que eles tinham de dizer aquilo que eles achavam que as crianças faziam nas áreas e foi muito engraçado perceber aquilo que eles sabiam e não sabiam, pois tem a ver com as crianças, com o que vai para casa e que contam. A resposta foi dada pelas próprias crianças em formato de vídeo, acho que foi muito giro, mas participar mesmo na obtenção do ambiente não.

**D1.2. As crianças participam nas decisões inerentes à organização do ambiente educativo? De que forma?**

**R:** Foi aquilo que respondi há bocado, participam, claro, faz todo o sentido, eu acho que não fazia sentido de outra maneira, tudo é pensado para eles e com eles.

**E1. Como caracteriza o envolvimento/participação têm as famílias na Associação?**

**R:** Então eu acho que a escola é muito aberta às famílias, muito aberta à participação das famílias, temos vários ateliers que vamos fazendo ao longo do ano, atividades do Dia da Família, em que elas vêm e participam. Na sala nós temos a liberdade de os chamar quando quisermos, fazemos atividades com eles, a escola é muito aberta, a associação, e nós também como educadores também somos abertos a isso. Para o envolvimento dos pais também temos sempre o cuidado de mandar o correio semanal, que também os envolve de alguma maneira, não é só deixarem os filhos, mas não saberem o que estão aqui a fazer, temos a planificação, temos as coisas dos 4 e 5 anos, que é tudo para eles estarem também por dentro e claro que se eles quiserem dar opinião e tudo nós somos muito abertos.

**E2. Que estratégias existem na Associação para envolver as famílias?**

**R:** Da associação eu acho que tem a ver com as festas, com o Dia da Família, com pronto acho que tem a ver com esses momentos. A nível de sala as estratégias que eu costumo...é assim, nem todas as famílias têm disponibilidade para virem à sala e nós temos que ser abertos a isso e então eu uso muito coisas que se possa mandar para casa e que eles possam fazer em casa e depois trazer, como o livro do Gastão ano passado, em que as famílias se envolveram imenso, foi muito giro e também ter atividades em que eles venham a sala e participem, já tenho aqui uma na cabeça para este ano, mas temos que ter a atenção e deixar em aberto que não precisam de participar todos, quem quiser participar participa, quem não quiser está tudo bem.

### **E3. Quantas reuniões são realizadas com as famílias e com que objetivo?**

R: Nós temos uma quando eles transitam para aqui para o pré-escolar, nós temos uma reunião só mesmo no início do ano, individual, para essas crianças que transitam para o pré-escolar, ou seja, tenham 3 anos, tenham 4 anos, tenham 5 anos, quando é a primeira vez que estão no pré-escolar, fazemos a reunião de acolhimento. Depois temos também no início do ano a reunião geral, para falar um bocadinho da sala, de como é que trabalhamos, pronto, é para todos os pais. Depois temos 2 reuniões de avaliação, uma delas agora a meio de janeiro, só mesmo para aqueles pais que a gente acha que seja necessário, se algum pai nos pedir e depois no final do ano é que temos uma reunião também individual sobre a avaliação e aí é que mesmo com todos os pais. Ao longo do ano sempre que os pais requisitarem nós estamos abertos a ter reuniões, normalmente não é preciso porque nós temos um contato muito direto com os pais pelo telefone, pelo e-mail, então normalmente os pais não requisitam, mas se for se for preciso nós estamos abertos a isso.

### **E4. As famílias podem solicitar reuniões se tiverem dúvidas ou sugestões relativas à vida das crianças na Associação?**

R: Sim podem solicitar sempre que quiserem, portanto, nós temos aquela hora pedagógica para o caso isso acontecer, mas normalmente não é preciso, tirando algumas exceções de que é preciso iniciar uma terapia e esse tipo de coisas. Normalmente não é preciso porque nós temos mesmo um contato direto com os pais então não há muito essa necessidade, mas nós estamos abertos a isso.

### **F1. Como planifica o seu trabalho durante o ano letivo (através de planificações anuais, trimestrais, mensais, diárias, etc.)?**

R: Nós temos as planificações semanais, que nós fazemos e mandamos aos pais, mas claro que eu tenho uma planificação minha que eu vou fazendo para me organizar melhor e também ver mais ou menos a nível de projeto, que acaba por ser por mês.

### **F2. Como é feita a avaliação das crianças?**

R: A avaliação das crianças é feita 2 vezes por ano uma no início e uma no final do ano letivo e é feita por cruzinhas e depois no final temos uma descrição da criança. A avaliação não é uma avaliação quantitativa, não damos o valor, é qualitativa com as opções não adquirido, em aquisição ou adquirido.

### **G1. Na sua opinião, como caracteriza a equipa que trabalha na Associação?**

R: A minha opinião é maravilhosa porque noutros sítios não é assim. Há um cuidado em ajudar-nos a todos, entre educadores temos uma grande partilha de atividades, partilha de conhecimentos, partilha de tudo e é uma grande equipa, acho eu. e muito unida. Quando alguém precisa, estamos lá e mesmo a nível de coordenação eu acho que temos um grande apoio, mesmo naquelas maluqueiras que nos passam na cabeça está sempre a dizer-nos bora, bora fazer isto, sempre a apoiar-nos, eu acho que isso é fundamental e dar-nos um feedback positivo e eu acho que isso faz com que também nós nos sentimos bem para trabalhar em equipa. Na sala neste momento é espetacular, tenho um auxiliar que apoia as minhas maluqueiras, que nunca diz que não a nada e que se for preciso ainda vai lá e ainda põe mais maluqueira por cima e eu acho que é isso. Depois temos uma grande afinidade e que isso depois se transmite para as crianças, eu adoro chegar à minha sala e ver as crianças a rir às gargalhadas. a fazer jogos ou saber que quando eu não estou, que eu sei que eles estão bem e que estão felizes e eu vou descansada.

### **G2. Existe articulação entre salas? De que tipo?**

R: Então existe muito, existe muita partilha. A gente tem todas as semanas uma reunião onde partilha ideias, partilha sugestões e mesmo nós individualmente falamos muito, comunicamos muito e aí muitas vezes há partilhas de atividades, a partir das ideias, eu acho que nós aqui somos uma equipa muito unida e que nos ajudamos muito, muito. Quando temos algum problema falamos entre nós para tentar que a outra pessoa nos ajude, como é que vamos resolver aquele problema, eu acho que como equipa nós somos muito unidos, sem dúvida.

### **G3. Em que medida considera importante a existência de um Auxiliar em colaboração com a educadora?**

R: Total. O Auxiliar é o braço direito, sem ele não conseguimos fazer o nosso trabalho, por isso, há que respeitá-lo, há que informá-lo, por assim dizer, e trabalhar mesmo em equipa é benéfico para todos, para mim como educadora, para as crianças como grupo e para a sala. Sem dúvida que a opinião deles deve ser valorizada, porque eles são o nosso braço direito e sem eles nós não fazemos o nosso trabalho.

### **H1. Como é que foi a sua experiência com um grupo homogéneo de idade?**

R: O grupo homogéneo que tive foi em creche e é um bocadinho diferente. O contexto a é diferente, a creche nunca daria para ser heterogéneo, não é, e pronto como não tenho nenhuma experiência em grupos homogéneos de pré-escolar posso dizer aquilo que esperava que fosse. Acho que não haveria aquela entreajuda que há entre as crianças mais velhas e as crianças mais novas, aquele cuidado que os mais velhos têm pelos mais novos, aquela partilha de experiências entre diferentes idades...eu acho que seria muito diferente. Por exemplo, um grupo de 3 anos seria muito mais difícil fazer certo tipo de atividades, porque não estavam preparados, porque ainda não tinham maturidade, a nível de concentração. Eu acho que havia atividades que seria impossível fazer e que neste momento se faz lindamente, porque ao ter um grupo heterogéneo, uns puxam pelos outros. Por exemplo, o grupo de 5 anos havia de ser um tipo de trabalho completamente diferente daquilo que a gente faz neste momento e, por isso, eu acredito muito em grupo de idades heterogéneas.

## **H2. Quais as vantagens das interações entre crianças de um grupo homogéneo de idade para o seu desenvolvimento?**

R: As interações são sempre boas, independentemente de ser um grupo heterogéneo ou homogéneo. Acho que iriam perder muito nesse tipo de interações, lá está, naquela partilha, nas experiências que nos podem trazer. Aos outros continuava a ser experiências, pode sempre trazer as experiências que cada um vive, porque as realidades são diferentes, os contextos são diferentes e as partilhas iam ser benéficas na mesma, contudo acho que não tão ricas.

## **H3. Quais as desvantagens das interações entre crianças de um grupo homogéneo de idade para o seu desenvolvimento?**

R: Acredito muito num grupo heterogéneo e é essa entreajuda entre crianças, em que os mais velhos puxam pelos mais novos, em todos os sentidos, eles veem os outros a fazer e também querem fazer igual. A nível de autonomia é fantástico e essa partilha de experiências, essa partilha, essa riqueza com um grupo heterogéneo, eu só vejo desvantagens num grupo homogéneo.

## **H4. Como é que está a ser a sua experiência com um grupo heterogéneo de idade?**

R: Confesso que ao princípio quando entrei tive um bocado de receio, porque vinha de creche e realidade é diferente. Vinha com um bocado de receio de não conseguir chegar

a todas as idades, em relação a como é que eu iria fazer. Agora acho relativamente fácil, é fazer uma atividade e esperar coisas diferentes de cada criança numa atividade. Começamos sempre pela atividade em grande grupo não é e depois nas atividades individuais o que acontece é que aos 5 anos eu peço umas coisas, quando são os 4 anos eu peço outras e outras aos 3 anos, de acordo com aquilo que eles estão preparados para desenvolver e aquilo que eu também espero que eles desenvolvam. Eu acho que é muito, muito simples trabalhar com diferentes idades.

**H5. Quais as vantagens das interações entre crianças de um grupo heterogéneo de idade para o seu desenvolvimento?**

R: As vantagens são a interação entre eles, a entreaajuda, a partilha, as aprendizagens, há sempre essa ajuda e essa partilha.

**H6. Quais as desvantagens das interações entre crianças de um grupo heterogéneo de idade para o seu desenvolvimento?**

R: O não ter tanto tempo, acho eu, para o grupo dos 5 anos. Não ter tanto tempo para me sentar com eles e se calhar fazer certas atividades que se calhar seriam benéficas para eles. Uma preparação para o primeiro ciclo, aqui na escola nós acabamos por ter esta hora dos 5 anos e acho que isso também ajuda, mas acho que não tenho tanto tempo para eles como deveria. Acho que essa é a principal desvantagem.

**I1. O que entende por cooperação?**

R: É cooperarem uns com os outros, é saberem trabalhar em equipa que é difícil nestas idades, eles perceberem que têm de trabalhar em equipa e eu acho que isso é a cooperação.

**I2. O que entende por entreaajuda?**

R: A entreaajuda é aquilo que há muito num grupo heterogéneo. Os mais velhos ajudam os mais novos e os mais novos ajudam os mais velhos. A entreaajuda é uma coisa que pelo menos eu em sala privilégio muito e que não acho que devamos ser nós a fazer, mas serem as crianças a fazerem umas às outras. Quando alguém precisa, por exemplo, de ir encher o copo com água e não consegue abrir a torneira, nós pedimos sempre que seja outra criança, neste caso, mais velha, mas poderia não ser. Quando eles têm problemas é tentar que eles resolvam entre eles e fazê-los refletir sobre como

é que vão resolver entre eles. Eu acho que é uma coisa que se privilegia muito e que é muito difícil nestas idades.

**I3. Como caracteriza o grupo no que concerne à cooperação e entreajuda entre os pares?**

R: Eu acho que a nível de cooperação é algo que estamos a aprender, a trabalhar em equipa, que é difícil como já disse, mas acho que aos poucos havemos de lá chegar. Quanto à entre ajuda, eu acho que é uma coisa que ele já tem interiorizado neles. Eu não preciso de dizer nada, eles próprios já se voluntariam para ajudar uns aos outros e acho que isso é muito bonito.

**I4. Qual a importância da cooperação e entreajuda entre crianças, sobretudo num grupo heterogéneo em idade?**

R: É tudo, acho que é tudo. Acho que é uma coisa que eles vão levar para a vida, que são valores importantes e que vão utilizar na vida deles, na escola, no resto da escolaridade, vão levar para o trabalho, vão levar até para as relações que tiverem entre eles. Eu acho que é mesmo muito importante num grupo heterogéneo, faz sem dúvida todo o sentido eles respeitarem-se uns aos outros e ajudarem-se uns aos outros.

**J1. Que princípios define para a sua ação pedagógica?**

R: As crianças terem uma voz ativa na sala é sem dúvida o meu principal princípio acho que é muito importante dar-lhes voz, porque eles não têm só se sentar a ouvir-nos, nós também temos de nos sentar a ouvi-los. A segunda parte tem a ver com as relações afetivas. Para mim é muito importante estabelecer uma relação afetiva com eles e eles comigo e entre eles, uns com os outros.

**J2. Como adapta a sua prática pedagógica a todas as crianças da sala, tendo em conta que têm idades distintas?**

R: Pronto, acho que já respondi anteriormente, mas posso especificar um pouco mais. Eu tento sempre trabalhar em grande grupo, eu poucas vezes trabalho de forma individual, o que acaba por ser uma lacuna minha, mas num trabalho de grande grupo, o que acontece é que eu espero coisas diferentes deles e depois na atividade em si, o trabalho acaba por se individualizar e eu posso pedir mesmo especificamente o grupo dos 4 anos faz isto, enquanto o grupo de 3 anos faz isto, mais de acordo com aquilo que

é o desenvolvimento deles e aquilo que eles também são capaz de fazer. Às vezes mesmo no trabalho em grande grupo, eu espero coisas diferentes deles e eu sei que aquele vai responder aquilo, eu sei que ele vai pôr aquilo e eu tento puxar mais por eles nesse sentido.

**J3. Como é que se desenvolve uma relação de cooperação e entreajuda com as crianças?**

R: Dando o exemplo, sendo um modelo para eles.

**J4. Que estratégias utiliza para estimular a cooperação e a entreajuda entre as crianças?**

R: Uma das estratégias é não ser eu a fazer por eles. Se alguém me vem pedir ajuda e eu digo que então vamos pedir a alguém que te ajude a atingir aquilo que tu queres. Se eles vão, por exemplo, procurar o nome e não encontram o nome, eles vão pedir a outro amigo que vá ajudar, eu normalmente digo, por exemplo “Quem é que vai ajudar o V.A a encontrar o nome?” e alguém se voluntaria sempre para ir para lá ajudar, às vezes mais do que uma criança, mas eles vão sempre e eu acho que essa é a principal estratégia, é não sermos nós a fazer e pedir-lhes para serem eles a fazer.

**De momento, recorda-se de algo mais que considere ser pertinente em relação aos aspetos abordados?**

R: Sim, sobre a equipa, eu acho que é uma grande vantagem, temos aqui uma grande equipa de trabalho, não trabalhamos todos de forma igual, mas aceitamos e respeitamos, eu acho que isso é importante e quando alguém precisa de ajuda estamos lá e eu acho que recorremos muito à partilha de ideias, de soluções para problemas e isso sem dúvida que é muito vantajoso, porque acho que não é em todo o lado que se encontra mesmo e existe muita entreajuda e cooperação, sem dúvida. A abertura que a escola dá àquilo que nós queremos fazer e aquilo que nós queremos implementar é gigante e não se vê em todo lado. Eles deixam-nos, em sala, trabalhar como nós queremos e dão-nos abertura para lá está, ser livres e fazer aquilo que queremos, olha todas as ideias malucas que nos passam pela cabeça, eles abrem-nos as portas e dizem “vai e faz”. Eu acho que isso é uma grande vantagem, a de deixarem trabalhar como a gente gosta e como a gente acredita, eu acho que não há melhor.

Relativamente ao grupo, eu gosto muito, acho que é um grupo engraçado, que é um grupo participativo, interessado, curioso, acima de tudo curioso e que me permite fazer muita coisa com eles o facto de serem curiosos.

Sobre a minha prática, eu tento sempre fazer o melhor que consigo, nem sempre faço e eu acho que isso também faz parte. Eu acho que a vantagem é refletir sobre isso, nem sempre tenho claro as melhores atitudes ou consigo fazer o melhor, mas o facto de refletir sobre o assunto e pensar “Para a próxima tenho de fazer assim”, eu acho que esse é outro ponto importante da minha prática.

**Obrigada pela sua disponibilidade.**

## ANEXO D

# Guião da entrevista ao Auxiliar de Ação Educativa

| ' ' | | ' ' |

## Guião de Entrevista

**Destinatário:** Auxiliar de Ação Educativa (PPS II 2023/2024)

**Objetivos:**

- Conhecer o percurso profissional do auxiliar;
- Obter informação necessária à realização do tópico “Caraterização reflexiva do contexto socioeducativo” inerente ao relatório da PPS II.

Blocos de Informação	Objetivos específicos	Formulação de questões	Observações
C. Legitimação da entrevista e motivação da entrevistada	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Legitimar a entrevista;</li> <li>• Motivar o entrevistado.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Esta entrevista tem como objetivo a obtenção de informação necessária à realização do tópico “Caraterização reflexiva do contexto socioeducativo” inerente ao relatório da PPS II.</li> <li>- O seu caráter é confidencial e o anonimato dos dados é garantido, deste modo afirmo que serei a única pessoa a ter acesso ao documento escrito.</li> <li>- Autoriza o consentimento da utilização dos seus registos escritos nesta entrevista?</li> <li>- Garanto o envio da entrevista com as devidas transcrições para validação.</li> </ul>	
D. Definição do perfil do entrevistado	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Conhecer o percurso profissional do auxiliar.</li> </ul>	B1. Qual é a sua habilitação? B2. Há quanto tempo executa serviços de auxiliar? B3. Para si, o que significa ser auxiliar? B4. Como foi o seu percurso profissional? B5. Como foi o seu percurso nesta Associação?	
C. Trabalho em equipa	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Perceber as relações e interações entre a equipa educativa;</li> </ul>	C1. Na sua opinião, como caracteriza a equipa educativa que trabalha na Associação?	

	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Compreender como é realizado o trabalho em equipa.</li> </ul>	<p>C2. Considera que é importante a presença de um auxiliar em cooperação com uma educadora de infância? Porquê?</p> <p>C3. Participa em reuniões?</p>	
D. Grupo de crianças.	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Perceber as conceções do auxiliar acerca das crianças da Sala B.</li> </ul>	D1. Como caracteriza o grupo de crianças da Sala B?	
E. Conclusão da entrevista	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Finalizar a entrevista.</li> </ul>	<p>De momento, recorda-se de algo mais que considere ser pertinente em relação aos aspetos abordados?</p> <p>Obrigada pela sua disponibilidade.</p>	

ANEXO E  
Transcrição da entrevista ao  
Auxiliar de Ação Educativa

| " | | " |

## **Transcrição da entrevista ao Auxiliar de Ação Educativa**

### **B1. Qual é a sua habilitação?**

R: 11.º ano.

### **B2. Há quanto tempo executa serviços de Auxiliar?**

R: Mais de 15 anos.

### **B3. Para si, o que significa ser Auxiliar?**

R: Ser Auxiliar é aquela pessoa que está ao lado do educador e que é o braço direito, para ajudar nas atividades e no recreio, basicamente para fazer o que os educadores não fazem.

### **B4. Como foi o seu percurso profissional?**

R: Era aluno de artes até ao 11.º ano, depois estava um pouco cansado fui tirar um curso de agente de prevenção, depois tirei desporto e depois voltei para artes, até que comecei a trabalhar com miúdos de 5 anos, depois fiz um trabalho voluntário com jovens e mais tarde tive a oportunidade de vir trabalhar aqui para a associação e fiquei aqui, há 12 anos.

### **B5. Como foi o seu percurso nesta Associação?**

R: No início foi um bocado complicado, porque vinha de outra realidade, mas com o tempo consegui adaptar-me, porque é uma escola com uma rotina muito preenchida, com muitas atividades, depois estive um ano como Auxiliar de pré-escolar, depois fui para o 1.º ciclo, onde estive um ano como polivalente. Depois estive 4 anos em ensino especial e agora voltei a ser Auxiliar de pré-escolar.

### **C1. Na sua opinião, como caracteriza a equipa educativa que trabalha na Associação?**

R: Tem os seus altos e baixos como em todos os lugares, há dias mais fáceis e outros mais complicados. Em relação à sala, já tinha trabalhado há uns anos com a P. quando era polivalente, depois ela foi mãe, este ano tive a oportunidade de trabalhar com ela e estou a gostar, estamos a dar-nos bem.

### **C2. Considera que é importante a presença de um Auxiliar em cooperação com uma Educadora de Infância? Porquê?**

R: Um educador não tem mão para tudo e é preciso sempre ajuda, às vezes nem é só um Auxiliar, como por exemplo com crianças do ensino especial, mais ajuda é preciso, especialmente a fazer as atividades, uma pessoa só não consegue. Nós agora estamos os 3 em sala e tu vês como é e que toda a ajuda é essencial.

### **C3. Participa em reuniões?**

R: Eu não participo em reuniões com os educadores, mas participo com a coordenação, depois como tenho uma boa comunicação com a P. reunimos com frequência.

### **D1. Como caracteriza o grupo de crianças da Sala B?**

R: É um grupo que me está a surpreender, mesmo tendo meninos novos de 3 anos, acho que os miúdos aprendem muito com a P., acho que é uma educadora que puxa muito por eles e que lhes dá muita informação, aprendem muita coisa, também gostam muito de brincar e é um grupo que dá algumas dores de cabeça na parte de arrumar, desarrumam muito e o arrumar é uma das maiores dificuldades deles, mas de resto acho que é um grupo com bastante potencial.

### **E1. Como é que está a ser a sua experiência com um grupo heterogéneo de idade?**

R: Por um lado é bom, o ano passado nós tínhamos atividades com grupos homogéneos, como a educação física, que era feita com grupos de crianças de 3 anos e nós reparamos que tinham mais dificuldade, porque não tinham crianças mais velhas de 4 e 5 anos a puxar por eles, então eles acabam sempre por aprender uns com os outros e ajudarem-se mutuamente.

### **E2. Quais as vantagens das interações entre crianças de um grupo heterogéneo de idade para o seu desenvolvimento?**

R: Os mais novos imitam os mais velhos, e os mais velhos acabam por tomar conta dos mais novos.

### **E3. Quais as desvantagens das interações entre crianças de um grupo heterogéneo de idade para o seu desenvolvimento?**

R: Às vezes os mais velhos começam a imitar os mais novos e deixam de brincar com miúdos da idade e acabam por ter comportamentos de crianças mais novas.

**De momento, recorda-se de algo mais que considere ser pertinente em relação aos aspetos abordados? É uma boa equipa, um bom grupo de crianças e gosto da Sala.**

**Obrigada pela sua disponibilidade.**

ANEXO F  
Fotografias da Sala B  
| ' ' | | ' ' |

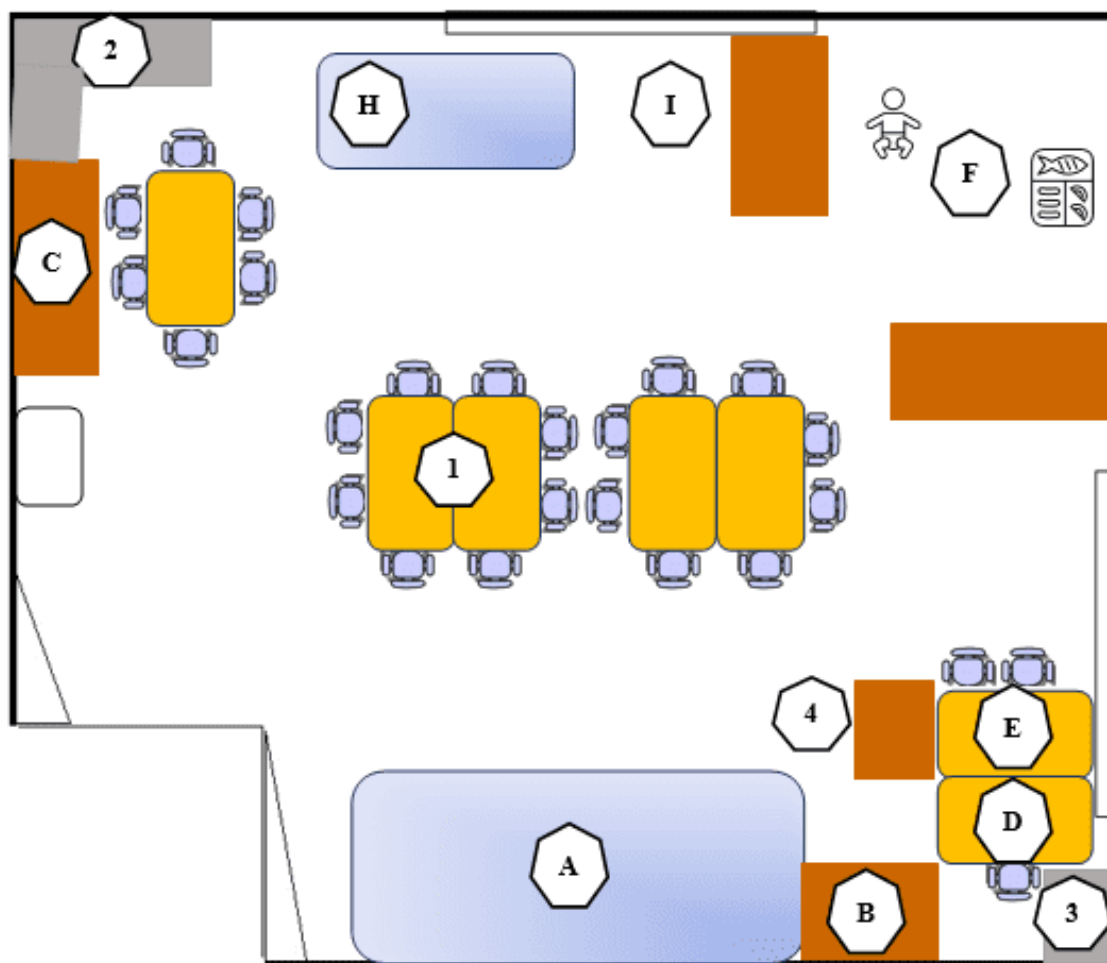




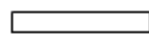


ANEXO G  
Planta da Sala B

|' '' | | ''



**Legenda:**

 Janelas

 lavatório

 Porta

 Cadeira

A- Área do tapete

B- Biblioteca

C- Área dos jogos de mesa

D- Área da informática

E- Área da escrita

F- Área da casinha

G- Área da garagem

H- Área dos jogos de construção

1- Mesas de trabalho

2- Armários de arrumação de material

3- Armário de arquivo

4- Estante de apoio com cadernos de desenho livre e material de pintura

## ANEXO H

Notas de campo utilizadas na  
Caracterização e na Análise  
reflexiva do trabalho

|' '' | | ''

Nota de campo de dia 6 de novembro de 2023			
N.º	Momentos	Descrição	Intervenientes
4	Almoço	<p>Maior parte das crianças come sem qualquer dificuldade. Contudo, algumas crianças estranham texturas, como o M.N (come fruta passada). A D.M não gosta de maior parte dos alimentos.</p> <p>Ao descascarem uma banana, as crianças disseram à estagiária que parecia um polvo, porque a casca pareciam os seus 8 tentáculos. A estagiária questionou, “Mas aí estão mesmo 8 tentáculos? Contem lá” e as crianças contaram 5 bocadinhos de casca e, por isso, afirmaram que não podia ser um polvo.</p>	Interação entre Educadora Cooperante, Auxiliar de Ação Educativa, estagiária e crianças.

Nota de campo de dia 10 de novembro de 2023			
N.º	Momentos	Descrição	Intervenientes
4	Sesta	<p>Antes da sesta o T.V vai sempre escolher um dinossauro para dormir com ele. Naquele dia, escolheu um dinossauro que tinha a cabeça desmontada. A estagiária disse “T.V queres ajuda a arranjar?”, ao que o T.V respondeu “Eu não preciso de ajuda, eu arranjo sozinho”. Após esta conversa o T.V conseguiu concertar o seu brinquedo e foi dormir.</p> <p>As crianças de 3 anos estavam a prepararem-se para irem dormir. Neste momento, olho para o lado e vejo M.N a ajudar o S a tirar a sua bata e os sapatos. Enquanto o ajudava o M.N dizia “Estou a ajudar o S a tirar a roupa porque ele não conseguiu desapertar a bata. Assim ele pode dormir melhor e mais confortável”.</p>	Interação entre crianças.

Nota de campo de dia 13 de novembro de 2023			
N.º	Momentos	Descrição	Intervenientes
2	Acabar balde das castanhas	<p>A L.S estava a chorar muito porque tinha saudades da mãe e queria uma manta. Os amigos mostraram-se preocupados com a L.S, sobretudo C.C e L.N, então abraçaram-na. A C.C foi buscar um lenço de papel para limpar as lágrimas da amiga. O M.N também veio muito preocupado perguntar o que se passava para a L.S estar assim.</p> <p>A Educadora Cooperante explicou às crianças que esteve numa reunião com os pais da L.S e que, por isso, já tínhamos pouco tempo para acabar os baldes para colocar as castanhas. As crianças dividiram-se conforme os seus interesses: umas foram brincar, outras acabar o balde das castanhas e outras pintar no seu caderno livre. O T.P mostrou especial interesse pelas cores do arco iris durante a pintura do seu balde. O M.N que estava a brincar, passou pela mesa em que estavam a pintar os baldes e disse “Uau J.C, o teu está a ficar mesmo lindo” e o J.C ficou muito feliz. De seguida, veio ter com a estagiária e ofereceu-lhe uma amêndoa para comer. A estagiária interpretou esta oferta como um gesto de carinho por parte da criança, tendo em conta que o que a criança mais gosta de comer são frutos secos como nozes e amêndoas.</p> <p>A D.M teve cede e a M.R foi ajudá-la a encontrar o seu copo, tendo em conta que a D.M ainda não sabe reconhecer o seu nome escrito. Assim, a M.R foi buscar o cartão com o nome da D.M e juntas procuraram o seu copo.</p>	<p>Interação entre Educadora Cooperante e L.S.</p> <p>Interação entre estagiária e L.S.</p> <p>Interação entre crianças.</p>

Nota de campo de dia 15 de novembro de 2023			
N.º	Momentos	Descrição	Intervenientes
1	Antes do acolhimento	Quando a estagiária chegou, o T.P e o M.N pediram à estagiária se esta poderia brincar aos médicos com eles. A estagiária disse que sim. Na brincadeira, eram ambos médicos e a estagiária tinha uma dor de cabeça muito grande. Para cuidar a estagiária, os médicos davam carinho e medicamentos. No meio da brincadeira, o M.N perguntou à estagiária a seguinte questão “Porque é que quando fazemos uma ferida saí sangue?” e a estagiária esteve a falar um pouco sobre veias e circulação sanguínea.	Interação entre a estagiária, o T.P e o M.N.
4	Fazer computador “médio”	<p>A Educadora Cooperante disse que os meninos de 5 anos iam para as mesas e os de 3 e 4 anos podiam ir brincar. Na mesa dos 5 anos, explicou que iam fazer as teclas do computador e disse às crianças para irem espreitar como é que eram. As crianças regressaram e tinham à sua disposição vários furadores com diferentes formas. As crianças escolheram o furador que tinha uma forma mais semelhante às das teclas de um computador e a Educadora Cooperante deu diversas cartolinas de cores diferentes. Cada criança escolheu a cor que queria e fez 4/5 teclas.</p> <p>A S.B escolheu a cor da fita que queria colocar na capa do seu portefólio.</p> <p>Antes de irem para o inglês a Educadora Cooperante colocou algumas canções na coluna de som e as crianças ensinaram à estagiária as coreografias. Durante este momento, mostraram especial entusiasmo a uma canção sobre</p>	Interação entre Educadora Cooperante e as crianças.

		<p>um tubarão, rindo-se muito e fazendo comentários como “Se não te esconderes bem, ele dá-te uma trinca”. Algumas das crianças como J.C, D.M, A.A e H.G ficaram muito focadas em ver o vídeo e, por isso, ficaram em frente ao computador.</p> <p>A S.B ajudou a C.C a fechar a sua bata, tendo em conta que esta não conseguia sozinha.</p> <p>A Educadora Cooperante abriu a porta sem dizer nada e a estagiária fez a seguinte questão à S.B “Onde será que vamos agora?”, ao que esta respondeu “De certeza que vamos para o recreio. Sempre que dançamos um pouco, a seguir vamos para o recreio brincar e depois para o almoço.”</p>	
--	--	---	--

**Nota de campo de dia 17 de novembro de 2023**

<b>N.º</b>	<b>Momentos</b>	<b>Descrição</b>	<b>Intervenientes</b>
2	Acolhimento	<p>Ao chegarmos à Sala B, a M.V disse “Eu trouxe uma coisa para o M.N” e a Educadora Cooperante perguntou “O quê?”. De seguida, a M.V tirou um quadrado de papel com o nome de M.N escrito e disse “Eu sei que o M.N tem a placa dele estragada, então em casa fiz uma para o ajudar”. O M.N ficou muito contente com este gesto da amiga.</p> <p>As crianças cantaram a canção do bom dia. Após este momento, foi decidido o ajudante do dia, à sorte. Calhou o M.P e antes de ser revelado, a Educadora Cooperante deu diversas pistas, tais como “Tem 3 anos”, “Está a utilizar ténis”, “O nome começa com a letra M”, entre outras. A ajudante do dia mudou o dia da semana, o mês, o ano e o estado de tempo.</p>	Interação entre Educadora Cooperante, estagiária e crianças.

	<p>Enquanto as crianças estavam no tapete, o M.N começou a olhar muito fixamente para a janela. A Educadora Cooperante questionou “Estas a olhar para onde M.N?”, ao que este respondeu “Estou a ver um senhor ali em cima do telhado, ele está a cortar as árvores porquê?”. Neste momento, as crianças ficaram todas muito curiosas, levantando-se para ir ver à janela o senhor que estava a cortar as árvores em cima do telhado. A Educadora Cooperante devolveu a pergunta do M.N “Então porque será que ele está a cortar as árvores?” e as crianças deram várias respostas como “Porque as árvores já estavam quase a chegar ao céu” (S), “Porque as árvores já estavam a ficar muito grandes” (L), “Porque a árvore cai para cima do telhado”, entre outra.</p> <p>Depois a Educadora Cooperante disse “Temos de descobrir o que o senhor está a fazer, como podemos descobrir?” e as crianças responderam “com um escadote” (N.G), “perguntando ao senhor” (M.N), “Podemos ir de elevador até ao telhado”, entre outras sugestões.</p> <p>Após esta conversa, a Educadora Cooperante lembrou as crianças do computador que estavam a construir, mostrando as teias construídas por ele atualizadas. Posteriormente, perguntou que partes do computador eram precisas e disse para olharem para o computador da Sala B. Desta forma, aconteceu o seguinte diálogo:  Crianças: “Precisamos dessa parte grande para ver”  Educadora Cooperante: “Sabem como se chama?”</p>	
--	---	--

		<p>Crianças: “Nãoo”  Educadora Cooperante: “Monitor. E mais?”  M.N: “Precisa de uma câmara. E também falta uma máquina para imprimir coisas”  Educadora Cooperante: “Boas ideias M.N, e que mais? Como se chama o cérebro do computador, que tem tudo guardado?”  Crianças: “Não sei”  Educadora Cooperante: “Chama-se torre, mais nada?”  Crianças: “Já está tudo”  Passado um minuto a Educadora Cooperante lembrou-se de que faltava o rato do computador.</p> <p>[Durante este momento, o J esteve acompanhado do seu Auxiliar de Ação Educativa, a construir um puzzle (uma das atividades que mais o cativam). As crianças quando se levantaram do tapete, meteram-se ao redor do puzzle, elogiando o trabalho do amigo. De seguida, quando este entrou, bateram palmas]</p>	
5	Sesta	<p>Durante a hora da sesta o J é uma criança um pouco agitada. Dessa forma, é preciso um cuidado especial a tentar acalmá-lo e prepará-lo para este momento. A estagiária ficou muito feliz de conseguir adormecê-lo sozinha, através de festas e palmadinhas.</p>	Interação entre estagiária e J.

**Nota de campo de dia 29 de novembro de 2023**

<b>N.º</b>	<b>Momentos</b>	<b>Descrição</b>	<b>Intervenientes</b>
2	Acolhimento	<p>A M.V estava muito triste. A C.B ao perceber, esteve a dar-lhe conforto no tapete, dando abraços e dizendo “Não fiques assim M.V, não gosto de te ver assim”.</p> <p>A Educadora Cooperante cantou uma canção para preparar as crianças para o momento da</p>	Interação entre Educadora Cooperante, estagiária e crianças.

		<p>leitura. De seguida, leu a história “364 dias para o Natal”, tendo em conta que a festa de Natal irá ser organizada com base nesse livro. As crianças acharam muita piada ao livro, pois o menino estava sempre a adormecer e a Educadora Cooperante era muito expressiva e fingia também que estava a dormir. Ao terminar perguntou às crianças se tinham gostado do livro e explicou como iria ser a festa de Natal.</p> <p>De seguida, a estagiária cantou a canção da roda gigante, para que fosse formada uma roda no tapete. Quando as crianças já estavam todas sentadas, surgiu a seguinte conversa, que foi registada para ser construída a teia de ideias:</p> <p>Estagiária: Eu tenho uma pergunta para vocês, mas que é um pouquinho difícil...sabem porque é que é difícil?</p> <p>Crianças: Não</p> <p>Estagiária: É difícil porque é sobre uma festa que fizemos aqui há já algum tempo atrás, sabem que festa estou a falar?</p> <p>Crianças: Sim, a festa do pijama</p> <p>Estagiária: Então e vocês lembram-se do que é que fizemos nesse dia?</p> <p>Criança 1: Sim, comemos pipocas</p> <p>Criança 2: Mandámos a tenda abaixo</p> <p>Estagiária: É verdade, o M.N até fez um pinote que mandou a tenda abaixo. Mas sem ser isso e comer pipocas, o que é que fizemos dentro da tenda, lembram-se?</p> <p>Crianças: Contámos uma história sobre um cão que mordeu uma senhora, mas afinal tinha sido o dinossauro</p> <p>Estagiária: Muito bem, e nessa altura nós conversamos sobre os dinossauros só existirem na fantasia não foi?</p>	
--	--	---	--

		<p>Crianças: Sim, porque eles não existem na realidade, se não comiam as pessoas</p> <p>Estagiária: Então e o que é que vocês sabem mais sobre dinossauros? Que é para eu escrever aqui nesta folha?</p> <p>Neste momento as crianças deram várias respostas, tais como:</p> <ol style="list-style-type: none"><li>1. Os dinossauros mordem</li><li>2. Os dinossauros comem pessoas</li><li>3. Caiu uma pedra gigante e o T-Rex morreu</li><li>4. Têm patas e dentes afiados</li><li>5. Os dinossauros são fortes</li><li>6. Os dinossauros grandes comem os dinossauros pequenos</li><li>7. Os dinossauros só existem nos filmes</li><li>8. Os dinossauros são grandes</li><li>9. Os dinossauros existem nos jogos</li><li>10. Há gigantossauros</li></ol> <p>Após esta conversa, a estagiária perguntou “Então e o que é que gostavam de saber sobre os dinossauros?” e as respostas foram as seguintes:</p> <ol style="list-style-type: none"><li>1. Será que os dinossauros estão vivos?</li><li>2. Quais são os nomes dos dinossauros?</li><li>3. O que é que os dinossauros comem?</li><li>4. Como é que os dinossauros nascem?</li><li>5. Será que os dinossauros têm mesmo os dentes afiados?</li><li>6. Os dinossauros voam?</li><li>7. Os dinossauros nadam?</li></ol> <p>Por fim, a estagiária perguntou “Então e como é que podemos descobrir estas coisas?” ao que as crianças responderam “Ir a sítios” e “Pesquisar”. De seguida, a</p>	
--	--	--	--

		<p>estagiária questionou “A que sítios?” e as crianças responderam “Ao Dinopark” e “À biblioteca”. Para pesquisar afirmaram que podíamos utilizar livros, o telemóvel e o computador.</p> <p>Posteriormente, as crianças foram brincar. Enquanto isso, a S.B quis recortar fotografias suas para colocar no portefólio.</p> <p>Neste momento, entraram um grupo de meninos de outra sala, para virem falar um pouco do projeto que estavam a fazer na sua sala, que dizia respeito à Índia. Estes meninos estavam todos vestidos com turbantes e vestidos típicos da Índia.</p>	
--	--	---	--

#### Nota de campo do dia 13 de dezembro de 2023

Nº	Momento	Descrição	Interações
2	Pesquisa sobre os dinossauros no computador	<p>A estagiária foi chamando um número reduzido, para se sentarem à frente do computador a pesquisarem sobre dinossauros. A estagiária perguntou sempre às crianças se era do interesse delas procurar as respostas no computador. Inicialmente, vieram o T.V e a M.V. Ambas as crianças estavam muito curiosas. A M.V fez muitas perguntas sobre como se pesquisava no computador e a estagiária foi ensinando algumas coisas. Neste momento, a M.V começou por dizer que queria pesquisar sobre os ovos dos dinossauros. Todas as imagens escolhidas pelo T.V e pela M.V foram colocadas num documento word. De seguida, o T.V disse que queria procurar o T-Rex. Nestas imagens, as crianças selecionaram fotografias do T-rex e acabaram por encontrar</p>	Interação entre a estagiária e as crianças.

		<p>uma fotografia do esqueleto de um dinossauro. Neste instante, fizeram bastantes comentários como “Isto parecem os ossos”, “O que é isto?”, entre outros. Mais tarde, ao observar as imagens o T.V também fez a seguinte observação “Existem dinossauros que têm muitos picos”.</p> <p>Mais tarde, vieram a C.V e o V.A. A C.V, que tem 6 anos, quis ser ela a mexer no computador, com a ajuda da estagiária. Além disso, quando a estagiária escrevia algo numa folha, esta também disse que queria ser ela a escrever as suas próprias afirmações. Posteriormente, a estagiária mostrou as fotografias selecionadas pelos amigos e a C.V disse “Também quero ver ovos de dinossauros”. Desta forma, ela e o V.A começaram por ver fotografias de ovos. Após verem as fotografias de ovos, quiseram ver fotografias de dinossauros amarelos e, nessas fotografias, apareceram dinossauros com asas. O T.V, que estava muito interessado e, por isso, continuava ao redor do computador, ao ver estas fotografias disse que queria ver mais fotografias de dinossauros com asas. O V.A ao ver estas fotografias fez vários comentários como “Os dinossauros com asas andam muito rápido”. A C.V viu fotografias de brinquedos e quiseram os 3 ver fotografias de brinquedos. Nesta pesquisa, o T.V encontrou um desenho de um dinossauro para colorir e disse “Eu quero pintar este dinossauro”.</p>	
--	--	---	--

		<p>Por fim, a C.V quis ver como eram os ossos dos dinossauros que os amigos já tinham encontrado. Todas as fotografias escolhidas foram acrescentadas ao word.</p> <p>As crianças tiveram que ir comer e queriam muito continuar a pesquisa, especialmente o T.V que dizia “Não quero ir comer”, “Só mais uma fotografia”, “Eu quero ver mais”, entre outras afirmações.</p>	
--	--	--	--

<b>Nota de campo do dia 14 de dezembro de 2023 – Festa de Natal</b>			
<b>Nº</b>	<b>Momento</b>	<b>Descrição</b>	<b>Interações</b>
1	Festa de Natal Sala B e Sala BR	A festa correu muito bem. As crianças estiveram entusiasmadas e animadas. Ficaram especialmente felizes quando viram os pais na plateia.	Interação com as famílias.
2	Atividade com a família - Enfeitar bola de Natal	<p>Considerarei que esta atividade foi bem pensada, tendo em conta que as crianças tinham diversos materiais à sua disposição e puderam fazer a sua obra em conjunto com os pais. No final, levavam a sua bola de Natal para colocar na árvore de Natal de casa.</p> <p>Os pais empenharam-se muito na realização conjunta das atividades com os filhos, sobretudo na decoração da bola de Natal.</p> <p>Neste momento, várias crianças quiseram apresentar a estagiária aos pais, como o T.P, o M.N e a S.B. Foi um instante muito especial, porque disseram comentários bastante queridos como “O T.P tem uma grande admiração pela Joana, fala muito de si” e “Então esta é que é a famosa Joana”. Fico feliz de ter</p>	Interação entre as crianças e os pais.

		<p>um impacto positivo na vida destas crianças e que isso seja transparente para as famílias. Alguns pais também vieram falar com a estagiária, afirmando que os filhos falavam dela em casa.</p> <p>Em geral, foi um bom momento para conhecer um pouco as famílias das crianças.</p>	
--	--	--	--

<b>Nota de campo do dia 9 de janeiro de 2024</b>			
<b>Nº</b>	<b>Momento</b>	<b>Descrição</b>	<b>Interações</b>
1	Atividade "Vamos brincar ao Inverno: atividade de exploração no exterior"	<p>Foi pedido aos pais que as crianças trouxessem roupa quente, uma muda de roupa completa, casacos impermeáveis e galochas.</p> <p>Quando as crianças chegaram à sala, a equipa calçou as galochas e vestiu os casacos às crianças, preparando-as para irem para a chuva. Após as crianças estarem todas preparadas, a Sala B e a Sala BE dirigiram-se para o recreio do exterior. Nesse recreio existem muitas estruturas, como escorregas, tuneis, cozinha, piscina, entre outras, e árvores. Nele, foram colocados muitos materiais como pás, baldes, jarros, panelas, entre outros. Além disso, foi feita neve sensorial com sal e água, que foi colocada em carrinhos de mão.</p> <p>As crianças chegaram e encostaram-se à parede, em frente às educadoras cooperantes. Inicialmente, existiu uma conversa sobre o inverno, a chuva e a neve e, de seguida, explicado o que as crianças podiam fazer na atividade. Posteriormente, contaram até 3 e as crianças começaram a correr pelo espaço.</p>	<p>Interação entre a Educadora Cooperante, o Auxiliar de Ação Educativa, a estagiária e as crianças.</p> <p>Interações entre crianças.</p>

	<p>Durante esta atividade de exploração, observei crianças a saltar em poças e a brincarem com a água. Outras, faziam lutas de bolas de neve ou brincavam com a mesma, utilizando uma pá. Algumas brincaram na cozinha de lama, enchendo panelas e misturando água e terra.</p> <p>Tendo em conta que esta atividade foi de exploração é muito difícil descrever a quantidade de brincadeiras que existiram neste momento.</p> <p>Acima de tudo, observei muitos sorrisos e crianças felizes a explorarem e brincarem no exterior. Adorei esta atividade e sinto-me muito sortuda por poder observar aquilo que aprendo na teoria a ser feito na prática. Nunca pensei que num estágio, pudesse ver uma liberdade tão grande no que concerne às atividades e aos espaços, mas ainda bem que assim é, tenho aprendido muito. O foco da equipa são as crianças e ver os resultados de atividades como esta é muito gratificante.</p> <p>É de realçar que a equipa educativa também alinha muito nestas propostas, sem colocar qualquer entrave. Acho que isso, de certa forma, acaba por criar memórias bastante positivas às crianças, pois têm no meio deles adultos que participam e estão presentes.</p> <p>O final da atividade foi um pouco mais complicado, tendo em conta que tivemos de mudar a roupa de todas as crianças</p>	
--	---	--

		molhadas, no entanto, valeu muito a pena.	
5	Portefólio S.B	<p>A S.B esteve muito tempo sem vir à organização socioeducativa. Quando chegou e viu a estagiária, deu-lhe um abraço gigante e disse “A tua chefa voltou. Quando é que vamos continuar o portefólio?”. Quando chegou o final da hora dos 5 anos, a estagiária perguntou se esta queria fazer o portefólio e ela respondeu logo que sim. Deste modo, fomos para a biblioteca e a estagiária disse “Já chegaram as fotografias que disseste que querias colocar, queres fazer hoje sobre os amigos ou sobre a família?”. A S.B disse que queria fazer sobre os amigos e que queria as fotografias que estavam num formato circular. Seguidamente, começou a recortar as fotografias dos amigos. Quando acabou, quis escrever no título “Amigos, gosto de vocês” e desenhou 2 corações ao lado.</p> <p>Posteriormente, disse à estagiária que queria colar os amigos de acordo com as idades. Enquanto colava acrescentou que ia colar primeiro as crianças com cabelo loiro e depois as com cabelo castanho.</p>	Interação entre a estagiária e a S.B..

**Nota de campo do dia 29 de janeiro de 2024**

<b>Nº</b>	<b>Momento</b>	<b>Descrição</b>	<b>Interações</b>
1	Acolhimento  Partilha: Família da C.B	A família da C.B enviou o seu contributo para o projeto. Este consistiu em fazer um jogo sobre o esqueleto dos dinossauros, em casa, com a sua filha. Neste jogo, a C.B tinha de escavar com materiais próprios, para descobrir ossos de T-Rex. Os pais enviaram fotografias e vídeos, que foram	Interação entre a Educadora Cooperante, o Auxiliar de Ação Educativa, a estagiária e as crianças.

	<p>Desfile Sala BR</p>	<p>partilhados com o restante grupo. A C.B estava muito entusiasmada a contar aos amigos o que fez e como é que fez. Os amigos também estavam muito interessados em ver e aprender.</p> <p>Na semana passada, a sala BR convidou a sala B para ir assistir a um desfile de moda. De manhã, a educadora, a estagiária e o Auxiliar de Ação Educativa, realizaram uma brincadeira com as crianças, na qual metiam adereços e desfilavam. As crianças riram-se muito e estavam muito excitadas. Neste momento, surgiu uma conversa sobre a utilização de brincos, na qual uma das crianças disse, “Mas o J.C é rapaz, não pode usar brincos”. Após este comentário, os adultos da sala referiram que não há mal nenhum em utilizar brincos, que é só um acessório e que qualquer pessoa pode utilizar, independentemente se é menino ou menina. O Auxiliar de Ação Educativa partilhou com as crianças que quando era mais novo utilizava um brinco.</p> <p>Posteriormente, foram então ver o desfile da Chanel. Na sala BR estava uma passarela e um manequim. Além disso, estavam luzes e música. Começaram por aparecer os apresentadores do desfile e depois as crianças da sala BR desfilaram com malas e chapéus feitos por si. Foi um momento de partilha entre salas bastante divertido, engraçado e apreciado por todas as crianças das diferentes salas.</p>	<p>Interação entre a estagiária, a C.B e as restantes crianças.</p> <p>Interação entre salas B e BR.</p>
--	------------------------	---	--

Nota de campo do dia 31 de janeiro de 2024			
Nº	Momento	Descrição	Interações
1	Atividade: Ovos de dinossauro – parte 2	<p>Quando as crianças se sentaram no tapete, surgiu o seguinte diálogo:</p> <p>“Estagiária: Quem é que me lembra o que é que fizemos ontem? M.M e T.P: Ovos de dinossauro Estagiária: E acham que já nasceram? Crianças: Nãoo. Estagiária: Será que não? Então vamos espreitar. (Trouxe o recipiente com os ovos de dinossauro). Crianças: Ainda não nasceram. Estagiária: Porque será que ainda não chocaram? T.P: Porque os ovos de dinossauro precisam de sol para eclodir. Estagiária: Muito bem T.P, precisam de sol...e será que é só sol? Ou mais alguma coisa? C.B: Eles precisam de ar livre. Estagiária: Boa! Eles precisam de ar livre, porque tem oxigénio e eles respiram através da casca do ovo de dinossauro. M.V lembreste do que disseste ontem à Joana sobre os dinossauros? M.V: Não me lembro. Estagiária: Disseste à Joana que os ovos de dinossauro ainda não tinham nascido porquê? M.V: Porque eles precisam da mãe deles, que depois os ajuda a nascer e crescer. Estagiária: Isso mesmo M.V. Então para que os nossos ovos eclodam precisamos do que? Criança 1: Sol. Criança 2: Oxigénio. C.B: Das mães.</p>	Interação entre a Educadora Cooperante, o Auxiliar de Ação Educativa, a estagiária e as crianças.

		<p>Estagiária: E onde é que podemos encontrar sol e oxigénio?</p> <p>T.P: No jardim lá em baixo.</p> <p>Estagiária: E podemos pôr os ovos de dinossauro num sítio qualquer?</p> <p>Crianças: Nãoooo.</p> <p>C.C: Temos de construir um ninho!</p> <p>Estagiária: Olha que boa ideia C.C, e como é que podemos construir um ninho? Para que os ovos possam ficar confortáveis, quentinhos e protegidos?</p> <p>C.C: Podemos apanhar paus.</p> <p>M.C: Usar folhas.</p> <p>M.N: Podíamos levar mantinhas também.</p> <p>Estagiária: Parece-me muito bem. Então vamos lá para baixo, o que é que temos de levar antes de sairmos?</p> <p>C.V: Os ovos de dinossauro.</p> <p>Estagiária: Mais alguma coisa?</p> <p>C.B: As mães dinossauro.</p> <p>Quando chegaram ao jardim, a estagiária disse que as crianças podiam recolher os elementos da natureza que quisessem e colocá-los num canto do local. As crianças, em grande grupo, espalharam-se por todo o espaço, apanhando folhas, paus e flores. Após já terem reunido os materiais suficientes, a estagiária disse que podiam construir o ninho, como podemos observar nos registos fotográficos. Seguidamente, cada criança colocou o seu ovo, com muito cuidado, no ninho construído. À volta do ninho, colocaram bonecos de dinossauro, referindo que eram as mães “M.N: Agora as mães vão tomar conta dos ovos e ajudá-los a eclodir”. Depois, a estagiária mostrou o cartaz e perguntou às</p>	
--	--	--	--

		<p>crianças o que é que elas achavam que estava escrito no cartaz. A C.C neste momento disse logo “Ovos a eclodir” ao que a estagiária respondeu “Como é que sabes???” Adivinhaste ou ouviste alguma conversa?” ao que a C.C respondeu que acertou. De seguida, a estagiária explicou que além disso também dizia “Não mexer” e o S.G acrescentou “Pois que é para os outros meninos não mexerem e não pisarem”. Por fim, foi dito às crianças que podiam observar os ovos de dinossauro da janela da sala, para irem vendo se existe alguma mudança no ninho e se algum</p>	
--	--	--	--

<b>Nota de campo do dia 1 de fevereiro de 2024</b>			
<b>Nº</b>	<b>Momento</b>	<b>Descrição</b>	<b>Interações</b>
1	<p>Acolhimento</p> <p>Atividade: Paleontólogos por um dia</p>	<p>Foi feito o acolhimento, de forma habitual.</p> <p>O M.N trouxe alguns dinossauros para mostrar às restantes crianças. Desta forma, colocou-se à frente das outras crianças e mostrou o T.Rex, o Hadrossauro, o Velociraptor e o Braquiossauro. As crianças, através das características dos diferentes dinossauros, souberam identificar todos e ficaram muito entusiasmadas, porque os brinquedos mexiam a boca.</p> <p>Posteriormente, surgiu a seguinte conversa: Estagiária: Nós já descobrimos muitaaaaa coisa sobre dinossauros, não é verdade? Crianças: Simmm, sabemos já muito. Estagiária: Mas eu ainda tenho aqui uma questão...Será que os dinossauros existem mesmo, ou não?</p>	<p>Interação entre a Educadora Cooperante, o Auxiliar de Ação Educativa, a estagiária e as crianças.</p>

		<p>H.G: Não existem, só na nossa imaginação.</p> <p>M.C: Mas eles existiram, só que o T-Rex comeu uma pedra e morreu.</p> <p>Estagiária: Hmmmm, comeu uma pedra...estranho, acho que não foi isso que aconteceu, eles não comiam pedras, vocês sabem.</p> <p>S.B: Eu sei o que aconteceu, caiu uma pedra com fogo do céu e os dinossauros e outros animais morreram.</p> <p>Estagiária: Muito bem S.B, foi isso mesmo</p> <p>M.N: E eles ficaram frios e depois não tinham comida, então ficaram extintos.</p> <p>Estagiária: Estou a ver que vocês já foram pesquisando e descobrindo algumas coisas. Mas esperem lá...se nós nunca vimos os dinossauros, como sabemos que eles foram reais?</p> <p>S.B: Por causa dos biólogos.</p> <p>Estagiária: Muito boa pista...existem pessoas que estudam a vida na terra há muitos anos, mas o nome da profissão dessas pessoas não é biólogo, alguém sabe como se chama?</p> <p>Crianças: Nãoooo.</p> <p>Estagiária: Os biólogos estudam os animais que existem atualmente, digam lá alguns.</p> <p>M.V: Girafa.</p> <p>M.M: Golfinho.</p> <p>M: Macaco.</p> <p>Estagiária: Boa, isso mesmo. As pessoas que estudam sobre os dinossauros chamam-se paleontólogos! E como é que será que eles descobrem estas coisas todas sobre os dinossauros?</p> <p>C.B: Eles veem as pegadas.</p> <p>Estagiária: Boa C.B! Os paleontólogos veem as pegadas que os dinossauros deixaram e também os fósseis. Fazem escavações e procuram novas pistas. Além dos dinossauros, estudam também</p>	
--	--	---	--

		<p>outros animais que existiam na terra há muitos anos, porque não existiam só os dinossauros, pois não?</p> <p>H.G: Não, também existiam as pessoas.</p> <p>Estagiária: Não existiam pessoas</p> <p>H.G, isto foi há muitos, muitos anos, existiam animais e muita natureza.</p> <p>S.B: Pois é, até existiam mamutes.</p> <p>Estagiária: Boa S.B! Existiam mamutes, existiam répteis, pássaros, só que eram um pouquinho diferentes dos que nós vemos hoje.</p> <p>M.N: Joana e já havia construções? Já havia a cidade de Lisboa?</p> <p>Estagiária: Não M.N, não havia nenhuma construções, não havia casas, estradas, carros, nada. Sabes que são as pessoas que constroem e se as pessoas ainda não existiam, não havia cidades, só mesmo animais e muita natureza, como árvores, vulcões, mar...</p> <p>M.N: Não sabia disso Joana.</p> <p>Estagiária: Pois, por isso é que estamos a aprender. Olhem, alguém já foi ver dos nossos ovos de dinossauro hoje?</p> <p>J.F: Eu quando cheguei fui espreitar e vi umas coisas.</p> <p>Estagiária: Então vão lá todos ver. (As crianças levantaram-se e foram à janela. Ao verem que os ovos estavam abertos começaram aos saltos, muito entusiasmadas e a dizer "S.G: Já nasceram! Já nasceram!"). Algumas crianças, como T.P, saltavam e batiam palmas.)</p> <p>Já nasceram!!!! O que é que acham se colocássemos os nossos chapéus de paleontólogos, pegássemos nas nossas lupas e pás e fossemos explorar??</p> <p>Crianças: Simmm."</p> <p>Posteriormente, as crianças colocaram o seu chapéu de paleontólogo e pegaram nos seus materiais (Pás e Lupas), como podemos ver nos registos</p>	
--	--	--	--

		<p>fotográficos. Algumas crianças como a M.C e o M.N quiseram vestir coletes da Área da casinha e disseram que eram os seus coletes de Paleontólogos. De seguida, seguiram as pegadas de dinossauro colocadas no chão, até ao jardim. Quando chegaram ao jardim, a estagiária explicou que tinham de estar muito atentos para descobrir o que estava no jardim. Além disso, referiu que tinham de olhar com muita atenção para o chão e usar os materiais para encontrar esqueletos de dinossauro, ovos de dinossauro e dinossauros. Posteriormente, as crianças espalharam-se pelo espaço, de acordo com os seus gostos.</p> <p>Algumas crianças estavam muito focadas em encontrar esqueletos “S.G: Joana, Joana, olha o esqueleto que eu encontrei, parece mesmo um pássaro. Estagiária: Pois é S.B: Como é que se chama o dinossauro que parece um pássaro? S.G: O Pterodáctil”. Outras crianças, como o N.G, a L.S e o J.F, estavam muito entusiasmados em fazer escavações, chamando sempre a estagiária para mostrar as coisas que encontrava, como pedras. A caixa de areia também chamou imenso a atenção das crianças, sobretudo da M, da C.B, da M.M e da C.V. Foi também possível explorarem outros elementos da natureza “A C.B estava a ver cogumelos, com a sua lupa. De seguida, disse “Joana, olha aqui cogumelos, que bonitos” e o M.N acrescentou “Podemos levar também cogumelos para o jantar?”. A M.C e outras crianças utilizaram a imaginação e criaram brincadeiras suas, com os recursos disponibilizados.</p>	
--	--	--	--

<b>Nota de campo do dia 2 de fevereiro de 2024</b>			
<b>Nº</b>	<b>Momento</b>	<b>Descrição</b>	<b>Interações</b>
2	Vídeo para os pais	<p>A estagiária pediu a colaboração de algumas crianças para fazer o vídeo de divulgação do projeto às famílias. Muitas crianças tiveram interesse em participar, sobretudo as mais velhas. Estava a correr muito bem, até que o grupo de 3 crianças começou a fazer muito barulho enquanto o T.P falava. Desta forma, a estagiária pediu que parassem de fazer barulho. Como não pararam, a estagiária mandou as crianças para o recreio e todas foram, com exceção da M.V, que respondeu “Não vou”. De seguida, surgiu o seguinte conflito:</p> <p>Estagiária: M.V, o T.P precisa de estar concentrado para falar. Já foram todos para baixo, só faltas tu. M.V. Eu não vou para baixo, não vou, não vou. (Mandou-se para o chão, tendo de ser tirada da sala). Neste momento, ficou fora da sala a dizer que não queria saber. A estagiária disse-lhe que estava muito chateada, porque pediu a ajuda dela e ela estava a portar-se mal e não estava a ajudar os colegas. Um tempo mais tarde, a M.V veio pedir desculpa à estagiária e disse que não devia ter feito o que fez. A estagiária explicou que não gosta de se chatear com ela e que ela tem de ter mais cuidado com algumas palavras e atitudes (é uma situação regular). No final, deu um abraço à estagiária e disse que não ia voltar a acontecer.</p> <p>O N.G, o H.G e o J.F estavam muito entusiasmados.</p>	Interação entre a estagiária e as crianças.

<b>Nota de campo do dia 5 de fevereiro de 2024</b>			
<b>Nº</b>	<b>Momento</b>	<b>Descrição</b>	<b>Interações</b>
1	Partilha dos esqueletos feitos em casa	As crianças ficaram muito entusiasmadas para partilhar o que tinham feito no fim de semana. Após todos contarem as suas experiências, as crianças que tinham feito esqueletos de dinossauro com	Interação entre a estagiária e as crianças.

		<p>os pais, em casa, mostraram aos restantes colegas.</p> <p>Primeiro veio a S.B, que mostrou o seu esqueleto de dinossauro, chamado “Pompom”, que foi feito com a mãe e utilizou massa crua, grão e milho.</p> <p>Depois veio o A.A que mostrou o seu esqueleto de Gigantossauro, feito com cartão e construído com a ajuda dos pais.</p> <p>Seguidamente, veio a L.N, que mostrou o seu esqueleto de T-Rex feito com cartão. Explicou que fez com a mãe e que primeiro pintaram com tinta branca e depois montaram as peças.</p> <p>Todo o grupo estava muito entusiasmado por ver os diferentes resultados e as crianças que estavam a mostrar estavam muito satisfeitas. Algumas crianças mais novas, muito empolgadas, como o T.V e o V.A, que têm 3 anos, disseram comentários como “Eu também quero mostrar o meu”, mas nada tinha sido enviado.</p>	
--	--	---	--

<b>Nota de campo do dia 9 de fevereiro de 2024 - Carnaval</b>			
<b>Nº</b>	<b>Momento</b>	<b>Descrição</b>	<b>Interações</b>
1	Contributo das famílias – esqueleto dos dinossauros	Muitas famílias trouxeram os seus contributos para o projeto neste dia. As famílias trouxeram cartolinas com o esqueleto de diferentes dinossauros, como o T-rex, o Triceratops, o Pterodáctil, o Brontossauro, entre outros. Trouxeram	Interação entre as famílias e a estagiária.

		<p>também esqueletos feitos com cotonetes, rolos de papel higiênico, rolhas de cortiça, entre outros materiais. A estagiária teve a oportunidade de conversar com algumas das famílias de manhã e aproveitou para agradecer todo o empenho e colaboração no projeto.</p> <p>Apesar disso, como era dia de Carnaval, não pudemos falar sobre o que as crianças fizeram em casa e, as que trouxeram hoje, estavam um pouco tristes porque queriam mostrar aos colegas. A estagiária explicou que seriam mostrados na próxima semana e que estavam muito giros.</p>	
--	--	--	--

ANEXO I  
Planificação “O que comem  
os dinossauros?”

| | " | | " |

<b>O que é que os dinossauros comem?</b>	
<b>Situação desencadeadora</b>	A atividade surge com o intuito de dar resposta à pergunta “O que é que os dinossauros comem?”. Além disso, é uma atividade motora, por ser um dos interesses do grupo.
<b>Objetivos:</b>	<b>Intencionalidades Pedagógicas</b>
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Identificar os diferentes alimentos e colocá-los no sítio certo;</li> <li>• Distinguir diferentes tipos de alimentação dos dinossauros: carnívoro; herbívoro e omnívoro.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Proporcionar uma atividade ao ar livre;</li> <li>• Realizar uma atividade motora;</li> <li>• Fornecer conhecimentos sobre os diferentes tipos de alimentação dos dinossauros;</li> <li>• Introduzir conceitos novos;</li> <li>• Responder à pergunta “O que é que os dinossauros comem?”.</li> </ul>
<b>Estratégias</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Preparar os materiais previamente;</li> <li>- Colocar os materiais ao alcance das crianças;</li> <li>- Posicionar-me de forma a que todas as crianças me consigam ouvir e ver;</li> <li>- Efetuar questionamento ativo com o intuito de motivar as crianças;</li> <li>- Fazer instrução do sentido do circuito e de todas as etapas do mesmo, escolhendo uma criança para posteriormente efetuar a demonstração.</li> </ul>
<b>Descrição da Atividade</b>	<b>Materiais</b>
No tapete da sala será realizada uma conversa acerca da alimentação dos dinossauros, na qual serão introduzidos conceitos como: Herbívoro, Carnívoro e Omnívoro. De seguida, as crianças são levadas até ao exterior, onde será explicado o circuito e o que as crianças têm de fazer em cada parte. Ao longo do percurso estarão espalhadas imagens de alimentos, como carne, peixe, plantas, dinossauros, entre outras. No final do percurso, as crianças terão 4 dinossauros que já conhecem: o T-rex, o	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Lona de plástico;</li> <li>- Mesas;</li> <li>- Cadeiras;</li> <li>- Corda;</li> <li>- Cestos;</li> <li>- Quadro;</li> <li>- Imagens de alimentos;</li> <li>- Imagens de dinossauros: T-Rex,</li> </ul>

<p>Elasmossauro, o Titanossauro e o Ornitomimo. O T-rex é carnívoro, alimentando-se sobretudo de outros dinossauros (como Triceratopos, Hadrossauros e outros T-Rex) e outros animais. Já o Elasmossauro, apesar de ser carnívoro (come pássaros e répteis), come sobretudo peixe. O Titanossauro, comia folhas e galhos, de árvores mais altas. Por fim, o Ornitomimo é omnívoro, comendo frutas, outros animais, insetos e ovos de outros dinossauros.</p> <p>As crianças, enquanto fazem o percurso, devem encontrar as imagens destes alimentos e, quando dão uma volta completa, devem colocar por baixo do dinossauro correto.</p>	<p>Elasmossauro, Ornitomimo e Titanossauro;</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Cartolinas;</li> <li>- Velcro;</li> <li>- Bostik;</li> <li>- Arcos;</li> <li>- Bolas de plástico coloridas.</li> </ul>
--	---

**Avaliação**

Para concretizar a avaliação, desejo usar como instrumentos de observação e avaliação registos fotográficos, notas de campo e também privilegiar a minha observação.

## Instrumentos de observação e avaliação













Quando?	Onde?	Quem?
Dia 25 de janeiro de 2024	No jardim atrás da Sala B.	Crianças da Sala B, que têm entre os 3 e os 6 anos.
<b>Comentário final/Avaliação</b>		
<p>No dia anterior à atividade, as imagens dos dinossauros e dos alimentos foram plastificadas e foi colocado velcro nas mesmas. Além disso, cada dinossauro foi colado numa tira de cartolina, que também tinha velcros por baixo, como podemos ver nas fotografias.</p> <p>No dia da atividade, o espaço e os materiais foram preparados com antecedência. Para isso, uma lona de plástico, duas mesas e 4 cadeiras, foram levadas para o exterior. Depois, foi posicionada a lona de plástico no chão, de maneira a cobrir a parte do exterior mais enlameada. Seguidamente, foi organizado todo o circuito, no qual foram utilizados arcos, cestos, bolas de plástico coloridas e imagens de alimentos, como podemos ver nos registos fotográficos.</p> <p>Quando as crianças chegaram à sala, as crianças perguntaram qual era a surpresa. Como não viram nada no espaço, começaram a tentar espreitar na janela. De seguida, sentaram-se no tapete e foi feito o acolhimento da forma que é habitual e, posteriormente, a estagiária falou um pouco acerca dos diferentes tipos de alimentação dos dinossauros, recorrendo sempre ao questionamento ativo, sendo fornecidas algumas curiosidades, como por exemplo:</p> <p>“Estagiária: O T-Rex é carnívoro e, por isso, ele come carne de outros animais e de outros dinossauros. Sabem que outros dinossauros é que ele come?</p> <p>Crianças: Nãoooo.</p> <p>Estagiária: Come Triceratopos.</p> <p>L.S: Esse é o meu favorito!</p> <p>Estagiária: E também come o favorito da P., que como é que se chama?</p> <p>Crianças: O Hadrossauro (Riram-se muito)</p> <p>Educadora Cooperante: O quê???? O meu favorito que toca música com a crista?</p> <p>Nãoooooooo</p> <p>[As crianças riram-se muito]</p> <p>Estagiária: E come também outros T-Rex iguais a eles.</p>		

[Neste momento as crianças ficaram muito espantadas, de boca aberta e de olhos arregalados].” (Nota de campo do dia 25 de janeiro de 2024, Registo n.º 1).

Após esta conversa, a estagiária levantou-se e disse “Agora nós temos uma missão! Temos de ir até lá fora alimentar os dinossauros que estão muito esfomeados!” (Nota de campo do dia 25 de janeiro de 2024, Registo n.º 1) e as crianças ficaram muito entusiasmadas e a rirem-se. De seguida, quando chegaram ao jardim, a estagiária realizou a instrução do percurso, explicando que as crianças tinham de passar por baixo das mesas, saltar a pés juntos nos arcos, saltar por cima das cadeiras, e tirar uma bola de uma caixa e acertar no cesto que estava à frente. Após explicar, perguntou quem queria demonstrar aos restantes colegas como se fazia e a M.C meteu o dedo no ar. Desta forma, a criança demonstrou como se realizava o percurso. Seguidamente, a estagiária explicitou que ao longo deste percurso estavam espalhadas imagens de alimentos dos dinossauros e que cada criança, ao dar uma volta ao circuito, tinha de apanhar 1 imagem e colocar por baixo do dinossauro correto. Neste momento, foram ainda consolidados os conhecimentos dados, para garantir que as crianças colocavam nos sítios corretos.

Durante a atividade, as crianças pareceram estar muito satisfeitas com o percurso, estando desejosas para começar “M.C: Joana posso por favor ser a primeira?”, “M.P: Joana eu quero ir, quero ser o primeiro” (Nota de campo do dia 25 de janeiro de 2024, Registo n.º 1). As crianças estavam muito alegres e sorridentes, mostrando contentamento no que estavam a fazer, sobretudo nas partes do circuito em que saltavam nos arcos e em que tinham de acertar com uma bola num cesto. Ao chegarem ao quadro, no qual estavam colocados os dinossauros, as crianças ficavam muito entusiasmadas ao colocarem o alimento no sítio certo “D.M: O T-Rex come muita carne, eu vou por a carne”, “J.F: Este aqui come um pouquinho de tudo, olha tudo o que ele come...Até come ovos de dinossauro” e “M.N: Joana eu vou por aqui o peixe porque eu sei que este dinossauro come muitos peixes na água” (Nota de campo do dia 25 de janeiro de 2024, Registo n.º 1).

A meu ver, penso que a atividade correu bem e que as aprendizagens ficaram consolidadas. Acho que as crianças adoraram a atividade, por ter sido feita no exterior e por ser uma atividade física. Além disso, as crianças mostraram muito interesse em

colocar os alimentos nos sítios certos. Contudo, penso que existiram algumas fragilidades:

1. A primeira fragilidade diz respeito ao momento no tapete, pois as crianças estavam muito impacientes e irrequietas, existindo muitos comportamentos de desvio. Assim, a estagiária foi muitas vezes interrompida, o que estava a prolongar o momento, que acabou por se tornar um pouco exaustivo.
2. A segunda fragilidade é relativa ao espaço, pois é reduzido, o que fez com que as crianças tivessem pouco tempo de percurso e ficassem, por vezes, acumuladas no final do mesmo, em que tinham de colocar a imagem dos alimentos no sítio correto. Considero que esta atividade poderia ter corrido melhor, se tivesse sido realizada, por exemplo, no recreio, que é mais amplo e espaçoso, contudo, não foi feito no mesmo, por ser um espaço comum e que não podia ser preparado previamente.

No final, a estagiária perguntou às crianças se gostaram e algumas das respostas foram: T.P: “Eu gostei, gostei muito de pôr a comida aos dinossauros”, M: “Gostei. O que gostei mais foi de saltar”, M.M e C.V: “Gostei de tudo”, J.F: “O que eu gostei mais foi de dar comida aos dinossauros”, S.B: “Gostei muito de dar comida aos dinossauros”, L.N: “Eu gostei de dar comida ao T-Rex”, N.G: “De por os alimentos nos dinossauros”, M.P: “Dos dinossauros pendurados”, T.V: “Gostei do dinossauro da água” e M.N: “Gostei de acertar com as bolas no cesto”. Além disso, a estagiária questionou “Olhem e gostaram que a atividade tenha sido feita lá fora, ou preferiam que tivesse sido feita na sala?”, ao que as crianças responderam “Simmm, nós gostamos mais lá fora”. Por fim, disseram que aprenderam “Que o T-Rex come carne e outros dinossauros”, “Que o Ornitomimo come um pouquinho de tudo, como ovos, insetos, frutas” e “O da água come peixe, mas também alguns animais como pássaros e répteis”.

No que diz respeito às intencionalidades pedagógicas “Proporcionar uma atividade ao ar livre” e “Realizar uma atividade motora” estas foram cumpridas e penso que as crianças ficaram muito felizes desta atividade ter sido no exterior e relacionada com tarefas motoras que elas apreciam. Já as intenções pedagógicas “Fornecer conhecimentos sobre os diferentes tipos de alimentação dos dinossauros”,

“Responder à pergunta “O que é que os dinossauros comem?” e “Introduzir conceitos novos”, foram concretizadas antes e durante a elaboração da atividade, uma vez que as crianças adquiriram informações e conceitos novos sobre a alimentação dos dinossauros, oralmente e, depois, meteram estes conhecimentos em prática, ao terem de colocar nos sítios corretos os alimentos.

Relativamente ao objetivo “Identificar os diferentes alimentos e colocá-los no sítio certo” este foi cumprido, sendo muito raras as vezes em que alguma das crianças colocava um alimento no dinossauro errado. Algumas crianças tiveram alguma dificuldade em entender que o Elasmossauro, apesar de ser um dinossauro que vivia na água, comia carne além de peixe, no entanto, de resto conseguiam sempre acertar. No que diz respeito ao objetivo “Distinguir diferentes tipos de alimentação dos dinossauros: carnívoro; herbívoro e omnívoro.”, estes foram cumpridos, sendo que as crianças mostraram entender que os dinossauros tinham tipos de alimentação diversificadas, chegando muitas vezes a associar essa alimentação ao seu tipo de alimentação, como por exemplo:

“M.N: Este dinossauro come um pouquinho de tudo? Será que ele comia pão e chocolate?”

Estagiária: Não comia, sabes porquê?

M.N: Não

Estagiária: Porque no tempo dos dinossauros não existia nem pão nem chocolate, mas já falámos sobre o que ele comia, era o que?

M.N: Ahhh, pois, então ele só comia mesmo ovos, insetos e frutas, mas nós também comemos um pouquinho de tudo, não é?

Estagiária: Sim, nós, os seres humanos, somos omnívoros, tal como o Ornitomimo.

M.P: Sim, mas nós comemos arroz de pato.

M.C: Sim e comemos bifeinhos de frango também...e bacalhau com natas” (Nota de campo de dia 25 de janeiro de 2024, Registo n.º 1).

Em relação à organização do grupo, este foi organizado, como foi planeado, isto é, inicialmente estiveram em grande grupo, durante a conversa e partilha de informações, no tapete da sala e, posteriormente, durante a atividade, realizaram o percurso, no exterior, também em grande grupo.

Por fim, acrescento o feedback da Educadora Cooperante, dado numa conversa, que foi gravado e, posteriormente, transcrito:

“Bem Joana, relativamente à atividade de hoje, a atividade física, acho que correu muito bem, eles adoraram, foi pena também o espaço estar assim e ser pouco, mas isso não podemos fazer nada. É pena não terem mais espaço, porque havia ali uma parte do circuito de colocar as imagens, que acho que estava ali um bocadinho presa com a fila que eles estavam a fazer para iniciar o percurso, mas acho que é uma coisa que não conseguimos controlar né, temos de trabalhar com o pouco que temos e de resto correu muito bem. Acho que na parte final eles ficaram um bocadinho saturados de estar a ouvir, mas pronto também faz parte, o tempo de concentração deles também é suposto ser trabalhado e pronto acho que de forma geral correu muito bem, que eles gostaram e aderiram. Acho que deu para eles perceberem aquilo que realmente cada animal come e acho que esse era o objetivo.”

ANEXO J  
Informações sobre o grupo

|" " | | " "

**Tabela geral do grupo**

<b>Grupo</b>	<b>Raparigas</b>	<b>Rapazes</b>	<b>Total</b>
<b>3 anos</b>	D.M L.S M.S M.	M.P S.G T.V V.A	8
<b>4 anos</b>	B.S	A.A J.F H.G	4
<b>5 anos</b>	C.B S.B L.N C.C M.V M.M M.C	T.P N.G M.N	10
<b>6 anos</b>	C.V	J.C	2
<b>Total</b>	13	11	24

ANEXO K  
Carta de apresentação  
| ' ' | | ' ' |

Olá, o meu nome é Joana Campino e tenho 22 anos. Estou a tirar o mestrado em Educação Pré-escolar na Escola Superior de Educação de Lisboa, que se situa em Benfica. De momento, estou a estagiar na [REDACTED] [REDACTED] mais concretamente, na [REDACTED]

Para saberem um pouco mais sobre o meu percurso:

- Desde que me lembro que tenho como objetivo "marcar a diferença" em algo relacionado com as crianças;

- Aos 16 anos comecei a ser voluntária no Banco alimentar, Cruz Vermelha, entre outras associações, que me proporcionaram um contacto maior com as crianças. Alguns exemplos de ações /iniciativas foram:

- Ações em escolas primárias, com o intuito de partilhar informações acerca do uso do protetor solar;
- Ações de animação em escolas primárias.

- Aos 18 anos comecei a ser voluntária na ONG Mundo dos Sonhos Mágicos, que faz ações com crianças e idosos, como por exemplo:

- Ação de Natal;
- Ação do dia da prematuridade no Hospital Santa Maria;
- Ações em bairros sociais;
- Ações em lares.

- Aos 20 anos trabalhei como animadora na época do Natal;

- A minha experiência é pouca e sobretudo na área da animação infantil e, por isso, não tenho muita experiência no contexto de sala.

É um gosto para mim estar a estagiar aqui na associação, poder conhecer as crianças da [REDACTED] e ter a oportunidade de viver novas experiências e aprender coisas novas :)



ANEXO L

Protocolo de consentimento  
para elaboração do portefólio

|' '' | | ''

## **Protocolo do consentimento informado para recolha de informação para a elaboração do portfólio**

Eu, Joana Campino, aluna do curso de Mestrado em Educação Pré-Escolar da Escola Superior de Educação de Lisboa, encontro-me neste momento nas instalações da [REDACTED] a realizar o meu estágio, iniciado no passado dia 6 de novembro de 2023, decorrendo até ao próximo dia 10 de fevereiro de 2024.

Venho por este meio solicitar a sua autorização para que sejam tiradas fotografias e/ou realizadas filmagens do seu educando/a em atividades e momentos de rotina diária, para fins académicos, de modo a que possam ser integradas no relatório final de estágio.

Desta forma, será garantida a ocultação de dados de identificação da criança, nunca sendo exibida a sua face. De igual forma, será também garantido que o presente consentimento poderá ser retirado, em qualquer momento, sem que isso cause qualquer constrangimento naqueles que são os cuidados a prestar à criança.

Sendo a fotografia uma técnica de recolha de dados privilegiada em investigações educativas, o meu desejo de a utilizar não se sobreporá à vontade da criança que é e sempre será o centro da minha ação educativa. Assim, sempre que a criança demonstrar que não quer ser fotografada e/ou filmada, a sua vontade será respeitada.

Peço, então, que assine o presente protocolo como forma de declarar a sua autorização.

<b>Nome do/a Educando/a</b>	<b>Assinatura do Encarregado/a de Educação</b>

ANEXO M  
Protocolo de consentimento  
para a investigação

| " " | | " "

## Protocolo de consentimento informado para a recolha de informação para fins académicos e investigação

Estimado/as Encarregado/as de Educação,

Enquanto aluna do mestrado em Educação Pré-Escolar da Escola Superior de Educação de Lisboa, inserida na organização socioeducativa do/a seu/sua educando/a, no âmbito da unidade curricular intitulada de Prática Profissional Supervisionada II, irei realizar uma investigação com as crianças do grupo da sala. A investigação é sobre a heterogeneidade de idade na Sala [REDACTED], com o intuito de investigar acerca de como a presença de diferentes idades no grupo contribui para a aprendizagem e desenvolvimento das crianças. Alguns objetivos da minha investigação serão:

- 1) Conhecer as concepções das crianças acerca da influência da interação entre crianças de idades diferentes;
- 2) Conhecer a perceção da educadora cooperante sobre a importância dos grupos heterogéneos de idade para o desenvolvimento da criança;
- 3) Conhecer a perceção dos pais sobre a importância dos grupos heterogéneos de idade para o desenvolvimento da criança.

Importa mencionar que, durante a investigação, os interesses das crianças serão tidos em conta através do uso de uma pluralidade de metodologias centradas na criança e adequadas às idades e características das mesmas. Qualquer informação sobre si ou o seu educando(a) será mantida em anonimato. O seu sigilo será assegurado em todas as fases da investigação. Os dados recolhidos serão utilizados meramente para fins académicos, relacionados com a investigação científica.

Cordialmente,

Joana Campino, Estagiária da Sala [REDACTED]

ANEXO N

Protocolo de consentimento do  
portefólio individual da  
criança

| ' ' | | ' ' |

## PROTOCOLO DE CONSENTIMENTO INFORMADO PARA AVALIAÇÃO INDIVIDUAL DA CRIANÇA

Estimados pais/encarregados de educação,

Serve o presente consentimento para vos informar que, no âmbito da Unidade Curricular Prática Profissional Supervisionada II é-me solicitada a elaboração de um portfólio individual de uma criança do grupo que acompanho durante o estágio.

O portfólio consiste num registo individual, no qual serão apresentadas evidências e informações significativas sobre a criança que irão referir o seu desenvolvimento e aprendizagens ao longo deste período. Este registo, será feito através de fotografias, de produções da criança, registos de desenvolvimento, notas de campo, comentários da mesma, bem como dos adultos envolvidos.

Realço que as informações recolhidas se destinam unicamente a fins académicos, sendo garantidas as questões de privacidade e confidencialidade e, com intenção de envolver a família neste processo de construção.

Por ter interesse em desenvolver este instrumento de trabalho com a vossa filha, solicito a vossa autorização para a elaboração do mesmo, convidando-os a colaborar na sua concretização. Graça desde já pela vossa atenção e disponibilidade.

Declaro que autorizo / não autorizo (riscar a opção que **não se aplica**) que a minha filha/educanda participe na elaboração deste portfólio.

Assinatura do Encarregado de Educação:

Assinatura da Educadora Cooperante:

Assinatura da Estagiária:

Data:

ANEXO 0  
Tabela sociodemográfica

| ' ' | | ' ' |

**Tabela sociodemográfica**

					Formação académica		Profissões	
Crianças	Sexo	Idade	Aniversário	Número de irmãos	Pai	Mãe	Pai	Mãe
A.A	Masculino	4 anos	30/06/2019	1	Mestrado	Licenciatura	Engenheiro eletrotécnico	Advogados e solicitadores
B.S	Feminino	4 anos	07/05/2019	2	Mestrado	Mestrado	Médicos especializados	Especialista de redes informáticas
C.B	Feminino	5 anos	10/09/2018	0	Curso de especialização tecnológica	Licenciatura	Administrador de sistemas	Enfermeiros e enfermeiros especialistas (exceto em saúde materna e obstétrica)
C.C	Feminino	5 anos	30/04/2019	1 [NEE]	-	Mestrado	Empregado de escritório em geral	Empregado de escritório em geral
C.V	Feminino	6 anos	12/10/2017	2	Licenciatura	Licenciatura	Advogados e solicitadores	Advogados e solicitadores

D.M	Feminino	3 anos	15/09/2020	1 [NEE]	-	-	Técnico de próteses médicas e dentárias	Advogados e solicitadores
H.G	Masculino	4 anos	16/10/2019	2	Licenciatura	Licenciatura	Administrador de sistemas	Jornalista
J.C	Masculino	5 anos	04/09/2017	2	-	-	-	-
J.F	Masculino	4 anos	30/04/2018	0	Secundário	Mestrado	Técnico de telecomunicações	Economista
L.N	Feminino	5 anos	11/09/2018	1	-	-	Analista financeiro	Técnico de engenharia civil
L.S	Feminino	3 anos	21/05/2020	0	-	-	Músico	Advogados e solicitadores
M	Feminino	3 anos	--	2	----	----	---	---
M.C	Feminino	5 anos	16/11/2018	1	-	Mestrado	Empregado de escritório em geral	Educadora de Infância
M.M	Feminino	5 anos	10/11/2018	1	-	Licenciatura	-	Rececionista de hotel

M.N	Masculino	5 anos	21/07/2018	1	Secundário	Pós-graduação	Especialista de redes informáticas	Economista
M.P	Masculino	3 anos	11/02/2020	1	Mestrado	Mestrado	Economista	Economista
M.S	Feminino	4 anos	03/01/2020	1	Licenciatura	Licenciatura	Outras profissões elementares, n.e.	Outro pessoal de apoio de tipo administrativo, n.e.
M.V	Feminino	5 anos	06/08/2018	1	-	-	Directores dos serviços das tecnologias da informação e comunicação (TIC)	Economista
N.G	Masculino	5 anos	21/09/2018	1	Mestrado	Licenciatura	Engenheiro electrotécnico	Contabilista, auditor, revisor oficial de contas e similares
S.B	Feminino	5 anos	15/04/2018	0	Mestrado	Doutoramento	Director geral e gestor executivo, de empresas	Biólogos, botânicos, zoólogos e

								especialistas relacionados
S.G	Masculino	3 anos	24/04/2020	0	Doutoramento	Doutoramento	Veterinário	Médicos generalistas
T.P	Masculino	5 anos	30/10/2018	0	Mestrado	Mestrado	Técnicos de laboratório de anatomia patológica e medicina	Farmacêutica
T.V	Masculino	3 anos	28/08/2020	2	Pós-graduação	Mestrado	Treinadores, instrutores e árbitros, de desportos	Psicóloga
V.A	Masculino	3 anos	24/05/2020	1	Licenciatura	Licenciatura	Técnicos de emissões de rádio e televisão e de gravação audiovisual e de sistemas de	Enfermeiros e enfermeiros especialistas (exceto em saúde materna e obstétrica)

							comunicações via rádio	
--	--	--	--	--	--	--	---------------------------	--

ANEXO P

Critérios de seleção das crianças  
entrevistadas

|' '' | | ''

<b>Nome</b>	<b>Idade</b>	<b>Sexo</b>	<b>Motivo da seleção</b>
M.C	5 anos	Feminino	A M.C é uma criança que está sempre pronta a ajudar. Além disso, tem uma especial atenção com as crianças NEE e com as crianças mais novas da sala. Também tive como critério a idade e o sexo.
C.C	5 anos	Feminino	Inicialmente tinha escolhido a L.N, por ser uma criança que gosta de ajudar os outros e por conseguir expressar-se com facilidade. Contudo, quando falei com a mesma em relação à entrevista, esta disse que não queria participar. A C.C que estava lá ao lado disse logo que queria muito participar, por isso escolhi-a por ter 5 anos, ser do sexo feminino e por ter demonstrado um grande interesse em participar (Todos os dias me perguntava quando ia ser entrevistada).
M.N	5 anos	Masculino	Escolhi o M.N, que tem uma Perturbação do Espectro Autista (PEA), mais precisamente Síndrome de Asperger. Considerei interessante incluí-lo, tendo em conta que poderá sentir as interações sociais de forma diferente.
N.G	5 anos	Masculino	Selecionei o N.G por ter 5 anos, ser do sexo masculino e estar bastante desenvolvido ao nível da linguagem.
B.S	4 anos	Feminino	Existem somente quatro crianças de 4 anos no grupo. Dessa forma, foram todas incluídas no estudo, para garantir que existe diversidade de idades dos entrevistados. O critério para escolher a B.S foi ter 4 anos.

A.A	4 anos	Masculino	Existem somente quatro crianças de 4 anos no grupo. Dessa forma, foram todas incluídas no estudo, para garantir que existe diversidade de idades dos entrevistados. O critério para escolher o A.A foi ter 4 anos.
J.F	4 anos	Masculino	Existem somente quatro crianças de 4 anos no grupo. Dessa forma, foram todas incluídas no estudo, para garantir que existe diversidade de idades dos entrevistados. O critério para escolher o J.F foi ter 4 anos.
H.G	4 anos	Masculino	Existem somente quatro crianças de 4 anos no grupo. Dessa forma, foram todas incluídas no estudo, para garantir que existe diversidade de idades dos entrevistados. O critério para escolher o H.G foi ter 4 anos.
M.S	3 anos	Feminino	A M.S foi escolhida por ser do sexo feminino e ter 3 anos. Tem mais facilidade em falar oralmente do que maior parte das crianças de 3 anos do grupo.
L.S	3 anos	Feminino	A L.S foi selecionada por ser do sexo feminino e por ser uma criança com bastante facilidade em expressar-se. Além disso, está muito bem integrada no grupo da sala.
M.P	3 anos	Masculino	Selecionei o M.P por ser do sexo masculino e por ser das crianças de 3 anos que mais interage com as crianças mais velhas. Além disso, tem também facilidade em expressar-se oralmente.

S.G	3 anos	Masculino	O S.G foi selecionado por ter 3 anos e por ser uma criança muito desenvolvida a nível de linguagem e por ser do sexo masculino.
-----	--------	-----------	---

ANEXO Q  
Roteiro metodológico e ético

Princípios éticos e deontológicos na investigação com crianças (Tomás, 2011)	Compromissos éticos pessoais e profissionais (APEI, 2011)	Prática Profissional Supervisionada II
<p><b>1. Objetivos do Trabalho</b></p> <p>Segundo Tomás (2011) “A sua explicitação a todos os atores envolvidos constitui um passo fundamental na construção de uma ética democrática” (p. 160).</p>	<p><b>Compromisso com as crianças:</b></p> <p>- “Responder com qualidade às necessidades educativas das crianças, promovendo para isso todas as condições que estiverem ao seu alcance.” (APEI, 2011, p. 1).</p> <p><b>Compromisso com as famílias:</b></p> <p>- “Respeitar a família das crianças e a sua estrutura, valorizando a competência educativa das mesmas e colaborando de modo a que as crianças sintam que a família e a instituição estão ligadas no processo educativo.” (APEI, 2011, p. 2).</p> <p>- “Fornecer às famílias informações” (APEI, 2011, p. 2).</p> <p><b>Compromisso com a equipa educativa:</b></p> <p>- “Partilhar informações relevantes, dentro dos limites de confidencialidade” (APEI, 2011, p. 2).</p>	<p><b>No que se refere às crianças:</b></p> <p>Através da minha observação e de conversas informais com a equipa educativa, foi destacada a entreaajuda entre pares na sala. Neste sentido, as crianças foram informadas, através de uma conversa, num momento de roda no tapete. Apesar disso, demonstrei também os objetivos da minha investigação, de formas mais indiretas, mas que fossem mais fáceis para as crianças desta faixa etária compreenderem. Além disso, durante a recolha de dados, foi sempre explicado às crianças o que era consentimento, assim como o tema e objetivos da entrevista.</p> <p><b>No que se refere às famílias:</b></p> <p>No início da minha PPS II fiz questão de me apresentar a todas as famílias no período da manhã, quando estas vão deixar os seus educandos à instituição. Desta forma, fiz uma breve apresentação</p>

		<p>e falei um pouco sobre o que iria fazer durante o período em que estou presente na organização socioeducativa.</p> <p>Para além disso, elaborei uma carta de apresentação, que a educadora cooperante enviou por email, para que todas as famílias pudessem ter acesso e estar informadas da minha presença.</p> <p>É de realçar que foi entregue a todos os pais um protocolo de consentimento, no qual é pedida a autorização da participação dos seus educandos numa investigação de carácter académico. Neste mesmo protocolo é também pedido o consentimento relativamente à captura de fotografias e vídeos.</p> <p><b>No que se refere à equipa educativa:</b></p> <p>Através de conversas informais, falei com a educadora cooperante em relação ao tema da minha investigação e esta demonstrou-se muito entusiasmada, por considerar que um dos princípios da sua ação são a cooperação e a ajuda mútua. Para além disso, construí um texto no word para a educadora cooperante, denominado “Planear a</p>
--	--	---

		<p>intervenção”, com o intuito de esclarecer todas as intenções da minha prática pedagógica, incluindo o tema, objetivos, entre outras informações importantes.</p> <p>Mais tarde, informei também o auxiliar de ação educativa, para que este pudesse estar integrado em todo o processo.</p>
<p><b>2. Custos e benefícios</b></p> <p>Relativamente aos custos e benefícios de um trabalho de investigação realizado com crianças, Tomás (2011) afirma que “Os objetivos da investigação deverão ter em conta os possíveis benefícios para as crianças. Contudo, a investigação deverá também identificar os possíveis danos ou custos que poderão eventualmente resultar de tal processo” (p. 160).</p>	<p><b>Compromisso com as crianças:</b></p> <p>- “Respeitar toda a criança, independentemente da sua religião, género, etnia, cultura, estrato social ou com necessidades educativas especiais, incluindo-a e promovendo e divulgando os seus direitos consignados na Convenção Internacional.” (APEI, 2011, p. 1).</p> <p>- “Cuidar na relação educativa a gestão da “aproximação” e da “distância”, do respeito pela individualidade, sentimentos e potencialidades de cada criança utilizando o seu poder no sentido da autonomia de cada uma.” (APEI, 2011, p. 1).</p>	<p><b>No que se refere às crianças:</b></p> <p>A participação das crianças na investigação proporcionou diversos benefícios para as mesmas, incluindo o desenvolvimento da oralidade, o enriquecimento do vocabulário, a regulação emocional e comportamental, entre outros. Assim, a investigação não causará nenhuns custos às crianças.</p> <p><b>No que se refere às famílias:</b></p> <p>As famílias contribuíram para os possíveis benefícios das crianças, ao dispensarem do seu tempo para efetuar o questionário.</p>

		<p><b>No que se refere à equipa educativa:</b></p> <p>A equipa educativa não teve nenhum custo. Um benefício para a mesma foi que com este tema, teve acesso a um olhar de fora mais profundo sobre as ligações e interações das crianças, o que fez com que esta acabe por se aperceber de diversas situações que nunca tinha reparado e com que conheça as crianças com um maior detalhe, podendo utilizar essas informações na sua ação pedagógica.</p>
<p><b>3. Respeito pela privacidade e confidencialidade</b></p> <p>De acordo com Tomás (2011) “Estas questões deverão ser sujeitas a negociação, considerando sempre a posição dos autores” (p. 161).</p>	<p><b>Compromisso com as crianças:</b></p> <p>- “Respeitar a privacidade de cada criança e garantir o sigilo profissional.” (APEI, 2011, p. 1).</p> <p><b>Compromisso com as famílias:</b></p> <p>- “Manter sigilo relativamente às informações sobre a família (salvo exceções que ponham em risco a integridade da criança).” (APEI, 2011, p. 2).</p> <p><b>Compromisso com a equipa educativa:</b></p>	<p><b>No que se refere às crianças:</b></p> <p>Relativamente ao respeito pela privacidade e confidencialidade, durante toda a investigação foram utilizadas somente as iniciais do nome e apelido(s) de cada criança, nunca sendo revelada a sua identidade. No que diz respeito aos registos fotográficos, as caras não foram apanhadas sempre que possível. Caso tenha sido inevitável, estas foram censuradas.</p> <p><b>No que se refere às famílias:</b></p>

	<p>- “Partilhar informações relevantes no seio da equipa dentro dos limites da confidencialidade.” (APEI, 2011, p. 2).</p> <p><b>Compromisso com a sociedade:</b></p> <p>- “Assumir a sua condição de cidadão(ã), agindo de modo informado, responsável e coerente com o seu estatuto de profissional de educação de infância.” (APEI, 2011, p. 2).</p>	<p>No protocolo de consentimento entregue aos encarregados de educação, foi explicado que foi sempre mantido o anonimato e a confidencialidade de dados relativos às crianças e respetivas famílias, e que todas as informações, seriam exclusivamente para fins académicos.</p> <p><b>No que se refere à organização socioeducativa:</b></p> <p>A identidade da instituição foi sempre salvaguardada durante a investigação, uma vez que é anónima.</p> <p><b>No que se refere à equipa educativa:</b></p> <p>Todos os dados pessoais que dizem respeito à equipa educativa foram sempre anónimos e confidenciais.</p>
<p><b>4. Decisões acerca de quais as crianças a envolver e a excluir</b></p> <p>Tal como refere Tomás (2011) “É necessário discutir e justificar os processos de selecção, inclusão</p>	<p><b>Compromisso com as crianças:</b></p> <p>- “Respeitar toda a criança, independentemente da sua religião, género, etnia, cultura, estrato social ou com necessidades educativas especiais, incluindo-a e promovendo e divulgando os seus direitos consignados na Convenção Internacional.” (APEI, 2011, p. 1).</p>	<p><b>No que se refere às crianças:</b></p> <p>Para a minha investigação, considerei crucial incluir todas as crianças na sua participação, tendo em conta que os resultados seriam mais robustos. As crianças que não realizaram a entrevista, foi porque não deram consentimento. Uma das crianças não</p>

<p>e exclusão de crianças na investigação” (p. 162).</p>	<p>- “Encarar as suas funções educativas de modo amplo e integrado, na atenção à criança na sua globalidade e inserida no seu contexto” (APEI, 2011, p. 1).</p>	<p>fez a entrevista, uma vez que entrou na instituição somente em janeiro e ainda estava a conhecer os restantes pares e a criar ligações afetivas..</p>
<p><b>5. Planificação e definição dos objetivos e métodos da investigação</b></p> <p>Tomás (2011) refere que é crucial que “as crianças e os adultos envolvidos na investigação devem ser informados acerca dos objetivos e da natureza da investigação, dos métodos, do timing e dos resultados, processos que foram realizados durante todo o estudo.” (p. 163)</p>	<p><b>Compromisso com as crianças:</b></p> <p>- “Encarar as suas funções educativas de modo amplo e integrado, na atenção à criança na sua globalidade e inserida no seu contexto.” (APEI, 2011, p. 1).</p> <p>- “Responder com qualidade às necessidades educativas das crianças, promovendo para isso todas as condições que estiverem ao seu alcance.” (APEI, 2011, p. 1).</p> <p><b>Compromisso com as famílias:</b></p> <p>- “Respeitar a família das crianças e a sua estrutura, valorizando a competência educativa das mesmas e colaborando de modo a que as mesmas sintam que a família e a instituição estão ligadas no processo educativo” (APEI, 2011, p. 2).</p> <p>-“Fornecer às famílias informações sobre a instituição, sobre o seu projecto educativo e ainda sobre o desenvolvimento concreto do mesmo. Informá-las acerca do dia-a-dia da criança e sobre eventuais situações excepcionais.” (APEI, 2011, p. 2).</p> <p><b>Compromisso com a equipa educativa:</b></p>	<p><b>No que se refere às crianças:</b></p> <p>O tema da minha investigação e os objetivos foram explicitados às crianças num através de uma conversa, num momento de roda no tapete. Recorri também a formas mais indiretas de informar o grupo, mas que fossem mais fáceis para as crianças desta faixa etária compreenderem. Antes da recolha dos dados através da entrevista, também existiu uma conversa com as mesmas sobre o tema e objetivos da investigação.</p> <p><b>No que se refere às famílias:</b></p> <p>Enviei um protocolo de investigação para as famílias, com o intuito de explicitar o tema e objetivos da investigação, assim como a importância da mesma, Além disso, elaborei um questionário, no qual constava um pequeno excerto com os detalhes da investigação, nomeadamente o tema e os</p>

	<p>- “Ser solidário com os seus colegas de trabalho nas decisões tomadas em conjunto e nas situações difíceis” (APEI, 2011, p. 2).</p>	<p>objetivos, de modo a informar e incluir as famílias no processo.</p> <p><b>No que se refere à equipa educativa:</b> Recorri sempre a conversas informais com a equipa educativa para planear a recolha de dados, trocar ideias, tirar dúvidas e receber <i>feedback</i> da minha prestação.</p>
<p><b>6. Consentimento informado</b> De acordo com Tomás (2011) “No momento de se obter o consentimento das crianças e dos seus pais para se desenvolver uma investigação, as crianças devem estar conscientes de que a recusa ou desistência da investigação não as poderá prejudicar de qualquer forma.” (p. 164).</p>	<p><b>Compromisso com as crianças:</b> - “Respeitar cada criança, independentemente da sua religião, género, etnia, cultura, estrato social e situação específica do seu desenvolvimento, numa perspetiva de inclusão e de igualdade de oportunidades, promovendo e divulgando os direitos consignados na Convenção Internacional dos Direitos da Criança.” (APEI, 2011, p. 1).</p> <p><b>Compromisso com as famílias:</b> - “Respeitar a família das crianças e a sua estrutura, valorizando a competência educativa das mesmas e colaborando de modo que as crianças sintam que a família e a instituição estão ligadas no processo educativo.” (APEI, 2011, p. 2).</p>	<p><b>No que se refere às crianças:</b> Antes de tirar uma fotografia a qualquer criança do grupo, pergunto sempre à própria criança se quer que a fotografe. Faço isto no quotidiano, sendo que ao mínimo sinal de desconforto, paro imediatamente. Caso a criança demonstre satisfação, tiro e faço sempre questão de no final mostrar à criança a fotografia tirada.</p> <p><b>No que se refere às famílias:</b> Anunciei à educadora cooperante a necessidade de efetuar protocolos de consentimento informado sobre a autorização para tirar registos fotográficos e acerca do portefólio individual da criança.</p>

	<p>- “Fornecer às famílias informações sobre a instituição, sobre o seu projecto educativo e ainda sobre o desenvolvimento concreto do mesmo. Informá-las acerca do dia-a-dia da criança e sobre eventuais situações excepcionais” (APEI, 2011, p. 2).</p> <p><b>Compromisso com a equipa educativa:</b></p> <p>- “Partilhar informações relevantes no seio da equipa dentro dos limites da confidencialidade.” (APEI, 2011, p. 2).</p>	<p>Posteriormente, estes foram revistos pela equipa educativa e pela coordenação da instituição, para que pudessem ser enviados às famílias. Neste sentido, esperei para averiguar se estas davam o seu consentimento para prosseguir com a recolha de dados.</p> <p>Quanto ao questionário, informei num excerto que o mesmo era anónimo, confidencial e que os dados eram somente para fins académicos. Antes das famílias iniciarem o inquérito, está um parágrafo a pedir o consentimento, no qual estas têm a opção de votar sim e preencher, ou votar não e sair do <i>link</i>.</p> <p><b>No que se refere à equipa educativa:</b></p> <p>Para a concretização da entrevista, pedi previamente o consentimento à educadora cooperante e ao auxiliar de ação educativa, estando também escrito no próprio guião.</p>
<p><b>7. Uso e relato das conclusões</b></p>	<p><b>Compromisso com as crianças:</b></p> <p>- “Promover a aprendizagem e a socialização numa vida de grupo cooperada, estimulante, lúdica, aberta à comunidade” (APEI, 2011, p. 1).</p>	<p><b>No que se refere às crianças:</b></p> <p>Ao concluir a investigação, pretendo enviar por email o relatório para a equipa educativa, para que</p>

	<p><b>Compromisso com as famílias:</b></p> <p>- “Fornecer às famílias informações sobre a instituição, sobre o seu projecto educativo e ainda sobre o desenvolvimento concreto do mesmo. Informá-las acerca do dia-a-dia da criança e sobre eventuais situações excepcionais.” (APEI, 2011, p. 2).</p> <p><b>Compromisso com a equipa educativa:</b></p> <p>- “Partilhar informações relevantes no seio da equipa dentro dos limites da confidencialidade” (APEI, 2011, p. 2).</p>	<p>esta possa partilhar com as famílias, através de email.</p> <p>No que diz respeito ao portefólio individual da criança, a criança foi sempre incluída em todas as etapas do processo e construção do mesmo. No final, como este era físico, a criança ficou muito orgulhosa do seu trabalho e, por isso, quis mostrar o resultado aos colegas da sala, a colegas de outras salas. Posteriormente, levou o portefólio para casa, o que fez com que a família pudesse analisar o mesmo. A família ficou muito agradecida, afirmando “Este portefólio é mesmo a S.B, adorámos, muito obrigada mesmo.”.</p> <p><b>No que se refere às famílias:</b></p> <p>Através do correio semanal, as famílias puderam ser informadas de todas as minhas propostas de intervenção, quer nas planificações semanais, quer nos sumários efetuados. Para além disso, são também colocados neste correio, fotografias e vídeos do que foi realizado, inclusive de todas as minhas práticas pedagógicas.</p>
--	--	--

		<p>Quanto ao portefólio individual da criança, este foi entregue à família.</p> <p><b>No que se refere à equipa educativa:</b> Desejo enviar por email o relatório da minha PPS II à minha equipa educativa.</p>
<p><b>8. Possível impacto nas crianças</b> Tal como refere Tomás (2011) “É fundamental que o investigador considere não somente o impacto provocado nas crianças envolvidas na investigação, mas também nos grupos mais alargados de crianças.” (p. 166).</p>	<p><b>Compromisso com as crianças:</b> - “Responder com qualidade às necessidades educativas das crianças, promovendo para isso todas as condições que estiverem ao seu alcance.” (APEI, 2011, p. 1). - “Promover a aprendizagem e a socialização numa vida de grupo cooperada, estimulante, lúdica, aberta à comunidade.” (APEI, 2011, p. 1).</p> <p><b>Compromisso com as famílias:</b> - “Fornecer às famílias informações sobre a instituição, sobre o seu projecto educativo e ainda sobre o desenvolvimento concreto do mesmo. Informá-las acerca do dia-a-dia da criança e sobre eventuais situações excepcionais.” (APEI, 2011, p. 2).</p>	<p><b>No que se refere às crianças:</b> A meu ver a minha investigação teve um impacto positivo nas crianças, em diversos aspetos, nomeadamente ao nível das atitudes e dos conhecimentos. Quanto às atitudes, as crianças puderam refletir sobre as suas interações sociais com os restantes pares. Quanto aos conhecimentos estes foram relativos ao desenvolvimento linguístico, como a exposição oral e a aquisição de novo vocabulário. Por fim, ao realizar as entrevistas com as crianças, sinto que estas tiveram bastante impacto na relação adulto-crianças, tendo em conta que foram partilhadas informações sobre os seus gostos e relações. As crianças que efetuaram as</p>

	<p><b>Compromisso com a equipa educativa:</b></p> <p>- “Ser solidário com os seus colegas de trabalho nas decisões tomadas em conjunto e nas situações difíceis.” (APEI, 2011, p. 2).</p>	<p>entrevistas mostraram sempre muito entusiasmo e vontade em participar nas mesmas, perguntando diariamente “Quando é a minha vez de fazer a entrevista?”. Assim, a investigação promoveu aspetos positivos no desenvolvimento da oralidade, no enriquecimento do vocabulário, na regulação emocional e comportamental, entre outros.</p> <p><b>No que se refere às famílias:</b></p> <p>Quanto às famílias, procurei promover a consciencialização da importância das salas heterogéneas em JI. É de realçar que também tentei incluir a família na investigação, pedindo sempre as suas opiniões sobre o tema.</p> <p><b>No que se refere à equipa educativa:</b></p> <p>A partir da minha investigação, a equipa educativa adquiriu imensa informação acerca das opiniões, gostos e relações entre as crianças. Tendo em conta que a organização socioeducativa é inclusiva, a investigação contribuiu também para entender se as</p>
--	---	---

		<p>crianças com NSE estavam integradas socialmente. Neste sentido, a equipa educativa ficou muito mais atenta a determinadas situações, utilizando estes conhecimentos na sua ação pedagógica. Deste modo, foi melhorado o ambiente educativo das crianças e, conseqüentemente, as aprendizagens, interações e relações entre as mesmas.</p>
<p><b>9. Informação às crianças e adultos/as envolvidos/as</b></p> <p>Tomás (2011) afirma que “Todo o processo de investigação deve ser transparente (O’Knae, 2005) de forma a limitar o efeito de adultocentrismo e promover, de forma efectiva, as metodologias participativas e as relações horizontais em todo o processo.” (p. 167).</p>	<p><b>Compromisso com as crianças:</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- “Considerar com o maior cuidado os diagnósticos e prognósticos da situação e futuro de cada criança, sabendo que fazem parte da interação que se estabelece.” (APEI, 2011, p. 1).</li> <li>- “Promover a aprendizagem e a socialização numa vida de grupo cooperada, estimulante, lúdica, aberta à comunidade.” (APEI, 2011, p. 1).</li> </ul> <p><b>Compromisso com as famílias:</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- “Respeitar a família das crianças e a sua estrutura, valorizando a competência educativa das mesmas e colaborando de modo que as crianças sintam que a família e a instituição estão ligadas no processo educativo.” (APEI, 2011, p. 2).</li> <li>- “Fornecer às famílias informações sobre a instituição, sobre o seu projecto educativo e ainda sobre o desenvolvimento concreto do</li> </ul>	<p><b>No que se refere às crianças:</b></p> <p>Relativamente às crianças, dei sempre primazia aos seus interesses e necessidades. Observei também os seus comportamentos e prestei atenção a comentários, com o objetivo de tornar esta investigação o mais adequada possível às características e gostos do grupo. Assim, procurei assegurar que os benefícios das crianças estão acima de interesses pessoais e institucionais, sendo estas as minhas prioridades.</p> <p><b>No que se refere às famílias:</b></p> <p>No que diz respeito às famílias, tal como já foi referido, estas são informadas das minhas propostas educativas, através do correio semanal,</p>

	<p>mesmo. Informá-las acerca do dia-a-dia da criança e sobre eventuais situações excepcionais.” (APEI, 2011, p. 2).</p> <p><b>Compromisso com a equipa educativa:</b></p> <p>- “Partilhar informações relevantes no seio da equipa dentro dos limites da confidencialidade.” (APEI, 2011, p. 2).</p>	<p>no qual a educadora cooperante coloca registos fotográficos, planificações semanais e sumários. Ao longo da minha PPS II, tentei manter sempre uma relação positiva com as famílias. Sempre que tive oportunidade, aproveitei para conversar um pouco sobre informações que considere importantes relacionadas com o/a seu/sua filho/a. Para além disso, estive sempre disponível para esclarecer questões ou dar/receber esclarecimentos. Furneci também o meu email às famílias, caso estas me quisessem contactar.</p> <p><b>No que se refere à equipa educativa:</b></p> <p>Na minha prática PPS II, procurei mostrar-me sempre aberta a conversar com a equipa educativa, com o objetivo de não só garantir que a equipa educativa possui todas as informações necessárias para manter um trabalho colaborativo de qualidade, como para deixar claro que estou aberta a qualquer sugestão ou crítica construtiva ao longo de toda a minha intervenção. Deste modo, todas as etapas da</p>
--	--	---

		investigação foram partilhadas e discutidas, de forma saudável, respeitosa e cooperativa.
<b>10. Tratamento de dados</b>	<p><b>Compromisso com as crianças:</b></p> <p>- “Respeitar a privacidade de cada criança e garantir o sigilo profissional.” (APEI, 2011, p. 1).</p> <p><b>Compromisso com as famílias:</b></p> <p>- “Manter sigilo relativamente às informações sobre a família (salvo exceções que ponham em risco a integridade da criança).” (APEI, 2011, p. 2).</p> <p><b>Compromisso com a equipa educativa:</b></p> <p>- “Partilhar informações relevantes no seio da equipa dentro dos limites da confidencialidade.” (APEI, 2011, p. 2).</p> <p><b>Compromisso com a sociedade:</b></p> <p>- “Assumir a sua condição de cidadão(ã), agindo de modo informado, responsável e coerente com o seu estatuto de profissional de educação de infância.” (APEI, 2011, p. 2).</p>	No início da minha PPS II, todos os dados reunidos referentes às crianças, às famílias, à equipa educativa e à organização socioeducativa, serão suprimidos. Desta forma, é protegido o anonimato e a confidencialidade de todos os participantes.

ANEXO R  
Guião da entrevista feita às  
crianças

| ' ' | | ' ' |

## Guião de Entrevista

**Destinatários:** C.C (5 anos, Problemas na fala), M.N (5 anos, PEA – Síndrome de Asperger), M.C (5 anos), N.G (5 anos), B.S (4 anos), J.F (4 anos), A.A (4 anos), H.G (4 anos), S.G (3 anos), M.P (3 anos), L.S (3 anos) e M.S (3 anos) (PPS II 2023/2024)

**Objetivo:** Conhecer a perceção das crianças sobre os grupos heterogéneos.

Blocos de Informação	Objetivos específicos	Formulação de questões	Observações
E. Legitimação da entrevista e motivação do(a) entrevistado(a)	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Legitimar a entrevista;</li> <li>• Motivar o/a entrevistado(a).</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Esta entrevista tem como objetivo a obtenção de informação necessária à realização da investigação realizada no âmbito da PPS II.</li> <li>- O seu caráter é confidencial e o anonimato dos dados é garantido, deste modo afirmo que serei a única pessoa a ter acesso ao documento escrito.</li> <li>- Autoriza o consentimento da utilização dos seus registos escritos nesta entrevista?</li> <li>- Garanto o envio da entrevista com as devidas transcrições para validação.</li> </ul>	
F. Definição do perfil do (a) entrevistado(a)	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Conhecer algumas informações sobre o entrevistado(a).</li> </ul>	B1. Qual é o teu nome? B2. Quantos anos tens?	
C. Grupo heterogéneo	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Analisar as relações e interações entre as crianças de um grupo heterogéneo.</li> </ul>	C1. Diz 4 crianças com quem gostes de brincar. .....C1.1. Porquê? C2: Existe alguma criança com quem não gostes de brincar? .....C.2.1. Porquê? C3. Gostas mais de brincar com as crianças de 3 anos, as crianças de 4 anos ou as crianças de 5 anos?	

		<p>.....C.3.1. Porquê?</p> <p>C4. Achas que aprendes com as crianças da sala?</p> <p>C.4.1. O que é que aprendes com as crianças da sala?</p> <p>C5: Achas que é importante para os meninos mais novos, que existam meninos mais velhos na sala B? Porquê?</p> <p>C6. Achas que é importante para os meninos mais velhos, que existam meninos mais novos na sala B? Porquê?</p> <p>C7: Achas que os meninos de 3 anos conseguem fazer o mesmo que os de 5 anos?</p> <p>C7.1. O que é que conseguem/ não conseguem fazer?</p>	
D. Cooperação e entreaajuda	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Conhecer as conceções das crianças acerca da influência da cooperação entre crianças etariamente heterogéneas.</li> </ul>	<p>D1. Gostas de ajudar as crianças da sala B?</p> <p>D2: Como é que te sentes quando ajudas as crianças da sala B?</p> <p>.....D2.1: Quando ajudas os meninos da sala B, ajudas em quê?</p> <p>D3: Os meninos da sala B ajudam-te quando precisas?</p> <p>D4: Como é que te sentes quando as crianças da sala B te ajudam?</p>	<p>D2.1.2. Ajudas as crianças da sala B durante o lanche da manhã?</p> <p>D2.1.3. Ajudas as crianças da sala B durante o almoço?</p> <p>D2.1.4. Ajudas as crianças da sala B no recreio?</p> <p>D2.1.5. Ajudas as crianças da sala B durante a sesta?</p>

E. Conclusão da entrevista	• Finalizar a entrevista.	Queres dizer mais alguma coisa sobre as crianças da Sala B? Obrigada pela ajuda.	
----------------------------	---------------------------	---	--

ANEXO S  
Transcrição das entrevistas  
feita às crianças

|' '' '| '| ''

## Transcrição das entrevistas das crianças

**Entrevistada: M.C**

**B1:Qual é o teu nome?**

R: M.C.

**B2:Quantos anos tens?**

R: Tenho 5 anos.

**C1: Diz 4 amigos com quem gostes de brincar.**

R: M.N, J.F, L.S e C.B.

**C2. Achas que aprendes com os amigos da sala?**

R: Sim

**O que aprendes com os amigos?**

R: Não sei.

**C3. Gostas mais de brincar com os amigos de 3 anos, os amigos de 4 anos ou os amigos de 5 anos?**

R: Gosto mais de brincar com os de 5 anos porque tem o M.N.

**Mais alguma razão?**

R: Não.

**C4: Achas que é importante que existam meninos de idades diferentes na Sala B? Porquê?**

R: Sim. Porque temos de ajudar os amigos. Os mais velhos ajudam os mais pequenos a fazer desenhos bonitos. Também ajudam a arrumar, a ir buscar a fruta e ajudar os amigos a irem embora quando vão embora, entregá-los à receção. Os mais pequenos não ajudam os mais velhos.

**C5: Achas que é importante que existam meninos de 3/4/5 anos na Sala B?**

**C6: Achas que os meninos de 3 anos conseguem fazer o mesmo que os de 5 anos?**

R: Não. Se eles fizerem desenhos mal, os mais crescidos podem pedir à P. para apagar o lápis e nós mais velhos ajudamos a fazer melhor.

**D1. Gostas de ajudar os amigos?**

R: Sim, muito.

**D2: Como é que te sentes quando ajudas os amigos?**

R: Muito feliz.

**D3: Os amigos da Sala B ajudam-te quando precisas?**

R: Sim.

**Quem são os amigos que mais te ajudam?**

R: O M.N e a L.S.

**D4: Gostas que os amigos te ajudem?**

R: Sim.

**Há algum amigo com quem não gostes de brincar?**

R: Não

**Entrevistada: C.C**

**B1:Qual é o teu nome?**

R: C.C.

**B2:Quantos anos tens?**

R: 5 anos.

**C1: Diz 4 amigos com quem gostes de brincar.**

R: L.N, S.B, M.M e a C.V.

**C2. Achas que aprendes com os amigos da sala?**

R: Sim.

**O que aprendes com os amigos?**

R: A S.B ensinou-me a fazer o pino.

**C3. Gostas mais de brincar com os amigos de 3 anos, os amigos de 4 anos ou os amigos de 5 anos?**

R: De todos.

**C4: Achas que é importante que existam meninos de idades diferentes na Sala B? Porquê?**

R: Sim. Para os meninos pequeninos é importante porque os mais velhos cuidam, a brincar com eles e a ajudar. Quando vão dormir ajudo a tapar os pequeninos e uma vez ajudei a D.M a abrir a torneira para ela beber água.

**C5: Achas que é importante que existam meninos de 3/4/5 anos na Sala B?**

R: Sim.

**C6: Achas que os meninos de 3 anos conseguem fazer o mesmo que os de 5 anos?**

R: Não. Eles não conseguem escrever o nome e também não sabem fazer letras minúsculas.

**D1. Gostas de ajudar os amigos?**

R: Sim.

**D2: Como é que te sentes quando ajudas os amigos?**

R: Sinto-me bem, fico feliz.

**D3: Os amigos da Sala B ajudam-te quando precisas?**

R: Sim.

**Quem é que mais te ajuda?**

R: S.B e L.N.

**D4: Gostas que os amigos te ajudem?**

R: Sim.

**Entrevistada: B.S**

**B1: Qual é o teu nome?**

R: B.S.

**B2: Qual é a tua idade?**

R: 4 anos.

**C1. Diz 4 amigos com quem gostes de brincar.**

R: Gosto da C.V, da M.M, da L.S e e hmmm...

**Queres só estas 3?**

R: Sim.

**C2: Existe algum amigo com quem não gostes de brincar?**

R: Não, gosto de brincar com todos.

**C3. Gostas mais de brincar com os amigos de 3 anos, os amigos de 4 anos ou os amigos de 5 anos?**

R: hmm dos 5 anos.

**Porquê?**

R: Eu gosto muito.

**C4. Achas que aprendes com os amigos da sala?**

R: Sim.

**C.4.1. O que é que aprendes com os amigos da sala?**

R: A brincar com os carros. A brincar na casinha.

**Ao que é que vocês brincam na casinha?**

R: Às mães e aos pais.

**C5: Achas que é importante que existam meninos de idades diferentes na Sala B?  
Porquê?**

R: Sim. Porque assim os mais pequeninos aprendem a brincar na casinha e a desenhar.

R: Na sesta aprendem a deitar, a tapar.

R: A comer tudo.

R: Aprendem que que não sei...mas os mais pequeninos aprendem com os mais velhos que não se pode magoar, nem se pode morder.

**C7: Achas que os meninos de 3 anos conseguem fazer o mesmo que os de 5 anos?**

R: Não.

**C.7.1. O que é que conseguem/ não conseguem fazer?**

R: Não conseguem saltar por cima das almofadas. Não conseguem tirar o Pai Natal da janela, porque está alto.

**D1. Gostas de ajudar os amigos?**

R: Sim, muito.

**D2: Como é que te sentes quando ajudas os amigos?**

R: Bem.

**D3: Os amigos da Sala B ajudam-te quando precisas?**

R: Sim, às vezes, porque às vezes consigo e outras não.

**D4: Como é que te sentes quando os amigos te ajudam?**

R: Bem.

**Queres dizer mais alguma coisa sobre as crianças da Sala B?**

R: Sim.

**O quê?**

R: Que não se estraga as coisas dos amigos.

**Entrevistada: M.N**

**B1. Qual é o teu nome?**

R: M.N.

**B2: Quantos anos tens?**

R: 5 anos

**C1. Diz 4 crianças com quem gostes de brincar.**

R: L.S, C.C, M.V e M.C.

**C2: Existe alguma criança com quem não gostes de brincar?**

R: Nenhum.

**C3. Gostas mais de brincar com as crianças de 3 anos, as crianças de 4 anos ou as crianças de 5 anos?**

R: De 3 anos e de 5 anos.

**.....C.3.1. Porquê?**

R: Porque uns têm de ser os pais, outros as mães e outros os bebés.

**Então nas tuas brincadeiras têm de existir meninos mais novos e pequeninos para fazerem de filhos e mais velhos e grandes para fazerem de adultos?**

R: Sim.

**Então e os de 4 anos?**

R: Os de 4 anos só brincam alguns, mas podem ser tios, avós, ou os primos mais crescidos.

**C4. Achas que aprendes com as crianças da sala?**

R: Sim.

**C.4.1. O que é que aprendes com as crianças da sala?**

R: A fazer bolachas na casinha de fingir. Venho fazer umas praiasinhas de brincar e às vezes brinco às mães e aos pais, a L.S é o bebé, a C.B é a mãe e a M.C é a tia, ou então a M.C pode ser a mãe e a C.B a tia, e eu sou o pai. Aprendo também a ir à piscina. Eu vejo os aviões a passar, por exemplo, quando eu vou com a L.S, quando eu chamo a L.S, eu e a L.S vemos os aviões. Ou então outro meu amigo ou colega de trabalho vai ver comigo os aviões, então passam por cima do telhado da escola e vemos a sombra

deles ou então passam por fora, mas na parte alta, que não tem telhado. Por exemplo, aqueles toldos do recreio, eu vejo os aviões a passar.

**C5: Achas que é importante para os meninos mais novos, que existam meninos de todas as idades?**

R: Não.

**Porquê?**

R: Porque as idades são as mesmas, mas não são iguais.

**As datas de aniversário são diferentes é isso? Mas é importante que existam todos, os meninos de 3 anos, de 4 anos e de 5 anos?**

R: Todos são bons, menos os ladrões, eles roubam, então têm de ir para a prisão. São os ladrões que vão para a prisão.

**C7: Achas que os meninos de 3 anos conseguem fazer o mesmo que os de 5 anos?**

R: Algumas vezes.

**C7.1. O que é que conseguem/ não conseguem fazer?**

R: Não conseguem pegar ao colo.

**E mais?**

R: Não conseguem bater-me porque eu ponho assim a mão e faço assim e finjo que tenho uma pistola e eles têm medo, então não me conseguem bater.

**Ainda bem que não conseguem bater, porque não se deve bater nos outros pois não ?**

R: Não.

**Então e de resto conseguem fazer tudo?**

R: Sim.

**D1. Gostas de ajudar as crianças da sala B?**

R: Gosto.

**D2: Como é que te sentes quando ajudas as crianças**

**da sala B?**

R: Feliz.

.....**D2.1: Quando ajudas os meninos da sala B, ajudas em quê?**

R: Ajudo quando eles precisam de ajuda ou quando os bebés precisam de ajuda porque estão doentes, é para eles irem ao médico, então eu ajudo a brincar. Ajudo-os a fazerem coisas que não conseguem, por exemplo vou a casa deles fazer bolachas.

**Então e aqui na escola?**

R: Aqui eu já sei fazer tudo.

**Mas e eles? Por exemplo, na sesta em que é que ajudas?**

R: A adormecer e a despi-los. Ajudo algumas coisas só porque às vezes eles não precisam, conseguem fazer sozinhos.

**D3: Os meninos da sala B ajudam-te quando precisas?**

R: Fico um bocadinho triste. Eles não me ajudam.

**A sério? Não te ajudam nunca?**

R: A sério, eu fico triste.

**D4: Como é que te sentes quando as crianças da sala B te ajudam?**

R: Quando me ajudam fico feliz.

**Queres dizer mais alguma coisa sobre as crianças da Sala B? Não.**

**Obrigada pela ajuda.**

**Entrevista a N.G**

**B1. Qual é o teu nome?**

R: N.G.

**B2: Quantos anos tens?**

R: 5

**C1. Diz 4 crianças com quem gostes de brincar.**

R: H.G, A.A, J.F E B.S.

**.....C1.1. Porquê?**

R: Porque são meus amigos

**Só por isso?**

R: E porque às vezes brincam comigo, eu brinco aos super-heróis super e outras coisas

**C2: Existe alguma criança com quem não gostes de brincar?**

R: O T.P.

**.....C.2.1. Porquê?**

R: Porque ele só fala sobre o gastão e só quer brincar com o gastão.

**C3. Gostas mais de brincar com as crianças de 3 anos, as crianças de 4 anos ou as crianças de 5 anos?**

R: Os de 4 anos.

**.....C.3.1. Porquê?**

R: Porque eu gosto e porque tu disseste que um dia ias para os 4 anos.

**C4. Achas que aprendes com as crianças da sala?**

R: Sim.

**C.4.1. O que é que aprendes com as crianças da sala?**

R: Aprendo a fazer coisas.

**Que coisas?**

R: A fazer a cambalhota para trás e dar uma cambalhota a correr, já fiz isso na ginástica.

**C5: Achas que é importante para os meninos mais novos, que existam meninos mais velhos na sala B? Porquê?**

R: Sim. Os mais grandes tomarem conta deles e, às vezes, dão abraços e pedem desculpa quando magoam.

**C6. Achas que é importante para os meninos mais velhos, que existam meninos mais novos na sala B? Porquê?**

R: Às vezes podemos cair e eles podem nos ajudar.

**E mais?**

R: A levar coisas e pegar em coisas pesadas. Também quando alguém tem medo, como o H.G, alguém pode dar a mão e se forem os pequeninos, os pequeninos ajudam, porque o H.G tem medo.

**C7: Achas que os meninos de 3 anos conseguem fazer o mesmo que os de 5 anos?**

R: Não.

**C7.1. O que é que conseguem/ não conseguem fazer?**

R: Às vezes podem enganar-se a fazer o nome e não sabem as letras, então quando fazem uma letra, podem fazer outra letra mal às vezes. T. começa por que letra?

**Pela letra T**

R: Imagina que o T.V, em vez de fazer o T faz o I, engana-se.

**E sem ser isso, o que é que os meninos de 3 anos não conseguem mais fazer?**

R: Acho que não conseguem fazer a hora dos 5 anos.

**E de resto, conseguem fazer tudo?**

R: O resto sim, menos a data.

**D1. Gostas de ajudar as crianças da sala B?**

R: Sim, muito.

**D2: Como é que te sentes quando ajudas as crianças da sala B?**

R: Sinto-me feliz.

**.....D2.1: Quando ajudas os meninos da sala B, ajudas em quê?**

R: Há muitas vezes.

### **No quê?**

R: Eles podem levar coisas, conseguem levar coisas do Recreio e nós temos de ajudar. Ajudo a abrir as torneiras.

#### **D2.1.2. Ajudas as crianças da sala B durante o lanche da manhã?**

R: Quando comem o lanche às vezes a L.S não consegue abrir o iogurte e eu abro por ela, porque às vezes pode vir com a tampa e depois temos que tirar. Só que às vezes a L.S consegue, ela pode tentar, não é?

**É, primeiro deixas que ela tente sozinha, depois é que ajudas. Boa!**

#### **D2.1.3. Ajudas as crianças da sala B durante o almoço?**

R: Não ajudo em nada.

#### **D2.1.4. Ajudas as crianças da sala B no recreio?**

R: Ajudo a arrumar as coisas, a levar coisas para arrumar e a levar peças juntas sem caírem. Quando nós temos medo de dizer pessoas “Olá” às pessoas eu às vezes digo por alguém.

#### **D2.1.5. Ajudas as crianças da sala B durante a sesta?**

R: A tapar, a arrumar as coisas, como os ténis e a roupa.

#### **D3: Os meninos da sala B ajudam-te quando precisas?**

R: Sim. O H.G, o J.F e a B.S, eles ajudam a encontrar o carro da música, que eu tento encontrar na garagem e já não está lá.

#### **D4: Como é que te sentes quando as crianças da sala B te ajudam?**

R: Contente e a Joana também fica muito contente quando nos ajudamos uns aos outros.

**É verdade!**

#### **Queres dizer mais alguma coisa sobre as crianças da Sala B?**

R: Sim, que são todos muito amigos.

**Obrigada pela ajuda.**

## **Entrevista a J.F**

**B1. Qual é o teu nome?**

R: J.F.

**B2: Quantos anos tens?**

R: 4 anos.

**C1. Diz 4 crianças com quem gostes de brincar.**

R: N.G, H.G, A.A e a B.S.

**.....C1.1. Porquê?**

R: Porque eles partilham e também fazem uns desenhos giros.

**C2: Existe alguma criança com quem não gostes de brincar?**

R: Sim, o Xavier.

**Não, mas da sala B?**

R: Não gosto de brincar com o V.A.

**.....C.2.1. Porquê?**

R: Porque ele não faz desenhos giros.

**C3. Gostas mais de brincar com as crianças de 3 anos, as crianças de 4 anos ou as crianças de 5 anos?**

R: Com as de 5 anos.

**.....C.3.1. Porquê?**

R: Porque são mais velhos e gostam de mim.

**C4. Achas que aprendes com as crianças da sala?**

R: Sim.

**C.4.1. O que é que aprendes com as crianças da sala?**

R: Aprendo a fazer arco-íris, a desenhar como aqueles desenhos até... mas não só assim como os das meninas, nem têm olhos, nem boca.

**E sem ser desenhos, aprendes mais alguma coisa?**

R: Aprendo a fazer coisas na mão, com tintas.

**E mais alguma coisa?**

R: Sim, eu gosto de brincar com plasticina e os amigos ensinam-me. Eu já fiz uma a tentar fazer um cão, mas não consegui, não dava tempo.

**C5: Achas que é importante para os meninos mais novos, que existam meninos mais velhos na sala B? Porquê?**

R: Na sala é importante para os mais pequeninos porque os mais pequeninos são mais pequeninos que os de 4 anos e os 5.

**Então e porque é que é importante que existam meninos mais crescidos?**

R: Porque já cresci um bocadinho depressa. Eu já fiz 4 anos em janeiro no outro ano. Quando eles choram, eu disse, pronto, já passou, já passou. Quando estão zangados e pedimos desculpa.

**C6. Achas que é importante para os meninos mais velhos, que existam meninos mais novos na sala B? Porquê?**

R: Sim, eles ajudam umas coisas.

**Que coisas?**

R: O N.G consegue fazer mais do que 1000 legos.

**Mas em que é que os mais os mais pequeninos ajudam os mais velhos?**

R: Quando alguma pessoa está na estrada e um carro passa muito depressa, nós podemos ir para o médico.

**C7: Achas que os meninos de 3 anos conseguem fazer o mesmo que os de 5 anos?**

R: Não.

**C7.1. O que é que conseguem/ não conseguem fazer?**

R: O V.A não consegue fazer desenhos, ele engana-se, pensa que é amarelo, mas não é. E também pensa que o Estádio do Benfica é amarelo. Também não conseguem montar fósseis, que eu já escavei e consegui sozinho. Não conseguem fazer muito bem meninas a desenhar.

**D1. Gostas de ajudar as crianças da sala B?**

R: Sim, gosto. E quando o H.G estava zangado comigo, eu disse desculpa, mas ele não me desculpou.

**D2: Como é que te sentes quando ajudas as crianças da sala B?**

R: Feliz.

**.....D2.1: Quando ajudas os meninos da sala B, ajudas em quê?**

R: Quando estão nervosos.

**D2.1.2. Ajudas as crianças da sala B durante o lanche da manhã?**

R: Quem não consegue comer e está mal da barriga, eu dou uma coisa saudável.

**D2.1.3. Ajudas as crianças da sala B durante o almoço?**

R: Quando alguém está com dores, eu vou com os meninos à casa de banho e chamar um adulto para limpar e ele assim já está bem para ir almoçar.

**D2.1.4. Ajudas as crianças da sala B no recreio?**

R: Quando o H.G não consegue fazer uma letra, eu ajudo.

**Não, no Recreio, não é aqui na sala.**

R: Quando eu sou mais rápido que o H.G, eu ajudo-o a correr mais rápido, que ele não consegue correr mais rápido do que eu.

**D2.1.5. Ajudas as crianças da sala B durante a sesta?**

R: Eu vejo os pequeninos a adormecer. Eu ajudo a tapar e a tirar a roupa.

**D3: Os meninos da sala B ajudam-te quando precisas?**

R: Sim e quando os meninos precisam da minha ajuda e chamam, eu vou. Ajudam 1000, mais do que 1000 vezes!

**D4: Como é que te sentes quando as crianças da sala B te ajudam?**

R: Muito feliz.

**Queres dizer mais alguma coisa sobre as crianças da Sala B? Não.**

**Obrigada pela ajuda.**

### **Entrevista ao S.G**

**B1. Qual é o teu nome?**

R: S.G.

**B2: Quantos anos tens?**

R: 3 anos.

**C1. Diz 4 crianças com quem gostes de brincar.**

R: Com os meus pais.

**Não, da sala B.**

R: O M.P, o M.N, as almofadas..

**Não, mas tem de ser meninos.**

R: A C.V e a L.S.

**.....C1.1. Porquê?**

R: Porque sim. Eu não sei bem, só sei dos meus brinquedos.

**C2: Existe alguma criança com quem não gostes de brincar?**

R: Acho que não.

**Gostas de brincar com todos?**

R: Acho que sim.

**C3. Gostas mais de brincar com as crianças de 3 anos, as crianças de 4 anos ou as crianças de 5 anos?**

R: Os de 3 anos.

.....**C.3.1. Porquê?**

R: Porque a M tem 3 anos. Porque os meninos de 4 anos e 5 anos são um pouco maus comigo.

**Porquê?**

R: Fazem coisas que eu não gosto.

**C4. Achas que aprendes com as crianças da sala?**

R: Sim, muita coisa.

**C.4.1. O que é que aprendes com as crianças da sala?**

R: São boas, aprendo muitas coisas, a brincar, eu já sei fazer muitas cambalhotas sozinho que aprendi com os amigos. Um dia vou comprar uma coisa de esponja para fazer isso. Aprendi a gostar da escola. Depois da escola vou à nataçãõ e depois vou com o pai comprar um frango assado especial.

**C5: Achas que é importante para os meninos mais novos, que existam meninos mais velhos na sala B? Porquê?**

R: Muitos pequeninos não pode mexer, têm que pôr aqui...

**Olha, mas não é isso que a Joana está a perguntar, pois não?**

R: Não.

**Agora está a perguntar porque é que para meninos como tu, de 3 anos, é importante que existam mais crescidos na sala.**

R: Mas eu ainda não sei bem, eu ainda sou pequenino, ainda sou novo.

**C6. Achas que é importante para os meninos mais velhos, que existam meninos mais novos na sala B? Porquê?**

R: Acho que sim. Eu sou um bocadinho mais novo e sou um bocadinho velho e novo. Ajudo a levantar coisas que eles precisam, pesadas.

**C7: Achas que os meninos de 3 anos conseguem fazer o mesmo que os de 5 anos?**

R: Acho que não

**C7.1. O que é que conseguem/ não conseguem fazer?**

R: Coisas que eu não sei, como coisas perigosas,

**Que coisas perigosas são essas que tu não consegues fazer?**

R: Por aquele pó que o pai não deixa, do detergente.

**Mas estavas a dizer que não conseguias fazer o mesmo com os meninos de 5 anos, o que é que tu não consegues fazer que eles conseguem?**

R: Bem , não sei.

**Então consegues fazer tudo?**

R: Consigo.

**D1. Gostas de ajudar as crianças da sala B?**

R: Sim, muito.

**D2: Como é que te sentes quando ajudas as crianças da sala B?**

R: Bem.

**.....D2.1: Quando ajudas os meninos da sala B, ajudas em quê?**

R: Eu não sei.

**D2.1.2. Ajudas as crianças da sala B durante o lanche da manhã?**

R: Sim. A comer.

**D2.1.3. Ajudas as crianças da sala B durante o almoço?**

R: Não.

**D2.1.4. Ajudas as crianças da sala B no recreio?**

R: A brincar com eles.

**D2.1.5. Ajudas as crianças da sala B durante a sesta?**

R: Não.

**D3: Os meninos da sala B ajudam-te quando precisas?**

R: Sim.

**D4: Como é que te sentes quando as crianças da sala B te ajudam?**

R: Muiiito feliz.

**Queres dizer mais alguma coisa sobre as crianças da Sala B?** Aos amigos eu não sei, se calhar pode ser, muito obrigado.

**Obrigada pela ajuda.**

### **Entrevista ao M.P**

**B1. Qual é o teu nome?**

R: M.P.

**B2: Quantos anos tens?**

R: 3 anos.

**C1. Diz 4 crianças com quem gostes de brincar.**

R: M.C, M.N, T.V e N.G.

**.....C1.1. Porquê?**

R: Porque sim. Jogam comigo à bola, mas o M.N às vezes não quer jogar, outras vezes quer.

**C2: Existe alguma criança com quem não gostes de brincar?**

R: Sim, a S.B.

**.....C.2.1. Porquê?**

R: Porque ela gosta de brincar às princesas e eu não gosto de brincar às princesas.

**C3. Gostas mais de brincar com as crianças de 3 anos, as crianças de 4 anos ou as crianças de 5 anos?**

R: Os de 4 anos.

**.....C.3.1. Porquê?**

R: Porque sim.

**E sem ser porque sim, porque é que gostas de brincar com as crianças de 4 anos?**

R: Porque eu gosto do J.F, do H.G, do A.A e da B.S.

**C4. Achas que aprendes com as crianças da sala?**

R: Sim.

**C.4.1. O que é que aprendes com as crianças da sala?**

R: Não sei.

**C5: Achas que é importante para os meninos mais novos, que existam meninos mais velhos na sala B? Porquê?**

R: Sim. Porque ajudamos quando eles se aleijam. A C.B não consegue levantar o braço e nós ajudamos.

**C6. Achas que é importante para os meninos mais velhos, que existam meninos mais novos na sala B? Porquê?**

R: Sim. Porque ajudam a levantar do chão do recreio quando eu caíu.

**C7: Achas que os meninos de 3 anos conseguem fazer o mesmo que os de 5 anos?**

R: Não.

**C7.1. O que é que conseguem/ não conseguem fazer?**

R: Não conseguem fazer o pino.

**D1. Gostas de ajudar as crianças da sala B?**

R: Sim.

**D2: Como é que te sentes quando ajudas as crianças da sala B?**

R: Triste.

**Sentes-te triste quando ajudas, de certeza?**

R: Sim, eu sinto-me triste.

**.....D2.1: Quando ajudas os meninos da sala B, ajudas em quê?**

R: A brincar outra vez.

**D2.1.2. Ajudas as crianças da sala B durante o lanche da manhã?**

R: Quem não consegue eu ajudo a comer e a dar as coisas.

**D2.1.3. Ajudas as crianças da sala B durante o almoço?**

R: A dar o almoço. Hoje é wrap, a M.C disse.

**D2.1.4. Ajudas as crianças da sala B no recreio?**

R: A levantar quando caiem.

**D2.1.5. Ajudas as crianças da sala B durante a sesta?**

R: A P. e tu ajudam o J.C a dormir.

**E tu ajudas em quê?**

R: Não sei, em nada.

**D3: Os meninos da sala B ajudam-te quando precisas?**

R: Nada.

**Não ajudam?**

R: Não.

**D4: Como é que te sentes quando as crianças da sala B te ajudam?**

R: Bem.

**Queres dizer mais alguma coisa sobre as crianças da Sala B? Não.**

**Obrigada pela ajuda.**

**Entrevista ao H.G**

**B1. Qual é o teu nome?**

R: H.G.

**B2: Quantos anos tens?**

R: 4 anos.

**C1. Diz 4 crianças com quem gostes de brincar.**

R: N.G, B.S, A.A e J.F.

**.....C1.1. Porquê?**

R: Porque eles são muito meus amigos e brincamos aos super-heróis.

**C2: Existe alguma criança com quem não gostes de brincar?**

R: Com o T.V.

**.....C.2.1. Porquê?**

R: Porque ele arranha.

**C3. Gostas mais de brincar com as crianças de 3 anos, as crianças de 4 anos ou as crianças de 5 anos?**

R: Os de 5 anos.

**.....C.3.1. Porquê?**

R: Porque são mais grandes e eles vão ao inglês, são meus amigos.

**C4. Achas que aprendes com as crianças da sala?**

R: Não.

**C.4.1. O que é que aprendes com as crianças da sala?**

R: Nada.

**De certeza, não aprendes coisas com os outros meninos?**

R: Não, nada.

**C5: Achas que é importante para os meninos mais novos, que existam meninos mais velhos na sala B? Porquê?**

R: Sim. Porque eles às vezes escorregam e os mais velhos fazem um baloiço para ajudar. Ajudam também a arrumar os brinquedos e a sentar direitos na cadeira.

**C6. Achas que é importante para os meninos mais velhos, que existam meninos mais novos na sala B? Porquê?**

R: Sim. Porque ajudam a arrumar.

**C7: Achas que os meninos de 3 anos conseguem fazer o mesmo que os de 5 anos?**

R: Não.

**C7.1. O que é que conseguem/ não conseguem fazer?**

R: Não conseguem arrumar os brinquedos sozinhos.

**E mais, sem ser arrumar?**

R: Não conseguem brincar e depois arrumar.

**E mais?**

R: Não conseguem escalar muito alto, nem conseguem partir a parede, porque ela é muito rija, isso só conseguem os mais fortes.

**D1. Gostas de ajudar as crianças da sala B?**

R: Sim.

**D2: Como é que te sentes quando ajudas as crianças da sala B?**

R: Feliz.

**.....D2.1: Quando ajudas os meninos da sala B, ajudas em quê?**

R: A arrumar e brincar.

**D2.1.2. Ajudas as crianças da sala B durante o lanche da manhã?**

R: A arrumar as tigelas.

**D2.1.3. Ajudas as crianças da sala B durante o almoço?**

R: A arrumar os pratos.

**D2.1.4. Ajudas as crianças da sala B no recreio?**

R: A tirar as coisas do meio do recreio, para conseguirem passar.

**D2.1.5. Ajudas as crianças da sala B durante a sesta?**

R: Vou ajudar um bocadinho os amigos e ficar lá um bocadinho.

**A fazer o quê?**

R: A por a manta e a ajudá-los a descansar.

**D3: Os meninos da sala B ajudam-te quando precisas?**

R: Sim, muitas vezes.

**D4: Como é que te sentes quando as crianças da sala B te ajudam?**

R: Muito feliz.

**Queres dizer mais alguma coisa sobre as crianças da Sala B? Não.**

**Obrigada pela ajuda.**

**Entrevista ao A.A**

**B1. Qual é o teu nome?**

R: A.A.

**B2: Quantos anos tens?**

R: 4 anos.

**C1. Diz 4 crianças com quem gostes de brincar.**

R: N.G, H.G, B.S e J.F.

**.....C1.1. Porquê?**

R: Porque eu gosto de brincar com eles. Nós brincamos à Patrulha Pata.

**C2: Existe alguma criança com quem não gostes de brincar?**

R: Sim, a M.C.

**.....C.2.1. Porquê?**

R: Porque às vezes a M.C diz disparates, às vezes diz que os 4 anos são feios.

**C3. Gostas mais de brincar com as crianças de 3 anos, as crianças de 4 anos ou as crianças de 5 anos?**

R: Com as de 5 anos.

.....C.3.1. Porquê?

R: Está lá o M.N e eu gosto do M.N e de brincar com ele.

**C4. Achas que aprendes com as crianças da sala?**

R: Não.

**C.4.1. O que é que aprendes com as crianças da sala?**

R: Não sei.

**C5: Achas que é importante para os meninos mais novos, que existam meninos mais velhos na sala B? Porquê?**

R: Sim, porque os mais velhos gostam de ajudar os mais pequenos, quando eles se sentam mal.

**C6. Achas que é importante para os meninos mais velhos, que existam meninos mais novos na sala B? Porquê?**

R: Sim, porque os mais pequenos ajudam a dar os iogurtes e os paus.

**C7: Achas que os meninos de 3 anos conseguem fazer o mesmo que os de 5 anos?**

R: Não, porque eles são mais pequeninos.

**C7.1. O que é que conseguem/ não conseguem fazer?**

R: Não conseguem dar uma cambalhota, nem saltar.

**D1. Gostas de ajudar as crianças da sala B?**

R: Sim.

**D2: Como é que te sentes quando ajudas as crianças da sala B?**

R: Feliz.

.....D2.1: Quando ajudas os meninos da sala B, ajudas em quê?

R: A arrumar as coisas.

**D2.1.2. Ajudas as crianças da sala B durante o lanche da manhã?**

R: Ajudo a recolher os panos.

**D2.1.3. Ajudas as crianças da sala B durante o almoço?**

R: A recolher os panos também.

**D2.1.4. Ajudas as crianças da sala B no recreio?**

R: Ajudo os mais pequenos que não conseguem fazer as coisas.

**D2.1.5. Ajudas as crianças da sala B durante a sesta?**

R: Ajudo os mais pequeninos a adormecer. Eu tapo-os e tiro-lhes a roupa.

**D3: Os meninos da sala B ajudam-te quando precisas?**

R: Sim, quando eu não consigo fazer as coisas, como alguns desenhos, aqueles ali.

**D4: Como é que te sentes quando as crianças da sala B te ajudam?**

R: Feliz.

**Queres dizer mais alguma coisa sobre as crianças da Sala B? Não.**

**Obrigada pela ajuda.**

### **Entrevista a L.S**

**B1. Qual é o teu nome?**

R: L.S.

**B2: Quantos anos tens?**

R: 3 anos.

**C1. Diz 4 crianças com quem gostes de brincar.**

R: M.N, M.P, S.G e M.C.

**.....C1.1. Porquê?**

R: Porque eu gosto deles. Brincamos às mães e aos pais, a M-C é a mãe, o M.N o pai e eu sou o bebé.

**C2: Existe alguma criança com quem não gastes de brincar?**

R: Sim, o V.A e a C.C.

**.....C.2.1. Porquê?**

R: Porque eles fazem muitas desarrumações.

**C3. Gostas mais de brincar com as crianças de 3 anos, as crianças de 4 anos ou as crianças de 5 anos?**

R: 5 anos.

**.....C.3.1. Porquê?**

R: Porque eu gosto mais dos de 5 anos, porque gosto de conduzir carros.

**E as crianças de 5 anos conduzem carros?**

R: Sim.

**C4. Achas que aprendes com as crianças da sala?**

R: Sim.

**C.4.1. O que é que aprendes com as crianças da sala?**

R: Aprendo jogos, músicas e desenhos.

**C5: Achas que é importante para os meninos mais novos, que existam meninos mais velhos na sala B? Porquê?**

R: Sim, porque os mais crescidos ajudam a cortar, a fazer desenhos e a fazer corações. Também ajudam a fazer puzzles.

**E é importante porquê?**

R: É importante que eles me ajudem porque isso é que é ser amigo.

**C6. Achas que é importante para os meninos mais velhos, que existam meninos mais novos na sala B? Porquê?**

R: Sim, porque se eles não conseguirem montar alguma coisa os mais pequeninos ajudam e também a fazer puzzles.

**E é importante porquê?**

R: Porque assim na sala ajudamos a proteger.

**Mas quem é que protege quem? Os mais pequenos aos mais crescidos, ou os mais crescidos aos mais pequenos?**

R: Os mais crescidos os mais pequeninos e os mais pequeninos os mais crescidos.

**Ahhh, muito bem, então protegem-se uns aos outros, é isso?**

R: Sim, é isso.

**C7: Achas que os meninos de 3 anos conseguem fazer o mesmo que os de 5 anos?**

R: Não.

**C7.1. O que é que conseguem/ não conseguem fazer?**

R: Não conseguem fazer corações, letras...

**Mas tu tens 3 anos e consegues fazer letras...**

R: Sim e às vezes os de 4 anos também.

**Pronto, mas alguns de 3 anos não conseguem fazer não é?**

R: Sim.

**Sem ser letras e corações, conseguem fazer tudo?**

R: Sim.

**D1. Gostas de ajudar as crianças da sala B?**

R: Sim, muito.

**D2: Como é que te sentes quando ajudas as crianças da sala B?**

R: Feliz.

**.....D2.1: Quando ajudas os meninos da sala B, ajudas em quê?**

R: Ajudo a fazer puzzles e a fazer casas de madeira.

**D2.1.2. Ajudas as crianças da sala B durante o lanche da manhã?**

R: A recolher as toalhitas sujas.

**D2.1.3. Ajudas as crianças da sala B durante o almoço?**

R: Não ajudo em nada.

**D2.1.4. Ajudas as crianças da sala B no recreio?**

R: Quando eles fazem doídoís.

**D2.1.5. Ajudas as crianças da sala B durante a sesta?**

R: Não ajudo em nada, porque ainda não sou ajudante da sesta, só quando tiver 5 anos é que vou ajudar.

**Mas não é preciso ser ajudante para ajudar, os pequeninos também se podem ajudar uns aos outros, não é verdade?**

R: Os mais novos também podem ajudar e fazem a sesta.

**D3: Os meninos da sala B ajudam-te quando precisas?**

R: Sim.

**D4: Como é que te sentes quando as crianças da sala B te ajudam?**

R: Muito feliz.

**Queres dizer mais alguma coisa sobre as crianças da Sala B? Não.**

**Obrigada pela ajuda.**

**Entrevista a M.S**

**B1. Qual é o teu nome?**

R: O meu nome é M.S.

**B2: Quantos anos tens?**

R: 3 anos.

**C1. Diz 4 crianças com quem gostes de brincar.**

R: C.C, S.B, L.N e C.V.

**.....C1.1. Porquê?**

R: Porque eu gosto muito.

**C2: Existe alguma criança com quem não gostes de brincar?**

R: Gosto de brincar com todos.

**C3. Gostas mais de brincar com as crianças de 3 anos, as crianças de 4 anos ou as crianças de 5 anos?**

R: As de 4 e 5 anos.

**.....C.3.1. Porquê?**

R: Não sei.

**C4. Achas que aprendes com as crianças da sala?**

R: Sim.

**C.4.1. O que é que aprendes com as crianças da sala?**

R: Coisas muito divertidas. Às vezes ensinam-me a fazer corações nos desenhos.

**E mais?**

R: Mais nada.

**C5: Achas que é importante para os meninos mais novos, que existam meninos mais velhos na sala B? Porquê?**

R: Sim, porque os mais crescidos ajudam os mais pequenos a dizer o nome e às vezes ajudam os mais pequenos a procurar o copo que tem o seu nome, porque eles não sabem.

**C6. Achas que é importante para os meninos mais velhos, que existam meninos mais novos na sala B? Porquê?**

R: Sim, mas não sei porquê.

**C7: Achas que os meninos de 3 anos conseguem fazer o mesmo que os de 5 anos?**

R: Sim, conseguem fazer tudo.

**D1. Gostas de ajudar as crianças da sala B?**

R: Sim, muito.

**D2: Como é que te sentes quando ajudas as crianças da sala B?**

R: Muito feliz.

.....**D2.1: Quando ajudas os meninos da sala B, ajudas em quê?**

R: A fazer alguma coisa que eles precisem.

**D2.1.2. Ajudas as crianças da sala B durante o lanche da manhã?**

R: Não ajudo em nada.

**D2.1.3. Ajudas as crianças da sala B durante o almoço?**

R: Não ajudo em nada.

**D2.1.4. Ajudas as crianças da sala B no recreio?**

R: Não ajudo em nada.

**Pensa lá mais um bocadinho...De certeza que não ajudas?**

R: Já pensei, mas não.

**D2.1.5. Ajudas as crianças da sala B durante a sesta?**

R: Não ajudo em nada.

**Hmm, não acredito, não ajudas por exemplo, na casa de banho?**

R: Sim, ajudo...

**Ah, então se calhar há coisas que não te estás a lembrar...**

R: Mas mais nada.

**D3: Os meninos da sala B ajudam-te quando precisas?**

R: Sim.

**D4: Como é que te sentes quando as crianças da sala B te ajudam?**

R: Muito feliz.

**Queres dizer mais alguma coisa sobre as crianças da Sala B? Não.**

**Obrigada pela ajuda.**

ANEXO T  
Árvore categorial das  
respostas das crianças

| " | | " |

<b>Tema</b>	<b>Categoria</b>	<b>Subcategoria</b>	<b>Descrição</b>	<b>Número de incidências</b>
Perfil dos entrevistados	Idades dos entrevistados	5 anos de idade	“5 anos” – M.C “5 anos” – C.C “5.” – N.G “5 anos” – M.N	4
		4 anos de idade	“4 anos” – B.S “4 anos” – J.F “4 anos” – A.A “4 anos” – H.G	4
		3 anos de idade	“3 anos” – S.G “3 anos” – M.P “3 anos” – L.S “3 anos” – M.S	4
	Razões de preferência	O M.N faz parte do grupo	“Gosto mais de brincar com os de 5 anos porque tem o M.N.” – M.C  “Os de 5 anos. Está lá o M.N e eu gosto do M.N e de brincar com ele.” – A.A	2

Preferência de idades para brincar	para brincar com o grupo dos 5 anos	Gosta de conduzir carros	“Porque eu gosto mais dos de 5 anos, porque gosto de conduzir carros.”- L.S	1
		São mais velhos	“Com os de 5 anos. Porque são mais velhos e gostam de mim.” – J.F  “Os de 5 anos. Porque são mais grandes” – J.F	2
		Vão ao Inglês	“e eles vão ao inglês, são meus amigos.” - H.G	1
	Razões de preferência	A Joana ia passar a	“Os dos 4 anos. Porque eu gosto e porque tu disseste	1

	para brincar com o grupo dos 4 anos	tarde com esse grupo	que um dia ias para os 4 anos.” – N.G	
		Gosta dos colegas	“Porque eu gosto do J.F, do H.G, do A.A e da B.S.” – M.P	1
	Razões de preferência para brincar com o grupo dos 3 anos	A M. faz parte do grupo	“Os de 3 anos. Porque a M tem 3 anos.” – S.G	1
		Os de 4 e 5 anos são maus	“Porque os meninos de 4 anos e 5 anos são um pouco maus comigo.” – S.G	1
Crianças com quem gostam de brincar	Crianças de 5 anos escolhidas	M.N		4
		M.C		3
		C.B		1
		L.N		2
		S.B		2
		C.V		4
		N.G		4
		C.C		2
		M.V		1
	Crianças de 4 anos escolhidas	J.F		3
		A.A		2
		B.S		3
		H.G		2
			T.V	

Relações entre os pares		Crianças de 3 anos escolhidas	S.G	1
			L.S	4
	Crianças com quem não gostam de brincar	Crianças de 5 anos escolhidas	T.P	1
			S.B	1
			M.C	1
			C.C	1
	Razão de escolhas dos amigos		Crianças de 3 anos escolhidas	V.A
T.V				1
Brincadeiras		Brincar aos Super-Heróis	" E porque às vezes brincam comigo, eu brinco aos super-heróis super e outras coisas" – N.G  "Porque eles são muito meus amigos e brincamos aos super-heróis." – H.G	2

		Jogar à bola	“Jogam comigo à bola” – M.P	1
		Às mães e aos pais	"Brincamos às mães e aos pais, a M.C é a mãe, o M.N o pai e eu sou o bebê." – L.S	1
		Brincar à Patrulha Pata	"Porque eu gosto de brincar com eles. Nós brincamos à Patrulha Pata." – A.A	1
	Competências sociais	Partilhar	“Porque eles partilham” – J.F	1
	Habilidades artísticas	Desenhos giros	“fazem uns desenhos giros.” – J.F	1
	Brincadeiras	Brincar com o Gastão	“Porque ele só fala sobre o gastão e só quer brincar com o gastão.” – N.G	1

Razão de não gostar de brincar		Brincar às princesas	“Porque ela gosta de brincar às princesas e eu não gosto de brincar às princesas.” – M.P	1
	Comportamentos desadequados	Arranha	“Porque ele arranha.” – H.G	1
		São desarrumados	“Porque eles fazem muitas desarrumações.” – L.S	1
	Conflito entre pares	Faz comentários desagradáveis	“Porque às vezes a M.C diz disparates, às vezes diz que os 4 anos são feios.” – A.A	1
	Habilidades artísticas	Não faz desenhos giros	“Porque ele não faz desenhos giros.” – J.F	1
		Educação física	<p>“A S.B ensinou a fazer o pino.” – C.C</p> <p>“A fazer a cambalhota para trás e dar uma cambalhota a correr” – N.G</p>	3

Aprendizagens entre os pares	Aprendizagens adquiridas com os colegas		“eu já sei fazer muitas cambalhotas sozinho que aprendi com os amigos” – S.G	
		Brincadeiras	<p>“a brincar” – S.G</p> <p>“a brincar com os carros” – B.S</p> <p>“brincar na casinha.” . B.S</p> <p>“A fazer bolachas na casinha de fingir” – M.N</p> <p>“às vezes brinco às mães e aos pais.” – M.N</p> <p>“brincar com plasticina.” – J.F</p>	6
		Ir à piscina	“Aprendo também a ir à piscina.” – M.N	1
		Jogar à bola	“Porque sim. Jogam comigo à bola, mas o M.N às vezes não	1

			quer jogar, outras vezes quer.” – M.P	
		Ver os aviões	“Eu vejo os aviões a passar, por exemplo, quando eu vou com a L.S, quando eu chamo a L.S, eu e a L.S vemos os aviões.” – M.N	1
		Desenhar	“Aprendo a fazer arco-íris” - J.F  “ensinam-me a fazer corações nos desenhos.” – M.S  “Aprendo (...) desenhos.” – L.S	3
		Jogos	“Aprendo jogos” – L.S	1
		Músicas	“Aprendo (...) músicas” – L.S	1
		Pintar com tinta	“Aprendo a fazer coisas na mão, com tintas. “ – J.F	1
		Fazer plasticina	“os amigos ensinam-me. Eu já fiz uma a tentar fazer um cão” – J.F	1

		Tapar	“Na sesta aprendem a deitar, a tapar.” – B.S	1
		Comer	“A comer tudo.” – B.S	1
		Cuidar	“os mais pequeninos aprendem com os mais velhos que não se pode magoar, nem se pode morder.” -B.S	1
Perceção sobre as	Competências ainda por	Desenhos	<p>“Se eles fizerem desenhos mal, os mais crescidos podem pedir à P. para apagar o lápis e nós mais velhos ajudamos a fazer melhor.” – M.C</p> <p>“Não conseguem fazer corações” – L.S</p> <p>“O V.A não consegue fazer desenhos, ele engana-se”- J.F</p>	4

competências das crianças de diferentes idade	adquirir pelas crianças mais novas		“Não conseguem fazer muito bem meninas a desenhar.” – J.F	
		Escrever o nome	“Não. Eles não conseguem escrever o nome” – C.C  “Às vezes podem enganar-se a fazer o nome” – N.G	2
		Fazer letras	“e não sabem as letras, então quando fazem uma letra, podem fazer outra letra mal” – N-G  “Não conseguem fazer (...) letras” – L.S	2
		Fazer letras minúsculas	“e também não sabem fazer letras minúsculas.” – C.C	1
		Saltar	“Não conseguem saltar por cima das almofadas.” – B.S	2

			“nem saltar.” – A.A	
		Chegar ao calendário de advento	“Não conseguem tirar o Pai Natal da janela, porque está alto.” – B.S	1
		Escalar alto	“Não conseguem escalar muito alto” – H.G	1
		Partir a parede	“nem conseguem partir a parede, porque ela é muito rijá, isso só conseguem os mais fortes.” – H-G	1
		Arrumar sozinhos	“Não conseguem arrumar os brinquedos sozinhos.” – H.G	1
		Pegar ao colo	“Não conseguem pegar ao colo.” – M.N	1
		Fazer o pino	“Não conseguem fazer o pino.” – M.P	1
		Dar uma cambalhota	“Não conseguem dar uma cambalhota” – A.A	1

		Montar fósseis	“Também não conseguem montar fósseis” – J.F	1
		Bater nos outros	“Não conseguem bater-me” – M.N	1
	A importância da convivência de crianças com idades diferentes, para as mais novas	Cuidados dos mais velhos	“Para os meninos pequeninos é importante porque os mais velhos cuidam” . C.C  “Os mais grandes tomarem conta deles” – N.G	2
		Auxílio dos mais velhos	“porque os mais crescidos ajudam os mais pequenos a dizer o nome e às vezes	1

<p>Importância da heterogeneidade e de idade para o desenvolvimento das crianças</p>			ajudam os mais pequenos a procurar o copo que tem o seu nome, porque eles não sabem.” – M.S	
		Os mais velhos brincam com eles	“a brincar com eles” – C.C	1
		Os mais velhos ajudam a sentar	“porque os mais velhos gostam de ajudar os mais pequenos, quando eles se sentam mal.” – A.A	1
			“e a ajudar.” – C.C	2

		Os mais velhos ajudam no recreio	“Porque ajudam a levantar do chão do recreio quando eu caiu.” – M.P	
		Brincar	“os mais pequeninos aprendem a brincar na casinha” – B.S	1
		Desenhar	“e a desenhar.” – B.S	1
		Afetos	“dão abraços” – N.G	1
		Ajudam os mais velhos	“porque os mais pequenos ajudam a dar os iogurtes e os paus.” – A.A	1

		Gestão de emoções	<p>“pedem desculpa quando magoam.” – N.G</p> <p>“Quando estão zangados e pedimos desculpa.” – J.F</p>	2
A importância da convivência de crianças com idades diferentes, para as mais velhas	Fazer desenhos	“Os mais velhos ajudam os mais pequenos a fazer desenhos bonitos.” – M.C	1	
	Buscar a fruta	“a ir buscar a fruta”- M.C	1	
	Montar coisas	“porque se eles não conseguire	1	

			m montar alguma coisa os mais pequeninos ajudam e também a fazer puzzles.” – L.S	
		Arrumar	“Ajudam também a arrumar os brinquedos” – H.G  “Também ajudam a arrumar”- M.C	2
		Pôr na recepção	“ajudar os amigos a irem embora quando vão embora, entregá-los à recepção.” -M.C	1

		Ajuda dos mais novos	<p>“Porque ajudamos quando eles se aleijam. A C.B não consegue levantar o braço e nós ajudamos.”</p> <p>– M.P</p>	1
		Brincadeira	<p>“quando os bebés precisam de ajuda porque estão doentes, é para eles irem ao médico, então eu ajudo a brincar. “ – M.N</p> <p>“A brincar”</p> <p>– M.P</p> <p>“A brincar com eles.”</p> <p>– S.G</p>	4

Interação entre crianças com idades diferentes			“brincar.” – H.G	
		Fazer bolachas	“vou a casa deles fazer bolachas.” – M.N	1
		Adormecer	“A adormecer” – M.N	1
		Recortar	“a cortar” – L.S	1
		Fazer puzzles	“Ajudo a fazer puzzles” – L.S	1
		Desenhar	“a fazer desenhos e a fazer corações.” – L.S	1
	Momentos de entreaajuda	Refeição	“Quem não consegue comer e está mal da barriga, eu dou uma coisa	2

			<p>saudável.” – J.F</p> <p>“Quem não consegue eu ajudo a comer e a dar as coisas.” – M.P</p>	
		Higiene	<p>“Quando alguém está com dores, eu vou com os meninos à casa de banho e chamar um adulto para limpar” – J.F</p>	1
		Despir	<p>“e a despirlos.” – M.N</p> <p>“a tirar a roupa.” – J.F</p> <p>“tiro-lhes a roupa.” – A.A</p>	3

		Quando se aleijam	<p>“Às vezes podemos cair e eles podem nos ajudar.” – N.G</p> <p>“A levantar quando caiem. “ – M.P</p> <p>“Quando eles fazem doídoís.” – L.S</p>	3
		Levar objetos	<p>“A levar coisas e pegar em coisas pesadas.” – N.G</p> <p>“Ajudo a levantar coisas que eles precisam, pesadas.” – S.G</p>	2

		Gerir emoções (Medo, Nervosismo,... )	<p>“Quando estão nervosos.” – J.F</p> <p>“Também quando alguém tem medo, como o H.G, alguém pode dar a mão” – N.G</p> <p>“Quando nós temos medo de dizer “Olá” às pessoas eu às vezes digo por alguém.” – N.G</p>	3
		Abrir torneiras	<p>“Ajudo a abrir as torneiras.” – N.G</p>	1
		Limpar	<p>“A recolher as toalhas</p>	1

			sujas.” – L.S	
		Abrir o iogurte	“Quando comem o lanche às vezes a L.S não consegue abrir o iogurte e eu abro por ela” – N.G	1
		Correr mais rápido	“Quando eu sou mais rápido que o H.G, eu ajudo-o a correr mais rápido” – J.F	1
		Escrita	“Quando o H.G não consegue fazer uma letra, eu ajudo.” – J.F	1
		Arrumar	“Ajudo a arrumar as coisas, a	5

			<p>levar coisas para arrumar e a levar peças juntas sem caírem.” – N.G</p> <p>“A arrumar as coisas.” – A.A</p> <p>“a arrumar as coisas, como os ténis e a roupa.” – N.G</p> <p>“Arrumar os pratos”. – H.G</p> <p>“Arrumar as tigelas.” – H.G</p>	
		Tapar	<p>“A tapar” – N.G</p>	4

			<p>“A por a manta” – H.G</p> <p>“Eu tapos” – A.A</p> <p>“Eu ajudo a tapar” – J.F.</p>	
		Encontrar brinquedos	<p>“ajudam a encontrar o carro da música, que eu tento encontrar na garagem e já não está lá.” – N.G</p>	1
	Sentimentos ao ajudar os outros	Felicidade	<p>“Sinto-me bem, fico feliz.” – C.C</p> <p>“Bem.” – B.S</p> <p>“Sinto-me feliz” – N.G</p>	10

			<p>“Muito feliz.” – M.S</p> <p>“Feliz.” – J.F</p> <p>“Bem.” – S.G</p> <p>“Feliz.” – M.N</p> <p>“Feliz.” – L.S</p> <p>“Feliz.” – H.G</p> <p>“Feliz” – A.A</p>	
		Tristeza	<p>“Triste.” – M.P</p>	1
			<p>“Quando me ajudam fico feliz.” – M.N</p>	9

	Sentimentos quando os outros o ajudam	Felicidade	<p>“Contente” – N.G</p> <p>“Muito feliz.” – J.F</p> <p>“Muitoo feliz.” – S.G</p> <p>“Bem.” – M.P</p> <p>“Muito feliz.” – H.G</p> <p>“Muito feliz.” – L.S</p> <p>“Muito feliz.” – M.S</p> <p>“Feliz.” – A.A</p>	
--	---------------------------------------	------------	--	--

## ANEXO U

Fotografias que demonstram  
entreaajuda e cooperação entre  
pares

| | " | | | "

**Figura 1.**

*Entreajuda em momentos de tristeza.*



*Nota.* Fotografia tirada pela autora do relatório.

**Figura 2.**

*Entreajuda na hora da sesta.*



*Nota.* Fotografia tirada pela autora do relatório.

**Figura 3.**

*Entreajuda na hora da sesta.*



*Nota.* Fotografia tirada pela autora do relatório.

**Figura 4.**

*Entreajuda em momentos de higiene.*



*Nota.* Fotografia tirada pela autora do relatório.

**Figura 5.**  
*Entreajuda após atividade.*



*Nota.* Fotografia tirada pela autora do relatório.

**Figura 6.**  
*Entreajuda no lanche da manhã.*



*Nota.* Fotografia tirada pela autora do relatório.

**Figura 7.**  
*Entreajuda em momento de stress*



*Nota.* Fotografia tirada pela autora do relatório.

**Figura 8.**  
*Entreajuda durante a refeição.*



*Nota.* Fotografia tirada pela autora do relatório.

**Figura 9.**  
*Entreajuda a arrumar.*



*Nota.* Fotografia tirada pela autora do relatório.

**Figura 10.**  
*Entreajuda na hora da sesta.*



*Nota.* Fotografia tirada pela autora do relatório.

**Figura 11.**

*Entreajuda na hora da sesta.*



*Nota.* Fotografia tirada pela autora do relatório.

**Figura 12.**

*Entreajuda ao esperar pelo colega e guiá-lo.*



*Nota.* Fotografia tirada pela autora do relatório.

**Figura 13.**  
*Entreajuda a adormecer.*



*Nota.* Fotografia tirada pela autora do relatório.

**Figura 14.**  
*Entreajuda a vestir.*



*Nota.* Fotografia tirada pela autora do relatório.

**Figura 15.**  
*Entreajuda a descer as escadas.*



*Nota.* Fotografia tirada pela autora do relatório.

**Figura 16.**  
*Entreajuda na hora da sesta.*



*Nota.* Fotografia tirada pela autora do relatório.

**Figura 17.**

*Entreajuda na sala – Encontrar o copo com o nome.*



*Nota.* Fotografia tirada pela autora do relatório.

**Figura 18.**

*Entreajuda na hora dos 5 anos.*



*Nota.* Fotografia tirada pela autora do relatório.

**Figura 19.**  
*Entreajuda em momento de tristeza.*



*Nota.* Fotografia tirada pela autora do relatório.

**Figura 20.**  
*Entreajuda durante a refeição.*



*Nota.* Fotografia tirada pela autora do relatório.

**Figura 21.**  
*Entreajuda na hora da sesta.*



*Nota.* Fotografia tirada pela autora do relatório.

**Figura 22.**  
*Entreajuda a arrumar a sala.*



*Nota.* Fotografia tirada pela autora do relatório.

**Figura 23.**  
*Entreajuda a descascar castanhas.*



*Nota.* Fotografia tirada pela autora do relatório.

**Figura 24.**  
*Entreajuda no recreio.*



*Nota.* Fotografia tirada pela autora do relatório.

ANEXO V  
Fotografias que demonstram  
autonomia

|' '' | | ''

**Figura 1.**  
*Tapar-se sozinho.*



*Nota.* Fotografia tirada pela autora do relatório.

**Figura 2.**  
*Secar o casaco sozinho.*



*Nota.* Fotografia tirada pela autora do relatório.

**Figura 3.**  
*Despir-se sozinho.*



*Nota.* Fotografia tirada pela autora do relatório.

**Figura 4.**  
*Arrumar a roupa sozinho.*



*Nota.* Fotografia tirada pela autora do relatório.

**Figura 5.**

*Tirar a fralda sozinho.*



*Nota.* Fotografia tirada pela autora do relatório.

**Figura 6.**

*Despir-se sozinho.*



*Nota.* Fotografia tirada pela autora do relatório.

ANEXO W  
Notas de campo utilizadas na  
investigação  
| ' ' | ' ' |

<b>Nota de campo de dia 6 de novembro de 2023</b>			
<b>N.º</b>	<b>Momentos</b>	<b>Descrição</b>	<b>Intervenientes</b>
5	Sesta	As crianças de 3 anos foram fazer a sesta. O V.A, o T.V e o J.C ainda utilizam fralda para dormir. A Educadora Cooperante colocou as fraldas e disse às crianças para se descalçarem e prepararem para dormir. Neste momento, todas as crianças de forma autónoma tiraram os sapatos e o casaco e deitaram-se. O M.N era o ajudante (dos 5 anos) que foi ajudar os mais novos neste momento da rotina. Este estava muito empenhado no seu papel, fazendo afirmações como "Vou fechar a porta para não entrar luz para os amigos que estão a dormir", "Vou fazer festinhas ao J.C até ele adormecer", "Temos de falar baixinho", entre outras afirmações que demonstravam o sentido de responsabilidade e o respeito pelos colegas. O J.C levanta-se muito e é muito difícil acalmá-lo até adormecer. A estagiária esteve atenta a algumas estratégias utilizadas pelas educadoras presentes para que este adormecesse, tais como cantar, tapar a cara e dar palmadinhas.	Interação entre crianças.

<b>Nota de campo de dia 7 de novembro de 2023</b>			
<b>N.º</b>	<b>Momentos</b>	<b>Descrição</b>	<b>Intervenientes</b>
2	Acolhimento	Durante o acolhimento, a Educadora Cooperante referiu que tinha chegado uma encomenda do correio para a sala. As crianças ficaram muito curiosas para saber o que a encomenda tinha lá dentro. Antes de ser aberta, a Educadora Cooperante falou um pouco sobre a profissão de carteiro e perguntou às crianças se sabiam o que poderia ser aquela encomenda. As crianças fizeram várias suposições. Uma das crianças veio abrir a encomenda e eram livros	Interação entre Educadora Cooperante e crianças.

		<p>acerca do Dia do Pijama, que se irá festejar no dia 20 de novembro. Neste sentido, a Educadora Cooperante aproveitou para contextualizar o que se iria passar nesse dia e conversar um pouco do porquê da existência da festa do pijama na organização socioeducativa.</p> <p>Posteriormente, falaram um pouco sobre o São Martinho. Neste momento, a Educadora Cooperante perguntou às crianças o que é que se costumava comer no São Martinho, ao que quase todas responderam “Castanhas”. Depois mencionou que para comerem as castanhas tinham de as colocar em algum lado. Assim, as crianças deram várias sugestões sobre o que poderiam construir para colocar as suas castanhas, sendo algumas das opções “Um balde”, “Um cone”, “Um saco”, “Um fio ao pescoço com um saco”, entre outras. Desta forma, a Educadora Cooperante utilizou as sugestões e disse que então iriam fazer um balde com um cordão para pendurar ao pescoço. Seguidamente, questionou o que queriam utilizar para decorar este balde, ao que as crianças responderam “Tintas” e que queriam “Colar olhos”. A Educadora Cooperante informou também as crianças de que teve a ideia de pintarem com as próprias castanhas e as crianças adoraram a ideia. Ficou decidido que ambas as ideias iam ser utilizadas, sendo pintado com castanhas e tinta e decorado com diversos materiais para colagem.</p> <p>[Durante este momento, o J.C olhava para um autocolante refletor colado na área da casinha a fazer</p>	
--	--	--	--

		<p>de espelho e fazia movimentos para ver os reflexos.]</p> <p>Como já não existia muito tempo, devido à aula de música, as crianças brincaram um pouco pelas áreas. Muitas crianças ficaram ao redor do tabuleiro com castanhas mostrado, a brincar com as castanhas, tal como J.C e M.N.</p>	
--	--	--	--

<b>Nota de campo de dia 10 de novembro de 2023</b>			
<b>N.º</b>	<b>Momentos</b>	<b>Descrição</b>	<b>Intervenientes</b>
1	Atelier de Outono	<p>A Educadora Cooperante e a Auxiliar de Ação Educativa prepararam, na sala, um atelier do Outono com diferentes zonas para as crianças estarem neste período da manhã. Na primeira zona denominada “Caras do Outono”, as crianças com os elementos do Outono tinham de construir caras que representassem diferentes emoções. A segunda zona chamava-se “Seguir a linha”, na qual as crianças tinham de colocar as castanhas e as nozes sobre a linha desenhada, utilizando uma pinça. Na zona “Caixas de ovos” as crianças tinham de procurar os números e letras escritos nas castanhas e colocar no buraco da caixa correspondente, utilizando uma pinça. Na zona “Vamos imitar” o grupo tinha de construir sequências com os elementos do Outono, mais concretamente com nozes, castanhas e amêndoas. Por fim, existia uma zona de exploração livre, que se chamava “Escorrega”. A Educadora Cooperante começou por pedir às crianças que se sentassem no meio da sala e explicou estação a estação, referindo que iria funcionar como um género de circuito, no qual mudavam quando fosse dito “Troca” acompanhado de uma palma. Apesar de todas as</p>	<p>Interação entre Educadora Cooperante, estagiária, Auxiliar de Ação Educativa e crianças.</p>

		<p>orientações da Educadora Cooperante, esta referiu no final que as crianças tinham liberdade para realizar as tarefas de forma diferente, se assim desejassem. Durante todo este momento foi colocada música de fundo. As crianças estiveram muito participativas e interessadas nas atividades. Por vezes, chamavam a estagiária e a Educadora Cooperante para mostrar o que estavam a fazer, sobretudo na zona “Caras do Outono”. Algumas crianças com autismo mostraram preferência pela zona de exploração livre “Escorrega”. Na zona “Caixa de Ovos” algumas crianças pediam ajuda quando não estavam a encontrar as letras ou números. No final, foi questionado e gravado através de áudios quais foram as zonas preferidas de cada criança. Em geral, as respostas mais votadas foram a “Escorrega” e a “Caras de Outono”.</p>	
3	Almoço	<p>Antes de irem para o refeitório, as crianças vão à casa de banho fazer as suas necessidades e lavar as mãos. Neste momento, fiquei à porta da casa de banho à espera de todas as crianças e pude observar um momento de entreajuda muito bonito entre amigos. O T.P, menino de 5 anos, lavou as mãos, saiu e foi para o refeitório. Desta forma ficou na casa de banho somente o T.V, que tem 3 anos, a lavar as mãos. Passado uns 2 minutos, o T.P aparece a correr, preocupado com T.V, pois lembrou-se que este não estava no refeitório e podia estar sozinho na casa de banho e disse “T.V, que bom ver-te aqui, andava à tua procura. Vim ajudar-te para podermos ir os dois juntos para o refeitório.”. O T.V acabou de secar as mãos, deu a mão a T.P e foram os dois juntos para o refeitório.</p>	Interação entre crianças.

Nota de campo de dia 13 de novembro de 2023			
N.º	Momentos	Descrição	Intervenientes
2	Acabar balde das castanhas	<p>A L.S estava a chorar muito porque tinha saudades da mãe e queria uma manta. Os amigos mostraram-se preocupados com a L.S, sobretudo C.C e L.N, então abraçaram-na. A C.C foi buscar um lenço de papel para limpar as lágrimas da amiga. O M.N também veio muito preocupado perguntar o que se passava para a L.S estar assim.</p> <p>A Educadora Cooperante explicou às crianças que esteve numa reunião com os pais da L.S e que, por isso, já tínhamos pouco tempo para acabar os baldes para colocar as castanhas. As crianças dividiram-se conforme os seus interesses: umas foram brincar, outras acabar o balde das castanhas e outras pintar no seu caderno livre. O T.P mostrou especial interesse pelas cores do arco iris durante a pintura do seu balde. O M.N que estava a brincar, passou pela mesa em que estavam a pintar os baldes e disse “Uau J.C, o teu está a ficar mesmo lindo” e o J.C ficou muito feliz. De seguida, veio ter com a estagiária e ofereceu-lhe uma amêndoa para comer. A estagiária interpretou esta oferta como um gesto de carinho por parte da criança, tendo em conta que o que a criança mais gosta de comer são frutos secos como nozes e amêndoas.</p> <p>A D.M teve cede e a M.C foi ajudá-la a encontrar o seu copo, tendo em conta que a D.M ainda não sabe reconhecer o seu nome escrito. Assim, a M.C foi buscar o cartão com o nome da D.M e juntas procuraram o seu copo.</p>	<p>Interação entre Educadora Cooperante e L.S.</p> <p>Interação entre estagiária e L.S.</p> <p>Interação entre crianças.</p>

Nota de campo de dia 17 de novembro de 2023			
N.º	Momentos	Descrição	Intervenientes
6	Hora dos 5 anos	<p>A Educadora Cooperante pediu à S.B e à L.N para irem ao piso de baixo buscar o saco que tinha os casacos da Sala B. No entanto, estas estavam a demorar um pouco, então a estagiária foi ver o que se estava a passar. Ao chegar ao pé das crianças estava uma estagiária de outra sala a ajudá-las a tirar um nó que prendia o saco a um poste. Quando a estagiária chegou ao pé das crianças aconteceu o seguinte diálogo:</p> <p>Estagiária: “Bem me parecia que se estava a passar algo, estavam a demorar. Já conseguiram resolver a situação?”</p> <p>S.B: “A L.N queria que fossemos até lá acima pedir ajuda à P, mas eu disse-lhe que tínhamos que ter confiança em nós próprias.”</p> <p>Estagiária: “Boa S.B, gosto de te ouvir falar assim, haviam de arranjar uma solução não é verdade?”</p> <p>S.B: “Sim, assim em vez de chamarmos a P, começamos a pensar em ideias para conseguirmos tirar o saco dali, só que algumas não resultaram, por isso fomos chamar à Sala da C.”</p> <p>[Enquanto estagiária achei esta conversa incrível, pois demonstra uma grande autonomia por parte das crianças, que procuram soluções sozinhas, antes de recorrer à ajuda de um adulto.]</p>	<p>Interação entre a estagiária e a S.B.</p>

Nota de campo de dia 22 de novembro de 2023			
N.º	Momentos	Descrição	Intervenientes
3	Sesta	<p>Antes de se irem deitar, as crianças passam pela sala. O V.A e o T.V, antes de se irem deitar, foram para a casinha. A estagiária foi ver o que é que estavam a fazer e quando chegou, estes estavam a deitar o Gastão (Peluche da sala),</p>	<p>Interação entre estagiária, V.A e T.V.</p> <p>Interação entre crianças.</p>

		<p>numa cama e a tapá-lo com uma manta. A estagiária perguntou “O Gastão também vai dormir?”, e as crianças responderam “Sim e agora vamos dar um beijinho”. Assim, ambas deram um beijinho ao Gastão e foram para a sesta.</p> <p>O N.G foi o ajudante da sesta da semana. Ao chegar à sesta ajudou a L.S a tirar o bibe, pois esta não consegue tirar os botões. De seguida, reparou que a estagiária estava a adormecer o J.C e veio para ao pé da mesma. Quando se sentou, mostrou-se preocupado em relação às crianças que não estavam a dormir, fazendo afirmações como “Porque é que a L.S ainda não está a dormir?”, ao que a estagiária respondeu “Há meninos que adormecem com mais facilidade que outros, por exemplo o J.C costuma demorar mais a adormecer e gosta que lhe deem palmadinhas assim devagarinho”. O J.C, após este comentário da estagiária, começou também a dar palmadinhas devagar no J.C para o ajudar a adormecer.</p>	
--	--	--	--

<b>Nota de campo de dia 24 de novembro de 2023</b>			
<b>N.º</b>	<b>Momentos</b>	<b>Descrição</b>	<b>Intervenientes</b>
3	Almoço	<p>Durante o almoço, o M.N reparou que a D.M estava com bastantes dificuldades em comer. Desta forma, quando a estagiária passou, estava a conversar com a D.M, afirmando “D.M, eu sei que às vezes não te apetece comer, mas temos de comer um pouquinho. Se quiseres eu faço um avião para te ajudar”. A D.M continuou a afastar a cara e o M.N tentou de diversas maneiras ajudar a amiga a comer um pouco mais, explicando-lhe que ela precisa de comer para ficar mais forte. Apesar de a D.M ter</p>	Interação entre crianças.

		comido pouco mais, o M.N conseguiu tornar este momento um pouco menos difícil para ela.	
4	Sesta	Antes da sesta, as crianças vão à casa de banho fazer as suas necessidades. A estagiária foi à casa de banho e questionou ao T.V “Precisas de ajuda?” e este respondeu “Não, eu faço sozinho.”. Neste instante, tirou a fralda sozinho e colocou no lixo.	Interação entre estagiária e T.V.

#### Nota de campo de dia 27 de novembro de 2023

N.º	Momentos	Descrição	Intervenientes
2	Registo do fim de semana	<p>Para efetuarem o registo do fim de semana, a estagiária escreveu o nome e a data nas folhas A4 das crianças de 3 anos.</p> <p>Posteriormente, conversou com cada criança individualmente sobre o seu fim de semana e escreveu no topo da folha o que foi dito pelas mesmas, exatamente como foi dito. Depois as crianças desenharam com lápis de cor o que fizeram nestes dois dias em casa. Todas as crianças de 3 anos sabiam com clareza aquilo que tinham feito no fim de semana e não tiveram nenhum problema em mencionar oralmente, com exceção do V.A que queria ir brincar e teve algumas dificuldades em lembrar-se, sendo preciso muito questionamento ativo.</p> <p>As crianças de 4 anos foram fazendo o registo noutra mesa, com o auxílio da Educadora Cooperante.</p> <p>Por fim, foram chamadas as crianças de 5 anos. Na folha A4 as crianças escrevem o seu nome. A data e o que fizeram no fim de</p>	Interação entre Educadora Cooperante, estagiária e crianças.

		<p>semana foi escrito pela estagiária, sendo que foi deixado um espaço para que as crianças copiassem em baixo. Todas as crianças estiveram muito empenhadas em fazer o seu registo. O T.P teve algumas dificuldades em copiar a frase sobre o seu fim de semana, assim como a fazer o desenho do mesmo.</p> <p>Em simultâneo, pude observar a L.N, a S.B e o J.C os três a fazerem uma luta de almofadas. As crianças estavam bastante divertidas e a rirem à gargalhada.</p> <p>Durante o momento em que arrumam a sala, O M.P observou a M.C a arrumar sozinha as almofadas e os livros espalhados no tapete. Neste momento aconteceu o seguinte diálogo entre os dois:</p> <p>M.C: Nós brincámos às lutas de almofadas, agora temos de arrumar</p> <p>M.P: Sim, vamos arrumar os dois juntos</p> <p>M.C: Pois é, brincámos os dois e assim até somos mais rápidos</p> <p>Após este diálogo, as duas crianças arrumaram a área juntas.</p> <p>Antes de irem para o recreio, a B.S estava a chorar. A estagiária ia aproximar-se, quando a C.B e a M.V chegaram ao pé da B.S, conversaram com ela e lhe deram um abraço cada uma. Neste momento a estagiária resolveu manter-se afastada e deixar que as crianças resolvessem o seu conflito autonomamente.</p>	
--	--	---	--

		Ainda antes de saírem, a M.C, o T.V e a L.S brincavam aos dinossauros, fazendo afirmações como “Eu sou um dinossauro grande e forte” (M.C) e “Eu sou um dinossauro muito rápido” (T.V), entre outras.	
4	Sesta	<p>A L.S e o S.G dormem ao lado um do outro. Na hora da sesta há a regra de que as crianças dormem para o lado contrário do amigo que está ao seu lado, para que possam dormir com mais facilidade. Por vezes, a L.S e o S.G querem dormir para o mesmo lado. Desta forma, a estagiária ouviu a seguinte conversa:</p> <p>L.S: S.G hoje podes dormir tu para esse lado, mas para a próxima sou eu, não é?</p> <p>S.G: Sim, não te preocupes L.S, amanhã trocamos os dois outra vez e fazemos sempre assim</p> <p>L.S: Pois, no outro dia fui eu que dormi para aquele lado, por isso é que hoje podes ser tu</p> <p>S.G: Sim, que é para ser justo</p> <p>Durante este momento, a estagiária não interferiu, deixando as crianças fazerem as suas negociações autonomamente. Foi muito interessante ver o conceito de justiça e toda esta interação entre as duas crianças, que chegaram a um consenso sobre algo que ambas queriam.</p>	Interação entre crianças
5	Hora dos 5 anos	<p>Antes da hora dos 5, a M.M foi buscar o saco com os casacos da Sala B. Nesse momento, a S.R ofereceu logo ajuda à M.M, levando cada uma, uma das alças do saco.</p> <p>Na hora dos 5 anos, as crianças começaram por dizer oralmente algumas palavras que começam com a letra “F”. De seguida. A Educadora Cooperante chamou o</p>	<p>Interação entre crianças.</p> <p>Interação entre a Educadora Cooperante e as crianças de 5 anos.</p>

		<p>ajudante para distribuir a ficha pelos amigos. Na ficha estavam misturadas diferentes palavras que começavam com a letra F. No topo, estava a palavra “Frio” e as crianças tinham de encontrar todas as vezes que esta palavra aparecia e fazer um círculo à volta. No final, tinham de colocar o número referente ao número de vezes que encontraram a palavra.</p>	
--	--	---	--

<b>Nota de campo do dia 5 de dezembro de 2023</b>			
<b>Nº</b>	<b>Momento</b>	<b>Descrição</b>	<b>Interações</b>
2	Acolhimento	<p>De manhã, a Educadora Cooperante disse às crianças para se sentarem no tapete. Neste momento, o J.F viu o M.N (que no anterior se tinha magoado e ido para o hospital) e perguntou “Como te sentes M.N?”. Esta criança é um pouco tímida e quando questionada pela Educadora Cooperante sobre o que tinha perguntado, estava com dificuldades em partilhar. Mais tarde, disse ao grupo que estava preocupado com o amigo.</p> <p>De seguida, a Educadora Cooperante perguntou quem queria dar um abraço ao M.N para ele se sentir melhor. Neste momento quase todas as crianças se levantaram para dar um maminho ao amigo.</p> <p>Para escolher o ajudante do dia, a M.C deu a ideia de ser o M.N, pois estava num dia mais complicado por ter ido levar pontos ao hospital. Todas as crianças concordaram com esta decisão e ficou o M.N o ajudante do dia. Como havia pouco tempo, o M.N tirou o papel do calendário do advento</p>	<p>Interação entre a Educadora Cooperante, a estagiária, o Auxiliar de Ação Educativa e as crianças.</p> <p>Interação entre crianças.</p>

		<p>que dizia “Sou especial porque...”.</p> <p>Neste momento, cada criança, a Educadora Cooperante, a estagiária e o Auxiliar de Ação Educativa disseram uma frase do porquê de serem especiais. As crianças disseram frases muito amorosas como “Sou especial porque gosto da P”, “Sou especial porque sou amigo dos amigos”, entre outras.</p> <p>Posteriormente, comeram a fruta um pouco mais cedo, pois iria existir uma apresentação de um livro de Luísa Ducla Soares. A M.C, o M.N e o J.F negociaram sozinhos quem distribuiria a fruta. Isto porque o ajudante era o M.N. O par de M.N era J.F, mas este disse a M.C que poderia dar por ele. Quando a Educadora Cooperante questionou, as crianças explicaram o que combinaram os 3.</p>	
--	--	--	--

<b>Nota de campo do dia 17 de janeiro de 2024</b>			
<b>Nº</b>	<b>Momento</b>	<b>Descrição</b>	<b>Interações</b>
2	M na sesta	<p>Hoje foi o segundo dia em que a M ficou para a hora da sesta. Durante todo o dia a criança esteve muito bem, sem sentir a necessidade de andar sempre com os adultos e brincando muito com as outras crianças. Na hora da sesta, a M teve a ajuda da C.B e da S.B que a ajudaram em tudo, desde ir à casa de banho até adormecer. A C.B inclusive contou-lhe uma história. Apesar de a criança não ter adormecido, sentiu-se confortada e ficou bem neste momento.</p>	Interação entre crianças.

ANEXO X

Reflexões semanais utilizadas  
na investigação

| " " | | " "

## **Reflexão de 20 a 24 de novembro de 2023**

### **Relações afetivas**

Desde que cheguei à associação na qual estou a realizar a PPS II, algo que sobressaiu logo à primeira vista foram as relações afetivas presentes na Sala B. Segundo Wadsworth (1992), com base na Teoria de Piaget, a afetividade faz parte de uma das componentes do desenvolvimento intelectual. O afeto é revelado através de sentimentos, interesses, desejos, tendências, emoções e apresenta várias dimensões, tais como os sentimentos subjetivos e os aspetos expressivos. As crianças durante o seu desenvolvimento e aprendizagem dependem do estabelecimento de boas relações e interações com os outros, principalmente das pessoas de referência na vida das mesmas, quer no núcleo da família, quer na comunidade escolar, tendo em conta que são pessoas que lhes transmitem confiança e segurança, cuidam, educam, têm em atenção todas as especificidades e criam espaços adequados para as mesmas se desenvolverem e aprenderem.

Nas organizações socioeducativas, é crucial que seja possibilitada uma educação com uma visão holística, em que estas devem apostar na convivência, na cooperação e na troca de afetos para tornar as crianças em seres mais compassivos (Oliveira, 2010). Neste sentido, Portugal (2012) refere que o adulto quando fica responsável por um grupo de crianças, a sua preocupação deve ser a de estabelecer uma relação afetiva com o mesmo. No que diz respeito à relação adulto-criança, nota-se o quanto as crianças adoram a educadora cooperante. Quando a veem, as crianças ficam com um sorriso enorme na cara e enchem-na de abraços e beijinhos. Muitas vezes têm diversos gestos de carinho, como por exemplo oferecem folhas que acham bonitas, dão desenhos feitos por si à educadora cooperante, entre outros. Ao terem estes gestos, ficam muito contentes e ainda mais quando veem que a educadora cooperante está feliz. Na relação adulto-criança, a mesma necessita da existência de confiança por parte da criança. Para que seja estabelecida uma relação de confiança, o adulto deve, segundo Portugal (2000), transmitir o sentimento de confiança às crianças, garantindo, desta forma, que as suas necessidades são suprimidas num período de tempo razoável. Na Sala B, as crianças quando ficam tristes, chateadas

ou necessitam de algo, confiam muito na educadora cooperante e recorrem à mesma para desabafar e receber algum conforto. Muitas vezes, as crianças também têm atitudes que demonstram esta boa relação entre a educadora cooperante e as crianças, como perguntarem como correu o dia da educadora, se o almoço foi bom e até mesmo referirem-se à mesma como, “Minha querida P.” Estes pequenos gestos, são o espelho da atitude respeitadora, carinhosa e cuidada da educadora cooperante com todo o grupo. A nota de campo de dia 22 de novembro de 2023 mostra uma interação das crianças com a estagiária, na qual demonstram diversos cuidados com o Gastão, peluche da sala. Estes cuidados são tidos pela educadora cooperante (e talvez também pelas famílias) no dia a dia das crianças

Antes de se irem deitar, as crianças passam pela sala. O V.A e o T.V, antes de se irem deitar, foram para a casinha. A estagiária foi ver o que é que estavam a fazer e quando chegou, estes estavam a deitar o Gastão (Peluche da sala), numa cama e a tapá-lo com uma manta. A estagiária perguntou “O Gastão também vai dormir?”, e as crianças responderam “Sim e agora vamos dar um beijinho”. Assim, ambas deram um beijinho ao Gastão e foram para a sesta. (Registo n.º 3).

No fundo, nestas relações de afetividade, podemos observar um ser que se preocupa ou cuida de outra pessoa. Consequentemente, esta pessoa responde, positivamente, aos cuidados ou à preocupação de que foi objeto (Abbagnano, 2000, citado por Sousa, 2013).

Apesar de a educadora cooperante ser bastante carinhosa, esta cria também um ambiente equilibrado, no qual são definidos limites, dizendo não quando é necessário e corrigindo se for preciso em algum instante. De acordo com o que foi referido, Reginatto (2013) afirma que a criança tem de ter limites em casa, na escola e na sociedade. Ser afetuoso não significa deixar que a criança faça o que quer para não a magoar, mas sim fazê-la compreender o que é certo e o que é errado, avaliar as suas atitudes, refletir, mas sem ser agressivo com as palavras.

A convivência de uma criança com outras crianças permite que esta aprenda, contribuindo assim para o desenvolvimento de cada uma delas (Portugal, 2008). Assim, no que concerne às relações afetivas entre crianças, confesso que nunca vi um grupo com

ligações tão respeitosas, nas quais fazem questão de cuidar uns dos outros. As crianças deste grupo ouvem-se e respeitam-se mutuamente nos momentos do quotidiano. Mesmo quando existem conflitos entre pares, já foram diversas as vezes em que não foi sequer necessária a mediação de um adulto para a resolução do conflito, tendo em conta que as crianças conversam sobre os assuntos e valorizam os sentimentos umas das outras, tal como podemos observar na nota de campo de dia 17 de novembro de 2023

De manhã, a estagiária chegou e as crianças estavam no recreio. Quando chegou perto do H.G, este estava a chorar.

Estagiária: “O que se passou H.G?”

H.G: “A D.M aleijou-me, mas não é preciso nada”

Estagiária: “Foi sem querer?”

H.G: “Sim, ela já me pediu desculpa e deu um abraço”. (Registo n. °1).

No quotidiano, as crianças preocupam-se umas com as outras, sobretudo em momentos que são valorizados pelas mesmas, como na hora da sesta, tal como podemos observar na nota de campo do dia 22 de novembro de 2023

De seguida, reparou que a estagiária estava a adormecer o J.C e veio para ao pé da mesma. Quando se sentou, mostrou-se preocupado em relação às crianças que não estavam a dormir, fazendo afirmações como “Porque é que a L ainda não está a dormir?”, ao que a estagiária respondeu “Há meninos que adormecem com mais facilidade que outros, por exemplo o J.C costuma demorar mais a adormecer e gosta que lhe deem palmadinhas assim devagarinho”. O N.G, após este comentário da estagiária, começou também a dar palmadinhas devagar no J.C para o ajudar a adormecer. (Registo n.º 3).

Também podemos ver esta preocupação com o outro, no momento da refeição, tal como na seguinte nota de campo do dia 24 de novembro de 2023

Durante o almoço, o M.N reparou que a D.M estava com bastantes dificuldades em comer. Desta forma, quando a estagiária passou, estava a conversar com a

D.M, afirmando “D.M, eu sei que às vezes não te apetece comer, mas temos de comer um pouquinho. Se quiseres eu faço um avião para te ajudar”. A D.M continuou a afastar a cara e o M.N tentou de diversas maneiras ajudar a amiga a comer um pouco mais, explicando-lhe que ela precisa de comer para ficar mais forte. Apesar de a D.M ter comido pouco mais, o M.N conseguiu tornar este momento um pouco menos difícil para ela. (Registo n. ° 3).

Existem ainda muitos momentos de ternura entre as crianças, nos quais brincam muito, dão muitos abraços e beijinhos. Além disso, dizem muitas frases carinhosas aos amigos e com bastante frequência. Na Sala B, existem algumas crianças NEE que também estão perfeitamente incluídas nesta dinâmica que existe entre crianças, como podemos verificar na nota de campo do dia 24 de novembro de 2023, relativa a uma brincadeira entre a S.B e o J.C (criança NEE), na qual se divertiam muito e a S.B cria uma canção para J.C, porque sabe que este adora canções

Quando acabou a ficha a S.B brincou com o seu amigo J.C, que estava a tentar subir para a cómoda. Neste momento, para que ele descesse, a S.B como sabe que o J.C gosta muito de ouvir música e cantar, criou a seguinte canção “Sai daí J.C, desce cá para baixo, vem brincar comigo” e riam-se os dois à gargalhada. (Registo n.º 5).

Desde que cheguei à Sala B, que me senti muito bem acolhida, tanto pela educadora cooperante, como pelas crianças. As crianças são amorosas comigo e, ao longo do tempo, penso que tenho criado uma boa relação com o grupo. Todos os dias me sinto bem-vinda na sala e sou tratada com muito respeito e carinho. Às vezes, estou a colocar o pé na entrada da associação e já estou a ouvir um “Este fim de semana pensei muito em ti, porque tive muitas, muitas saudades tuas. Além disso, comi panquecas que a minha mãe fez e lembrei-me que também gostas, por isso pensei mais em ti outra vez” (T.P), o que dá uma motivação gigante. Durante o dia, as crianças têm imensos gestos de carinho comigo, tais como desejarem que eu tenha um bom almoço “Joana desejo que tenhas um ótimo, ótimo almoço e que gostes muito da comida” (M.N) e “Quando é que voltas do almoço? Podes por favor vir um bocadinho para o recreio para brincar contigo” (T.P). Todas estas atitudes que as crianças têm comigo, são gestos que eu tenho diariamente

com elas e é muito gratificante entender o impacto positivo que isso tem em cada criança. Por exemplo, todos os dias faço questão de me despedir de todas as crianças, então as crianças começaram também a vir dar-me um abraço de despedida, muitas vezes seguido de frases como “Amanhã voltas não voltas?” (S.B), “Este fim de semana vou fazer bolachas para ti” (S.G) e “Tens de correr para apanhar o autocarro” (M.N). Esta boa relação faz-me sentir bem e todos estes momentos ficam guardados no meu coração.

Ao longo desta reflexão usei notas de campo escritas esta semana, contudo a quantidade de vezes que surgem momentos que demonstram compaixão, amizade, solidariedade, entajuda são imensas desde que comecei o estágio, o que demonstra que na Sala B, as relações criança-criança e adulto-crianças são bastante fortes. Sem dúvida alguma que todo este ambiente criado na Sala B influencia o bem-estar, as aprendizagens e o desenvolvimento de todas as crianças. Desta forma, posso afirmar que tenho aprendido imenso com a educadora cooperante e com as próprias crianças em relação a esta temática, tendo em conta que o adulto deve promover a afetividade perante o grupo, pois, desta forma, independentemente dos problemas que a criança tenha fora do contexto escolar, quando chega à instituição tem uma figura de apoio, que fará toda a diferença na sua motivação e, conseqüentemente, na sua receptividade a novas aprendizagens (Reginatto, 2013).

### **Reflexão semanal de 6 de novembro de 2023 a 10 de novembro de 2023**

#### **Participação ativa da criança**

Após esta primeira semana de Prática Profissional Supervisionada II (PPS II), o tema que mais se destacou para mim foi a autonomia e a participação ativa das crianças na sua aprendizagem. Segundo Tomás e Gama (2011) “o conceito de participação, deriva da palavra latina *participare* que significa “fazer saber” (p.3). Os mesmos autores acrescentam ainda que as crianças devem ser incluídas em todo o processo, negociando com o adulto para que a prática seja adequada e completa.

Na rotina da Sala B, no momento do acolhimento, é sempre escolhido um/a ajudante do dia, tal como podemos verificar na seguinte nota de campo do dia 6 de novembro de 2023

Após este momento, foi feita uma roda, em que as crianças mais velhas ajudaram as mais novas e foi decidido o ajudante do dia, à sorte. Calhou a C.M e antes de ser revelado, a educadora cooperante deu diversas pistas, tais como “Tem 5 anos”, “O nome começa com a letra C”, entre outras. (Registo n.º 1).

Este momento é muito apreciado pelas crianças e todas desejam ansiosamente ser o/a ajudante do dia, uma vez que a criança ganha espaço para desenvolver diversas competências como a autonomia, a cooperação, a liderança, a responsabilidade, entre outras.

Para além do ajudante do dia, existe ainda uma criança responsável por ajudar as crianças de 3 anos na hora da sesta

O M.N era o ajudante (dos 5 anos) que foi ajudar os mais novos neste momento da rotina. Este estava muito empenhado no seu papel, fazendo afirmações como "Vou fechar a porta para não entrar luz para os amigos que estão a dormir", “Vou fazer festinhas ao J.C até ele adormecer”, “Temos de falar baixinho”, entre outras afirmações que demonstravam o sentido de responsabilidade e o respeito pelos colegas. (Registo n.º 5).

Para além dos exemplos de participação referidos anteriormente, ao longo de toda a semana todas as crianças participaram ativamente nas atividades e em todos os momentos da sua rotina. Segundo a Convenção sobre os Direitos da Criança

os Estados Partes garantem à criança com capacidade de discernimento o direito de exprimir livremente a sua opinião sobre as questões que lhe respeitem, sendo devidamente tomadas em consideração as opiniões da criança, de acordo com a sua idade e maturidade. (UNICEF, 1990, n.º 1 do artigo 12.º, p. 13).

Neste sentido, quando é feita uma atividade as crianças participam ativamente em todo o processo, desde o planeamento até à avaliação. Como podemos ver na nota de campo do dia 7 de novembro de 2023, a educadora cooperante conversou com as crianças para organizarem, em conjunto, a atividade que iriam fazer no dia seguinte

Depois mencionou que para comerem as castanhas tinham de as colocar em algum lado. Assim, as crianças deram várias sugestões sobre o que poderiam construir para colocar as suas castanhas, sendo algumas das opções “Um balde”, “Um cone”, “Um saco”, “Um fio ao pescoço com um saco”, entre outras. Desta forma, a educadora cooperante utilizou as sugestões e disse que então iriam fazer um balde com um cordão para pendurar ao pescoço. Seguidamente, questionou o que queriam utilizar para decorar este balde, ao que as crianças responderam “Tintas” e que queriam “Colar olhos”. A educadora cooperante informou também as crianças de que teve a ideia de pintarem com as próprias castanhas e as crianças adoraram a ideia. Ficou decidido que ambas as ideias iam ser utilizadas, sendo pintado com castanhas e tinta e decorado com diversos materiais para colagem. (Registo nº 2).

Também no final das atividades, a educadora cooperante procura saber a opinião de todas as crianças acerca do que foi feito, como podemos ver na seguinte nota de campo que diz respeito ao Atelier de Outono realizado “No final, foi questionado e gravado através de áudios quais foram as zonas preferidas de cada criança. Em geral, as respostas mais votadas foram a “Escorrega” e a “Caras de Outono.” (Nota de campo do dia 10 de novembro de 2023, Registo nº 1).

Nos momentos da rotina, as crianças são bastante autónomas e independentes. As crianças andam sozinhas por todos os espaços da associação e, por norma, não existem comportamentos de desvio. Por exemplo, quando é para ir buscar a fruta à cozinha, há sempre uma criança que vai sozinha, mudando de piso, atravessando todo o recreio, até chegar à cozinha. Quando vão à casa de banho, as crianças também vão sempre sozinhas, com exceção de alguma criança mais nova que necessite de ajuda para se limpar. Todas as pequenas tarefas do dia a dia são feitas pelas crianças, como por exemplo, ir buscar água, vestirem-se/despirem-se, assoarem-se, entre outras.

Considero que todos estes momentos contribuem para a autonomia de todas as crianças, que sabem fazer tudo de forma independente e têm iniciativa para fazer as coisas sozinhas. Como podemos ver na nota de campo do dia 10 de novembro de 2023 o T.V, após lhe ser oferecida ajuda, quis arranjar sozinho um brinquedo

Antes da sesta o T.V vai sempre escolher um dinossauro para dormir com ele. Naquele dia, escolheu um dinossauro que tinha a cabeça desmontada. A estagiária disse “T.V queres ajuda a arranjar?”, ao que o T.V respondeu “Eu não preciso de ajuda, eu arranjo sozinho”. Após esta conversa o T.V conseguiu concertar o seu brinquedo e foi dormir (Registo nº 4).

Como futura educadora de infância considero este tipo de participação essencial e pretendo que as crianças sejam o mais ativas possíveis em todos os momentos de aprendizagem, tendo em conta que observo que adquirem diversas competências. Tem sido muito bom ao longo desta semana, poder observar um contexto no qual isto acontece. Desta forma, revejo-me nas práticas da educadora cooperante e estou a aprender muito para a minha ação futura. Na minha futura sala, as crianças irão escolher o que querem fazer, como querem fazer e onde querem fazer, somente com a minha mediação, de maneira a participarem no planeamento e avaliação do currículo (Sarmiento et al., 2007), tendo em conta que vejo as crianças como principal agente da sua própria aprendizagem.

### **Reflexão de 27 de novembro a 1 de dezembro de 2023**

#### **Cooperação e entreaajuda**

Durante esta semana existiu na sexta-feira, o feriado de 1 de dezembro de 2023. Além disso, na terça-feira, dia 28 de novembro, as crianças foram ao teatro ver a peça “Bela Adormecida” e na quinta-feira fui à Escola Superior de Educação de Lisboa ter aulas, como é habitual. Assim, a quantidade de notas de campo é reduzida, em comparação com as restantes semanas. Deste modo, resolvi abordar o tema “Cooperação e entreaajuda”, tendo em conta que, a meu ver, é dos temas mais presentes nos meus registos diários.

Segundo o Dicionário online de português (2023), cooperação é a “Ação de cooperar, de auxiliar e colaborar, prestando ajuda ou auxílio”. Warneken e Tomasello (2007) citado por Arezes e Colaço (2014) acrescentam que “As atividades de cooperação são aquelas em que pelo menos dois indivíduos agem de modo a alcançar um objetivo comum, desempenhando papéis complementares” (p. 116). O conceito “Entreaajuda” vem

da origem etimológica entre + ajuda e significa “Ajuda mútua” (Priberam, 2023). A entreatajuda é uma das aptidões sociais que advém da cooperação. Neste sentido, tal como referem Arezes e Colaço (2014), estes dois conceitos acabam por estar interligados.

Para que a cooperação e a entreatajuda estejam presentes no quotidiano das crianças, é crucial que a educadora cooperante, a estagiária e o assistente operacional sirvam de modelo para as crianças. Deste modo, tal como menciona (Barbosa, 2021), as crianças vão entendendo a relevância destas atitudes na interação com os outros. Ao longo destas semanas na associação, pude observar a prática diária dos adultos da Sala B e, após bastante reflexão sobre a mesma, considero que os valores de cooperação, tolerância, justiça, partilha, respeito, entre outros, são aplicados constantemente no dia a dia das crianças. Neste sentido, já observei diversas vezes as crianças a repetirem frases ou comportamentos tidos pela educadora cooperante, que demonstram tolerância e respeito, como na seguinte nota de campo do dia 27 de novembro de 2023, em que o S.G e a L.S cooperam um com o outro para tomar uma decisão justa na hora da sesta

A L.S e o S.G dormem ao lado um do outro. Na hora da sesta há a regra de que as crianças dormem para o lado contrário do amigo que está ao seu lado, para que possam dormir com mais facilidade. Por vezes, a L.S e o S.G querem dormir para o mesmo lado. Desta forma, a estagiária ouviu a seguinte conversa:

L.S: S.G hoje podes dormir tu para esse lado, mas para a próxima sou eu, não é?

S.G: Sim, não te preocupes L.S, amanhã trocamos os dois outra vez e fazemos sempre assim

L.S: Pois, no outro dia fui eu que dormi para aquele lado, por isso é que hoje podes ser tu

S.G: Sim, que é para ser justo

Durante este momento, a estagiária não interferiu, deixando as crianças fazerem as suas negociações autonomamente. Foi muito interessante ver o conceito de justiça e toda esta interação entre as duas crianças, que chegaram a um consenso sobre algo que ambas queriam. (Registo n.º 4).

Nos momentos da rotina, de acordo com Katz (1990) as crianças mais novas do grupo, através da observação e da imitação dos exemplos dados pelas crianças mais velhas, vão desenvolver-se mais rapidamente nos diferentes domínios. Na nota de campo que se segue, podemos ver uma conversa entre M.C (5 anos) e M.P (3 anos) acerca da arrumação dos materiais, em que M.C ajuda M.P a perceber que depois de brincarem é importante ajudar a arrumar aquilo que utilizámos

O M.P observou a M.C a arrumar sozinha as almofadas e os livros espalhados no tapete. Neste momento aconteceu o seguinte diálogo entre os dois:

M.C: Nós brincámos às lutas de almofadas, agora temos de arrumar

M.P: Sim, vamos arrumar os dois juntos

M.C: Pois é, brincámos os dois e assim até somos mais rápidos

Após este diálogo, as duas crianças arrumaram a área juntas. (Nota de campo do dia 27 de novembro de 2023, Registo n.º 2).

Por outro lado, Katz (1990) acrescenta que as crianças mais velhas vão assumir uma postura de responsabilidade acrescida e um modelo de exemplo para com os mais novos. Como podemos observar na nota de campo do dia de novembro de 2023, a S.B durante a semana de 27 de novembro a 1 de dezembro de 2023, sentiu-se responsável pelo conforto dos meninos de 3 anos na hora da sesta

A S.B, que foi a ajudante da semana e, por isso, auxiliou os mais novos a tirar as batas e a taparem-se para ir dormir. Esta, estava muito contente por estar a ajudá-los, chegando a dizer à estagiária “Eu sei que a L.S fica mais aconchegada quando eu a tapo e fico a dar-lhe festinhas”. (Nota de campo do dia 29 de novembro de 2023, Registo n.º 4).

As crianças de 5 anos, por iniciativa própria, assumem muitas vezes algumas responsabilidades pelo grupo, como por exemplo, na nota de campo do dia 27 de novembro de 2023 “Antes da hora dos 5, a M.M foi buscar o saco com os casacos da Sala B. Nesse momento, a S.R ofereceu logo ajuda à M.M, levando cada uma, uma das alças do saco.” (Registo n.º 6).

Tal como pudemos verificar, a S.R ao ver que o saco estava pesado, ofereceu ajuda a M.M automaticamente, sem que esta tenha sequer pedido auxílio.

Como referi na reflexão anterior sobre “Relações afetivas”, as crianças da Sala B são muito compreensivas e preocupadas umas com as outras. Neste sentido, existe muita entreajuda em momentos em que uma das crianças está mais vulnerável devido a alguma situação que a deixou mais triste ou chateada, como podemos ver nas notas de campo em baixo apresentadas

A M.V estava muito triste. A C.B ao perceber, esteve a dar-lhe conforto no tapete, dando abraços e dizendo “Não fiques assim M.V, não gosto de te ver assim”. (Nota de campo do dia 29 de novembro de 2023, Registo n.º 2).

Antes de irem para o recreio, a B.S estava a chorar. A estagiária ia aproximar-se, quando a C.B e a M.V chegaram ao pé da B.S, conversaram com ela e lhe deram um abraço cada uma. Neste momento a estagiária resolveu manter-se afastada (Nota de campo do dia 27 de novembro de 2023, Registo n.º 2).

Além da cooperação e entreajuda entre crianças, o grupo da Sala B quando a educadora cooperante, a estagiária ou o assistente operacional necessitam de algo, estas ficam muito contentes quando são escolhidas para ajudar. Além das vezes em que é solicitada a ajuda das crianças, as próprias crianças têm a capacidade de observar as situações que acontecem e, sem que ninguém diga nada, têm a iniciativa de adotar atitudes de entreajuda e cooperação, como podemos ver na seguinte nota de campo do dia 28 de novembro de 2023

O M.P sentiu-se mal e vomitou no recreio. Deste modo, a educadora cooperante estava a limpar e a estagiária a ir buscar papel. No meio deste momento, o S.G ao ver o que está a acontecer, foi buscar papel e veio a correr dar à estagiária. [O S.G teve a iniciativa de ajudar a estagiária, sem que ela lhe pedisse nada, apenas por observar a situação e entender o que estava a acontecer.].

Mais tarde, quando já estava tudo limpo, o T.P, o M.N e a M.C vieram ajudar a estagiária, construindo um género de uma “muralha” à volta do chão molhado, para que as restantes crianças não fossem para lá. (Registo n.º 3).

No que concerne a cooperar com as crianças NEE, sempre que o J.C necessita de algo, as crianças chegam-se logo à frente para o ajudar. Nestes momentos destaca-se a M.C, que é uma criança que está sempre pronta a ajudar o outro. Esta tem muita paciência e chega a ficar frustrada quando é impedida de ajudar (por vezes isto acontece, uma vez que existem mais meninos que querem ajudar).

Após tudo o que foi mencionado anteriormente, sinto que o espírito de entreaajuda e cooperação é muito presente, tanto entre toda a equipa educativa, como entre crianças. Dessa forma, sempre senti que a educadora cooperante estaria pronta a dar-me a mão em qualquer instante que eu necessitasse, assim como as próprias crianças. Enquanto futura educadora de infância, a cooperação vai ser sempre uma das bases na minha futura ação e retiro deste estágio numerosas aprendizagens acerca deste tema.

ANEXO Y  
Questionário feito às  
famílias  
| | " | | " |

# Questionário aos Encarregados de Educação - Heterogeneidade de idade na Sala

O presente inquérito por questionário foi elaborado no âmbito da investigação a decorrer com o grupo de crianças da Sala sobre a heterogeneidade de idade, com o intuito de investigar

acerca de como a presença de diferentes idades no grupo contribui para a aprendizagem e desenvolvimento das crianças. O objetivo do questionário é conhecer a perceção dos pais sobre a importância dos grupos heterogéneos de idade para o desenvolvimento da criança. O contributo das famílias é bastante importante para a realização desta investigação, por isso, peço que responda da forma mais completa que lhe for possível. A sua participação é voluntária e este inquérito por questionário é anónimo e confidencial. As respostas obtidas serão única e exclusivamente para fins académicos.

Agradeço desde já a vossa atenção e colaboração.

[Guardar de conta](#)



Não partilhado

\* Indica uma pergunta obrigatória

Declaro ter sido informado(a) e estar ciente dos propósitos e termos em que decorrerá o presente inquérito por questionário, da participação voluntária do mesmo, dos limites da confidencialidade e das demais questões. Desta forma, disponho-me a participar na investigação. \*

Sim

Não

[Seguinte](#)

[Limpar formulário](#)

## Heterogeneidade de idade na Sala Belgrado

1. Preferia que o/a seu/sua educando(a) estivesse inserido(a) num grupo homogéneo ou heterogéneo de idade? \*

- Grupo homogéneo de idade
- Grupo heterogéneo de idade

1.1. Justifique a resposta anterior. \*

A sua resposta

---

2. Considera que é importante que o/a seu/sua educando(a) esteja integrado num grupo heterogéneo de idade? \*

- Sim
- Não
- Não sei

2.1. Porquê? \*

A sua resposta

---

3. Selecione as opções que considera que são competências e valores adquiridos pelas crianças com mais facilidade num grupo heterogéneo de idade: \*

- Autoestima
- Cooperação entre pares
- Entreajuda entre pares
- Autonomia
- Sentido de responsabilidade
- Desenvolvimento socioemocional
- Partilha
- Nenhuma das anteriores
- Outra: \_\_\_\_\_

4. Considera que as crianças mais novas beneficiam da convivência com crianças mais velhas? \*

- Sim
- Não

4.1. Porquê? \*

A sua resposta \_\_\_\_\_

4. Considera que as crianças mais novas beneficiam da convivência com crianças mais velhas? \*

Sim

Não

4.1. Porquê? \*

A sua resposta

5. Considera que as crianças mais velhas beneficiam da convivência com crianças mais novas? \*

Sim

Não

5.1. Porquê? \*

A sua resposta

6. Considera que existem desvantagens das interações entre crianças num grupo heterogéneo de idade? \*

Sim

Não

## Desvantagens das interações entre crianças de um grupo heterogéneo de idade

6.1. Mencione desvantagens das interações entre crianças num grupo heterogéneo de idade: \*

A sua resposta

[Anterior](#)

[Enviar](#)

[Limpar formulário](#)

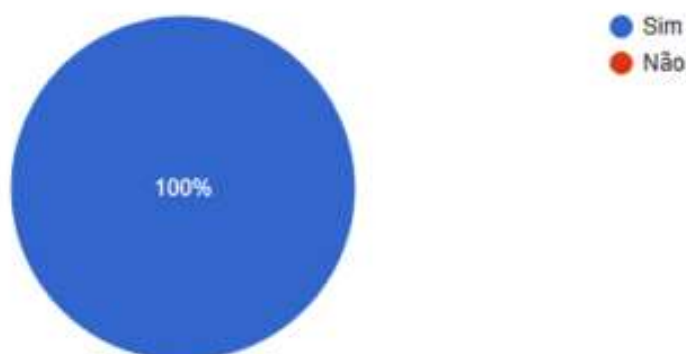
ANEXO Z  
Resultados do questionário  
feito às famílias

|' '' | | ''

Declaro ter sido informado(a) e estar ciente dos propósitos e termos em que decorrerá o presente inquérito por questionário, da participação voluntária do mesmo, dos limites da confidencialidade e das demais questões. Desta forma, disponho-me a participar na investigação.

 Copiar

11 respostas



## Heterogeneidade de idade na Sala Belgrado

1. Preferia que o/a seu/sua educando(a) estivesse inserido(a) num grupo homogêneo ou heterogêneo de idade?

 Copiar

11 respostas



## 1.1. Justifique a resposta anterior.

11 respostas

Acredito que haja maior partilha de experiências, responsabilidades que fazem crescer as crianças com exemplos de outros.

Diversidade de idades ajuda no desenvolvimento. Também em casos de passagem condicional para 1o ciclo pode facilitar decisões

aprendizagem, crescimento, superação

desenvolvimento de mais capacidades sociais

Existe muito mais partilha. Os mais velhos ensinam os mais novos e os mais novo imitam o mais velhos.

Com uma diversidade de idades as crianças beneficiam em várias valências da sua vida. Nomeadamente, ao nível da responsabilidade, maturidade, organização, entreaajuda e linguagem.

num grupo heterogéneo podem adquirir mais sentido de responsabilidade, no caso das crianças mais velhas, e podem ter um exemplo a seguir, no caso das crianças mais novas

Maior diversidade e entreaajuda

As vantagens de um grupo heterogéneo acarreta compensam em larga escala as desvantagens.

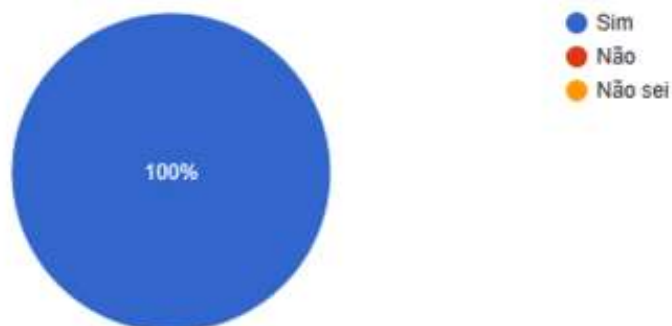
Antes do ano lectivo começar tinha bastante receio nos grupos heterogéneos mas vi uma grande evolução na desde o início do ano e acabei por mudar de opinião e perceber as vantagens destes grupos.

A experiência tem sido positiva, sobretudo no desenvolvimento do sentido de responsabilidade

2. Considera que é importante que o/a seu/sua educando(a) esteja integrado num grupo heterogéneo de idade?

 Copiar

11 respostas



### 2.1. Porquê?

11 respostas

Acredito que há uma maior partilha de experiências, responsabilidades que fazem crescer as crianças com exemplos de outros.

Mesmo que anterior

resposta 1.1.

desenvolvimento de mais capacidades sociais

.

Porque quando ela era das mais novas da sala notei uma evolução grande na linguagem e interesse em novas atividades e explorações. Atualmente, que é das mais velhas da sala, noto-a muito mais empenhada na entreaajuda com os mais novos.

Pelos mesmos motivos explicados acima

Desenvolve um maior sentido de responsabilidade dos mais velhos e estimula o desenvolvimento dos mais novos

dado que é uma criança dos 3 anos, sinto que é estimulada pelas crianças mais crescidas.

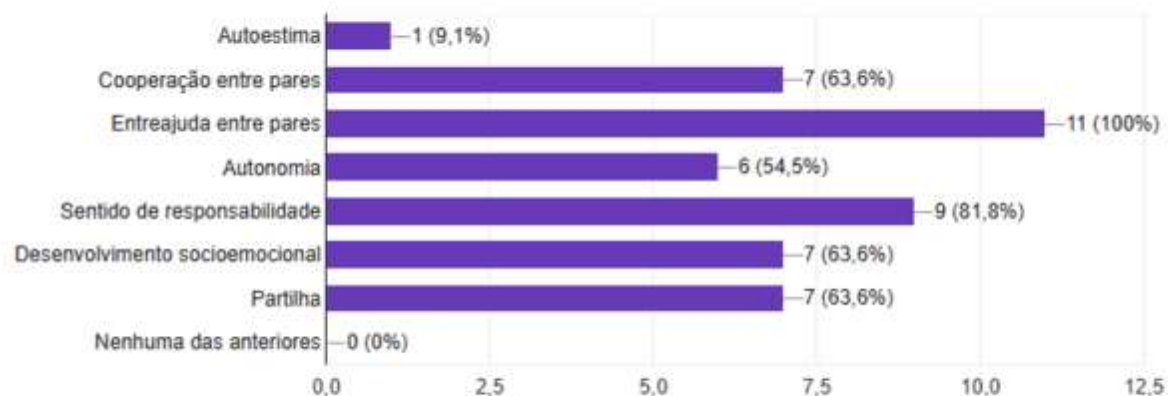
Mais evolução e maturidade na criança.

desenvolvimento do sentido de responsabilidade, contacto com pares com diferentes capacidades

3. Selecione as opções que considera que são competências e valores adquiridos pelas crianças com mais facilidade num grupo heterogéneo de idade:

[Copiar](#)

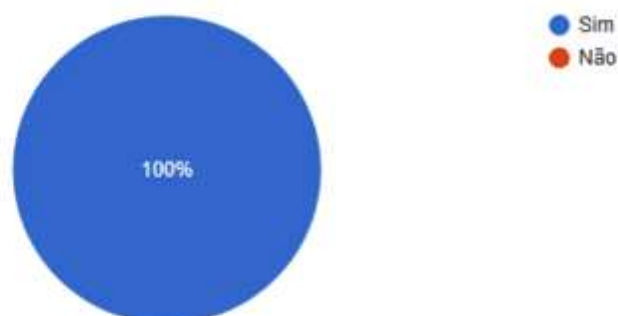
11 respostas



4. Considera que as crianças mais novas beneficiam da convivência com crianças mais velhas?

[Copiar](#)

11 respostas



#### 4.1. Porquê?

11 respostas

Gostam de ver pessoas mais velhas para as ter como exemplo, como líderes, como herois!

Porque têm alguém que não é adulto a ajudá-los e pode facilitar a aceitação / entendimento

sentido de comunidade, cooperação

apreensão por imitação

Porque as mais velhas são um exemplo para as mais novas e ajudam a estimular a aprendizagem dos mais novos.

Porque nestas idades as crianças adquirem tudo aquilo a que são expostas. Com a convivência com crianças mais velhas, as crianças desenvolvem de forma ativa novas competências.

Porque têm um exemplo a seguir, alguém em quem sentem confiança e podem recorrer.

Maior estimulação, mais exemplos

Porque têm um exemplo a seguir, alguém em quem sentem confiança e podem recorrer.

Maior estimulação, mais exemplos

As vantagens de um grupo heterogéneo acarreta compensam em larga escala as desvantagens.

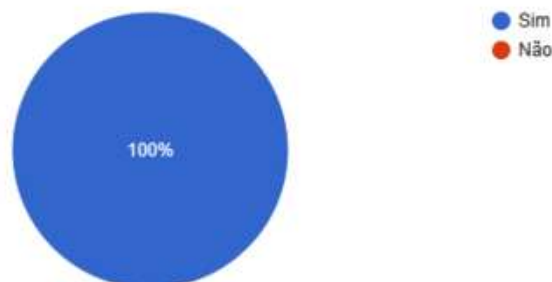
Acabam por ficar mais crescidas e ficam orgulhosas por partilharem sala com os meninos mais velhos.

aprendizagem com os mais velhos

5. Considera que as crianças mais velhas beneficiam da convivência com crianças mais novas?

 Copiar

11 respostas



## 5.1. Porquê?

11 respostas

Aprendem a saber respeitar o espaço de aprendizagem, torna-as mais calmas e sociaives.

Sentido de responsabilidade e ajuda aos mais novos

sentido de responsabilidade, preocupação com os mais novos, atenção e cuidado para com os mais novos, sentimento de apoio e ajuda

entreaajuda

As mais velhas sentem responsabilidade pelas mais novas e tentam ajuda-las no seu desenvolvimento melhorando a sua auto-estima e conhecimento.

Perante as crianças mais novas, as crianças mais velhas tendem a sentir uma responsabilidade acrescida, tanto na partilha de novos conhecimentos, como no apoio às crianças mais novas. Assim, reforçam-se valores tais como entreaajuda/cooperação/amizade.

Desenvolve o sentido de responsabilidade

Maior responsabilidade e entreaajuda

promovem o sentido de responsabilidade nas crianças mais velhas.

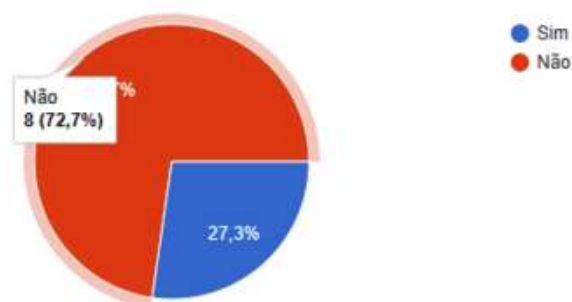
Acabam por aprender o sentido de responsabilidade, entreaajuda...

sentido de responsabilidade e entreaajuda

6. Considera que existem desvantagens das interações entre crianças num grupo heterogéneo de idade?

 Copiar

11 respostas



### Desvantagens das interações entre crianças de um grupo heterogéneo de idade

6.1. Mencione desvantagens das interações entre crianças num grupo heterogéneo de idade:

3 respostas

pode haver lugar à falta de apreensão de conteúdos/aquisição de competências se o grupo for demasiado heterogéneo e o acompanhamento individual não for bem feito

focar um atendimento adequado às necessidades de desenvolvimento em cada faixa

nas crianças mais novas pode gerar alguma frustração por verem os mais crescidos a fazer e elas não conseguirem ainda

## ANEXO A1

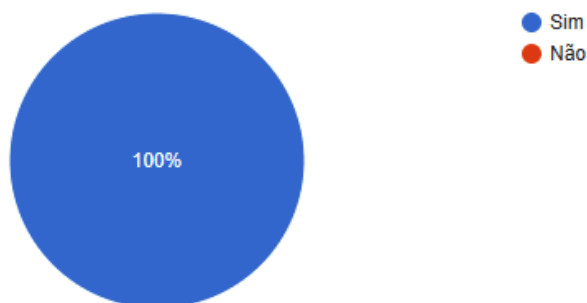
Breve análise dos gráficos do  
questionário feito às  
famílias

|' '' | | ''

O presente inquérito por questionário foi elaborado no âmbito da investigação a decorrer com o grupo de crianças da Sala B. sobre a heterogeneidade de idade, com o intuito de investigar acerca de como a presença de diferentes idades no grupo contribui para a aprendizagem e desenvolvimento das crianças. O objetivo do questionário é conhecer a perceção dos pais sobre a importância dos grupos heterogéneos de idade para o desenvolvimento da criança.

Declaro ter sido informado(a) e estar ciente dos propósitos e termos em que decorrerá o presente inquérito por questionário, da participação voluntária do mesmo, dos limites da confidencialidade e das demais questões. Desta forma, disponho-me a participar na investigação.

11 respostas

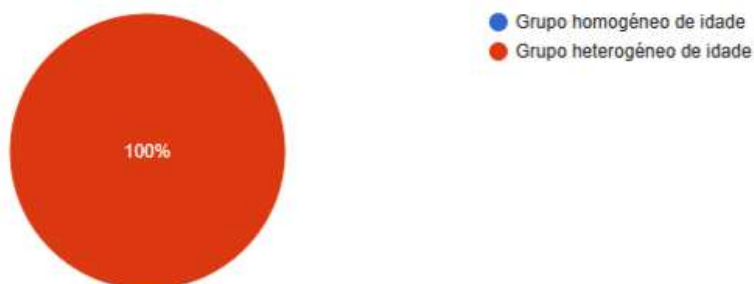


A sua participação é voluntária e este inquérito por questionário é anónimo e confidencial. As respostas obtidas serão única e exclusivamente para fins académicos. Desta forma, obtive um total de 11 respostas, que começaram por dar consentimento e disponibilidade para participar na investigação.

#### Heterogeneidade de idade na Sala Belgrado

1. Preferia que o/a seu/sua educando(a) estivesse inserido(a) num grupo homogéneo ou heterogéneo de idade?

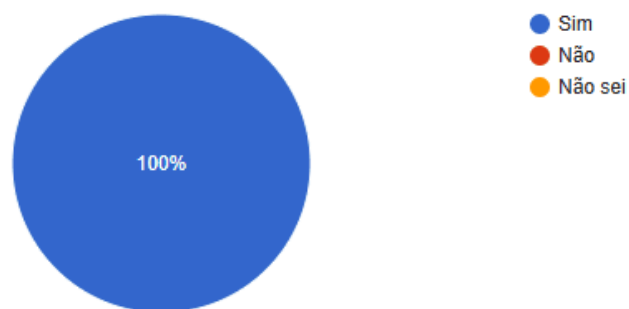
11 respostas



Na pergunta 1, em que é questionado se preferiam que os seus educandos estivessem inseridos numa sala heterogénea de idade ou homogénea de idade, 100% dos pais selecionou que preferia que os seus filhos estivessem numa sala com idades mistas.

2. Considera que é importante que o/a seu/sua educando(a) esteja integrado num grupo heterogéneo de idade?

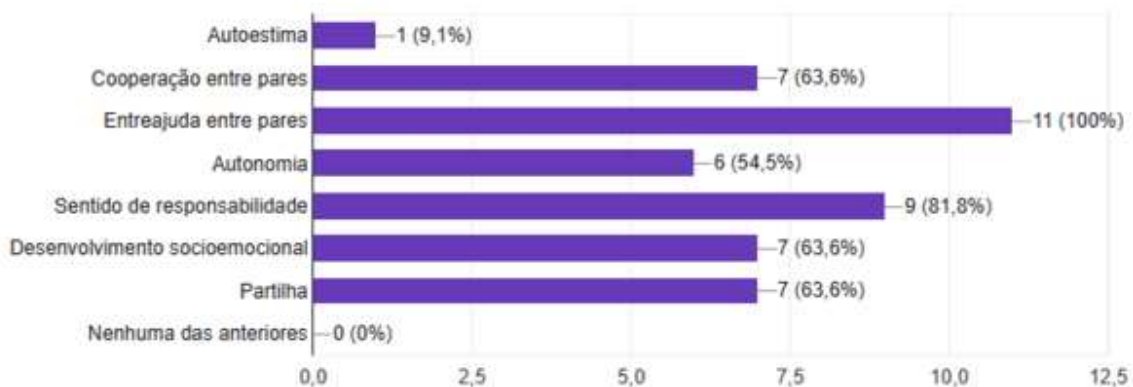
11 respostas



Em resposta à questão “Considera que é importante que o/a seu/sua educando(a) esteja integrado num grupo heterogéneo de idade?”, todas as famílias escolheram a hipótese “Sim”, mostrando-se convictas da importância dos seus filhos neste tipo de salas.

3. Selecione as opções que considera que são competências e valores adquiridos pelas crianças com mais facilidade num grupo heterogéneo de idade:

11 respostas

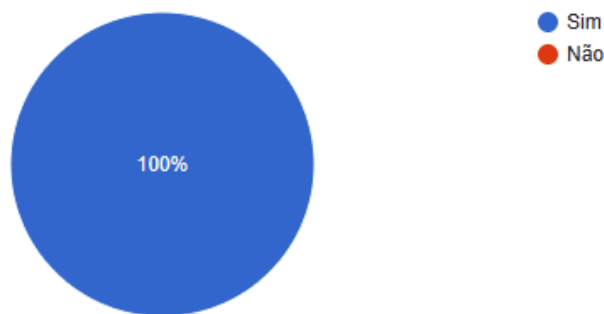


Quanto à pergunta 3, as famílias poderiam selecionar mais do que uma opção, de acordo com o que consideram que são competências e valores adquiridos pelas crianças em salas heterogéneas de idade. Assim, a resposta que foi mais vezes escolhida, com 11 votos, foi “Entreajuda entre pares”, tendo sido selecionada por todas as famílias que

participaram. A segunda opção mais selecionada foi “Sentido de responsabilidade”, com 9 votos, o que dá uma percentagem de 81,8%. As opções “Partilha”, “Desenvolvimento socioemocional” e “Cooperação entre os pares”, foram selecionadas por 7 famílias, isto é uma percentagem de 63,6% em cada. Das 11 famílias participantes, 6 votaram em “Autonomia”, gerando 54,5% dos votos. Por fim, somente 1 família votou em “Autoestima”, sendo uma percentagem de 9,1% dos votos.

4. Considera que as crianças mais novas beneficiam da convivência com crianças mais velhas?

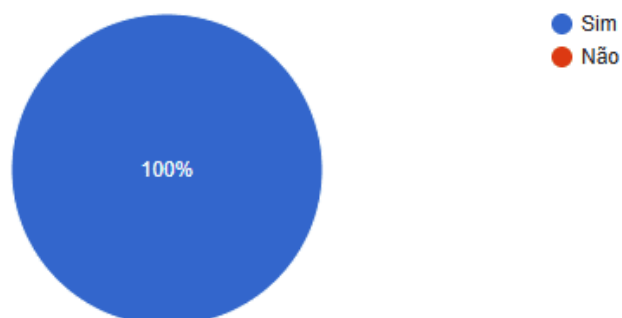
11 respostas



À pergunta 4 “Considera que as crianças mais novas beneficiam da convivência com crianças mais velhas?”, todas as famílias responderam “Sim”.

5. Considera que as crianças mais velhas beneficiam da convivência com crianças mais novas?

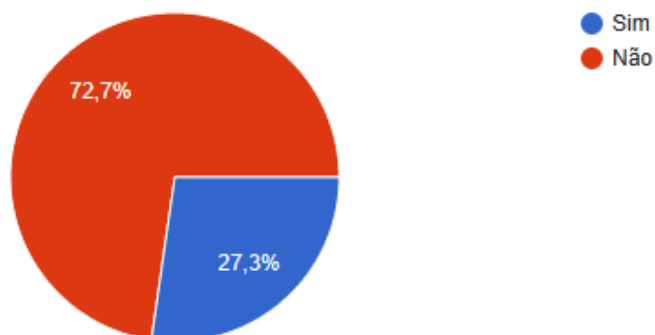
11 respostas



À pergunta 5 “Considera que as crianças mais velhas beneficiam da convivência com crianças mais novas?”, todas as famílias responderam “Sim”.

6. Considera que existem desvantagens das interações entre crianças num grupo heterogéneo de idade?

11 respostas



No gráfico 6, que diz respeito à existência de desvantagens das interações entre crianças num grupo heterogéneo de idade, 72,7% das famílias votou em “Não” e 27,3% das famílias votou em “Sim”. Desta forma, somente 3 famílias consideram que existem possíveis desvantagens neste tipo de interações.

ANEXO B1  
Árvore categorial do  
questionário feito às  
famílias  
|' '' | | ''

<b>Tema</b>	<b>Categoria</b>	<b>Subcategoria</b>	<b>Descrição</b>	<b>Número de incidências</b>
A heterogeneidade de idade em salas	Razões de preferência da inserção de uma criança numa sala heterogénea	Sentido de responsabilidade	“podem adquirir mais sentido de responsabilidade, no caso das crianças mais velhas” “A experiência tem sido positiva, sobretudo no desenvolvimento do sentido de responsabilidade” “Nomeadamente, ao nível da responsabilidade ”.	3
		Exemplo a seguir	“podem ter um exemplo a seguir, no caso das crianças mais novas.”	1
		Desenvolvimento	“Diversidade de idades ajuda no desenvolvimento.”	1
		Partilha	“Acredito que haja maior partilha de experiências, responsabilidades que fazem crescer as crianças com exemplos de outros.” “Existe muito mais partilha.”	2
		Passagem para o 1.º ciclo	“Também em casos de passagem condicional para 1o ciclo pode facilitar decisões.”	1
		Entreajuda	“Maior diversidade e entreajuda” “entreajuda”	2
		Competências sociais	“desenvolvimento de mais capacidades sociais.”	1
		Aprendizagem mútua	“Os mais velhos ensinam os mais novos e os mais novo imitam o mais velhos.”	2

de Jardim de Infância			“aprendizagem”	
		Linguagem	“linguagem.”	1
		Competências pessoais	“maturidade” “crescimento” “superação.”	3
	A importância das interações entre crianças num grupo heterogêneo de idade	Estimulação	“sinto que é estimulada pelas crianças mais crescidas.” “estimula o desenvolvimento dos mais novos”	2
		Maturidade	“Mais evolução e maturidade na criança.”	1
		Competências sociais	“desenvolvimento de mais capacidades sociais”	1
		Responsabilidade	“desenvolvimento do sentido de responsabilidade” “Desenvolve um maior sentido de responsabilidade dos mais velhos” “responsabilidades que fazem crescer as crianças com exemplos de outros.”	3
		Partilha de experiências	“Acredito que há uma maior partilha de experiências”	1
		Linguagem	“notei uma evolução grande na linguagem”	1
		Curiosidade pelo mundo que as rodeia	“interesse em novas atividades e explorações.”	1
Entreajuda	“noto-a muito mais empenhada na entreajuda com os mais novos.”	1		

	As desvantagens das interações entre crianças num grupo heterogéneo de idade	Adaptação da prática por parte do educador de infância	<p>“focar um atendimento adequado às necessidades de desenvolvimento em cada faixa”</p> <p>“pode haver lugar à falta de apreensão de conteúdos/aquisição de competências se o grupo for demasiado heterogéneo e o acompanhamento individual não for bem feito.”</p>	2
		Frustração por parte das crianças mais novas	“nas crianças mais novas pode gerar alguma frustração por verem os mais crescidos a fazer e elas não conseguirem ainda”	1
	Os benefícios para as <b>crianças mais novas</b> das interações num grupo heterogéneo	Têm um modelo	<p>“Porque têm um exemplo a seguir, alguém em quem sentem confiança e podem recorrer.”</p> <p>“apreensão por imitação.”</p> <p>“Porque as mais velhas são um exemplo para as mais novas”</p> <p>“Maior estimulação, mais exemplos.”</p> <p>“Gostam de ver pessoas mais velhas para as ter como exemplo, como líderes, como heróis.”</p>	5
		Cooperação	“sentido de comunidade, cooperação.”	1
		Aprendizagem	<p>“aprendizagem com os mais velhos.”</p> <p>“ajudam a estimular a aprendizagem dos mais novos.”</p>	2
		Novas competências	“as crianças desenvolvem de forma ativa novas competências.”	1
	Aceitação	“Porque têm alguém que não é adulto a ajudá-los e pode facilitar a aceitação / entendimento”	1	

	de idade	Orgulho	“Acabam por ficar mais crescidas e ficam orgulhosas por partilharem sala com os meninos mais velhos.”	1
		Autoestima	“melhorando a sua auto-estima”	1
	Os benefícios para as <b>crianças mais velhas</b> das interações num grupo heterogéneo de idade	Responsabilidade	“Desenvolve o sentido de responsabilidade.”	10
			“promovem o sentido de responsabilidade nas crianças mais velhas.”	
			“Acabam por aprender o sentido de responsabilidade”	
			“Maior responsabilidade”	
			“sentido de responsabilidade”	
			“Perante as crianças mais novas, as crianças mais velhas tendem a sentir uma responsabilidade acrescida”	
	Entreajuda	“como entreajuda (...) amizade.” “entreajuda” “e entreajuda.”	6	
	Cooperação	“cooperação”	1	
	Sentimento de apoio e ajuda	“preocupação com os mais novos, atenção e cuidado para com os mais novos, sentimento de apoio e ajuda.” “e ajuda aos mais novos.”	2	
	Partilha de conhecimentos	“tanto na partilha de novos conhecimentos, como no apoio às crianças mais novas.”	2	

			“e conhecimento.”	
		Competências pessoais	“Aprendem a saber respeitar o espaço de aprendizagem, tornas as mais calmas e sociáveis.”	1

ANEXO C1

Notas de campo da PPSI e PPSII  
utilizadas na construção da  
profissionalidade

| | " | | " |

<b>Nota de campo do dia 1 de março de 2023 -PPSI</b>			
<b>N.º</b>	<b>Momento</b>	<b>Descrição</b>	<b>Intervenientes</b>
7	Sesta	<p>Na sesta houve uma criança que começou a chorar porque “Querida a mãe”. A estagiária inicialmente assustou-se, pois a criança tinha um choro bastante ansioso e silencioso, parecendo que a criança se tinha engasgado ou a uma convulsão. A estagiária fez questões à criança e esta não respondeu. Ao chegar perto da criança e colocá-la em pé, percebeu que a criança estava apenas a chorar e conversou com a mesma para perceber o que se passava. De seguida, a estagiária explicou à criança que os pais estavam a trabalhar e daqui a nada já a vinham buscar. Durante esta conversa, a estagiária manteve-se perto da criança, com a intenção de a tentar acalmar. Ao fim de uns minutos a criança acalmou-se e já tinha os olhos fechados. Apesar disso, quando abriu os olhos e viu que a</p>	<p>Interação entre a educadora e a criança.</p> <p>Interação entre a estagiária e a criança</p>

		<p>estagiária já não estava por perto começou novamente a chorar, mas desta vez alto, acordando alguns dos seus amigos. A educadora entrou na sala neste momento e disse à criança que não podia acordar os amigos e que os pais já vinham. Ao acordarem da sesta, uma criança que está a tirar a fralda para dormir, acordou e pediu para ir fazer xixi. Deste modo, a criança foi e quando regressou deitou-se mais uns minutos. Quando se ia levantar estava com a roupa cheia de xixi. A educadora e a estagiária não perceberam bem o que tinha acontecido e já não tinha sido a primeira vez, sendo por isso uma situação à qual temos que dar atenção e perceber o que se está a passar, uma vez que a criança vai à casa de banho e depois faz xixi nas cuecas uns minutos depois. Esta criança durante o dia vai à casa de banho sozinha e não acontece nada do género,</p>	
--	--	--	--

		logo ainda não compreendemos o que se anda a passar.	
--	--	--	--

<b>Nota de campo do dia 13 de março de 2023 -PPSI</b>			
<b>N.º</b>	<b>Momento</b>	<b>Descrição</b>	<b>Intervenientes</b>
4	Refeição	Uma criança ficou alguns dias em casa por estar doente e, por isso, custou-lhe muito estar sem os pais nesse dia, sobretudo à hora de almoço. Durante a hora do almoço, a criança chorava, dizia que não queria comer e que queria a mãe. A estagiária durante este momento, validou a dor da criança, mas explicou-lhe que tinha que comer alguma coisa se não ficava sem forças. A criança, apesar de lhe estar a custar, fez um esforço para comer um pouco, enquanto a estagiária tentava conversar com ele acerca de assuntos que interessam à criança, como carros, de maneira a fazer com que a mesma não pense tanto na sua mãe.	Interação entre a estagiária e a criança

<b>Nota de campo de dia 13 de novembro de 2023 - PPSII</b>			
<b>N.º</b>	<b>Momentos</b>	<b>Descrição</b>	<b>Intervenientes</b>
3	Recreio	No recreio as crianças muitas vezes chamam a estagiária para brincar com elas. Uma das brincadeiras feitas foi organizada pela S.B e pela M.V que tem a seguinte canção “Sapatinho branco, sapatinho azul, quantos anos tens tu?”. A pessoa em que calhar tem de dizer a sua idade e todos contam em voz alta. Em quem calhar após a contagem, essa pessoa perde um pé. O T.P quis também brincar com a estagiária, imitando profissões como a de fotógrafo e a de médico.	Interação entre crianças.

<b>Nota de campo do dia 12 de dezembro de 2023 - PPSII</b>			
<b>Nº</b>	<b>Momento</b>	<b>Descrição</b>	<b>Interações</b>
5	Hora de almoço da estagiária	O T.P, quando viu que a estagiária ia almoçar, veio ter com ela a correr e disse “Joana espero que tenhas um muito bom almoço, não te esqueças de comer devagarinho, porque se não faz te mal ou podes engasgar-te”.	Interação entre a estagiária e T.P.